



**UFG**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

**REGIONAL CATALÃO**

**UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MESTRADO PROFISSIONAL: HISTÓRIA, CULTURA E FORMAÇÃO DE**

**PROFESSORES**

# UM HOMEM LÉLIA DE FÁTIMA TOMÉ

# E SUA

**A CIDADE DE CATALÃO EM *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*, DE BRAZ JOSÉ  
COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E  
CULTURA URBANOS**

# FAMÍLIA

**CATALÃO (GO)  
2019**

**BRAZ JOSÉ COELHO**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:  Dissertação  Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Lélia de Fátima Tomé

Título do trabalho: A CIDADE DE CATALÃO EM UM HOMEM E SUA FAMÍLIA, DE BRAZ JOSÉ COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E CULTURA URBANOS

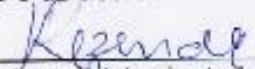
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do (s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 25/10/2019

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

**LÉLIA DE FÁTIMA TOMÉ**

**A CIDADE DE CATALÃO EM *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*, DE BRAZ JOSÉ  
COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E  
CULTURA URBANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges

**Linha de Pesquisa 1:** Cultura, Linguagens e Ensino de História.

**CATALÃO (GO)  
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Tomé, Léia de Fátima

A CIDADE DE CATALÃO EM UM HOMEM E SUA FAMÍLIA, DE BRAZ JOSÉ COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E CULTURA URBANOS [manuscrito] / Léia de Fátima Tomé. - 2019.  
CC, 200 f.

Orientador: Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2019.  
Bibliografia. Anexos. Apêndice.  
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas.

1. Literatura e História. 2. Tempo e Espaço. 3. Materialidades e sensibilidades. 4. Braz José Coelho. 5. Um homem e sua família. I. Borges, Valdeci Rezende, orient. II. Título.

CDU 94

Ativar o Wir  
Acesse Configu



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 51 da sessão de Defesa de Dissertação de **Lélla de Fátima Tomé**, que confere o título de Mestre(a) em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Ao/s **trinta dias do mês de setembro de dois mil e dezenove**, a partir da(s) **14h00**, no(a) **Laboratório de Informática, Bloco C, Sala 11 da UFG - Regional Catalão da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"A CIDADE DE CATALÃO EM UM HOMEM E SUA FAMÍLIA, DE BRAZ JOSÉ COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E CULTURA URBANOS"**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Valdeci Rezende Borges INHCS/UFMG/RC** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Antônio Fernandes Júnior UAELL/UFMG/RC**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Ismar da Silva Costa INHCS/UFMG/RC**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Valdeci Rezende Borges**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **trinta dias do mês de setembro de dois mil e dezenove**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Valdeci Rezende Borges, Usuário Externo**, em 30/09/2019, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 30/09/2019, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Ismar Da Silva Costa, Professor do Magistério Superior**, em 30/09/2019, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0913255** e o código CRC **60465F4F**.

Referência: Processo nº 23070.033341/2019-51

SEI nº 0913255



**LÉLIA DE FÁTIMA TOMÉ**

**A CIDADE DE CATALÃO EM *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*, DE BRAZ JOSÉ  
COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM  
E CULTURA URBANOS**

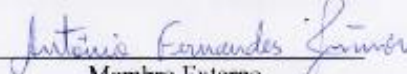
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão, sob a orientação do(a) Professor(a) Dr. Valdeci Rezende Borges, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: 1 - **Cultura, linguagens e ensino de história**

Banca Examinadora

  
Orientador(a)

Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges (UFG/RC)

  
Membro Externo

Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior (UFG/RC)



Membro Interno

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa (UFG/RC)

Aprovado(a) em 30 de setembro de 2019

Ao Senhor e Criador, Deus, por ter concedido a vida e a família que tenho. Dedico, em especial, aos meus pais, Manoel e Maria, pela criação e carinho de sempre, a base concreta para meu refúgio e meu norte. Ao meu esposo, Henrique, e filhos, André Luis, Luiz Gustavo e Pedro Henrique pelo apoio e compreensão. À todos/as meu amor e gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Para que esse trabalho se efetivasse, foi necessária a colaboração, o apoio, motivação e entendimento de inúmeras pessoas que se envolveram de forma direta e indireta nesse processo laborioso, porém prazeroso. Hoje percebo que cada etapa, cada degrau escalado foram necessários para o enriquecimento e amadurecimento tanto pessoal quanto intelectual.

Mencionar todos/as seria tarefa difícil e delongaria muito, mas compreendo e reconheço a importância de cada um/uma nesse processo de aprimoramento. Por isso destaco aqui alguns nomes que foram cruciais, que deixaram suas marcas nas *trilhas* deste percurso e que estiveram comigo durante este processo. Aos familiares, amigos/as, colegas de trabalho e de curso que torceram, incentivaram e acreditaram em mim, o apoio de vocês foram primordiais para o êxito desta pesquisa, sintam-se agradecidos/as.

Com respeito e amizade ao meu orientador, um anjo encaminhado pelas entidades que me assistem, Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges, o meu profundo agradecimento pela contribuição, paciência, empenho e humildade, por ter me encorajado e incentivado a superar meus limites e a “sair da caixinha”. Compartilho este trabalho com muito orgulho e admiração, graças ao profissional que é, o que contribuiu imensuravelmente para sua efetivação.

Aos membros da banca de qualificação, que aceitaram participar deste momento impar em minha vida acadêmica, o Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, o Prof. Dr. Ismar da Silva Costa e a disposição da Profa. Dra. Regma Maria dos Santos (como suplente), por terem contribuído sobremaneira para o adensamento da pesquisa, passando-me mais segurança e incentivo para a finalização da escrita do trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-graduação: o Prof. Dr. Paulo Cesar Inácio, pela humildade, paciência e sabedoria admirável; a Profa. Dra. Teresinha Maria Duarte, ser de grande sabedoria e mansidão que fortalece e enriquece todos a sua volta; o Prof. Dr. Ismar da Costa Silva, que em meio às adversidades de momentos inerentes ao percurso acadêmico consegue com bom humor e desprendimento envolver e cativar seus/suas discentes; a Profa. Dra. Regma Maria dos Santos, com toda sua generosidade, alegria e serenidade acolhe e conquista a todos/as; agradeço imensamente pelo pouco tempo que passamos juntos, mas que foram primordiais no processo de construção da dissertação, através das aulas ministradas durante o curso, que foram instigantes e deixaram suas marcas através das conversas, provocações, debates, oficinas, seminários e leituras, contribuindo de forma significativa para o amadurecimento da pesquisa, bem como para o meu crescimento teórico enquanto discente

e docente.

À Coordenação do Programa de Mestrado Profissional em História, na pessoa do professor Dr. Paulo César Inácio (Coordenador) e de Gislei Marques (Técnico administrativo), pela presteza, atenção e dedicação que nos atende, sempre quando requisitados.

Ao escritor e professor Braz José Coelho, que tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, podendo apreciar a sua fala e ouvir um pouco sobre suas experiências, por onde pude constatar e admirar sua inteligência e sabedoria, através de um diálogo instigante que leva qualquer interlocutor a ter vontade de ler mais e conhecer um pouco mais sobre o universo das Letras.

Aos meus pais, Manoel Tomé Pereira e Maria Conceição Duarte Pereira, por estarem sempre ao meu lado entendendo minhas ausências e me apoiando nessa empreitada, contribuindo com seus conhecimentos e experiências, exemplo de vida, meu norte. Aos meus sogros, Maria e Lázaro, aos meus irmãos, cunhadas/os e sobrinhos/as, que compreenderam e respeitaram esse momento de aprimoramento. Juntos a estes agradecimentos, destaco minhas irmãs: à Ester de Jesus Tomé, que através de sua positividade incentivava, apontando sempre o enfrentamento dos dissabores inerentes ao percurso; e à Iris Maria Tomé, imprescindível nesse processo, uma das molas propulsoras para que me lançasse nessa nova etapa de aprimoramento acadêmico, nunca negando forças e sempre presente, desde a construção do projeto até a sua materialização enquanto pesquisa, sempre se colocando à disposição e me encorajando a prosseguir, compartilhando suas experiências e conhecimento, cúmplice em vários momentos; você sabe de seu papel e importância nesse processo.

Juntamente destaco a participação de minha amiga e comadre, outra mola propulsora, Marta Helena Batista Machado de Sales, que desde o princípio me encorajou e incentivou a fazer o mestrado, e também participou nos momentos mais cruciais, com sua contribuição ímpar, se disponibilizando para me atender, ouvir meus desabafos, dividir comigo suas experiências, materiais impressos e conhecimentos de inúmeros teóricos da História. Os mesmos agradecimentos compartilho para o seu esposo, Cláudio, filha, Luiza, e o neto, Enzo, que inúmeras vezes me receberam em sua casa, com carinho e atenção.

À Flávia Honória, diretora do Colégio Estadual Antônio Ferreira Goulart, pela pessoa humana, “coração grande”, amiga, generosa, possibilitando condições e apoio desmedido para cursar o mestrado, o meu profundo e estimado agradecimento. Aproveitando, agradeço, ainda, a todos e todas colegas de trabalho, que perceberam e compreenderam minhas ausências.

À Cida, que chegou depois do percurso começado, mas logo se envolveu, incentivou e mostrou-se companheira dando suporte e respaldo em minhas ausências, pessoa admirável de

grande sabedoria e sensibilidade.

Às amigas, Durcilane, Meire, Adriana, Josilaine, Sária, Amandinha, Uélita, Aninha, Renata, Maria Aparecida, Ritinha e ao Everton, amigos/as de todas as horas, em momentos de angústias e de alegrias, solícitos, ouvintes de meus desabafos, sempre que precisei, estavam prontas/os para me fortalecer, com uma palavra amiga, com conselhos, motivando-me em vários momentos importantes de minha vida, sendo este um deles, gratidão sempre.

À Léia Maria, amiga que mesmo de longe esteve presente e colaborou em minhas reflexões, dividindo comigo suas experiências e conhecimentos sobre a literatura.

À Roneide, pela amizade, apoio, atenção, e solicitude de sempre, à seu filho, Guilherme, e sua mãe, Divina, que me acolherem em sua casa com carinho, quando muito precisei, pelas conversas que traziam conforto e tranquilidade, meu reconhecimento e amizade de sempre.

À Luziara, com sua sabedoria, atenção e amizade admirável, ouvindo-me e encorajando, após nossas conversas, saía mais revitalizada, sentia-me mais confiante e com ânimo renovado, amiga que resplandece luz.

Igualmente cito Daiane, companheira de desabafos, troca de experiências, esteve sempre presente, amiga de todas as horas, juntamente com sua linda filhinha Lavínia.

À Maria Gabriela, mesmo diante das atribulações do dia a dia me atendeu com paciência, não desistiu de mim, dividindo seu tempo, compartilhando suas experiências e conhecimentos.

Em especial e com muita gratidão, ao meu esposo e companheiro Henrique Bernardes Pereira, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me desde o princípio, dando-me o suporte necessário, assumindo funções extras. Dedico com todo carinho, admiração, reconhecimento e amor, sem seu apoio tudo seria mais difícil.

Aos meus filhos, Neurivelton André Luis Barreto, Luiz Gustavo Rodrigues Tomé e Pedro Henrique Bernardes Tomé, que se privaram de muitos momentos, tiveram paciência e entendimento necessário, quando não pude dar lhes a atenção que mereciam, e que junto com Henrique seguraram as pontas, cada qual do seu jeito, reconhecendo e respeitando este momento. Pedro Henrique, em sua inteligência e ingenuidade, vez ou outra perguntava se já estava acabando o mestrado, quantas páginas havia escrito e quantas faltavam para escrever. No dia seguinte à defesa, perguntou se podia contar para a “tia”, que o Mestrado havia acabado. Filhos! meu estímulo e incentivo, fundamentais para findar com louvor essa etapa.

Enfim, nestas breves páginas deixo o meu reconhecimento, carinho e gratidão, compartilho com todos/todas o mérito deste trabalho, uma vitória de todos nós.

“Eu vi, conto pr’ocês.”  
“Toda busca tem seu caminho, e todo caminho leva a uma busca.”  
*Braz José Coelho*

O caminho que trilho agora é compreender melhor o universo das Letras e encontro na e  
através da Literatura a minha busca.  
*Lélia de Fátima Tomé*

## RESUMO

Este trabalho objetivou estudar a obra literária de Braz José Coelho, *Um homem e sua família* (1997), no sentido de apreender suas figurações no que concerne ao tempo, ao espaço, aos lugares de experiência, às memórias, às paisagens e às sensibilidades e sociabilidades, vinculados às práticas culturais da cidade de Catalão (GO). Para tanto, em viés interdisciplinar entre História, Geografia e Letras (Linguística e Literatura), buscou-se realizar um diálogo entre a obra de Coelho e os referenciais teóricos pertinentes às dimensões supramencionadas. Deste modo, almejou-se tratar o tempo no processo histórico de constituição de Catalão atendo a temporalidades como o tempo de origem, o tempo de formação e o desenvolvimento do lugar, bem como a sua configuração no período de 1950, período em que transcorre a narrativa. Atentamo-nos, ainda, para as menções aos espaços, às paisagens, às experiências e às práticas humanas e sociais da cidade que são descritas pelo autor na narrativa associadas a esses aspectos, sobretudo referentes às duas primeiras temporalidades. Desse modo, procuramos mostrar alguns aspectos diversos da atividade e das experiências humanas vivenciadas em tais temporalidades e espaços, que metamorfoseiam a paisagem. É por meio da análise dos vestígios do existir humano no passado figurados pelo literato nesse espaço urbano que podemos compreender um pouco sobre como as dimensões podem ter sido vivenciadas no tempo dos personagens e, provavelmente, no tempo do autor. Através da pesquisa foi possível constatar que a obra nos dá a conhecer parte da história de Catalão, pois possibilita vislumbrar paisagens, características sociais e culturais, bem como as práticas de sociabilidades e as sensibilidades que emergem a partir e nas relações sociais estabelecidas no período descrito na narrativa. Por fim, como parte integrante desta dissertação e pensando nos objetivos do programa de mestrado profissional, apresentamos um produto didático voltado para a aplicação do conteúdo pesquisado no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, no sentido de ressaltar a importância e potencialidade desse tipo de fonte para o conhecimento social, além de contribuir com as práticas educativas com a produção de materiais de cunho pedagógico e científico que valorizem a importância do trabalho interdisciplinar e das questões locais e ou regionais.

**Palavras-chave:** Literatura e História. Cidade. Tempo. Espaço. Memória. Sociabilidades. Sensibilidades. Braz José Coelho. *Um homem e sua família*.

## ABSTRACT

This work aimed to study the literary work of Braz José Coelho, *Um homem e sua família* (1997), in order to apprehend his figurations regarding time, space, places of experience, memories, landscapes and sensitivities. sociability, linked to the cultural practices of the city of Catalão (GO). Therefore, in an interdisciplinary bias between History, Geography and Letters (Linguistics and Literature), we sought to conduct a dialogue between the work of Coelho and the theoretical references relevant to the dimensions mentioned above. Thus, it was intended to treat the time in the historical process of constitution of Catalão taking into account temporalities as the time of origin, the time of formation and the development of the place, as well as its configuration in the period of 1950, period in which the narrative. We also pay attention to the mentions of spaces, landscapes, experiences and human and social practices of the city that are described by the author in the narrative associated with these aspects, especially referring to the first two temporalities. Thus, we seek to show some different aspects of human activity and experiences lived in such time-spaces and spaces, which metamorphose the landscape. It is through the analysis of the traces of human existence in the past figured by the literate in this urban space that we can understand a little about how the dimensions may have been experienced in the time of the characters and probably in the time of the author. Through the research it was possible to verify that the work gives us to know part of the history of Catalão, because it allows to glimpse landscapes, social and cultural characteristics, as well as the sociability practices and the sensibilities that emerge from and in the social relations established in the period described in the narrative. Finally, as part of this dissertation and thinking about the objectives of the professional master's program, we present a didactic product focused on the application of the researched content in Elementary School II and High School, in order to emphasize the importance and potentiality of this program. type of source for social knowledge, besides contributing to educational practices with the production of pedagogical and scientific materials that value the importance of interdisciplinary work and local or regional issues.

**Keywords:** Literature and history. City. Time. Space. Memory. Socialities. Sensitivities. Braz José Coelho. *Um homem e sua família*.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO.....  | 14         |
| <b>I BRAZ JOSÉ COELHO: TRAJETÓRIA, TEXTOS E CONTEXTOS.....</b>   | <b>32</b>  |
| 1.1 História e Literatura .....  | 32         |
| 1.2 O autor: sua trajetória formativa, prática intelectual e obra.....   | 36         |
| 1.3 Algumas leituras sobre a obra de Coelho, em especial acerca de <i>Um homem e sua família</i>   | 42         |
| <b>II TEMPO, ESPAÇO, LUGARES DE EXPERIÊNCIAS E PAISAGEM.....</b>   | <b>58</b>  |
| 2.1 Reflexões acerca do Tempo, aspecto presente na obra coelheana.....   | 60         |
| 2.2 Reflexões sobre espaço, lugares de experiência e paisagem.....   | 76         |
| 2.3 Reconstruindo um contexto temporal e espacial da cidade de Catalão: breves considerações.....  | 82         |
| <b>III TEMPOS, ESPAÇOS, PAISAGENS E LUGARES DE EXPERIÊNCIAS NA NARRATIVA .....</b>   | <b>89</b>  |
| 3.1 Os tempos históricos passados observados na narrativa.....   | 90         |
| 3.1.1 <i>Tempo de origem</i> .....   | 90         |
| 3.1.2 <i>Tempo de formação</i> .....   | 95         |
| 3.1.3 <i>Tempo dos atritos e confrontos violentos</i> .....  | 99         |
| 3.2 Tempo da narrativa (anos de 1950) .....  | 101        |
| 3.3 Espaços e paisagens urbanos no tempo presente da narrativa .....   | 106        |
| 3.3.1 <i>Espaço e paisagem centrais no tempo presente da narrativa</i> .....   | 111        |
| 3.3.2 <i>Espaço e paisagem periféricos no tempo presente da narrativa</i> .....  | 115        |
| <b>IV EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS CULTURAIS NO ESPAÇO E PAISAGEM CATALANA: LUGARES, SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES.....</b>   | <b>126</b> |
| 4.1 Experiências, práticas culturais e cultura(s).....   | 128        |
| 4.2 Cultura material e práticas socioculturais dos pobres, por entre a existência dos ricos.....   | 131        |
| 4.3 Outras expressões da Cultura, do campo simbólico catalano: práticas educativas, religiosas, de lazer e sociabilidades.....   | 135        |
| 4.4 Sensibilidades e Imaginário afetivo.....   | 150        |
| 4.4.1 <i>Sensibilidades, História e Memórias</i> .....   | 151        |
| 4.4.2 <i>Sonhos, projetos, desejos e expectativas</i> .....  | 154        |
| 4.4.3 <i>Pesadelos, angústias, dores, sofrimentos</i> .....  | 157        |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 161        |
| REFERÊNCIAS.....   | 166        |
| APÊNDICE.....  | 175        |
| Projeto educacional interdisciplinar - Catalão a partir da obra literária <i>Um homem e sua família</i> , de Braz José Coelho: tempo e espaço, experiências e memórias, paisagem e cultura urbanos |            |

## INTRODUÇÃO

O tema desta investigação é um conjunto de cenas que compõem um imaginário social e histórico da cidade de Catalão (GO), tendo como *corpus* de análise e interpretação a obra *Um homem e sua família*, de Braz José Coelho (1997), de onde elencamos e discutimos os aspectos referentes à temporalidade e/ou temporalidades e à espacialidade tratadas na obra.

Focamos os vários tempos ou temporalidades figurados na narrativa, dentre eles o tempo da escrita da obra e o espaço como uma categoria de apreensão histórico-geográfica definida por um recorte do território, isto é, da área física e das práticas sociais e culturais, que as caracterizam como um lugar antropológico. De maneira particular, esta pesquisa dá ênfase a essas categorias - do tempo e do espaço - em uma abordagem interdisciplinar que os considera como lugares de cultura, de experiências sociais e de memórias, atendo-se também à paisagem figurada alinhavada ao contexto histórico exposto na obra, de maneira a englobar os aspectos culturais e as sensibilidades atrelados ao urbano.

Ao considerar a capacidade de intervenção que a educação escolarizada possui e como ela permite uma atuação dos educadores, no sentido de instigar e incentivar os educandos em seu processo de aprendizagem por meio de ações e propostas educativas diferentes daquelas usais e tradicionais, ao final da pesquisa, sugerimos um projeto de aula-oficina para ser desenvolvido em práticas entre as disciplinas de Língua Portuguesa (Literatura), História, Geografia e Arte. A proposta prima pela abordagem do imaginário social edificado acerca da cidade de Catalão representada pelo literato, Braz José Coelho, na novela mencionada acima, que veio à luz em 1997, pela Editora Kelps.

Neste trabalho não temos a intenção de realizar uma discussão exaustiva sobre os gêneros literários, mas podemos dizer que a obra de Coelho se caracteriza como uma novela, como o próprio autor revela nas páginas informativas do livro, além de ter sido escrita em prosa e apresentar vários enredos que possuem conexão entre si (STALLONE, 2001). Além do mais, o enredo é estruturado de maneira sequencial e, sobretudo, o tempo e o espaço são tratados de maneira indissociáveis. Compreende-se a obra como possuidora de importância singular e significativa para a sociedade local e regional e com capacidade de contribuir para com o diálogo interdisciplinar almejado na pesquisa, o que revela as imagens acerca dela edificadas.

A pesquisa demandou de distintas variáveis que instigaram a pesquisadora a desenvolvê-la no âmbito da Nova História Cultural, no almejo de evidenciar, viés estudo interdisciplinar, a valorização da prática educacional escolarizada e formal por meio da utilização de

obras literárias como ferramentas pedagógicas que viabilizam o acesso a diferentes elementos culturais e históricos constituídos em uma dada delimitação geográfica do espaço e, também, temporal; neste caso, referente à cidade de Catalão no entorno da década de 1950, tempo em que se desenvolve a trama, e 1970, tempo em que a obra foi escrita. É neste viés também que propomos a intervenção pedagógica sugerida ao final da dissertação. É preciso ressaltar aqui que o tempo de publicação da obra não é o mesmo de sua escrita, a narrativa retrata uma realidade sociocultural distinta daquela dos anos 1970.

Considerando o espaço urbano como composto por elementos distintos correlacionados ao aspecto cultural, busca-se analisar a realidade vivenciada na cidade e pela cidade de Catalão, nas figurações de Coelho, no intuito e na perspectiva de identificar o lugar onde materializa as experiências e práticas sociais; logo, também, às memórias, como ainda a paisagem urbana edificada na novela. A narrativa contemplada na obra instiga o imaginário, a imaginação e o conjunto de imagens acerca de práticas sociais cotidianas, históricas e culturais, que configuram a cidade de Catalão, o que nos permite entender a importância da história deste lugar no processo de formação da consciência histórica de seus habitantes.

O estudo da obra de Coelho se torna condição primordial para facilitar a compreensão da formação do processo histórico da cidade de Catalão, bem como de sua influência na vida das pessoas que nela residem, oportunizando as gerações presentes e futuras acessar, identificar e comparar o atual contexto histórico como herança de um tempo pretérito, o qual não faz e nem fez parte direta de suas experiências de vida, mas que, provavelmente, tiveram familiares, amigos e conhecidos como personagens pertencentes ao período do tempo descrito e narrado.

A obra em análise de Coelho, em diálogo com sua trajetória e com o restante de sua obra literária, permite-nos identificar elementos constituintes e característicos da sociedade do período retratado. Dá-nos a conhecer traços que os mostram como próprios e singularizam por meio de representações produzidas pelo romancista acerca do tempo e do espaço como lugares de experiências, de memórias e de práticas humanas que constituem uma dada paisagem desta cidade, sobretudo ao descrever, de forma minuciosa e cuidadosa, a rotina diária vivenciada pelos seres humanos presentes naquele espaço social em suas várias temporalidades. Portanto, constata-se que o literato em questão é profundo conhecedor da realidade e história da cidade de Catalão, como fica explícito em suas obras, sendo sua escrita um instrumento e veículo de engajamento político.

A novela em estudo conta sobre a migração de uma família composta por cinco pessoas, o homem ou o pai, a mulher ou a mãe e seus três filhos menores de idade. Eles se deslo-

cam de sua região de origem, norte de Goiás, rumo ao dito e aclamado “sul maravilha”, com o objetivo de chegar à capital de São Paulo, em busca de melhores condições de vida, almejando um emprego que traria para o grupo familiar mais segurança e conforto.

A obra narra parte da vida da família, principalmente a do homem e seus esforços incessantes para conseguir um emprego na cidade de Catalão, onde chegaram e se estabeleceram, ainda que possuíssem o intento de prosseguir em viagem rumo a capital paulista. Uma cidade que se mostra adversa e estranha a sua realidade vivenciada/acostumada de sua terra natal; posteriormente, evidencia, por consequência, o processo de ambientação que foi extremamente difícil. A não adaptação ao lugar desconhecido e que os mantinha ainda como vítimas de experiências negativas e opressoras, dão seguimento ao enredo do livro.

O sonho de melhorar a vida, de ter um emprego e ser útil, a busca por um espaço com mais oportunidades, atraente e abundante para toda família, os fazem saírem em viagem para correrem de uma realidade dura e sofrida, na ânsia de vencer e de ter uma vida menos miserável. Porém essa viagem é interrompida, pois o filho mais novo adoeceu e os recursos financeiros, já escassos, findaram. Logo, o narrador mostra que a viagem não foi planejada devidamente, que foi pautada em informações, comentários de outras pessoas que liam ou ouviam outros dizerem sobre a vida no Sul, na verdade no sudeste do país (São Paulo), e as possibilidades de dias melhores que teriam por lá. Infelizmente, agora, no meio do caminho, a realidade apertava ainda mais a miserável situação da família.

As “muitas oportunidades” que eram oferecidas em outras grandes cidades ofuscavam a visão do dia a dia, da labuta diária; as dificuldades de conseguir um serviço e garantir provisão a todos tornavam os dias mais difíceis. Todavia as informações sobre o crescimento da cidade não eram apenas “as falas das pessoas”, isto é, sem fundamentos, pois dentre as regiões do país, a sudeste era a mais desenvolvida e apresentava um maior contingente populacional nas áreas urbanas e nas áreas rurais, isto em 1940. Em 1950 houve um decréscimo deste contingente nas áreas rurais, com aumento significativo nas áreas urbanas (CAMARGO, 1957, p. 16).

Todas estas informações sobre o desenvolvimento e suas possibilidades de melhorar o estilo de vida levavam um grande número de migrantes de todo Brasil a buscarem tais regiões; e não foi diferente com a família retratada na obra de Coelho. Assim, a família se lança nesta empreitada, todavia, perante as condições desfavoráveis na qual a família se encontrava, o homem se viu obrigado a buscar abrigo ali mesmo na cidade de Catalão. Não tendo outro recurso, tiveram que passar a primeira noite na Estação Ferroviária da cidade que, a princípio, não lhes pareceu nem um pouco acolhedora.

A viagem tivera seu fim ali mesmo, tudo que queria agora era um lugar para se fixar, isto é, ocorreu o inevitável, fazendo com que o desânimo e a miséria os acometera. O jeito era se virar por aquele lugar e procurar emprego. Diante da situação posta, o homem constrói um barraco improvisado que lhes tornam abrigo por onde passarão dias e noites, até conseguirem realizar o sonho de construir seu casebre, uma vez que a esperança de irem para a tão sonhada cidade de São Paulo, em busca de seus ideais, esvaíram-se com o vento. E o que era sonho, transformou-se em terrível pesadelo; sonho que foi interrompido pelas condições paupérrimas de vida nas quais se encontravam. Ao ver sua família ao relento, exposta as mazelas sociais e do tempo, vítimas da exclusão social, culpava-se ainda mais. Porém com muito esforço, sacrifício e suor, construíram dois cômodos, um que servia de sala e cozinha e o outro de quarto.

Os espaços apresentados na obra são: o centro e a periferia, na qual situam o casebre, o quintal e o ribeirão Córrego do Almoço, dentre outros, onde se constituem lugares de experiências e vivências, que, na maioria das vezes, são dolorosas e amargas por conta de seus conflitos diários e suas frustrações. De modo mais objetivo, o espaço onde figuram os acontecimentos da novela é a cidade de Catalão com sua área central e bairros urbanizados, junto aos seus arrabaldes, marcados pela ausência de infraestrutura urbana. A narrativa traz também algumas informações do lugar de origem da família e o do destino almejado. Por ser uma novela, considerada por alguns como regionalista<sup>1</sup>, traz narrativas de lugares que são ou estão

---

<sup>1</sup> Na esteira do regionalismo do romance de 30, que se transforma historicamente, o autor dito regionalista descreve a realidade de sua terra e gente, de modo centrado e reflexivo, na busca de compreender o momento presente, a formação social e suas desigualdades, investigando o ser humano em suas relações com o meio, com a linguagem, a paisagem e a cultura de uma determinada região.

O regionalismo surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização, e as obras literárias regionalistas foram rotuladas e vistas como menores, por aterem-se ao local e supostamente não atingirem a universalidade. Por regionalista, na atualidade, tem sido definido qualquer livro que traduza peculiaridades locais (costumes, credences, superstições, modismo), vinculando-as a uma área do país. Tomado assim, amplamente, pode-se falar tanto de um regionalismo rural quanto urbano e, no limite, toda obra literária seria regionalista, enquanto, expressa seu momento e lugar, embora, historicamente, à tendência a que se denominou regionalista vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situações, ações e personagens expressando suas particularidades, inclusive linguísticas (CHIAPPINI, 1995, p. 155).

Do ponto de vista dos estudos literários, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se firma de modo marginal à “grande literatura”. Nesse sentido, a crítica costuma excluir da tendência os grandes autores, já que nela o número de obras literariamente menos expressivas talvez seja maior que em outras. Mas o regionalismo, como toda tendência literária, não é estático. Evolui. É histórico, enquanto tal atravessa e é atravessado pela história, e, desse modo, a velha e desgastada dicotomia entre local e universal se torna falsa. O “universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na generalidade daquele. Desse modo, as ‘peculiaridades regionais’ alcançam urna existência que as transcende” (CHIAPPINI, 1995, p. 156-158).

Ainda nesse sentido, de fugir de tal limitação e rótulos de leituras empobrecedoras impostas às obras ditas regionalistas, podemos recorrer às reflexões de Machado de Assis, para quem a região oferece os assuntos que alimentam a literatura de um país, de uma nação, mas apenas de modo a dar-lhe um “sentimento íntimo” de homem de seu tempo e lugar. (MACHADO DE ASSIS, 1955, p. 135). Assim, embora seja possível observar nas obras de Coelho características e assuntos da literatura goiana, esses estão relacionados e se integram à realidade brasileira maior, de modo geral, escapando da forma provincial, local, atingindo o universal ao lidar com problemas que estão presentes em outros espaços e tempos, não sendo puramente de uma região.

inseridos no mundo real, que existem geograficamente no estado de Goiás, onde a trama acontece nessa mesma região, o que provoca um forte efeito de realidade (SILVA, 2013, p. 3). São nestes cenários que é construída a novela de Coelho, *Um homem e sua família*, a partir da qual podemos acessar a um imaginário tecido acerca de tais experiências.

Assim, pode-se dizer que *Um homem e sua família* constitui um conjunto de imagens que foram produzidas pelo escritor, que permitem uma reconstrução de um passado não muito distante e que traz em seu fundamento as relações humanas ali figuradas, que são possíveis através da observação dessas relações pelo literato, considerando seu conhecimento, pois é profundo conhecedor acerca da realidade e da história local, sobre a qual expressa de modo crítico, indicando seu engajamento político e social. Assim sendo, o imaginário passa a ser uma representação simbólica que considera os signos e símbolos de uma determinada sociedade e cultura, de um determinado grupo social, e que é refletida ou representada por meio das imagens que emergem da linguagem escrita.

Como dito acima, reafirmamos que a pesquisa pretendeu despertar a prática da utilização de obras literárias no ensino e aprendizado de história, podendo ser levada para sala de aula, valorizando-se as obras que, ao serem analisadas, contribuem na compreensão da formação do contexto histórico da cidade e de uma consciência histórica, subsidiadas por meio de seus registros ao ter conhecimento de acontecimentos de um tempo pretérito. A investigação ainda reforça a importância de se utilizar uma metodologia interdisciplinar, a qual permite correlacionar diversas áreas do conhecimento humano e social para que se possa adquirir um leque de informações, em sua complexidade, pertinentes ao objetivo pretendido.

Nesta particularidade, a ênfase recai sobre os conhecimentos científicos referentes à História, à Letras (Linguística e Literatura) e à Geografia, em uma abordagem interdisciplinar que permite compreender o processo de construção do contexto histórico e os distintos elementos que compõem o imaginário da cidade de Catalão. Dessa forma, evidencia-se a importância da temática trabalhada no sentido de sensibilizar nossos/as discentes quanto aos meandros da formação da identidade e da cidadania. Nesse sentido, a investigação será estruturada em referenciais pertinentes a tais áreas do conhecimento, que ofereçam embasamento teórico e conceitual correlacionado à temática.

O contexto histórico da obra refere ao processo migratório e às experiências dele advindas, como as mudanças de um lugar para outro, do campo para a cidade ou de cidade para cidade. Aqui, em especial, insere a migração da família apontada na obra em busca das grandes cidades do sul do país, e mesmo do estado como visto, para experimentar melhores condições de vida. José Francisco de Camargo (1957, p. 2) considera que a dinâmica do fluxo mi-

gratório no Brasil se dá tanto no sentido intrarregional como inter-regional, devendo-se principalmente ao êxodo rural.

O texto apresenta o êxodo rural, a saída das pessoas do campo para cidade, e do êxodo urbano, que acontece de uma cidade ou região para a outra, como forma de buscar crescimento ou melhores condições e qualidade de vida, isto é, a mudança de território como representação na crença do progresso. No período entre 1940 a 1950, nota-se o avanço do processo de desruralização no país, conforme explica Camargo (1957), porém este foi menos acentuado na região norte e centro-oeste, pois se apresentou de forma lenta, mas foi persistente. Em Goiás, essa situação não deixa de ser diferente. Mesmo em um estado onde a atividade econômica é predominantemente rural, esse movimento se mostrou constante e produziu um decréscimo da população rural devido um fluxo migratório do campo para as cidades (CAMARGO, 1957, p. 24).

Esta mudança da população do campo para a cidade fez aumentar as correntes migratórias intrarregionais, o que pode ser observado na obra de Coelho, na qual o homem e sua família tencionam ir para São Paulo, mas devido aos entraves encontrados pelo caminho, são forçados a se estabelecerem na cidade de Catalão. Dessa forma, a obra possibilita também a discussão acerca destes processos migratórios ocorridos no espaço e tempo que são retratados, bem como a construção histórica cultural local e também as experiências humanas ali vivenciadas e suas representações.

Nesse sentido, por meio dessa obra, é possível realizarmos nossa discussão, que mescla os conhecimentos histórico, geográfico e literário. A intenção de trabalhar numa perspectiva interdisciplinar entre História, Letras e Geografia para compreender o processo de construção histórico e cultural da cidade de Catalão se mostra relevante por abarcar aspectos que estão relacionados à literatura, no sentido de identificar e abordar estes aspectos. A literatura pode nos mostrar aspectos diversos da atividade e das experiências humanas, vivenciadas em determinado tempo e espaço; e é por meio das análises destes vestígios do existir nesse espaço urbano que se revelam como foram vivenciados no seu tempo.

Com a proposta de investigação referente à cidade de Catalão, a partir da referida obra literária de Coelho, fez-se necessário entender um pouco sobre o diálogo entre História e Literatura, que no decorrer da abordagem procurou implementar enfatizando o papel do historiador e do literato, buscando aporte em pesquisadores que tratam desta temática, que é exposta de forma circunstanciada em capítulos subsequentes.

Dessa forma, cabe destacar que tratamos de diferentes elementos atuantes na construção do processo histórico da cidade de Catalão, com análise baseada na referida obra

literária de Coelho, o qual abordou e descreveu alguns momentos da operação de formação e crescimento da localidade, enfatizando aspectos relacionados à constituição de identidades, que está ligado ao sentimento de pertencimento ao lugar, onde acontecem as experiências e práticas sociais, em que se inscrevem as memórias, imagens e os fatos históricos e culturais presentes no cotidiano da cidade representada.

De modo geral, certo número de elementos constituintes de uma sociedade inserida em um tempo passado, remoto ou não, que permanecem ainda vivos em suas obras artísticas, dentre elas as literárias, são consideradas aqui como acervo documental para nossa investigação. Ao acessá-los, permite-nos compreender características de um dado período descrito e, até mesmo, refletir e entender fatos atuais, numa perspectiva retrospectiva permitida pela análise literária.

É nesse sentido e com a intenção de buscar despertar nos discentes, sobretudo do ensino fundamental e médio, o interesse por conhecer o contexto histórico local, que propomos e buscamos desenvolver esta investigação, permitindo-lhes a condição de compreender as alterações e, ainda, identificar as transformações materializadas no espaço urbano da cidade de Catalão, instigando-os a valorizarem e participarem ativamente da realidade histórica na qual estão inseridos. Pensando em sua aplicabilidade é que foi proposto o projeto interdisciplinar que figura como apêndice desta dissertação.

A proposta desta pesquisa se pauta, portanto, em inquietações e questionamentos vindos de nossa experiência com o ensino em salas de aula de escolas da região acerca da formação histórica das cidades que a constituem. Inquietações responsáveis pela busca de respostas e, logo, pela investigação para clareá-las, para alinhar na análise e leitura evidências da dinâmica dos elementos sociais, locais e regionais, presentes nas representações do cotidiano das pessoas que aqui experienciaram o período narrado na obra abordada e, como este contexto histórico pode estabelecer diálogo com o presente atual, que vem sendo modificado em comparação à sua figuração na obra e aos costumes culturais da sociedade nela representada.

Nesse sentido, busca-se abordar e desvelar os aspectos sociais, os elementos que representam o ser humano no tempo e suas mudanças, o espaço como lugar de experiências, de práticas e de memórias individuais e compartilhadas por grupos sociais, referentes à paisagem urbana de Catalão descrita no texto, as quais constituem um imaginário, entendido como imaginação e como um conjunto de imagens sobre a cidade. Partimos, portanto, de um questionário que nos incitou a investigar esse campo de ação humana na busca de perceber sua constituição.

Assim, a problemática que embasou a pesquisa visou responder: que aspectos e elementos na obra de Coelho representam o tempo e o espaço como lugares de experiências humanas, de práticas e memórias sociais que configuram a paisagem urbana? Que práticas culturais e históricas permeiam a tessitura das representações de Coelho, consideradas como lugares de memórias sobre as mesmas? Que tempos históricos e que lugares de experiência e de memórias figuram em seu texto, no qual se ancoram e foram fixadas, impedindo o trabalho do esquecimento? Que expressões da sensibilidade dos agentes históricos estão expressas na narrativa e a que lugares do espaço urbano e social da cidade estão atreladas? Questões que buscou-se responder no decorrer deste texto.

De modo geral, o literato representa tais aspectos de maneira simbólica, inserindo-os ao longo do tempo por ele abordado e correlacionando as práticas humanas, indicando seus significados e os sentidos a elas dados, logo, dando a elas caráter cultural e histórico. Ele o fez em um trabalho de observador atento, minucioso e com olhar criterioso que permeiam o tecer de sua narrativa, o entrelaçar de experiências diversas em suas figurações, pensadas como lugares de práticas e de memórias, inseridas em um determinado tempo e lugar, que são históricos.

Desse modo, acredita-se que esta pesquisa contribui de forma significativa para estudos futuros referentes à temática, com intuito de compreender parte do contexto e o processo histórico de formação da cidade de Catalão por meio da pesquisa na obra literária de Coelho, empregando metodologicamente procedimentos históricos numa dinâmica interdisciplinar que serve para alargar a visão sobre a História e a formação da consciência histórica, tendo grande valia no processo de formação educacional escolar para os envolvidos em tal atividade, numa perspectiva de valorização da reconstrução da história da cidade de Catalão num viés cultural.

Em decorrência do quantitativo reduzido de trabalhos acadêmicos, sistematicamente embasados em teorias, conceitos e métodos pertinentes, referentes à temática abordada nesta investigação, reforça-se a importância deste estudo e a relevância de seu desenvolvimento que objetivou, ainda, poder contribuir com pesquisas futuras no âmbito do tema proposto. Embora hajam trabalhos desenvolvidos tendo a cidade de Catalão como objeto de análise por meio da literatura, inclusive recorrendo à produção de Coelho, no Programa de pós-graduação em História, mestrado profissional em História, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, não foi realizada ainda nenhuma pesquisa com o viés dos referenciais teóricos e metodológicos aqui propostos, tendo esta obra de Coelho como fonte, em específico, ainda que a mesma tenha sido utilizada como constituinte do *corpus* documental, junto às fontes da imprensa, na elaboração do artigo “Imagens do urbano: a cidade de Catalão no seu primeiro centenário”,

bem como em posterior investigação realizada no Programa de Pós-graduação em História, da UFG/Regional Goiânia, pelo pesquisador Jason Hugo de Paula, em 2005, intitulada “*Inventando o progresso: a construção de imagens e a modernização em Catalão (1959-1970)*”, com as quais estabeleceremos intenso e rico diálogo, dentre outros textos.

A investigação proposta recorre à literatura como lugar de figurações de experiências e de memórias sociais, a partir das quais podemos reconstruir uma representação do passado por meio dos elementos referentes às práticas humanas nela retidos, ancorados. Nesse sentido é que buscou-se aqui refletir um pouco sobre a relação entre História e Memória. Pierre Nora (1993, p. 9, 11) considera que História e Memória não são termos sinônimos, ao contrário, são díspares, mas que a segunda se torna objeto de uma história possível, em sua idade historiográfica. Conforme Nora (1993, p. 9), diferenciando memória e história,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] uma representação do passado. [...] operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico [...].

Portanto, tornou-se necessário realizarmos uma investigação que nos possibilitasse reconstruir dimensões do passado por meio das memórias catalanas contidas e fixadas na obra de Coelho, e, assim, não deixá-las cair no esquecimento, principalmente, ao passo que miramos uma ação, posterior, de trabalhar com os discentes e docentes, sobretudo no ensino fundamental e médio, na elaboração de futuras investigações com vista à compreensão da história de sua cidade, recorrendo ao campo da cultura, das representações e da memória. Instigando-os a valorizar a cultura e a história da cidade de Catalão e de outras cidades da região ao pôr em evidência a importância dos registros e vestígios do passado para edificar a história do lugar imediato em que vivem e do cotidiano no qual se inserem. Ainda, mostrando não só aos discentes, mas também à comunidade local, de forma geral, os resultados atingidos.

As obras de Coelho nos permitiu identificar tais características, configurando-se como fonte documental por aquilo que possui de conteúdo, sendo um lugar de memória que nos propiciou o retorno ao passado, pois tanto possui sentido material, quanto simbólico e funcional, o que contribui, assim, para bloquear o esquecimento e fixar um estado de coisas (NORA, 1993, p. 21-22).

Ao reconstruir, valorizar e compreender a história de uma cidade do interior de Goiás, no caso de Catalão, que merece que sua história e cultura não se percam e sejam perpetuadas

ao longo do tempo, considera-se que o processo histórico, com a riqueza de elementos que o constituem, inseridos em um recorte espacial e temporal, independente de qual seja, não pode ser deixado de lado. Do contrário, sua história corre o risco de ficar esquecida, atropelada pelos novos valores e práticas que a sociedade, aos poucos, vai modificando, agregando novos aspectos e práticas aos costumes e ao campo dos bens culturais.

De tal maneira, nada melhor do que recordar seu passado, recorrer à memória e acessá-lo por meio de uma observação histórica indireta. Nesse caso, recorrer à obra de um de nossos expoentes intelectuais, o escritor Braz José Coelho, e às representações que ele produziu, em particular na obra *Um homem e sua família*, que figura ideias, valores, atitudes, costumes e práticas culturais variadas inseridas no contexto histórico da época presentes na narrativa do autor, dá vida ao lugar onde ocorreu a materialização de tais experiências. Dessa forma, reconstruímos o passado vivido por meio de fragmentos de memória, obtidos com a leitura minuciosa do livro em questão, de maneira a manter viva a história e a memória local.

A possibilidade de trabalhar esta obra de forma aplicável na instituição escolar parte do princípio de considerar o discente como um jovem pesquisador iniciante, no qual deverá desenvolver a capacidade de identificar e interpretar os diferentes elementos inseridos no contexto de uma sociedade, a fim de compreender o momento histórico da cidade, neste caso a cidade de Catalão. Assim, maturidade e domínio, adquiridos aos poucos ao longo de um processo e no exercício de pesquisa, tornam quesitos relevantes para que o discente realize uma investigação, teórica e metodologicamente, embasada no intuito de obter bons e confiáveis resultados com êxito.

O público alvo para desenvolver o trabalho em apêndice com os discentes poderá ser composto de turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, visando instigá-los a pensar na importância de conhecer a história do lugar e da região na qual se vive, pensada através de seus bens culturais, materiais e imateriais que são produzidos, transmitidos e recebidos de geração em geração; e que agem na construção de uma identidade local e de uma ideia e prática de cidadania. Atenta-se, desta forma, para a importância de se abordar e valorizar a cultura, a memória e a história do lugar e da região onde se experimenta viver.

A intensão principal, a partir da materialização da pesquisa, é de contribuir no processo de ensino aprendizagem de história no ensino fundamental e médio com a pulverização ou difusão do conhecimento produzido na academia, que neste caso tem a particularidade de se dar por meio da interação das diferentes ciências e saberes de forma interdisciplinar, demonstrando e despertando nos discentes o desejo de compreender no que consiste e vem a ser considerado como cultura, num viés antropológico, em suas dimensões material e imaterial, isto

é, a cultura como prática social e produção humana, e sua importância para desvelar e conhecer uma sociedade.

Desse modo, destaca-se, também, sua constituição e a necessidade de sua conservação, bem como de transmissão e perpetuação de histórias por meio das representações tecidas acerca de seus moradores e dos segmentos sociais que a configuram, reconstruindo partes ou facetas do que foi edificado no passado de uma sociedade e possibilitando, desta forma, uma melhor compreensão do seu presente. Isso é possível por considerarmos que o passado é um referencial imprescindível para o entendimento do presente; e que o presente está ligado ao passado e que o conhecimento histórico resulta de uma conexão entre as épocas à medida que existem forças entre elas, vínculos de inteligibilidade que se estabelecem em sentido duplo, passado/presente, presente/passado, sendo que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado” (BLOCH, 2001, p. 60, 65).

A atividade a ser proposta deverá vir posteriormente à exposição oral dos resultados desta pesquisa, bem como da reflexão e de um diálogo acerca da importância de se conhecer a história do lugar e da região, provocando a curiosidade dos discentes e despertando-os para o estudo de História por meio da pesquisa, em particular tendo a literatura como fonte documental e considerando a particularidade da História como disciplina e seu processo constitutivo.

Ideias como estas podem ser acessadas e respaldadas em autores como Selva Guimarães Fonseca (2013), que aponta a importância do professor como mediador e facilitador na construção do conhecimento, empreendendo aulas mais dinâmicas, que atraiam e incentivam os discentes, tornando-as mais sedutoras, logo, de certa forma, refletindo no bom desempenho educacional e na melhor formação do alunado. É possível, com a inovação das práticas de ensino, possibilitar a construção do saber, das discussões acerca da produção do conhecimento e o estímulo ao estudo das diferentes experiências históricas no tempo e no espaço. São práticas pedagógicas que podem colaborar para o crescimento cognitivo pessoal dos discentes, refletindo também em sua vida social, de modo a ser tornar mais participativa, despertando outras possibilidades e interpretações das mais variadas realidades vivenciadas em uma porção territorial mais abrangente, ao atuar de modo mais consciente e ativo nos destinos da sociedade.

Buscou-se, ainda, aumentar as práticas e a diversidade de dinâmicas de ensino e aprendizagem inovadoras, para que os discentes sintam motivados e interessados para compreender o processo de construção histórica de sua cidade, procurando construir conhecimento por meio da pesquisa em sala de aula. Na medida em que isto acontecer, vão passar a com-

preender que seus antepassados fizeram parte desta “construção” e que eles são responsáveis para continuar escrevendo a História de sua cidade e região, tornando-se pessoas mais atuantes em seu meio e com potencial crítico de agir sobre a realidade social, histórica e cultural. Dessa forma, estarão produzindo conhecimento Histórico e se envolvendo mais na sua própria História, não se restringindo a serem apenas meros receptores de um saber veiculado nos livros didáticos ou exposto oralmente pelo professor.

A contribuição da educação formal se faz presente nos destinos das crianças, adolescentes e adultos e nos rumos da sociedade, devendo sempre despertar nos discentes o interesse pelas diversas temáticas que a perpassam, fazendo com que os mesmos percebam que fazem parte da construção histórica de uma sociedade, se a experienciaram ou não, mas que, de qualquer forma, há heranças culturais enraizadas no momento atual, no presente, que relutam em persistir, ou não, meio às pressões de novos valores e costumes sociais que, geralmente, têm levado ao esquecimento de certos bens culturais de um tempo remoto. A intenção é fazê-los se ver como sujeitos que estão diretamente ligados à construção do processo histórico da cidade em que habitam.

A postura de tornar compreendida a educação escolarizada como “mediadora” entre o saber formal e a sociedade nesta pesquisa contribuirá para reforçar a importância em adquirir práticas educacionais que possibilitem ao discente o entendimento de como se organiza o campo social e como tudo isso vai sendo construído ao longo do tempo. Na perspectiva de associar seu próprio cotidiano às movimentações históricas da sociedade e dos grupos sociais que poderá ampliar o olhar e a percepção dos discentes para um mundo antes não percebido, garante-se à construção de um conhecimento mais crítico e voltado a sua realidade e para sua atuação como agente histórico e social.

Uma humanização maior do processo educacional facilita para que haja um aprendizado mais eficiente e duradouro, ao mesmo tempo em que se dá a construção de um conhecimento histórico acerca de realidades mais próximas, cabendo ao professor mediar à produção do saber em moldes acadêmicos, pautado no diálogo entre teorias, conceitos e fontes documentais, incentivando a busca por um conhecimento que permita alargar o pensamento histórico e promover respostas satisfatórias às inquietações da vida prática dos discentes.

Conforme Jörn Rüsen (2010), o aprendizado histórico pode ser posto em andamento, portanto, somente a partir de experiências de ações relevantes do presente. As experiências vivenciadas cotidianamente ao longo de sua própria história e a percepção dessas, como fatores essenciais para a construção histórica do local e da região, garantem a ampliação de um conhecimento acerca de práticas sociais compartilhadas por muitos e, logo, de formação da

Consciência Histórica dos discentes, permitindo a eles se sentirem pertencentes a um dado espaço e lugar, como peças importantes de sua história.

Para desenvolver nossa temática em uma pesquisa de cunho científico, fez-se necessário recorrermos ao estabelecimento de uma base teórica e conceitual que forneça subsídios ao andamento da investigação, com conhecimentos relevantes à abordagem, os quais darão aporte às discussões a serem tecidas, o que foi feito por meio de trabalhos já realizados nesse campo e de alguns conceitos, alguns já apontados anteriormente, e outros, que serão tratados posteriormente.

Por meio do diálogo entre as fontes documentais e bibliográficas, a mediação, a interpretação e a reflexão acerca dos materiais utilizados na concretização da pesquisa, buscou-se contribuir para a formação de cidadãos conscientes e aptos a construir sua própria história, emitir sua opinião e expressá-la com senso crítico perante a sociedade na qual estão inseridos, compreendendo sua trajetória e formação histórica; e aprendendo a valorizar e preservar suas raízes históricas.

Conforme Valdeci Rezende Borges (2011, p. 7), as cidades têm sido objetos de estudos na historiografia atual, sendo vistas como espaços de variadas práticas socioculturais, de experiências sócioprofissionais e de trajetórias de indivíduos letrados, na busca de elucidar questões mais amplas, gerais e coletivas, por meio das representações produzidas sobre elas e as imagens erigidas a seu respeito, que são consideradas como lugares de memórias das mesmas.

Logo, um estudo sobre uma cidade deve considerar variáveis distintas que possibilitem abranger um campo mais vasto de experiências e informações dele advindas, a fim de compreender o processo histórico e social inerente ao recorte espacial eleito para estudo. Atentando-se à relevância de estudos correlacionados à Nova História Cultural, a historiografia conta com várias perspectivas e ferramentas capazes de elucidar e contribuir para a compreensão de diversos aspectos inseridos no movimento de formação e expansão de uma cidade, para tal recorrendo a distintas tendências historiográficas, sociológicas, filosóficas e urbanísticas.

Conforme Pesavento (2007, p. 77, 14), muitos estudos focam a cidade por meio de uma abordagem econômico e social, em viés quantitativo e evolutivo, como fenômeno urbano e espacial. Mas a cidade, além dessa *materialidade*, também é lugar de *sociabilidades*, de relações e interações sociais, de práticas humanas diversas, bem como lugar de valores, de emoções e sentimentos, de afetividades e subjetividades, sendo, portanto, ainda, *sensibilidade*.

Dessa forma, neste estudo, procuramos abordar essas três dimensões, na busca de pensar a cidade de Catalão numa perspectiva mais ampla. Para tanto, recorreremos às reflexões de

diversos autores para nos embasar em nossa empreitada, dentre eles: Yi-Fu Tuan (1983) acerca do espaço como lugar de experiências, à Clifford Geertz (1987) e seu conceito de cultura, à Peter Burke (2005) com a discussão de cultura material, à Francisco Carlos Teixeira da Silva (1997) no que diz respeito a paisagem, à Jacques Le Goff (1992) e Pierre Nora (1993) no que refere a memória, à Roger Chartier (2009) no que trata das representações, à Bronislaw Baczko (1984) e Gilbert Durand (2001; 2004) e Evelyne Patlagean (1993) acerca de imaginário, à Pesavento (2006; 2007) e as cidades com sua materialidades, espacialidades, sociabilidades e sensibilidades, além de outros conceitos, teorias e pesquisadores que nos auxiliaram ao longo da pesquisa.

Para Chartier (1990), a História Cultural se situa na encruzilhada entre as práticas e as representações, e, ainda, de acordo com ele (CHARTIER, 2002, p. 73-74, 76), “a representação manifesta uma ausência” do que representa e do que é representado, figurando como um “instrumento de conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de trazê-lo à memória e ‘pintá-lo’ tal como é”, ou foi. Como “uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo pelo outro”, insere-se num campo de lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, classificando e hierarquizando seus elementos constituintes, que “determinam posições e relações, e que constroem para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade”.

Dessa forma, as representações agem na constituição das identidades sociais e são pensadas “como matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social” (CHARTIER, 2002, p. 72), sendo primordiais ao trabalho do historiador na busca de reconstrução do passado. Assim, também, conforme Chartier (2009, p. 12) a “representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem ocupar o lugar desse passado”, permitem “o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção”.

Para encerrar esse quadro de definição conceitual, remetemos agora àquele de imaginário social, que abarca tanto a imaginação quanto o conjunto de imagens por ela criado. Partindo das considerações do antropólogo Gilbert Durand (2001, p. 18), o imaginário é “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, aparecendo-nos “como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”, sendo uma “encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra”.

Para Evelyne Patlagean (1993, p. 291), “o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam”, isto é, “cada *cultura*, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário”, uma vez que “nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal”.

Já, para amarrar tais apontamentos, Bronislaw Baczko (1984, p. 309), considera também que o imaginário social se refere às representações e às imagens construídas acerca dos mais diversos aspectos e dimensões da vida em sociedade, abarcando as atividades globais de seus agentes e constituindo-se em pontos de referência que dada coletividade possui e que foi por ela elaborado no seio de um amplo sistema simbólico, sendo uma construção dada a partir de suas experiências, expectativas, esperanças e sonhos. Logo, por meio dele, de suas imagens e representações, que são produtos sociais, a coletividade se percebe, expressa suas divisões, estabelece seus objetivos e designa suas identidades.

Dessa forma, as imagens, sejam elas gráficas ou pictóricas, são representações do mundo, possuem o real como referência, e se propõem a representá-lo de maneira cifrada ou simbólica. Elas, como registros de algo no tempo, são testemunhos de época, mas também testemunho de si próprias, como o é o texto literário. Assim, elas estabelecem uma mediação entre o mundo do produtor e do leitor, tendo como referente a realidade (PESAVENTO, 2004, p. 85-88).

Nesse contexto, o uso das representações literárias em uma abordagem histórica, a fim de compreender dimensões do existir históricos, requer o estabelecimento de alguns procedimentos práticos de modo a fazê-las dizer e revelar da melhor forma possível a temática que nos motiva. Como já dito, a produção literária fornece subsídios relevantes para compreender determinado período histórico por meios de registros que tratam das marcas humanas deixadas em distintos momentos históricos, haja vista que a ciência histórica tem como fonte de estudo registros históricos do passado, condição determinante ao acesso de informações que viabilizam a observação histórica e a compreensão da formação social.

Embora haja teorias, conceitos e métodos de abordagem específicos de cada campo disciplinar, referente aos estudos da História Cultural, a interação e diálogo entre Literatura e a História pode configurar-se indissociável. Mas, “Nessa medida, é a história que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto que a Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder as questões formuladas pelo historiador” (PESAVENTO, 2004, p. 82).

Logo, vestígios de aspectos dos bens culturais, políticos e econômicos de determinado período histórico, ancorados e encontrados na produção literária podem ser acessados por meio desses bens simbólicos e nos servir de fonte de acesso para pesquisa, evidenciando a relevância da Literatura para a História, reforçando a importância do trabalho interdisciplinar e o qual possa ser representativo para pesquisas no campo da cultura de uma sociedade.

Ao usar a Literatura como documento a História, desvela-se o mundo das letras, a percepção e a intencionalidades do escritor, das personagens edificadas e de suas ações e seus sentimentos (RAMINELLI, 1997, p 195). Portanto, nossa proposta é empreender uma abordagem multilateral que agrega pensar o autor, o texto, o contexto e o público receptor, conforme propõe Antonio Candido (1985, p. 17-39); que se detenha no autor e no texto, procurando historicizá-los, isto é, inseri-los no espaço e nos tempos, a que se refere e no qual seu produtor a executou, isto é, contextualizar tal produção e o período ao qual remete na narrativa. Enfim, num emaranhado de tempos e lugares, trata também de sua recepção pública, ainda que por meio de leitores especializados, como a leitura de críticos literários, historiadores da literatura e outros leitores, como os mais variados pesquisadores do mundo social e do campo da cultura.

Se contextualizar o produtor, a produção e sua circulação ou recepção aparecem como procedimentos importantes a ser implementado pelo pesquisador, torna ainda essencial ao estudioso que trabalha com textos literários, ater-se ao caráter polifônico destes, advindo do diálogo que estabelecem entre diferentes vozes das personagens e do narrador, possibilitando investigar a complexidade do imaginário social e histórico aí figurado, a diversidade de ideologias e de modos como diferentes indivíduos ou grupos sociais se inserem nele e nas épocas representadas. Contudo não podemos perder de vista que tais representações constituem sempre um universo ficcional, por mais verosímil que possa ser. Desse modo, cabe, ainda, ao historiador, confrontá-las com outras fontes documentais, com outros testemunhos e registros que permitam a contextualização da obra para, então, se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica ali figurada (FERREIRA, 2001, p. 77).

Ainda, de acordo com Antônio Celso Ferreira (2001, p. 81-82), os historiadores que lidam com obras literárias “devem compreendê-las em seus contextos históricos e sociais, o que requer a consulta a outras fontes da época”. Além disso, para contribuir com o entendimento desse objeto específico de estudo, recomenda-se que se leve em conta a sua natureza política, artística, técnica ou outras, sendo preciso estar atento aos ambientes socioculturais do período analisado para se evitar o tratamento anacrônico da fonte. Portanto, a análise tanto deve ser contextual (externa) como textual (interna), no sentido de otimizar a operação histo-

riográfica de interpretação das fontes inseridas em determinadas circunstâncias sociais, isto é, nos contextos que só podem ser reconstruídos, a que parcialmente, de modo lacunar ou aproximado, pela mediação de outros textos. O texto e contexto figuram como comunicáveis, sendo possível ler as marcas da sociedade e da cultura no interior do escrito e de compreender o significado deles na sociedade. Logo, é imprescindível estabelecer o diálogo do texto com o mundo circundante, buscando perceber os modos de interação entre as várias dimensões culturais de uma sociedade.

Buscou-se e se atentou nesta investigação acessar “um mundo todo nos detalhes do cotidiano”, nos vestígios do passado colhidos e fixados pelo escritor; e a nós oferecidos na leitura. Concebemos a cidade como um fato cultural, um caldeirão de experiências ancoradas e fixadas nas páginas do texto literário, pois os detalhes são portadores de dimensões do passado e do presente da cidade e sociedade representada. Desse modo, podemos observar as menções às indústrias, aos comércios, aos meios de transporte, aos avanços tecnológicos, à riqueza ou miséria dos personagens que representam setores diversos e diferenciados de sua população (RAMINELLI, 1997, p. 197-198). Desse modo, estaremos atentos para perceber, além das menções aos ditos frutos do progresso, em geral associados às alterações técnicas, às contradições, desigualdades e diferenciações sociais figuradas na documentação (SILVA, 1997, p. 214).

Embasando-se em um diálogo com referenciais pertinentes à temática apresentada e dando importância à obra literária como fonte privilegiada para desenvolver esta pesquisa é que recorreremos à contribuição ímpar da obra de Coelho, em específico a novela *Um homem e sua família*, publicada em 1997, considerando-a como fonte exímia e indispensável para apreender e compreender os aspectos da sociedade local e regional da cidade de Catalão nela presente, os quais não podem ser esquecidos.

Para tanto, o texto foi dividido em quatro capítulos organizados de acordo com as pesquisas e leituras feitas ao longo de sua produção. Discussões com diferentes autores que tratam de tempo, espaço, memória e construção histórica. Portanto, o primeiro capítulo, intitulado de “BRAZ JOSÉ COELHO: TRAJETÓRIA, TEXTOS E CONTEXTOS”, aborda sobre a trajetória intelectual do autor, constituição de sua obra como um todo, historicizando-a, ou seja, inserindo o livro no tempo e na sociedade em que foi produzido, falar do tempo de sua escrita e da especificidade de sua linguagem, dos temas e das questões que trata a obra *Um homem e sua família*, evidenciar a recepção crítica de sua obra na literatura goiana.

No segundo capítulo, intitulado de “TEMPO, ESPAÇO, LUGARES DE EXPERIÊNCIAS E PAISAGEM”, apresenta uma discussão sobre o tempo, espaço, lugares de experiên-

cias e paisagem urbanas; trata-se de uma reflexão teórica com chamadas ou remissões que indicam que no capítulo seguinte, esse ou aquele aspecto, será tratado por meio da obra de Coelho, estabelecendo, assim, um diálogo entre essa reflexão, a teoria e a fonte documental.

O terceiro capítulo, “TEMPOS, ESPAÇOS, PAISAGENS E LUGARES DE EXPERIÊNCIAS NA NARRATIVA”, é o momento de fazer um diálogo da obra com as reflexões teóricas já contempladas no capítulo anterior, onde evidenciará passagens e remissões na obra que facilitarão a compreensão do tempo e espaço, ou dos tempos e espaços presentes na trama, sobretudo aquele no qual acontece o enredo.

No quarto capítulo, “EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS CULTURAIS NO ESPAÇO E NA PAISAGEM CATALANA: LUGARES, SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES”, apresenta-se um capítulo voltado para as práticas culturais e experiências que são construídas neste espaço e tempo a qual trata a obra de Coelho; lugares estes de sociabilidade e sensibilidades marcados pelas experiências de interações, de ritos e festa, de sofrimentos, angústias e pesadelos contrastando com a ânsia e na busca de um futuro melhor, expressos em sonhos e desejos de futuro diferente, mas que só se apresenta cada vez mais distante, inatingível.

Portanto, a discussão sobre a obra de Coelho – *Um homem e sua família* – se deu nestes quatro capítulos, os quais apresentam as reflexões pertinentes aos temas estipulados em diálogo com os diferentes autores e seus referenciais teóricos. Por fim, como apêndice, logo como parte integrante desta dissertação, apresentamos um produto didático voltado para a aplicação no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ou seja, material pedagógico tratando de algumas questões e de alguns aspectos abordados nesta investigação, o qual, guiado pelo olhar e pelo mundo figurado por Coelho em seu texto, é ilustrado com imagens e fotografias antigas da cidade, num diálogo destas com o escrito. Este produto intitula-se: Projeto interdisciplinar - História, Literatura e Geografia a partir da obra literária *Um homem e sua família*, de Braz José Coelho.

## **I BRAZ JOSÉ COELHO: TRAJETÓRIA, TEXTOS E CONTEXTOS**

Neste capítulo, abordar-se sobre a figura do personagem o autor Braz José Coelho, sua trajetória intelectual, posicionamentos literários e políticos, pondo em evidência suas obras e sua constituição, tecendo algumas considerações acerca de sua linguagem e estética literária. É intenção, ainda, historicizar a obra mote de nossa pesquisa, inserindo-a no tempo e espaço da sociedade em que foi produzida, discorrendo sobre o momento de sua escrita e a especificidade de sua linguagem, os temas e as questões de que trata. É destacado, também, algumas facetas da recepção crítica da obra coelheana e o seu lugar na literatura goiana.

Por se tratar de um escritor ainda em produção ativa, as obras e textos sobre sua bibliografia ou sua fortuna crítica são poucas, o que justifica não estendermos e adensarmos por demais essa reflexão devido à escassez de interlocutores para enriquecer nosso diálogo. Os dados colhidos para a construção deste capítulo foram retirados de breves biografias, informações contidas no currículo Lattes de Coelho, e, principalmente, em duas publicações de Wolney Honório Filho, embasadas em entrevistas realizadas com o autor em 2009, acessadas na *Revista Atualidades Pedagógicas* e nos *Anais do VI Congresso de História de Educação*.

Mas antes de adentrarmos, ainda que brevemente, no mundo e universo da produção intelectual de Coelho, tornou-se oportuno realizarmos aqui algumas reflexões ao redor da relação História e a Literatura, pois neste trabalho a obra literária é nossa fonte e testemunha indispensável para nos ajudar a compreender parte do processo histórico da formação, desenvolvimento e constituição da cidade Catalão e de sua sociedade.

### **1.1 História e Literatura**

De acordo com Pesavento (2006), o diálogo da História com a Literatura, que é um caminho privilegiado de acesso ao imaginário social de diferentes épocas, uma trilha para se percorrer para a leitura do imaginário, passou a se desenvolver, significativamente, no Brasil, a partir dos anos 1990, sendo hoje uma das perspectivas mais promissoras em se tratando de pesquisas e trabalhos publicados no campo da historiografia (PESAVENTO, 2006, s/p).

No intuito de perseguir essa trilha, primeiramente podemos partir da ideia de que História e Literatura são duas maneiras de expressões do conhecimento social, distintas no modo e na forma de representar e figurar o passado, que são configurações diferentes “de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” e oferecem possibilidades de

“explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro, sendo formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história” (PESAVENTO, 2004, p. 80-81).

A primeira, a História, tem compromisso com a verdade acerca do ocorrido, no intento de atingi-la, lida com a busca de comprovação dos acontecimentos e fatos históricos, sendo construída a partir de fontes, de testemunhos ou documentos, de provas e de controles metodológicos para não fugir ao compromisso do historiador de tentar pôr em evidência a realidade do acontecido, pretendendo um conhecimento com conteúdo verdadeiro, que advenha da verificabilidade do mencionado e exposto (CHARTIER, 2009, p. 11, 13).

A Literatura pode ser entendida como arte e como discurso de transgressão, mesmo não tendo compromisso com a veracidade dos fatos narrados, mas, em geral, o tem com a verossimilhança; é uma ficção, uma transfiguração da realidade. Porém, ainda assim, são duas áreas de conhecimento interligadas, porque a Literatura está enraizada na sociedade e a História, por sua vez, estuda os fatos e as relações sociais conforme se constituíram ou constituem-se no processo histórico. Desta forma, de acordo com Pesavento, a “literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para aceitá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda que para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam” (PESAVENTO, 2006, s/p).

A Literatura, entendida por vários estudiosos como fonte e documento histórico, tem sido posta em evidência como ferramenta importante para a investigação histórica, podendo, então, ser legítima para o uso do historiador em suas investigações e reconstruções do passado, ao passo que ajuda a acessar e entender seu objeto de estudo. Ela surge e é produzida, constitui-se em diálogo com a sociedade da qual emerge e pertence, do tempo, do espaço e da cultura que a forma.

O literato, ao produzir sua narração, considera as condições sociais, o tempo, o espaço, a cultura e as relações sociais nas quais insere o objeto de sua figuração, inclusive o contexto histórico e político da sociedade representada. Desta forma, pode se dizer que a Literatura tem raízes sociais e históricas. Nesse viés de análise, é uma maneira de dizer sobre a realidade e a história, aqui entendida como processo de inserção do homem no tempo, que é marcado por mudanças e permanências, dentre elas nas formas de produzir a História como conhecimento, inclusive tendo-a ou não como fonte documental.

Ao usar uma obra literária como fonte histórica, o historiador precisa contextualizá-la e confrontá-la com outras fontes e registros, a fim de balizar suas informações, de refutá-las, aceitá-las, complementá-las, conferindo o estatuto de escrita e voz do tempo que ela apreende,

sendo fruto da observação, direta ou indireta, e das concepções de um autor ou de outros indivíduos ou grupos sociais, a que ele tem acesso, culminando na representação ou figuração de uma realidade histórica.

Por meio de sua leitura, devemos buscar compreender o que o literato propôs ao escrever, a motivação ou intencionalidade de sua narrativa, quais as experiências e práticas históricas são evidenciadas na obra, que diálogos estão sendo ali realizados e com quem e a que tempo histórico se referem. Enfim, o historiador precisa historicizar essa produção e seu produtor, para, em seguida, articular as versões e interpretações plausíveis e manter uma interação constante entre seu objeto e a fonte, buscando ater e entender suas minúcias e particularidades. Neste trabalho, como já dito, buscamos estabelecer essa relação, o diálogo entre a fonte literária *Um homem e sua família* e outras fontes históricas, para, assim, aproximar e chegar o mais perto da realidade histórica experimentada.

Em relação aos domínios da História, é interessante ressaltar que o historiador exerce papel também de narrador, considerando que o faz através das evidências e dos fatos encontrados nas fontes documentais, em seus testemunhos. Embora ele não crie personagens, os pode fazer sair da invisibilidade social e das produções acadêmicas, do silenciamento.

Por mais imparcial e subjetiva que sejam suas fontes, o historiador pauta-se em tais textos como provas e evidências de que os dados, os fatos tenham ocorrido ou que teria sido possível de ocorrerem naquele tempo e lugar, que sejam verossímeis. A história reconstruída pelo historiador está sempre, mais ou menos, perpassada e carregada de subjetividade, não sendo uma verdade absoluta e inquestionável, mas uma representação parcial, relativa e pautada no verossímil, naquilo que era viável de ocorrer em certo contexto.

Ao ler uma obra literária como fonte ou outro tipo de documento histórico qualquer, o sujeito que investiga, problematiza, interpreta e estabelece versões com outras leituras dos fatos que aborda. Por isso, fica evidente a relação de proximidade entre o trabalho do historiador e do literato, uma vez que ambos buscam expressar em suas narrativas o que aconteceu, embora possuindo escalas e modos diversos de aproximação com a realidade representada ou figurada em seus textos, tendo intensidades e intencionalidades diferentes. Os discursos literários e históricos são formas diferentes de expressar, dizer e lidar com o real.

Pesavento (2006) ainda nos instiga a refletir sobre a busca do historiador por respostas para suas questões postas ao passado, sendo necessário apresentarmos versões e possibilidades, mais do que certezas, pois não é possível atingir um passado distante em sua íntegra, em sua totalidade, sendo o conhecimento histórico incompleto e parcial. Ela acrescenta, também, que, mesmo que se fôssemos testemunhas oculares dos fatos, teríamos

versões diferentes advindas de outras pessoas que presenciaram os mesmos. Desta forma, fica evidente a dificuldade do historiador em trabalhar com os inúmeros relatos e testemunhos de diferentes protagonistas apresentados sobre um mesmo fato. De acordo com Pesavento (2006, s/p), é

Daí que vem a aproximação/questionamentos dos papéis entre historiador e literato, ambos produzem versões imaginárias do real ? A narrativa histórica seria uma espécie de ficção ? Pois, o caminho do historiador é montado através de estratégias que se aproximam das dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, decifração de enredo, uso e escolha de palavras e conceitos.

Portanto, dessa forma, dentro do campo da Nova História e, em específico, da História Cultural, um vasto leque de opções de pesquisas se abriu, ampliando as perspectivas historiográficas com a utilização de novas fontes, o estabelecimento de novos objetos e de novas maneiras de abordagem, encontrando novas possibilidades para o emprego do texto literário como fonte, com sua riquíssima singularidade, tirando pesquisadores de suas zonas de conforto, instigando-os a dialogar com as formas vizinhas de conhecimento humano, edificando novos métodos e outras leituras, na busca de respostas para seus questionários.

Por meio da compreensão da rica relação entre História e Literatura, bem como de sua ímpar contribuição para essa área do conhecimento social no sentido de dar respostas para os problemas postos ao passado, pode-se dizer que a Literatura é um testemunho de seu tempo de origem, uma escrita deste, sendo capaz de oferecer ao historiador indícios e traços do mesmo, os quais outras fontes não conseguem ofertar. A Literatura, desta maneira, deixou de ser um tipo de fonte que até pouco tempo era desqualificada e ignorada por grande parte dos historiadores, passando a ocupar lugar privilegiado nesse campo do saber humano e social.

Coelho tem consciência dessas questões, tanto é que em seu livro “Literatura: indagações e comentários”, onde realiza breves reflexões sobre Literatura, a entende e descreve, de maneira sucinta, como uma forma típica de arte, ou seja, a edificação de um “objeto estético com o material linguístico, de uma língua histórica e culturalmente determinada” (COELHO, 2014, p. 12). Conjuntamente a considera como uma maneira de conhecimento e expressão desse conhecimento, possuindo a metáfora como aspecto inerente. Pondera, ainda, que a literatura se revela em obras fantásticas produzidas por autores que, de uma forma ou outra, contribuíram para guardar alguns dos conhecimentos passados, ou seja, ocorridos à época da narrativa.

Por conseguinte, buscaremos por meio da obra de Coelho, evidenciar o potencial da Literatura enquanto fonte histórica capaz de contribuir sobremaneira com a reconstrução de uma realidade social por meio de seus indícios, vestígios e marcas do passado deixadas e fixadas em suas páginas e que nos ajudarão a compreendê-lo.

## **1. 2 O autor: sua trajetória formativa, prática intelectual e obra**

*“Estou me construindo ainda, estou me fazendo”*  
(COELHO, 2013, p.11).

Aposentado como docente pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, hoje em processo de constituição de uma instituição autônoma, a Universidade Federal de Catalão (UFCAT), o professor Braz José Coelho tem um percurso de vida e de produção intelectual rico e muito extenso, presenteando o sudeste goiano que se tornou palco de inúmeras histórias em suas obras literárias.

Coelho, filho de Glicério Coelho e Maria Vaz Coelho, nasceu em Goiânia, no dia 30 de julho de 1938, “dois dias após o assassinato de Lampião”, como ele mesmo gosta de mencionar (HONÓRIO FILHO, 2011; PAULA, 2005, p. 128). O cangaceiro vinha espalhando terror pelo nordeste ao longo das décadas de 1920 e 1930, ao percorrer o sertão atacando vilas e fazendas, matando pessoas, saqueando propriedades e trocando tiros com a polícia, mas que, descoberto, fora morto a tiros de metralhadora por tropas do governo federal, que já vinha preocupando com a repressão ao cangaço e acabou atingindo o objetivo de exterminar o bando, quando Getúlio Vargas deu o golpe de 1937, instaurando a ditadura do Estado Novo, que tinha como uma de suas bandeiras modernizar o país e via os cangaceiros como uma mancha a ser apagada (WESTIN, 2018).

Aos dois meses de vida, com a família, deixou a capital e se mudou para Silvânia (GO), onde permaneceu por dois anos. Teve mais nove irmãos (HONÓRIO FILHO, 2011). Vindo ao mundo em plena ditadura do Estado Novo, sob a égide de Getúlio Vargas, parte da sua infância foi vivida na cidade de Ipameri (GO), especificamente na fazenda Duas Pontes. Sua trajetória formativa, de modo sintético, iniciou em Catalão, de onde foi para Agudos, posteriormente, voltando para Catalão, daí rumando para Goiânia e retornando às terras catalanas, indo para Uberlândia, regressando para a capital goiana e, por fim, tornando à cidade na qual reside até então, sendo atualmente, professor benemérito no curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

Sobre ser professor Coelho (2009 apud HONÓRIO FILHO, 2009, p. 31) afirma:

[...] é a base, a base minha, se for pensar em termos de uma identidade, a identidade minha está aí. [...] Se não tivesse isso, eu acho que minha vida seria vazia. Não teria, não teria sentido, não é? Não consigo viver sem ter sido professor, sem ser professor, porque embora aposentado, ainda sou professor, dou as minhas aulinhas.

Em matéria no *Jornal do Professor* (2013), Coelho trata sobre quando e como foi o início de sua atividade de docência na UFG, no antigo ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras). Contando mais de quarenta anos de trabalho e falando de algumas dificuldades na estruturação da universidade que marcaram o começo de sua profissão, como a falta de espaço físico, Coelho relatou, também, o terror e as barreiras encontradas para as atividades acadêmicas na época que a Ditadura militar se instalou:

Eu lembro uma vez que o Jorge Amado esteve em Goiânia. Nós do curso de Letras o convidamos para um encontro no ICHL. Existia um coronel que ficava dentro da Universidade, e o coronel não aceitou o Jorge Amado fazer uma palestra lá para nós, porque era considerado subversivo. Resultado: muitos de nós professores recebemos sérias advertências por um ponto assim tão simples e necessário como levar um escritor com o peso de Jorge Amado para dar uma palestra (COELHO, 2013 apud APOSENTADO, 2013, p. 11).

Em “Braz José Coelho: rastros e trilhas” (2011), Wolney Honório Filho apresenta um estudo intercultural sobre a autobiografia do nosso autor e professor. Em meio à narrativa de Coelho, Honório Filho capta características que constroem a identidade e a formação do “Ser Braz”:

O mundo infantil, vivenciado na fazendola, no lombo do cavalo do pai, ouvindo suas histórias, mudou quando passou a morar na cidade. A escolarização formal em Catalão, o ingresso no Ginásio Siena foi modificando quando de sua ida para o seminário. A volta para Catalão, a ida para Goiânia e o retorno, depois de ficar doente e o término dos estudos juntos com o emprego de bibliotecário e os primeiros escritos anunciaram outro Braz. Articulado com o seu tempo e lugar, montou o escritório de contabilidade e depois fez por 4 anos o curso de Direito em Uberlândia. E joga tudo para o ar novamente, abandonando o Direito e indo cursar Letras em Goiânia, entrando definitivamente na carreira docente. E, talvez, quando assumiu a responsabilidade de coordenar o novo curso de Letras em Catalão, em 1986, caminha para um outro perfil, diferente dos demais (HONÓRIO FILHO, 2011, p. 03).

Segundo Coelho, seu encontro com a profissão de Educador foi “sem pensar em ser”, não era algo previsto desde a infância, mas sim resultado de seguimentos aleatórios e circunstanciais, que não foram planejados. Conforme Honório Filho (2011), no ato de Coelho de falar sobre sua história, ressoa a pluralidade de vozes que constituíram seu tempo e espaço de vida social, produzindo e evidenciando, então, uma diversidade cultural. Isso é notado ao tratar sobre as situações por ele vividas, como quando relata acerca do “mundo rural, onde ele nasceu e viveu junto à família os primeiros anos de vida. A influência do pai, com o gosto pela leitura, com suas histórias em cima do lombo de um cavalo. Dos irmãos, no conhecimento das primeiras letras” (HONÓRIO FILHO, 2011, p. 08). Conforme Coelho, sua arte de contar histórias possui forte ligação com as histórias ouvidas do pai desde criança.

Segundo a memória dele, que ele me falava, ele estudou o primeiro livro, o segundo livro e o terceiro livro. Era livro. O professor era um tio dele, que tinha uma escolinha. E esse tempo que o meu pai estudou parece que valeu para muito mais tempo de estudo, porque ele tinha uma vontade assim muito grande de conhecimento das coisas e a leitura para ele era um ponto fundamental. Inclusive gostava demais de literatura. Ele sabia de cor poesias. É, eu, por exemplo, vim a saber quem era Érico Veríssimo através dele. Porque ele lia os livros e contava pra gente quando eu era menino, ele contava as histórias do livro, como se fosse assim, uma coisa que alguém, amigo dele que tava ali e aquelas histórias todas. O personagem, por exemplo, Vasco, do Érico Veríssimo, parece que ele gostava muito desse personagem, então ele falava demais nesse personagem (COELHO, 2009 apud HONÓRIO FILHO, 2009, p. 33).

Tais histórias, contadas pelo pai, e a presença de livros em casa, nos primeiros oito anos de vida numa pequena fazenda em Ipameri, foram marcantes para o menino desenvolver os primeiros gostos pela leitura. Esse ambiente, segundo Coelho, foi para ele fundamental. Isso por volta de 1940 a 46, quando mudaram para Catalão (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 33).

Com esse conhecimento surge e cresce a vontade de descobrir e de aprender por parte de Coelho, como foi, por exemplo, com o aprendizado das primeiras letras com um mestre escola numa instituição rural e a descoberta advinda da atividade escolar de “traslado”,

O traslado era o seguinte: o professor entregava uma, um manuscrito, né, um manuscrito para o aluno e o aluno ia trasladar aquilo para o caderno dele, copiando aquilo. Então era chamado traslado. E aí ele tinha mais ou menos que imitar aquela letra. Então eu lembro muito desse traslado. Eu lembro disso porque depois eu brincava de traslado. Eu pegava um pauzinho qualquer, pegava uma, um recipiente de vidro qualquer, botava água e colocava lá um pauzinho como se fosse a caneta no tinteiro, né, e ficava brincando com isso. É, essa era uma das formas de se aprender (COELHO, 2009 apud HONÓRIO FILHO, 2011, p. 08).

Outro momento marcante se refere à sua escolarização formal, que se deu com a mudança para a cidade de Catalão, na época uma “currutelinha pequena”, onde também estabeleceu ligação com a vida religiosa. O escritor começou essa experiência em escola particular, no Externato São Sebastião, pois por essa época, anos de 1940, havia apenas uma escola pública na cidade. No fim da quarta série, no início dos anos 50, Coelho fez prova de admissão para entrar no Colégio São Bernardino de Siena, dos padres franciscanos, onde aprendeu latim, que juntou ao gosto pela leitura, formando “uma bibliotequinha razoável”, na qual figurava Machado de Assis. Nas dependências desse ginásio empreendeu uma militância religiosa ligada à Juventude escolar Católica (JEC) e à Juventude Operária Católica (JOC) (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 34-36).

Nesse ambiente religioso, apareceu também a perspectiva religiosa como via sedutora ao jovem estudante, o que o levou, a seguir, no final dos anos 50, por volta dos 18 anos de idade, ao Seminário na cidade de Agudos (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 35). Explicando melhor sobre isso, Coelho relata que nessa época “tudo se resolvia em relação à igreja”, sendo ela o grande centro da cidade:

Só para você ter uma ideia: às 6 horas da manhã havia uma missa, todo dia, mas o sino tocava antes das 6:00hs. Primeira chamada, daí mais uns minutos o sino tocava outra vez, segunda chamada e depois ele tocava uma terceira vez que já era o começo da missa. Meio-dia o sino tocava avisando que era meio dia. Às 6:00hs da tarde, que é a chamada hora do ângelus, o sino tocava também, se morria e ia... tinha que passar na igreja. O sino tocava dizendo que alguém havia morrido... você sabia. Olha só isso aí já esta regulando mais ou menos o horário das coisas na cidade, para cidade inteira, né? (COELHO, 2009 apud HONÓRIO FILHO, 2011, p. 08).

O contato com o ambiente e estudo religioso o ajudou no desenvolvimento da intelectualidade e da cultura humanística, ambas consolidadas pela escrita: “Então, o que há necessidade é saber como fazer, desenvolver essa competência da escrita e da leitura, porque na verdade o que importa mesmo são essas duas. Porque toda a nossa cultura está desenvolvida na competência da escrita, até a própria língua, a língua é a da cultura letrada” (COELHO, 2009).

Conforme o escritor, após a saída do Seminário, foi abandonando, paulatinamente, as práticas e ritos religiosos e a situação financeira foi um dos fatores que o fizera sair de Catalão e ir para Goiânia com o propósito de continuar os estudos, matriculando no Liceu, à noite, e tendo de arranjar emprego. Mas, cabe lembrar, ainda, que a influência da corrente católica,

presente no Seminário, que pregava a humanização para evangelizar, o levava a conhecer, por meio do irmão mais velho, as ideias do socialismo, ligadas ao Partido Comunista, embora nunca tenha se filiado, sendo apenas “simpatizante”. “Fora do seminário, outra realidade social marcante: o conhecimento de outras formas de ver a realidade, como a do partido comunista, e o mundo do trabalho” (HONÓRIO FILHO, 2011, p. 08; HONÓRIO FILHO, 2009, p. 36).

Em decorrência de ter adoecido, Coelho voltou para Catalão, onde retornou aos estudos, fazendo o curso de Técnico em Contabilidade na Escola Wagner Estelita Campos, quando arrumou o primeiro emprego de bibliotecário, por volta de 1959, momento marcado pelo centenário da cidade. Por esta época, deu-se o início da atividade de escritor, produzindo seus primeiros textos, como artigos de jornais, crônicas e contos, por volta de 1958, 59 e 60 (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 36-37).

Com a construção da BR 050, Coelho e um grupo de amigos foram fazer vestibular em Uberlândia, sendo aprovado no curso de Direito, da Escola de Direito Jassy de Assis, que cursou durante quatro anos e abandonou no último ano, quando decidiu ir para Goiânia, onde fez vestibular em História e Geografia, na Universidade Federal de Goiás, mas abandonou também o curso devido questões financeiras. A prática da escrita ganhou fôlego quando voltou para Goiânia para cursar Letras, que teve início em 1968. Consoante Coelho, “aí já era o gosto também pela leitura, o gosto pela língua, pela escrita e o início de algumas aulas que eu dava aqui em Catalão”. (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 37).

Segundo Coelho, boa parte de seus contos publicados até o presente momento, e que ainda tem para publicar, foram escritos durante essa época. Tais textos literários foram construídos no decorrer do tempo, diante das experiências vividas:

[...] lá em Goiânia eu escrevi vários contos. Aí já estava a mudança, porque lá em Goiânia já estava em plena ditadura, e os contos que eu escrevia lá já eram contos que tratam dos problemas de uma cidade grande. Não igual aqui, porque aqui eram contos de uma cidadizinha interiorana, ou era na roça, né, os personagens eram mais ou menos ruralistas ou dentro de uma cidadizinha pequena, ou de um bairro, por exemplo. O bairro lá da rua da grotá, que vivia em função da charqueada, que era uma atividade bastante pastoril (COELHO, 2009 apud HONÓRIO FILHO, 2011, p. 09).

Terminado o curso de Letras, passou a dar aula no Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG e, no mesmo ano, começou seu mestrado em Linguística, fruto de um convênio da universidade federal com a USP, sendo aluno de Alfredo Bosi, dentre outros professores que ficaram em suas lembranças. Nesse período, ligado também à escola de aplicação da

UFG, vinculou-se à Universidade Católica de Goiás, e em 73, prestou concurso para o departamento de Letras do ICHL, começando a trabalhar no Instituto e deixando o colégio de Aplicação. Anos mais tarde, em 1986, tornou-se responsável pela criação do Curso de Letras no Campus avançado de Catalão, projeto relacionado com o regime militar no intuito de avançar rumo à ocupação do oeste brasileiro criando um local de cultura que, depois de formado, deslocaria para outras cidades do interior (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 37-38).

Porém era projeto do professor criar condições para transformar Catalão em uma unidade permanente, com a presença de novos cursos, o que não foi apoiado pelo MEC e levou Coelho a estabelecer, como estratégia, um convênio entre a Universidade Federal com a Prefeitura Municipal de Catalão para contratar os professores necessários concursados pela instituição. Com criação de outros cursos, em 1988, ampliaram a responsabilidades da universidade no interior e a demanda de assinar novos convênios, iniciando um ciclo que não teve mais volta, rompendo com a concepção de cursos itinerantes. Nesse contexto, em 1990, Coelho foi nomeado Diretor do Campus Avançado de Catalão, permanecendo no cargo até 1994. No período de 2000 a 2005, o professor cursou doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Hoje é aposentado (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 38-39).

Em 2013, aos 75 anos, Coelho se recusou a aceitar a situação de ter que se aposentar aos 70 anos, como é obrigatoriedade ao servidor público. Por isso, continuou a ministrar aulas na graduação e na pós-graduação em Letras como docente voluntário, sem receber nenhum auxílio além de sua aposentadoria. Foi aceito nessa condição, conforme as normas da instituição, por possuir produção científica, cultural ou artística reconhecida, e não conformar em ser uma espécie de “inativo”, de não ter mais capacidade de trabalhar (APOSENTADO, 2013, p. 11).

No que diz respeito à sua condição de escritor, pode-se mencionar tanto textos teóricos e acadêmicos, quanto aqueles propriamente literários. Sua produção corresponde a estudos na área da Linguística e como também no campo da Literatura (contos, poesias, crônicas e outros). Em ordem cronológica suas obras teóricas no campo da Linguística publicadas são: *Guia Curricular de Comunicação e Expressão-Língua Portuguesa* (1974), *Licenciatura Parcelada Experimental - uma proposta de melhoria do ensino de 1º grau* (1977), *A comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas* (1985), *Educação e Linguagem: reflexões ligeiras* (1991), *A comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas* (2005), *Linguagem: conceitos básicos* (2005), *Estrutura e Funcionamento da Língua Portuguesa* (2006), *Educação e Linguagem - reflexões ligeiras* (2007), *Linguagem - lexicologia e ensino*

*de português* (2008), *Unidades fonológicas do português* (2008), *Unidades Morfológicas do Português* (2011) e *Formação de palavras - textos de apoio a aulas* (2013).

Seus textos literários se constituem de poesia, contos, crônicas e novela. Os livros de contos são: *Peonagem e cabroeira* (1971), *Os cães e a rede* (1987) e *Rastros e trilhas* (2009); e de novela: *Um homem e uma família* (1997). Os de poesia são: *Uma intenção de poesia* (2005) e *A obrigação da inquietude* (2010). No gênero crônica figuram: *Nas trilhas do tempo* (2011), *Raízes do tempo* (2012), *Sombras do tempo* (2015) e *Rumores do tempo* (2019). Além disso, em sua produção bibliográfica, figura a participação em várias Antologias, além de diversas publicações de capítulos de livros e textos em periódicos, em jornais e revistas acadêmicas.

Coelho recebeu algumas premiações, sendo elas relacionadas às obras: *Rastros e trilhas* (2009), *A obrigação da inquietude* (2010) e *Raízes do tempo* (2012). O primeiro é um livro de contos, o segundo poemas e o terceiro de crônicas, os quais foram premiados pelo *Programa Catalão em Prosa e Verso*, desenvolvido pela Academia Catalana de Letras (JERÔNIMO; GEMENTI, 2015, p. 122). A obra *Um homem e sua família* (1997) recebeu Menção honrosa no Concurso José Décio Filho, em 1990, na categoria de ficção.

### **1.3 Algumas leituras sobre a obra de Coelho, em especial acerca de *Um homem e sua família***

A produção literária de Coelho figura passagens e paisagens vividas por ele e por outros, que emergem em um processo de reminiscências, de afloramento de memórias individuais e sociais, ao agregar lembranças “de muitos olhares”, do vivido, do visto e do imaginado. O projetar momentos e lugares da cidade de Catalão, com aspectos típicos da cultura e do espaço físico local, na escrita de Coelho, denota criatividade e atenção ao repertório cultural, linguístico e humano experienciado e praticado pelos habitantes da região, permitindo que acompanhem a transformação do sujeito enquanto ser social e histórico e da própria sociedade.

Augusto Goyano e Álvaro Catelan (1970) apontam que a temática e as características regionais nas obras esparsas de Coelho, antes surgidas, mantém os caracteres e traços específicos e representativos da região e, por isso, o escritor poderia estar, no futuro, entre os maiores nomes da literatura goiana em decorrência dessa representação significativa em suas produções literárias. Por essa época, 1970, o autor já havia publicado um trabalho literário em uma antologia, *Antologia do conto Goiano*, de 1969, e publicava novo texto na *Súmula da*

*Literatura Goiana*, de 1970, que Goyano e Catelan organizaram. Em seguida, já em 1971, figurava outra nova contribuição sua na *Antologia do novo conto Goiano*. Já em 2000 seu nome foi inserido no *Dicionário do escritor goiano*, de José de Mendonça Teles, no qual figura em um verbete com dados biográficos e indicação de sua obra.

Conforme Goyano e Catelan (1970), que elaboraram, segundo Anjos (2009, p. 72), a *Súmula*, um livro voltado para servir de apoio didático para os alunos conhecerem mais intimamente a Literatura de Goiás, observando suas características e conhecendo seus autores mais importantes, referindo-se a Coelho consideram que:

Pela produção esparsa pode-se entrever um escritor de talento, sabendo explorar a temática regional em suas características mais especiais, mais representativas. Sabe manter o interesse do leitor. Jovem ainda, deverá, em breve, estar entre os maiores nomes da literatura de Goiás. Bom observador e fixador de tipos característicos. Na poesia é modernista com muita força de expressão.

Nesse sentido, consoante Barbosa (2001), tratando da linguagem do escritor, os neologismos usados reforçam a capacidade de mudança que o sujeito passa no decorrer do tempo, e junto com ele, a língua também, com as interferências de outros mecanismos socioculturais. Desta forma, o neologismo é um dado, fator linguístico e cultural que representa uma ideologia, uma visão de um momento específico da história, sendo que as novas unidades lexicais se originam conforme as necessidades do meio social (BARBOSA, 2001).

Aqui podemos mencionar, considerando a novela *Um homem e sua família*, o uso que Coelho faz de expressões linguísticas peculiares da cultura popular e sertaneja do estado, que dão a seus personagens marcas do lugar e da região, tais como: “Oras se! – como não!” (COELHO, 1997, p. 14, 16, 20, 21, 22, 31, 44), “Ara senhor!” (COELHO, 1997, p. 50, 100), “Sim senhor, ‘nhor sim” (COELHO, 1997, p. 20), “guspe de gente” (COELHO, 1997, p. 38), “conto pr’ocês” (COELHO, 1997, p. 67, 86), “ranjei emprego” (COELHO, 1997, p. 22, 27), “ranja serviço” (COELHO, 1997, p. 67).

Conforme as palavras de Coelho, citadas por Miguel Jorge (1971, p. 6-7), no prefácio de *Peonagem e cabroeira*, “Meus personagens são feitos e apresentados com o material linguístico”. Assim, conforme o prefaciador, “as palavras foram usadas com objetividade, com dimensão maior dentro do coloquial.” Jorge considera que se pode concluir que o livro foi escrito também em função da forma, que exige de cada peça um equilíbrio, uma unidade”.

E se o contista “focaliza os fatos de frente, como uma câmara fotográfica, focaliza-os também pelos ângulos menos usados, impondo nova realidade a partir da realidade.” Portanto, possuindo temática “que é toda catalana”, o escritor “teceu a beleza de sua narrativa agressiva, entrecortada por diálogos profundos e sinceros”.

As temáticas encontradas na produção literária de Coelho são delineadas por temas rurais e urbanos, centralizados na cidade de Catalão, na atividade agrária e na luta pela terra, como também em traços do seu imaginário, do uso da língua, do tempo de menino em que vivia na roça, no interior de Goiás. Diante do seu vasto conhecimento acerca dos estudos sobre a língua, especificamente no que diz respeito ao português falado no Brasil, os neologismos empregados nos seus textos literários só confirmam a estima que o escritor tem pela língua e por suas variáveis (JERÔNIMO; GEMENTI, 2015, p. 122).

Atentando à Literatura goiana, de modo mais amplo, observamos que temas e características estilísticas, em conectividade com lugares, tempos e memórias são recorrentes. Esses aspectos também permeiam e marcam a literatura coelheana, e, inclusive, obras anteriores de outros escritores do estado, como, por exemplo, *Tropas e Boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos (1895 – 1921), cujo princípio retoma a construção social de Goiás. Segundo Albertina Vicentini (1997), a narrativa de Carvalho Ramos é caracterizada pela heterogeneidade, apresentando a imagem do homem na intenção de revelar dois mundos: o interior, da alma humana, e o social, do direito do ser humano. De um lado, estrutura-se no relato regionalista (aliado às reações do homem ao seu meio ambiente), e do outro, oferece inovações de acordo com as mudanças originadas no século XX.

Bernardo Élis, por sua vez, é outro escritor influente nesse campo, ao compor seus textos focando o eixo histórico e social da região e do estado. Suas obras tematizam e possuem um caráter mais realista, porém, ainda nos fios do universo ficcional, mostra as dificuldades de uma sociedade definida pela manipulação de poder:

além de tratar do homem telúrico, Bernardo Élis faz referências precisas ao espaço, à região e, assim, o homem é identificado com o seu meio nas dimensões culturais e sócio-econômicas de sua vida. Em toda a obra de Bernardo Élis, o homem ou é senhor pela força, ou é submetido a uma força maior e tudo o que ela pode ocasioná-lo. Portanto, haverá sempre a dicotomia senhor-escravo, na qual notamos os fatores de opressão social, reveladas através da linguagem em que o autor denuncia as cenas mais duras e reais vividas pelo povo goiano, marca da “criatividade e ousadia que acompanham toda a sua produção literária, do primeiro livro de contos ao último” (OLIVAL, 1998, p. 156).

Tanto Carvalho Ramos como Élis são considerados pioneiros ao tratar com realismo a vida sertaneja. A distinção entre os dois está no fato de que Élis é visto como modelo de uma nova posição regional na área da literatura, que requer uma nova postura no figurar o tipo humano, o qual esteja atrelado aos costumes, às tradições, aos mitos, às lendas e à oralidade, próprios das regiões goianas (OLIVAL, 1998). Élis expressa uma nova etapa na literatura goiana, na qual o homem é absorvido pela expressão mental e sociocultural, configurando o homem regional, que, por meio de “aspectos de caráter e de sentimentos, nos será permitido vislumbrar, nesse ser ilhado e sofrido, dimensões, também, da alma universal” (OLIVAL, 1998, p. 149).

Esses escritores extraíram temas do cotidiano, da realidade que viviam, escrevendo sobre múltiplas práticas e realidades sociais, culturais de uma determinada sociedade, na qual essas práticas se estabeleceram, constituindo-se uma espécie de acervo de memórias, tanto individuais quanto coletivas, do estado e das regiões do território goiano. Nessa abordagem sobre a memória enquanto identidade de dado indivíduo ou coletividade, Nora (1993) explica que a memória é determinada pela lembrança do passado, erguendo-se do grupo que é unido por ela, e devido a isso vive constantemente presa a certos espaços sociais, culturais e temporais.

Nesse sentido, a literatura goiana vem desde o início de sua produção se inspirando e estando articulada com a vida sertaneja, tematizando sobre as religiosidades, as tradições, o folclore e as festas populares, servindo também de escopo para falar de outros temas centrais e universais. Lembremos que os temas tratados na literatura goiana em si, bem como o estilo e as características, resultam-se de várias transformações socioculturais e de se alimentar de temas próprios da região, como nos ensina Machado de Assis, que ao tratar da questão na nacionalidade de uma literatura destaca certo instinto e sentimento íntimo que a torne fruto de um tempo e lugar. Ele reflete:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecem. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço (MACHADO DE ASSIS, 1955, p. 135).

Assumindo características e traços próprios das terras e do povo goiano, conforme reflete Machado de Assis, nota-se nas obras de Coelho também caracteres e temas que representavam aspectos da literatura de Goiás, como ainda a relação da memória com a

identidade de um lugar. Mas, consoante Jason de Paula (2005, p. 143), os temas de Coelho, até então gastos, ao fazer esse percurso, ganham vitalidade, ao se relacionam com a realidade nacional. Suas temáticas mantêm o cheiro e a cor do regional, mas esse regional pode ser transportado para realidade maior sem perder a consistência estilística literária. O regional em Coelho é uma das faces de uma realidade maior sem perder sua autonomia. Em outras palavras, ele não caiu na forma do provincianismo e a universalidade de sua obra literária, embora assentada em motes considerados como regionais, pois traz à baila problemáticas que podem perpassar quaisquer pessoas em lugares outros que não apenas o regional.

Nesse contexto e sentido, embora publicada, em 1997, a novela *Um homem e sua família* foi, até então, pouco estudada na academia, sendo, portanto, um dos objetivos deste trabalho, que se não preencher essa lacuna, ao menos possa contribuir para adensar as pesquisas e reflexões sobre ela, bem como acerca da fortuna crítica do escritor.

Em busca realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos dois trabalhos referentes à obra que constitui o *corpus* documental de nosso trabalho. Trata-se da dissertação de mestrado de Jason de Paula, desenvolvida no curso de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, intitulada: *Inventando o progresso: a construção de imagens e a modernização em Catalão (1959 – 1970)*, defendida em 2005, que aborda a novela, porém é analisada apenas no último capítulo da mesma; a outra dissertação de mestrado sobre esse texto de Coelho é de Erlane Gonçalves da Silva, intitulada *Estigma e pobreza: um olhar panorâmico nos espaços do romance Um homem e sua família*, defendida em 2015, oriunda de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

Paula (2005), no capítulo de sua dissertação denominado *A modernidade em Goiás em Um Homem e sua família, de Braz José Coelho*, discute alguns aspectos da modernidade na cidade por meio da referida obra, examinando representações do processo de mudanças vivenciadas no Estado e em Catalão. O autor aborda a construção de imagens e dos aspectos modernizadores que estiveram presentes na História da cidade de Catalão a partir das comemorações de seu centenário ocorrido em 20 de agosto de 1959, quando a elite política local, visando manter-se no poder, elegeu, conforme o pesquisador, “esta efeméride” como marco no desenvolvimento material e cultural da cidade, transformando em geral um discurso particular. Para essa elite, a partir de 1959, a cidade reescreveria as páginas de sua História, deixando para trás um tempo de coronéis e jagunços, esforçando-se em construir e publicizar uma imagem de superação de tal passado, ao elaborar um conjunto de transformações que estariam em curso na cidade durante aquele momento.

Mas, do ponto de vista de Paula (2005), em contraposição a esta imagem do progresso, pode-se encontrar outra, que se detém não nos traços de modernização, mas nas contradições deste processo por meio do olhar “estrangeiro” de uma família de migrantes. Tais imagens revelam disputas de representações acerca do centenário e apontam múltiplos olhares sobre a cidade. Coelho, ao representar a experiência humana de um estrangeiro, tem a intenção de mostrar como a propaganda sobre a cidade estava sendo recebida, e desconstruída, fazendo um questionamento de até que ponto ela teria validade.

A narrativa que teve uma primeira versão escrita por volta de 1959, depois desenvolvida ao redor de 1967, que foi retomada por volta de 1970, advém, consoante Paula (2005), de um contexto e período marcados pelo otimismo atrelado às propagandas oficiais, que enalteciam o progresso e a modernização, que realizavam apologia a tais aspectos e seus símbolos, como era comum nos governos militares, indica duas imagens antagônicas da cidade de Catalão; (i) uma em conformidade com o ideário e imaginário do progresso afeito à elite e associada ao espaço central da urbe, e (ii) outra referente à periferia e às mazelas sociais daqueles esquecidos por tais benesses, que as classes abastadas procuravam escamotear. Escrita nesse contexto e momento, considerados pela elite como de retomada do progresso e de avanço econômico, associados à instalação das mineradoras no município, o texto expressa a contradição nas experiências de vida de segmentos da sociedade distintos e antagônicos, com práticas desiguais e modos divergentes de experimentar a existência na cidade (PAULA, 2005, p. 46, 67-68).

Silva (2015), por sua vez, aborda a espacialidade da cidade, em uma perspectiva descritiva da casa e do quintal conforme os registros da referida novela, atentando para as relações existentes entre os membros da família e os espaços ocupados. Para tal, a investigação recorre aos subsídios teóricos e conceituais encontrados na obra de Bachelard e de Lotman, dentre outros, no intuito de verificar os espaços presentes no texto e sua relação com outras categorias narrativas, bem como os efeitos de sentido que produzem. Assim, a autora trata das interações dos personagens com o espaço, da formação do percurso espacial na obra, das funções do espaço da narração e das vivências e experiências das personagens desde sua partida do norte do Estado, passando pela viagem até chegarem na cidade de Catalão e se instalarem no casebre à margem da ferrovia.

Em decorrência do quantitativo reduzido de trabalhos acadêmicos, esta investigação que aqui empreendemos, vem aprofundar e complementar aqueles já citados, reforçando a importância dessa obra para estudar e esclarecer aspectos relevantes da realidade social nela figurada, além de poder contribuir para adensar as leituras e análises desse texto de Coelho.

Em seus escritos ficcionais, Coelho aborda as características sociais e culturais, a singularidade do povo goiano e o cheiro e a cor de Goiás sem perder a oportunidade de falar da (des) aventura do ser humano e sua luta pela sobrevivência. Sua literatura retrata o homem dos sertões e cidades interioranas, os conflitos que encontram na vivência desses personagens, ao se aventurar na busca de uma vida melhor nas grandes metrópoles (SILVA, 2015, p. 9).

Esses conflitos são bem representados na novela *Um homem e sua família* (1997), na qual as condições e oscilações climáticas, como a seca, bem como as relações de produção estabelecidas, “à meia”, que serviram como pano de fundo para retratar a paisagem física infértil e hostil, bem como os acordos ou tratos de trabalho e produção desfavoráveis de Porto Nacional<sup>2</sup>, que impulsionaram o êxodo e a migração daquela família. No nordeste do estado, a família de lavradores preparava a terra, distocava, plantava, limpava a roça puxando enxada e “esperava pelo tempo bom que sempre não vinha na medida de suas esperanças, e, no depois de muita trabalhadeira, colhia à meia o que Deus deixava e um solão obtuso permitia [...]” (COELHO, 1997, p. 15).

Para além das condições climáticas desfavoráveis, também o era o sistema de meeiro, uma das diversas formas sob as quais se organiza o trabalho e as relações de produção existentes no campo brasileiro. Entre os distintos grupos de trabalhadores rurais, o dos meeiros se caracteriza por pré-estabelecer a divisão ao meio do que foi produzido, entre o proprietário da terra e o trabalhador. Conforme esse sistema, o acordo fixa a divisão ao meio entre o trabalhador e o dono da terra, que disponibiliza e cede o espaço agrário, enquanto, em contrapartida, o primeiro entra com a força de trabalho, os insumos e instrumentos de produção, e, ao final da safra, divide-a pela metade, sobrando com nada ou quase nada (VERMOHLEN, 2017).

De acordo com Silva (2015), essa temática, e podemos dizer esse conjunto de questões que, por certo, ainda é muito atual, nos remete à outras produções literárias que também nos levam a conhecer, através da ficção, a realidade do norte e nordeste do país e do homem que foge da seca e de condições sociais de existência e de produção hostis, na tentativa de sobreviver em outras regiões. Entre os nomes que trabalharam esses temas, destacamos José Américo de Almeida, que marcou época com a narrativa *A bagaceira* (1978), bem como Rachel de Queiroz, com *O quinze* (1930), que se tornaram representantes desta vasta gama de autores que se utilizam das intempéries, como a seca, e de formas de interação social e de

---

<sup>2</sup> Município localizado, atualmente, no estado de Tocantins, mas surgido em meados de 1738, quando a região ainda era parte do norte de Goyaz.

trabalho para nortear suas estórias, assim como Graciliano Ramos, em *Vidas secas* (1938), o mais conhecido dos autores dessa vertente regionalista (SILVA, 2015, p. 10).

Ainda em consonância com Silva (2015), a novela, que constitui o *corpus* documental de nossa pesquisa, parece-nos que dialoga com esse último romance, isso porque também denuncia o abandono e a luta das famílias para criarem seus filhos nas regiões assoladas pela seca e abandonadas pelo poder público, além de serem, tais condições hostis, o estopim que os leva a migrarem.

A construção do enredo se dá pela memória das personagens, que transporta o leitor para um passado não muito distante, lugar onde nasceram e tiveram suas experiências de vida até dias antes de decidirem partir rumo ao desconhecido em busca de uma vida melhor e o tão sonhado emprego que lhes daria sustentação financeira. Desde o início da narrativa, podemos perceber que a mudança não fora positiva para os migrantes (SILVA, 2015, p. 10).

Conforme Paula (2005, p. 22), esse grupo familiar serviu para que o autor mostrasse o outro lado da moeda da propalada modernização, contrapondo a marginalização, desumanização e pauperização dos migrantes à euforia presente nos discursos da elite.

A vida desta família será o objeto de Coelho para pensar a euforia de modernização tão propalada pelos políticos da época. Ele a tomará para discorrer sobre as promessas não cumpridas, as discussões fragmentadas e as esperanças frustradas.

Consoante Silva (2015, p. 10), podemos perceber na trama aspectos importantes da cidade real ficcionalizados por Coelho, o que nos proporciona uma visão mais ampla e abrangente dos aspectos sociais que permeiam o espaço urbano catalano. Temos a visão de uma cidade do interior, pacata, com minguadas possibilidades de emprego, mas marcada por um imaginário do progresso que escamoteia seu lado negativo e mascara seus malefícios. Por isso, a esperança de reverter a situação financeira daquela família se vê frustrada, mesmo sendo ínfimos os seus desejos, um emprego fixo, uma casa para morar, que fosse realmente sua e escola para os filhos.

A novela de Coelho, desta forma, é uma crítica à sociedade capitalista, fraturada, dividida entre aqueles que possuem dinheiro e os que não o possuem, ou seja, uma divisão de classe que define as possibilidades de acesso aos bens produzidos e ao seu consumo dos mesmos (SILVA, 2015, p. 25). Estudar os espaços, por meio dela, permite-nos conhecer a forma degradante de vida dos personagens em sua terra natal, mas também a submissão e o

estado de animalização como eram tratados pelo motivo de serem pobres (SILVA, 2015, p. 90).

As lembranças de vidas malfadadas estavam a todo tempo às voltas dos personagens, em seus pensamentos e sentimentos, pois o espaço exterior apresenta-se articulado ao interior, é permeado de lembranças de objetos, gestos, sons, cores, dentre outros, que despertam sensações e conduzem ao devaneio, vindo de experiências pessoais ou sociais, agradáveis ou não. Assim, Silva (2015) conclui que as personagens carregam tristezas e falsas expectativas, sendo o espaço fundamental para compreender os anseios e as frustrações daquela família na cidade de Catalão, com suas mudanças, quase todas negativas (SILVA, 2015, p. 90).

Desse modo, Coelho, atento às características, temas e traços específicos do estado, da sociedade e cultura do povo goiano, produz representações de muitos aspectos da existência em Goiás, abordando questões como a memória, a história e a identidade do povo do lugar, como aquelas da cidade de Catalão, sendo objeto de estudo e de reflexão de intelectuais e pesquisadores. Nos contos de *Rastros e trilhas* (2009), encontramos estas características. Segundo Coelho, essas narrativas foram escritas nos tempos de juventude e deveriam compor o seu primeiro livro, *Peonagem e cabroeira* (1971). Para o autor, consoante o prefácio de *Rastros e trilhas*:

Cinquenta anos, meio século, separam, pois, a publicação da feitura dos contos que compõem o presente volume. Foram escritos numa época em que Catalão era uma cidade muito ligada às atividades rurais, às atividades roceiras, e o imaginário da época refletia essas atividades e lutas pela posse e distribuição das terras, por isso trazem a marca daquele tempo e também a marca da escrita de um principiante.

Publicar *Rastros e Trilhas* significa, para mim, uma espécie de resgate – resgate não só dos contos engavetados, mas do que já foi nossa terra e sua gente, um como recuperar a memória de como as pessoas respondiam aos problemas que suas existências concretas, cotidianamente, lhe apresentavam. E não podemos nunca mais esquecer – nós viemos de lá, é ali que estão as raízes que nos sustentam.

Estas, as razões que me levaram a publicar este livro, composto pelas minhas primeiras tentativas de fazer literatura. (COELHO, 2009a, p. 11-12).

Conforme Miguel Jorge (1971, 5-6), já prefaciando *Peonagem e cabroeira*, esses escritos que contam experiências adquiridas em exercícios do dia a dia na adolescência e na vida no bairro da Rua da Grota estão ligados à cidade de Catalão, mais precisamente ao bairro de operários que viviam entre o cheiro do curtume e as duas charqueadas, e dele se impregnam, possibilitando ao leitor tomar conhecimento de um mundo agressivo, às vezes místico, mas sobretudo humano. Por isso, esses contos adquiriram uma forma apropriada colocando a

realidade viva ao sabor de uma técnica previamente estruturada. Nesse universo, vários contos, dentre eles “Um homem, sua mulher, seus filhos - a vida” (1971), ali presente, apresenta contribuições pessoais do autor para a questão regional, trazendo “para dentro do regional, contribuições outras, pessoais, demonstrando o desejo de renovar o gênero, libertando-se do esquema rígido de contador de casos”. Dessa forma, arriscando uma definição para as histórias curtas de Coelho, as define “como flagrantes de uma realidade recriada pelo artista”.

A escrita de Coelho prima pela inversão da forma de apresentar alguns temas. Preocupado com a forma como a literatura em Goiás trata os temas comuns do cotidiano, Coelho abandona o esquema do “contador de caso” nos seus contos. Sua abordagem literária renova temas já gastos pela capacidade de também renovar a forma estilística de como trabalhar estes temas. (PAULA, 2005, p. 143).

Suas histórias, conforme menciona em *Sombras do Tempo* (2015), são repositórios de memórias e paisagens diversas, físicas, psicológicas, sociais, sonoras, emotivas...; transitam entre formas diferentes, sejam das épocas e situações, possuindo perspectivas mutáveis, sendo expressão de um modo de olhar, como ao mirar “uma paisagem qualquer, urbana ou roceira”, quando vê “não só tal paisagem, mas também a experiência de paisagens que [foi] produzindo e acumulando durante [sua] vida.” Assim, conforme o escritor, “Há no meu olhar a memória de muitos olhares”:

O meu olhar nunca é apenas uma produção da imagem, algo que refletiria a realidade que me circunda, como se fosse um retrato, algo mecânico e automático estimulado pela ação da luz e de meus olhos abertos. É também o meu modo de ver e olhar, o meu modo de ser e de estar, o modo pelo qual capto o que está fora de mim. Incorporam-se no meu olhar todas as experiências, crenças, ilusões, sentimentos, valores, ideários e imaginários que tenho do mundo, das coisas, pessoas e de mim mesmo. Por isso, a realidade, para mim, é sempre vista e apreendida de formas diferentes, nas diferentes épocas, situações e perspectivas diversas. Quando olho uma paisagem, eu a vejo com os meus olhos e com a memória de todas as paisagens que já vi ou imaginei (COELHO, 2015, p. 13).

Em as *Sombras do Tempo* (2015), Coelho concebe o espaço literário como lugar de suas memórias, e em específico lugares próprios da cidade de Catalão, sendo, então, para nós, formas de conhecimento sobre a cidade. As narrativas se costumam como um “lugar de memórias”, tanto individuais e sociais (NORA, 1993, p. 7), uma vez que sua escrita revela uma vontade de organização das lembranças, dos pensamentos, da imaginação e de entender suas memórias, sendo agente constituinte da história da cidade de Catalão.

De acordo com Regma Maria dos Santos (2017, p. 94), seu livro *Raízes do tempo*, que reúne crônicas escritas ao longo de aproximadamente quatro décadas e que foram organizadas seguindo uma lógica temática, é um lugar do sensível e de lembranças: “Aqui a sensibilidade do artista, do leitor e do escritor forma o fio de um conjunto de reminiscências sobre práticas de vida e de escrita”. Para ela, “Ao terminar a leitura do livro, conseguimos compor um quadro no qual estes escritos esparsos ganham coesão, sentido, pertinência, por mais diversos que sejam os seus temas, por mais dispersos que sejam os períodos temporais entre a escrita de um texto e outro”.

No entanto, acreditamos que tal característica - a preocupação com o tempo - perpassa também outros escritos ficcionais de Coelho, não apenas as crônicas, mas também a atenção dada ao espaço. Nesse sentido, I (2017, p. 96) expõe

Outra preocupação presente nos escritos do autor é em relação ao Espaço. Em várias de suas crônicas, os apresenta com toda sua complexidade. Para ele o espaço não é apenas lugar, físico, vivo e material, mas também afetivo e onírico. É interno e externo. É resultado da relação construída entre o ambiente físico (paisagens, serras, árvores, rios, “corgos”, animais) e também no ambiente social (pessoas, preconceitos, festas, valores, cultura). Para ele estes elementos criam a dimensão memória-tempo no universo de sua história particular.

A autora nos chama atenção ainda para a constituição de uma cultura e de um imaginário roceiro nos escritos de Coelho, mesmo naqueles voltados para o espaço urbano, onde aparecem costumes, hábitos e valores que permeiam a existência corriqueira dos cidadãos. Para além do mundo concreto e exigente da sobrevivência, convivem aspectos místicos, divinos e mágicos que foram transpostos do universo rural para o urbano, compondo esse imaginário, como expresso, por exemplo, na linguagem utilizada. Dessa forma, ao expressar conforme essa cultura e imaginário, o escritor nos oferece “uma rica e detalhada descrição sobre modos de vida e sobrevivência no sertão e nas pequenas cidades do interior brasileiro” (SANTOS, 2017, p. 100, 104, 106).

O autor além de escritor e professor é legítimo representante da literatura produzida em Goiás na contemporaneidade. Braz José Coelho tem seu nome ligado à literatura goiana, logo brasileira, ao longo das últimas décadas e também aos estudos linguísticos, área em que dedicou a maioria de suas pesquisas (SILVA, 2015, p. 11).

Entre suas narrativas curtas, destacam-se seus livros de contos, entre eles sublinhamos: *Peonagem e cabroeira* (1971) e *Os cães e a rede* (1978), que foram adotados nos vestibulares das Universidades Federais e Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Cabe aqui mencionar

que a novela, objeto de nosso estudo, origina-se de um conto presente em *Peonagem e Cabroeira*, denominado “Um homem, sua mulher, seus filhos – a vida”, escrito ou finalizado em dezembro de 1967, mas que fora produzido, inicialmente, por volta de 1959, e que deveria se chamar “O centenário”, conforme Coelho. Ajudando a estabelecer o contexto primeiro da produção do conto Honório Filho, esclarece:

Trata-se de uma perspectiva contrária ao imaginário dominante em Catalão durante o centenário da cidade, de que as coisas estavam mudando, crescendo, se desenvolvendo. O olhar do professor Braz via que isto era apenas discurso, pois o emprego, que era fundamental na vida do homem, não existia para todo mundo. Algum tempo depois, inclusive, muda o título da novela para “O homem e sua família” (HONÓRIO FILHO, 2009, p. 37).

Conforme Paula (2005, p. 18-19), Coelho, na novela *Um homem e sua família*, na contramão de uma visão um tanto determinista da história da cidade, atento às contradições da sociedade e ao caráter múltiplo da constituição da urbe, como contemporâneo dos demais sujeitos, não compartilhou do referido imaginário, trabalhando de modo a desconstruir a imagem oficial produzida ao ter posição de crítico, que pode ser encontrada tanto na problematização local quanto pode ser estendida à realidade goiana mais ampla, na medida em que critica alguns estudiosos que pensam Goiás pelo viés da modernidade sem se preocuparem com o reverso desta questão.

Ainda, de acordo com Paula (2005, p. 19), aqui, torna-se necessário esclarecer acerca de relação existente entre o referido conto e a novela de Coelho. O conto, fora inicialmente pensado na forma de romance, mas ao ser abandonado esse projeto, foi incluído na coletânea como conto-novela. Impossibilitado de produzir o romance, Coelho resolveu transformá-lo na novela, publicada em 1997. Para Paula, mesmo sendo o conto a base da novela, entende-se que são obras distintas, pois aquele, concluído em 67 e publicado em 1971, quando transformado em novela, assumiu outra dimensão. Embora seja uma reelaboração, reescritura de temática trabalhada anteriormente, devido às conjunturas dos dois momentos de publicação, carecem de reflexões diferenciadas. Se no conto se há de ser mais sucinto do que numa novela, sabe-se que o escritor não fez nessa apenas uma *complementação* das ideias adiadas pela impossibilidade do romance. O conto é produto de um autor ainda “jovem”, que acabara de sair da universidade e que vivia o conturbado período da ditadura militar brasileira. A novela se insere em outro momento da vida do autor e em outro contexto político.

Dessa forma, cabe aqui esclarecer que embora encontremos em alguns textos a indicação de que *Um homem e sua família* seja um romance, em outros deparamos com a menção

de que é uma novela. Mas, seguindo as reflexões de Paula, acima expostas, optamos também por considerar esse texto como novela.

Refletindo, também, sobre a produção de Coelho, Ismene Fernandes da Silva, analisando o livro de crônicas *Sombras do tempo* (2015), que apresenta muitos aspectos e questões presentes na novela *Um homem e sua família*, considera e destaca o trabalho de lida com a memória presente na produção coelheana, ressaltando que aparecem articulados à determinados grupos sociais, formando uma identidade para o lugar e seus habitantes. Notamos que na obra vários episódios mencionados estão inseridos e são marcos do imaginário social da cidade de Catalão, tornando o texto um lugar de memórias, tanto do escritor, quanto dos que ali moravam.

Muito das temáticas de Coelho (2015) tem a ver com as memórias da cidade de Catalão, no livro *Sombras do Tempo*, estão presentes em crônicas da cidade, numa multiplicidade de histórias. Nessas histórias percebemos a abordagem do rural ligado ao urbano, as sociabilidades, os lazeres, os lugares de fronteiras da cidade que vão além do mapa físico, os lugares de memórias para recriar o imaginário da cidade com suas representações, as experiências de memórias, as noções de identidade/pertencimento, as mudanças, as transformações, o esquecimento (SILVA, 2017, p. 37).

Pensando no enredo e na trama de *Um homem e sua família* e nos contextos em que o texto foi originalmente escrito, depois reescrito e reelaborado, como antes mencionado, podemos pensar nas reflexões Chartier (1990, p.17) acerca das lutas de representações que são erigidas entre os grupos sociais existentes, “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”. Nessa perspectiva, segundo o autor, as verdadeiras lutas de representações dos sujeitos são construídas no campo cultural e social, sendo políticas, e nesses embates e confrontos, as bases populares se apoderam de espaços sociais por meio da memória. As memórias, que, segundo Levi (2000), constituem uma herança imaterial de uma cultura própria, que não pode ser tocada, mas vista e observada no comportamento e na sensibilidade dos indivíduos em sociedade.

Nas produções literárias de Coelho, as lembranças são importantes para conhecer os lugares e as pessoas, que, mesmo sendo comuns, são as que efetivamente fizeram parte da história da cidade de Catalão. Portanto, esses lugares e sujeitos fazem parte, simbolicamente, do imaginário social da cidade e de seus habitantes (SILVA, 2017, p. 39).

É por meio dessas artimanhas e percursos que Coelho tece e enreda seus textos como forma de neles fixar ou ancorar as lembranças coletivas da cidade de Catalão, sendo também

perceptível que sua pretensão em escrever está ligada, ainda, ao anseio e à intenção de fazer parte dessa história, organizando pensamentos e memórias. Desta forma o escritor edifica conhecimento do social e de si mesmo. Nesse caminho, de produzir recorrendo às experiências ao seu olhar e às memórias, a cidade de Catalão é transformada “como um mundo a parte por Coelho, em forma de crônicas, pensada a partir de alguns lugares de memórias e revelando histórias encobertas nas camadas de memórias sobrepostas sobre essa cidade” (SILVA, 2017, p. 40).

Percebemos, então, que a cidade de Catalão é uma imagem e paisagem produzidas e acumuladas ao longo da vida de Coelho, como ele mesmo indicou, constituindo um cenário ficcional que vai muito além de um mero lugar geográfico, ou seja, torna-se um espaço social, sensível e psicológico que refletem emoções e sentimentos. Isso pode ser observado no trecho abaixo de Coelho (2015, p. 09, grifos do autor):

Naquele tempo a palavra *rua* possuía duplo sentido – *rua* enquanto espaço por onde transitavam pessoas, animais, cavaleiros, carroças, bicicletas, depois automóveis, jardineiras, caminhões; e *rua* na significação de bairro ou setor, palavras que praticamente não se usavam a não ser talvez na repartição dos Correios e Telégrafos. Por isso Rua da Grota, Rua do Pio, Rua do Marca Tempo, Rua do São João, Rua da Capoeira não eram constituídas por uma única rua, mas o que hoje denominamos bairro.

Narrativas que definem locais como bairros, que possuem significados importantes para as pessoas e as articulam com esses lugares, carregando fortes simbologias (afetivas, religiosas, morais), que marcaram a vida dos indivíduos e grupos sociais que ali habitaram e tiveram experiências ao neles morar. Expressão disso é nomear uma rua ou um bairro ou jardim público com o nome de uma pessoa que morre. Esses emblemas associados a lugares de memórias de Catalão estão mencionados em outro trecho de uma crônica de Coelho (2015, p. 10), a qual remete e está diretamente ligada com a narrativa de *Um homem e sua família*:

As pessoas mais velhas nos diziam que Catalão começara alí, na Rua da Grota, que lá era a parte mais antiga da cidade. Era a saída pra Goiandira e logo após a segunda grota ficava a Cruz do Antero, local onde ele morrera martirizado. Quando em época de seca forte, muitos das de solão espichado, as mulheres e as crianças rezavam ao pé da Cruz do Antero e lhe jogavam latas e baldes de água. Se a seca durasse mais tempo, subiam, em penitência, rezando e cantando músicas de louvores, o Morro das Três Cruzes e lá repetiam a operação de molhar os madeiros sagrados.

Quando Coelho remete à “Rua da Grota” e à “Cruz do Antero”, automaticamente, vemos surgir simbologias presentes no imaginário dos habitantes da cidade. “Os indícios, sinais

dessas simbologias no imaginário estão muito presentes, basta observar que em torno de um homem brutalmente assassinado construíram a imagem do mártir/santo que no imaginário social poderia fazer o milagre de trazer a chuva” (SILVA, 2017, p. 41). Cabe aqui mencionar que esse espaço da cidade, a Rua da Grota e suas imediações, estão carregados de sentidos, pois fez parte da experiência pessoal do escritor, que nele residiu, uma vez que alguns de seus livros trazem a indicação e menção que foram ali escritos, como *Peonagem e cabroeira* (1971) e *Rastros e trilhas* (2009).

Por serem obras compostas por contos, que foram escritos por volta da época do centenário de Catalão, tornam-se suporte para ajudar a compreendermos e complementarmos a leitura dos acontecimentos da cidade nesta época, uma vez que a novela, fonte de nosso trabalho, remete-nos também a esse período e a esses lugares. Nas duas obras mencionadas acima é possível perceber a riqueza de detalhes do cotidiano do lugar com evidências e marcas de épocas de outrora. Embora Coelho traga em seus contos uma dose de arte, próprio da literatura, confere a eles a realidade citadina com uma roupagem de fantasia e imaginação, onde o leitor se sente instigado e envolvido por elas.

Outro espaço e paisagem marcante e presente no imaginário social catalano se refere ao “Morro das Três Cruzes”, figurada e transformada em imagem simbólica articulada ao Monte Calvário, local onde Jesus foi crucificado, na medida em que, por meio das tradições e crenças populares (penitências e rezas), a prática cultural de molhar a madeira sagrada teria o poder de fazer chover na cidade. Porém, diante do projeto de modernização e de apologia ao progresso, vinculado às comemorações do Centenário de Catalão, esse imaginário foi sendo desconsiderado e recusado, por ser visto como possuidor de um ritmo lento e regular, lembrando uma comunidade rural (SILVA, 2017).

Conforme as palavras de Honório Filho (2011, p. 03), considerando e partindo das entrevistas realizadas com Braz J. Coelho, devido às inúmeras experiências e realidades socio-culturais presenciadas pelo escritor e que nos são apresentadas pelo viés da memória, seu sentido de vida se baseia nesse “canal de comunicação entre ele e o passado”:

O professor Braz fala pausadamente. Fala fundamentalmente usando palavras e mãos. Fala com as mãos, escrevendo. No final da entrevista, ao pegar a folha de rascunho, percebi ali um mapa da memória trançada. Ao falar escrevendo, ou melhor, desenhando, para seguir um palpite que ele mesmo deu, quando disse ter tido na infância facilidade com desenhos, caricaturas, Braz estabelece um canal de comunicação entre ele e seu passado. Isto é tão vivo na sua maneira de falar, de lembrar, que é possível dizer que sem esta prática de desenhar a memória, seria impossível lembrar. Ou seja, a lem-

brança estaria presa, subjugada a um detonador: o desenho, o rascunho, a escrita.

O autor mostra e expressa bem em suas obras a relação que estabelece entre o passado e o presente, ao expor e nos apresentar Catalão de antes e de depois, de mudanças e permanências no decorrer do tempo. E, mais do que isso, mostra as faces do espaço urbano, dimensões das experiências humanas, sociais e culturais que compõem o imaginário social, que simbolizam e constituem um acervo de memórias e farto repositório de histórias, tanto do escritor quanto da coletividade.

Assim é que tomamos, como o fez Paula (2005, p. 116), “a literatura de Braz José Coelho como mais uma das *muitas vozes* que dizem sobre Catalão”. Mas que, no entanto, diferente de outros dizeres presente em cena, pois realiza “uma leitura crítica sobre a Catalão Centenária”, que se revela diversas das imagens construídas por outros discursos, como naqueles dos articulistas do jornal *Gazeta do Triângulo*, por ele investigados.

## II TEMPO, ESPAÇO, LUGARES DE EXPERIÊNCIAS E PAISAGEM

Neste capítulo, refletimos acerca da relação Literatura e História, tendo como pontos de atenção as condições sociais e os ambientes, espacial e temporal, nos quais inserem os seres humanos, que são frutos de sua ação e que também atuam sobre eles, nos quais figuram e estão presas as memórias sociais acerca das experiências aí vivenciadas.

Conforme explica José D'Assunção Barros (2011), os profissionais de História, sobretudo no âmbito do Ensino, bem como os que lidam com o propósito da pesquisa, trabalharam de modo alternado com uma série de categorias de identificação antigas e tradicionais, que são seculares para os historiadores, como as que se referem a “espacialidades” e “temporalidades”. Elas são clássicas, no entanto é necessário entender que os diversos critérios de divisão temporal, que hoje nos são tão familiares e corriqueiros, são mesmos históricos e que as subdivisões da História, que sempre geram problemas teóricos ao organizá-la por modalidades internas combinando critérios do espaço e do tempo, constituem apenas recursos para organizar o trabalho historiográfico. Todavia não devem ser grilhões ou compartimentos para aprisionar os objetos históricos, que inúmeras vezes não correspondem aos espaços rigidamente estabelecidos ou balizas temporais inflexíveis.

Estas duas categorias clássicas e tradicionais não são indispensáveis apenas à História e ao trabalho do historiador. A literatura e outras formas diversas de narrativas também as consideram fundamentais, como os variados testemunhos da memória, que inserem eventos nas circunstâncias, num quadro de referências das lembranças, localizando o acontecimento no tempo e no espaço. Desta maneira, tais formas de conhecimento e de saberes sempre se apoiam num quadro de referências local e temporal, como veremos ocorre na obra de Coelho. Nesse sentido, expressões como “lugar”, “ambiente”, “paisagem” e “duração” rodeiam os acontecimentos narrados, mesmo que não sejam dados precisos e exatos. Divisões temporais e espaciais e ligações entre essas correspondem a certa lógica nas quais tais narrativas e conhecimentos se apoiam, sendo, portanto, necessário, aqui, refletirmos um pouco sobre o âmbito da História e da Literatura.

O tempo e o espaço são duas dimensões extremamente importantes na busca de lidar e compreender uma narrativa literária, como a que constitui o *corpus* de análise deste trabalho. Assim, as dimensões - temporal e espacial - são categorias que foram consideradas na análise de uma obra literária, especialmente no âmbito histórico e geográfico. No intento de entendê-las melhor, buscou-se realizar uma reflexão acerca dessas dimensões na Literatura e na

História, pois as condições sociais e os ambientes, espacial e temporal, exercem sobre os indivíduos sua ação, estando à memória social atrelada a eles.

Sabe-se que a realidade histórica de um determinado período influencia de forma significativa na produção das obras literárias, pois o autor traz e/ou evidencia em sua obra caracteres sociais e culturais do período ao qual pertence, bem como daquele que refere sua obra. Em *Um homem e sua família*, a narrativa transcorre por volta de 1950, porém figura aí outros tempos ou temporalidades, que precisam ser abordados, como aquele da origem da cidade outro de sua formação, marcado por disputas políticas e por violências delas decorridas, e, também, aquele no qual transcorre a trama em si. Mas, pode, ainda, a permear, de modo implícito e sublinhar, os anos de 1970, que são aqueles em que se deu sua escrita.

No entanto, antes de se entrar propriamente nas referências e marcos temporais presentes nessa obra de Coelho e na sua interpretação, é preciso tratar dos aspectos temporais e espaciais na História e na Literatura, que emergem indissociáveis em uma obra literária, pois esses sempre andam juntos. Qualquer fato e/ou evento se localizam num tempo e em um espaço, isto porque, ao se localizar em um tempo, logo se ocupa um espaço.

É preciso ressaltar também que a intenção em discutir e analisar acerca do tempo não tem o mote, aqui, em mensurá-lo ou conceituá-lo, pois se sabe que existem diversas maneiras de compreendê-lo e que diferentes áreas de estudos se embrenham em suas conceituações teóricas. Destacamos que o tempo passa naturalmente e que não depende da vontade humana, seja o tempo da natureza e/ou o tempo cronológico, embora este último seja definido, medido e contado conforme determinações humanas, por este motivo sendo um elemento cultural. O que propomos é compreender as temporalidades presentes na obra e as relações que se estabelecem na obra literária com a sociedade, e como se realizam, mesmo sabendo que sua concepção é um tanto complexa e requer uma análise mais aprofundada.

A partir desta perspectiva, houve a necessidade de buscar alguns teóricos que realizaram uma discussão acerca do tempo para compreender como ele se apresenta na referida obra literária de Coelho. Então, partindo da reflexão sobre o tempo e o espaço na filosofia, considerando os estudos de Kant (1999), partimos da afirmativa: “tempo e espaço são quadros *a priori*, onde a experiência vem se depositar”. O tempo e o espaço são categorias que antecedem a existência da experiência humana; é um princípio, é algo anterior a qualquer percepção que temos das coisas que nele se inserem. Pensamos sobre o espaço e o tempo antes de pensarmos sobre os objetos que neles observamos. Para apreendê-los é preciso fazê-lo a partir da percepção e da sensibilidade, que são produções sociais, sendo, assim, necessário inseri-las em uma existência.

## 2.1 Reflexões acerca do Tempo, aspecto presente na obra coelheana

Antônio Medina Rodrigues, João Alexandre Barbosa e Bóris Schnaiderman (1989, p. 3) observam que “o tempo na literatura não é registrado no exato momento em que ocorreu, pois sempre há um espaço entre o momento do evento e o momento em que vai ser registrado (narrativa)”, ou seja, existe um intervalo entre o tempo em que acontece o evento e o tempo de seu registro; nunca se consegue descrever um fato no momento exato em que acontece, mas nem por isso estamos defasados no tempo, sendo esse intervalo “insuperável”. Posto isto, o que se propôs nesta seção é explanar, na medida do possível, sobre o tempo no viés literário e também histórico, considerando sua dinâmica e complexidade, bem como quanto ao espaço, lugar de experiência e paisagem.

Hans Meyerhoff (1976), por sua vez, no capítulo “O tempo na literatura”, procura discutir, num viés entre contraste e comparação, sobre a estrutura do tempo revelado em obras literárias. Para o autor, três conceitos fundamentais fazem parte do axioma de um sistema que caracteriza o tempo na natureza: (1) a mensuração; (2) a ordem; e (3) a direção. As nossas próprias experiências não são suficientes para medir precisamente o tempo. Temos a consciência de que ele pode ressoar rápido ou de perpassar demoradamente. São estas irregularidades subjetivas, interpretações erradas e os lapsos que levaram à busca da precisão, à criação de critérios objetivos para mensuração do tempo. O nosso ajustamento ao tempo dos relógios e calendários atuais, com base nas rotações da terra em referência ao sistema de estrelas fixas, foi baseado em várias tentativas, a maioria fundamentada em objetos da natureza que apresentassem um padrão uniforme mensurável, como a Terra e a Lua e/ou o Sol e a Terra. De acordo com Meyerhoff (1976), este sistema mensurável, fundado no “tempo sideral”, é extremamente objetivo e pauta na ideia de aludir-se a movimentos de uniformidades que são independentes da experiência humana. Esta invenção foi necessária para os propósitos práticos de ação e comunicação, pois sem ela estaríamos desorientados em um espaço de relatividade subjetiva.

No parágrafo supra, temos a definição científica do tempo, mas quando estamos dentro do domínio da experiência pessoal existe uma peculiaridade arbitrária acerca da mensuração objetiva do tempo designado nos relógios e calendários siderais.

Nas questões práticas fazemos constantemente parte de uma ordem de tempo objetiva medida quantitativa e uniformemente de acordo com o comportamento dos objetivos na natureza; ao mesmo “tempo”, temos consciência também de que esses eventos têm uma qualidade inteiramente

diferente porquanto são parte da ordem subjetiva de tempo da experiência pessoal (MEYERHOFF, 1976, p. 13).

Apesar do tempo científico, cronológico, fragmentado, mensurável, o tempo que temos é volúvel. As nossas medidas de mensuração são convenções arbitrárias e consumadas ao longo da história. Pode-se dizer que o tempo é percebido através de sua manifestação sobre as coisas, os fatos e fenômenos. Isso será evidenciado no capítulo seguinte, onde poderá ser percebido os diferentes tempos que permeiam a história de Catalão, quando Coelho fala de um tempo de origem - de Anhanguera e sua comitiva (COELHO, 1997, p. 48-49), de um tempo da formação e do crescimento da cidade – de seu encompridar e espalhamento, de chegada da estrada de ferro e dos imigrantes, mas também de atritos e confrontos violentos, (COELHO, 1997, p. 49-50, 96), e de um tempo de renovação e comemoração, celebração da cidade na década de 1950 (COELHO, 1997, p. 16, 21, 64).

Outro fenômeno que perpassa as discussões acerca do tempo na literatura é o conceito de duração, que significa que experimentamos o tempo como um fluxo contínuo. Os tentames do tempo são assinalados por momentos contínuos e múltiplos de alterações, por alguma coisa que perdura dentro da sucessão e da mudança. Há um deslocamento do tempo para a dimensão do espaço; o intelecto estrutura o espaço no tempo no intento de demonstrar que a experiência do tempo, a qualidade de fluxo contínuo, a duração e a unidade dentro da multiplicidade é transfigurada em diversos períodos temporais, separados, distintos e mensuráveis (MEYERHOFF, 1976, p. 14).

Este assunto - o de fluxo contínuo ou duração - é mote perdurável em obras de âmbito literário. O tempo experimentado tem a característica de fluir, sendo este aspecto perene dentro dos momentos sucessíveis e incessantemente mutáveis do tempo. Assim sendo, Coelho apresenta a fluidez desse tempo quando descreve o tempo da origem, da formação, dos atritos e confrontos violentos ocorridos na cidade de Catalão, todos esses tempos articulados com o tempo da narração. Estes diversos tempos serão circunstanciados no capítulo seguinte, como indicado anteriormente.

Segundo Rodrigues, Barbosa e Schnaiderman (1989), ante essa mudança do ocorrido, a linguagem não consegue acompanhar, apreender esse espaço ou intervalo, o que seria uma das deficiências da linguagem. Por isso a literatura tenta superar esse déficit, muitas vezes usando estratégias linguísticas.

[...] Portanto, a literatura cria o seu tempo e o seu espaço. Isto, desde Aristóteles, se chama imitação. Portanto, a literatura quase nunca fala sobre

o tempo, que isto geralmente redundava em fracasso. A literatura inventa um duplo do mundo em que se possa ter a ilusão da simultaneidade entre o tempo e o discurso [...] (RODRIGUES; BARBOSA; SCHNAIDERMAN, 1989, p. 4).

Reforça-se, assim, a ideia de que a literatura cria meios/artifícios para se inventar e reinventar; cria a ilusão da concomitância do discurso em relação ao evento, fato e/ou fenômeno. Ainda de acordo com os autores, “A literatura nos dá a ilusão de acompanhar o tempo, porém ela se orienta para o passado e conseqüentemente para a memória.” Sendo assim, é, pois, uma arte que tem suas raízes no passado, que faz remissões a esse passado através de imagens, de fatos e de eventos desse passado e é, ainda, por meio da escrita que se eterniza: “O agora, ou melhor o presente só terá sentido se fizer relação com o que já foi experienciado” (RODRIGUES; BARBOSA; SCHNAIDERMAN, 1989, p. 5).

Para Paul Ricoeur (2007, p. 426), o lembrar requer uma experiência-chave que é o reconhecimento de uma imagem presente como sendo fiel ao momento de sua impressão inicial em nós, sendo a problemática da memória herdeira dessa noção da impressão, e vinculada ao rastro psíquico deixado em nós por um acontecimento.

Susanne Langer (1980) explica que o pretérito, acrescido de outros elementos oriundos das experiências psíquicas do autor – apreensões do tempo, do espaço e das forças que os controlam - é resultante de lembranças ajuntadas a outros elementos estranhos, especulações e suposições, que divulgam a vida como um decurso de eventos, mais do que como uma prática progressiva única. Como se fosse um sentimento de ausência que arquiva no espírito uma feição nova e a agrega à imagem passada.

A literatura se elabora com base na capacidade do autor de combinar a criação, de forma mais espontânea, com as imagens e/ou objetos do passado. Rodrigues, Barbosa e Schnaiderman (1989, p. 4) reafirmam que “o tempo na literatura é pendular”, ou seja, oscila e atinge elevação em conformidade com a intenção e capacidade do autor de ir ao passado e na volta figurar uma realidade; “ela só vai para frente na condição de que dê um passeio pelo remoto”. Eles reforçam, ainda, que “o tempo na literatura é uma construção de desejo”.

Assim sendo, o tempo na literatura vai e volta, vai até o passado e volta ao presente, sendo esse “vai” referente ao retorno ao passado, que ocorre pelo viés da memória, em busca de vestígios/rastros de características deste passado, para apreensão do mesmo; o voltar, refere-se ao retorno ao presente que representa a construção inédita, a obra incomum. Nesta combinação se pode entender, mesmo que de forma simples, um pouco da dinâmica do tempo na literatura. Seu uso na escrita da literatura, especialmente no que concerne em combinar

tempos, transformando-os em um só; “é uma espécie de espacialização”, pois “pela escrita o poeta sintetiza ou funde tempos distintos” e “isto só pode acontecer num espaço totalmente memorial” (RODRIGUES; BARBOSA; SCHNAIDERMAN, 1989, p. 7). Desta forma, a fusão de tempos poderá ocorrer pela memória recriadora, que vai permitir este ir e vir, possibilitar a dinâmica do diálogo entre o presente e o passado e vice-versa, viabilizando a construção e a criação relacional de tempos.

Outros autores, como Halbwachs (2006) e Nora (1993, p. 8-9), acrescem nossas fundamentações ao dizerem que a memória é sempre viva, mágica e afetiva, enraizada em espaços, gestos, imagens e objetos, só retendo do passado aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de quem a mantém, sendo um celeiro de possibilidades que são rearranjadas, num “eterno presente”, logo, mostrando-se múltipla, coletiva, plural, mas também individualizada, bem como renunciando à concepção de tempo linear em proveito de tempos múltiplos, onde o individual enraíza no social.

A experiência e memória são responsáveis por principiar um suporte crucial para a diferenciação entre os eventos que são nomeados “anteriores” e “posteriores”. Todavia estas diferenciações não são suficientes para estruturar uma ordenação objetiva do tempo distribuída entre o passado e o presente. Além do mais, memória e expectativa são proverbialmente ambíguas, vagas e falíveis, pois constantemente as narrativas se juntam e se sobrepõem, mesmo no presente; além de ser fonte de erros e engano resultantes dos mecanismos psicológicos (MEYERHOFF, 1976).

A literatura, dentro dessa concepção, pode ser considerada como um lugar de memória, como bem coloca Danielle Cristina Mendes Pereira (2014), quando interpreta o conceito elaborado por Nora. A literatura é como se fosse um suporte – um lugar simbólico – que permitiria a permanência da memória e da identidade coletiva. Conforme Pereira (2014), Nora considera a existência de duas “histórias”, uma elaborada pela memória coletiva e outra escrita pelos historiadores; respectivamente, a primeira é elaborada a partir de características míticas, deformadas, o que denominou de “memória de verdade”, e a segunda esta amparada na coletânea das ciências humanas, sustentada pelo aspecto da racionalidade.

Também compartilhamos das concepções de Jaques Le Goff (1992), quando explica que apesar da memória coletiva ser, sobretudo, mítica, anacrônica e deformada, também consegue manter a existência de uma determinada relação nunca findada entre o presente e o passado. Concordamos com o autor também quando considera que a memória é uma ferramenta privilegiada de manipulação de poderes, tanto que é considerada como importante

delimitador e elemento preocupante para as classes e grupos que dominam ou dominaram determinadas sociedades, dada a sua força de guardar e/ou fazer esquecer.

Neste contexto, considerar a literatura como lugar de memória nos faz interpretá-la como uma base, onde muitos aspectos e muitas imagens concernentes às modulações heterogêneas da memória podem se figurar como separadas e reelaboradas por meio da linguagem literária. Melhor expondo, “atrelar a produção de memórias à literatura significa assumir o imaginário e o vivido, em dialética, como dimensões da memória”, além de “não circunscrever o domínio das imagens do passado à História, mas perceber a tessitura da memória” (PEREIRA, 2014, p. 341).

Rodrigues, Barbosa e Schnaiderman (1989, p. 7-8) consideram que “a literatura não deixa de ser uma imitação, uma forma de reproduzir a vida, porém o faz com defasagem do discurso em relação ao tempo ou com uma dose muito grande de ilusão”. Assim, por mais que a literatura elabore e reelabore inusitadamente formas de apresentar e expressar os fatos e eventos em suas obras, ela busca apresentar o mais próximo possível do verossímil e isso faz dela uma fonte histórica inigualável, pois expressa esses fatos e eventos sem se preocupar com a rigorosidade com que é cobrada de uma ciência. Na produção literária há a presença do tempo histórico e do tempo psicológico, atravessado pelo tempo físico, que, mesmo que não o perceba, está lá. Desta forma, “o conceito de tempo atravessa, de ponta a ponta, as reflexões sobre a literatura”.

É possível constatar, no capítulo seguinte, os tempos acima expostos, bem como sua mobilidade presente na literatura de Coelho, evidenciando a realidade e trajetória de vida que se faz presente na época. Isso pode ser verificado quando Coelho traz a história de vida do homem e de sua família, considerando seus anseios, suas angústias e seus sonhos na expectativa de uma vida mais digna. Esses aspectos podem ser observados na obra do literato quando o personagem principal, o homem, percorre as máquinas de beneficiar arroz na busca de emprego (COELHO, 1997, p. 16, 18, 20); na euforia que experimentou no longo caminho de casa, ao considerar-se empregado; nas esperanças de inserção e inclusão na sociedade local, expressas pela esposa, contagiada pelo marido, vendo seus filhos fazendo parte da congada, frequentando escola ou no anseio de construir uma casa de alvenaria, dentre outros momentos (COELHO, 1997, p. 21, 22, 23, 71, 74-5, 90).

É importante mencionar aqui que História e Literatura utilizam discursos destoantes, mas que propositam representar as experiências dos homens no tempo. Essas duas formas de expressão e conhecimento são suportes que almejam explicar o presente, estruturam o passado

e imaginam o futuro. Do mesmo modo, procuram representar inquietações e inquiirições que incitam os homens de época em época no decurso da história.

Nesse contexto, o tempo na literatura pode ser motivo, “topos” ou “tópico central”, isto é, tem existência e sentido de provocar, incitar e deflagrar a memória, na busca constante por vestígios e rastros deixados pelo passado, que poderão dar as respostas às questões elaboradas no presente. O tempo ainda é utilizado como categoria de análise da obra literária, do autor e do leitor, contribuindo para o entendimento de sua organização, os elementos que articulam e dão sustentação à mesma e o modo como o autor constrói esse tempo ficcional, que é o tempo da obra e da escrita. O tempo, em cada uma destas instâncias, pode também não ser o mesmo e até entrar em embate, conflito, porque o tempo que o autor prevê, promove, planeja e interpreta pode não ser o mesmo que o leitor identifica. O tempo, ainda, pode ser abordado como “elemento ou categoria de interpretação” no sentido de ir para além ou aquém do texto e da obra, que são sociais e históricos (RODRIGUES; BARBOSA; SCHNAIDERMAN, 1989, p. 8-9).

Sendo assim, o tempo da obra diz muito sobre a mesma, traz indícios e vestígios do tempo remoto, que são referenciados na representação do autor e articulados com elementos do presente. Isso será tratado, de forma mais detalhada, no capítulo seguinte, quanto Coelho recorre aos tempos que permeiam a obra e que intercorreram na história da cidade de Catalão, no sentido de compreender seu processo de formação, bem como a realidade representada no período em questão, indicado pela remissão a construção da nova matriz e à comemoração de seu centenário, por exemplo (COELHO, 1997, p. 47, 54-55).

A obra literária não é resultado somente do tempo histórico-social do qual o escritor está inserido, mas permite avivar lembranças de outros tempos e, ainda, ser um elemento de articulação entre esses tempos que se entrecruzam no diálogo. O autor articula e promove o diálogo entre a dimensão temporal e os fatos e/ou fenômenos que estão estudados ou evidenciados na obra, que revelam as marcas, os traços e vestígios aí deixados em relação ao tempo. Esta dinâmica, que se dá entre as diversas temporalidades, que Coelho constrói, é evidenciada no próximo capítulo, como anunciado.

O literato dispõe de várias peças de um quebra-cabeça que vão moldar a história, as quais estão impregnadas de impressões do tempo da obra, do autor e do tempo real, além, também, do tempo do leitor. No universo literário, da ficção, o autor pode manipular a ordem dos fatos e/ou eventos, não tendo rigor ao narrar e acatar determinada ordem cronológica, com princípio, meio e fim, utilizando o tempo psicológico, o tempo que transcorre pela vontade, pela memória e/ou imaginação do narrador e/ou personagem, alterando, assim, a

ordem natural dos fatos. O escritor escolhe a melhor distribuição dos eventos no tempo e espaço, que sempre andam juntos na narrativa, dando uma dinâmica e possibilidades para a criação e imaginação do leitor.

Na busca de compreensão do tempo nas e das obras literárias, tendo por inspiração as proposições de Fernand Braudel, que estabelece uma relação entre tempo curto e longo, Rodrigues, Barbosa e Schnaiderman (1986, p. 16) afirmam:

Creio que a literatura sempre oscila entre o tempo longo e o tempo curto, que funcionam como limites, ela não pode incidir totalmente num sentido ou noutro. No primeiro caso, acaba ingressando no terreno da filosofia e, no segundo, torna-se jornalismo.

No entanto, se seguirmos a proposição de Braudel acerca das noções de duração temporal, acreditamos que a obra literária abarca, também, como aquela de História, os três níveis de tempo postulados pelo historiador. Segundo ele, ao refletir sobre a dialética do espaço e do tempo, e enfatizar a “dialética da duração”, existe diferentes unidades temporais, uma pluralidade de tempos e durações, ou seja, de acontecimentos inseridos em tempos diversos e com diferentes velocidades. Ele destaca um tempo longo, geográfico, da paisagem, do clima, da vegetação, das cidades, das estruturas, de uma “história quase imóvel”, profunda e “lenta de passar e de se transformar”, cíclica, de permanências; um tempo médio, social, das conjunturas econômicas e sociais, das rotas comerciais, dos eixos de comunicação, dos agrupamentos sociais; e um tempo curto, individual, do evento, do efêmero, dos fatos breves e superficiais, da “história batalha”, da política, dos impérios, exércitos, reis, guerras.

Mas conforme, José Eustáquio Ribeiro (2009, p. 106-107), Braudel postula, ainda, que há uma diversidade temporal entre o tempo breve, do evento, e o tempo longo, da estrutura. A totalidade histórica é composta por diversos tempos sendo sua decomposição artificial, um procedimento ou operação metódica do historiador para torná-la inteligível: “o trabalho histórico decompõe o tempo passado e escolhe as suas realidades cronológicas...” (BRAUDEL, 1990, p. 9 apud RIBEIRO, 2009, p. 106). Existe uma variação de medidas temporais, o tempo é constituído por uma infinidade de temporalidades, e a História para simplificar sua expressão desenvolve a divisão em três níveis, além de operar num movimento de ida e volta entre esses, para não se perder a totalidade. O primeiro é o tempo longo da estrutura, das relações do homem com o meio que o rodeia, composto transformações lentas, reiterações e ciclos; o segundo é o tempo médio, dos conjuntos, de uma historia social, dos

grupos e associações; e o terceiro é o tempo instantâneo, curto, perceptível ao observador dos eventos, dividido (BRAUDEL, 1995, p. 17-18 apud RIBEIRO, 2009, p. 106).

Nesse sentido, como veremos posteriormente, no próximo capítulo, podemos dizer que a obra de Coelho abarca três níveis temporais, articulados com o espaço, postulados por Braudel, ou seja, um tempo de longa duração, aquele da origem (COELHO, 1997, p. 48-9); um tempo médio, da formação, do desenvolvimento, dos conflitos e acontecimentos violentos (COELHO, 1997, p. 49-50, 96), e um tempo breve ou curto, do momento atual no qual transcorre a narrativa, do êxodo do Norte para o Sul e da crença em “tempos novos” e “vida nova” (COELHO, 1997, p.16, 21, 47, 54-55, 64).

Como exposto no início do texto, o tempo precisa se extensionar, e para isso transfere para o espaço características que o farão ficar na memória. Melhor expondo,

[...] a extensão temporal perdurando através do presente inclui elementos da memória e da experiência, e que tais elementos, lembrados e antecipados, aglutinando-se na experiência do presente especioso, nos sugerem algumas vagas noções de “antes” e “depois”, de “anterior” e “posterior”, de “passado” e “futuro” – termos que se referem à ordem e direção do tempo (MEYERHOFF, 1976, p. 17, grifos do autor).

Percebe-se que não podemos pensar a literatura sem a temporalidade e a espacialidade, sem um tempo e um espaço social e histórico. O tempo e o espaço são, portanto, meios, elementos imprescindíveis para a compreensão e interpretação de uma obra literária que é “pensada como arte temporal” (RODRIGUES; BARBOSA; SCHNAIDERMAN, 1986, p. 13). A literatura manuseia o tempo em todos os sentidos; pode-se dizer que o tempo na literatura é um tempo construído a partir da imaginação e da criatividade do autor, que o articula conforme seu ideário à um projeto literário, em diálogo com a pesquisa ou visão histórica, perseguindo reconstruir uma versão sobre o que é percebido na realidade, que lhe serve de referente.

Para se pensar o tempo num viés histórico é preciso considerar sua concepção e duração em uma organização social, econômica, política e cultural, isto porque, duas sociedades podem viver o mesmo tempo cronológico, porém experimentá-lo e senti-lo de modo completamente diferentes, por ser o tempo histórico.

O tempo, objeto da ciência histórica, é uma representação, possuindo conforme a sociedade e momento diferentes ritmos e durações, que podem ser percebidos e verificados, principalmente, por meio das permanências e das transformações que ocorrem nas sociedades. A concepção de tempo histórico colocado pelos historiadores tradicionais da linha positivista, ou

melhor dizendo, metódica, configura-se como uma linearidade e como evolução, além de desconsiderar a relação com o presente e com o futuro. Estes teóricos foram combatidos pelos historiadores dos *Annales*, que acreditam que “passado e presente se relacionam, determinando-se reciprocamente”.

Pensar o tempo com relação ao presente é essencial, e este movimento é constante na obra de Coelho, que se inscreve dentro do próprio tempo, ao abordar o tempo passado ou tempos, em diferentes espaços e períodos. A obra *Um homem e sua família*, remete-nos a um tempo presente e a um espaço no qual transcorre a ação e insere o escritor, mas também alude a outros momentos ou tempos anteriores e diferentes, que constituem a história da cidade, que são tratados por Coelho e abordaremos no capítulo seguinte, como já mencionado. Esta dinâmica de tempos e espaços entre a obra, o autor e o pesquisador é importante para compreendê-la.

Bloch (2001, p. 52, 55), ao refletir sobre a história e os homens, considera um erro considerar que “A história é a ciência do passado”, pois vê como absurda a ideia de que o passado, enquanto tal possa ser objeto de ciência. Para ele, tratando do tempo histórico, a História é “Ciência dos homens [...], no tempo”; tempo que “é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como lugar de sua inteligibilidade”, sendo, “por natureza, um *continuum*”, mas “também perpétua mudança”. Mudança vinculada a um fluxo da duração, em “períodos sucessivos, recortados na sequência ininterrupta das eras”. Continuidade e mudança, que podem ser vislumbradas na obra de Coelho (1997).

Ainda para Bloch (2001, p. 60, 65-67), não podemos conceber o conhecimento histórico do que chamamos de presente como desligado do passado, sendo que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”. São as experiências passadas que nos servem para compreender o presente. Portanto, ele considera que o historiador deve partir do presente para reconstruir o passado e dele retornar para instrumentalizar nossa ação no presente. Assim, o presente tem respostas obtidas com um retorno ao passado, pois suas raízes estão nele. Não é possível elaborar uma reflexão do presente sem entender o que foi no passado. Pode-se, assim, dizer que o presente dialoga com as ações, fatos e eventos do passado, devendo nossa leitura do tempo dinâmica ao relacionar passado/presente e presente/passado.

Ricoeur (1997, p. 152-3, 180-181) considera que existem três graus de temporalização, o passado, o presente e o futuro, originários da cisão de um lado, do tempo astronômico, físico e biológico, e de outro, do tempo fenomenológico, o tempo do mundo, que é tempo mortal e fragmentado, expresso pela databilidade e manifesto publicamente, sendo o

calendário e o relógio testemunhas disso. Nesse contexto, “o tempo do calendário é a primeira ponte lançada pela prática historiadora entre o tempo vivido e o tempo cósmico”, sendo uma criação, uma instituição constituída pela invenção; como posto no início do texto. Esse tempo do calendário é sombra do *tempo mítico*, encontrado na *origem* da constituição de qualquer calendário. A fragmentação do tempo em tempos, em tempo mortal, histórico e cósmico, resulta de uma mediação humana começada com a evocação de um tempo mítico; ela ordena o tempo das sociedades e dos homens, instaura sua divisão e ordena os ciclos de duração diferentes e os ritmos da vida social. Nesse sentido, o tempo histórico é coletivo e ordena as sociedades e suas mudanças, sendo importante para o historiador, pois permite localizar os fatos passados.

O tempo é algo que não se materializa, sendo abstrato, e que pode ser percebido somente a partir dos acontecimentos e eventos.

[...] o tempo é percebido como uma sequência de momentos que se excluem, uma sucessão de termos que aparecem e desaparecem, que introduz uma existência nova e nega uma existência dada. O tempo seria a constante redução do ser ao nada, pela descontinuação e sucessão do ser. Para representá-lo, geralmente, se recorre a metáforas: é como a música, uma sucessão de sons que duram, oscilam em ritmos múltiplos e harmoniosos e desaparecem, deixando apenas a lembrança, ou como o rio, que desce ora mais rápido, ora mais lento, que nunca retorna, mas que o pensamento pode percorrer a jusante e a montante (REIS, 2011, p. 3).

José Carlos Reis (2011), por sua vez, reforça a ideia de que o tempo é percebido a partir das várias transformações dos fatos e das mudanças que estão presentes ao longo do processo histórico. Passa pela percepção e ocorrência de fatos, em ações dinâmicas e em extinção do mesmo tempo. Algo está presente, mas devido às mudanças e acontecimentos, passa/altera, por isso aparece como algo novo no lugar de algo finito. Ainda segundo o autor, não é possível mensurar o tempo, a não ser pelas metáforas apresentadas em um constante *aparecer, desaparecer e descontinuidade* dos eventos.

Na perspectiva de Reinhart Koselleck (2006), o tempo histórico se dá a partir das relações entre passado e futuro, partindo do presente, ou seja, o olhar que se tem do presente rumo ao passado para pensar nosso lugar no tempo. Propõe, então, uma inter-relação entre passado e futuro a partir do momento vivido, o agora, que é o presente, no viés de pensar o lugar no tempo, a partir das situações constituídas cotidianamente, como a história do presente se constitui e como se dá a ligação ao passado e se cria uma perspectiva para o futuro. Assim sendo, o ponto de referência temporal é o presente, de onde se articula o passado e se cria

perspectivas para o futuro. É na distinção entre passado e futuro que estrutura o tempo histórico. É na maneira como cada geração interpretou o seu passado, com base nas experiências da época, e como projeta seu futuro, elaborando perspectivas, que aparecerem a relação com o tempo, que oportuniza que o descrevêssemos como tempo histórico.

Nesse sentido, focando a narrativa de Coelho (1997), pode-se perceber que ele parte ou inicia sua história situando-a no momento mais atual, no presente, descrevendo a paisagem urbana com seus contrastes entre o antigo e o novo, entre imagens e paisagens observadas dos últimos acontecimentos e memórias de cidades e formas de trabalho, tudo em contraste com o movimento urbano, como abordaremos com mais densidade no capítulo seguinte. Na obra de Coelho, à medida que a trama desenvolve outros tempos passados e projeções de futuro vão sendo figurados pelo autor. Com o olhar no presente, Coelho figura o passado e perscruta o futuro, por meio de seus personagens.

Luciana Angelice Biffi (2017, p. 6), refletindo sobre as complexas camadas do tempo histórico de Koselleck, considera que o processo “[...] É pensar as relações temporais a partir do nosso lugar no tempo, ou seja, o tempo presente, pois é ele que define o nosso olhar para o passado, passado este ao qual também estamos ligados”. Nesta reflexão, Koselleck (2006) propõe conceitos fundamentais que vão auxiliar na compreensão de tempo histórico, que são: “espaço/conceito e experiência/horizonte de expectativas”, duas categorias que se entrecruzam no passado e no futuro. Como exposto, é na formação do campo de experiência e na construção do horizonte de expectativas que se concretiza o tempo histórico. Marcelo Jasmin (2006), na apresentação da obra *Futuro passado*, de Koselleck, traz uma reflexão para melhor esclarecer sobre a dinâmica do tempo histórico,

O tempo, aqui, não é tomado como algo natural e evidente, mas como construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas [...] (JASMIN, 2006, p. 9).

A partir desta perspectiva, fica-nos claro que o tempo histórico é produto das relações humanas desencadeadas e construídas em cada época, que se relacionam com a experiência e com as possibilidades futuras; relação do que é, e do pode vir a ser, através de uma perspectiva do presente. Cada período tem seu modo de ver, de fazer a leitura do passado, de pensar este passado e, assim, criar uma perspectiva para o futuro. Desta forma, essa dinâmica, essa leitura que se faz do passado influencia nas tomadas de decisões.

Koselleck (2006) explica que a “experiência e expectativas são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro”, ademais “para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político” (KOSELLECK, 2006, p. 308). Para o autor, a linguagem é lugar onde se registra o tempo histórico, daí a necessidade de fazer a interpretação das fontes construídas e das experiências que são acumuladas e engendradas na dinâmica constituídas na sociedade, através das relações humanas e das instituições as quais pertencem. Representando experiências vivenciadas no movimento de edificação da cidade e sociedade catalana, Coelho (1997) nos dá a ler e a conhecer relações sociais aí estabelecidas, manifestações culturais e instituições que fazem parte de sua organização e constituição.

Na obra *Estratos do tempo*, Koselleck (2014) fala do tempo usando metáforas, no sentido de demonstrar que o tempo está em constante movimento, assim como a linguagem. Ele propõe um novo tempo, que é o da modernidade, que se caracteriza pelo distanciamento entre experiência e expectativa, onde é possível sua compreensão a partir do estudo da língua. Koselleck nos chama a atenção para o fato de versar sobre tempo usando metáforas, pois é uma figura de linguagem imputada de representar o tempo em movimento, isto é, perceber o tempo histórico como linguagem, no almejo de demonstrar que o tempo está em constante movimento, assim como a linguagem. Desta forma, as metáforas tempo/espaco é a maneira mais clara de demonstrar as experiências humanas do tempo, uma vez que o tempo se desenvolver em um espaço. Desta forma, podemos observar na obra de Coelho (1997) um tempo dos bandeirantes, das sesmarias, sendo suplantado por aquele da cidade se espalhando pelo vale e dando lugar aquele de linchamentos, até findar com um “estado de euforia” pelo novo.

É também a partir da linguagem que se busca compreender as transformações que ocorreram na sociedade, na interação, na dinâmica que se dá entre homens e as instituições que se construíram, elaboraram e se estabeleceram em determinada época, isto porque, “acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem” (KOSELLECK, 2006, p. 267). O autor também trabalha com o termo “extrato”, etimologicamente oriundo da geologia e dos estudos naturais, para metaforizar a ideia de percepção concomitante de inúmeras camadas temporais que não se adversam, mas que sustentam e coabitam. Desta maneira, como bem interpreta Biffi (2017, p. 3, grifos da autora), “os ‘estratos do tempo’ são

identificados a partir das metáforas e permitem refletir sobre as diversas camadas nessas várias temporalidades que formam a experiência humana”.

Nesta concepção, de que por meio do estudo da linguagem se pode realizar uma interpretação do mundo, tratamos do tempo histórico no entendimento de que sua construção se faz a partir da interação entre as pessoas e suas construções no tempo e espaço, fatos e eventos que desencadeiam destas inter-relações, daí que se justifica dizermos que o tempo e o espaço são carregados de experiências.

Koselleck (2006, p. 13) versa também sobre a importância da periodização, necessária no sentido de organizar e narrar eventos do passado, todavia ela é uma suposição e “não é uma determinação da natureza daquilo que se pode chamar de ‘tempo histórico’”. Assim, fica entendido que tempo histórico não se restringe a uma cronologia dos eventos e fatos, mas é resultado da dinamicidade da construção e transformações destes eventos e fatos que ocorrem com o passar do tempo cronológico bem como o tempo natural. Melhor expondo,

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda, deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casas; [...] permitindo que vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. [...] Esse olhar em volta já é suficiente para que se perceba a impossibilidade de traduzir, de forma imediata, a universalidade de um tempo mensurável e natural – mesmo que esse tempo tenha uma história própria – para um conceito de tempo histórico (KOSELLECK, 2006, p. 13-14).

É possível perceber o cotidiano do tempo histórico através da busca de evidências e das transformações que estão estampadas em nosso momento presente, tanto nos monumentos, como a literatura, quanto nas expressões faciais das pessoas. Elas são capazes de evidenciar que o tempo histórico é mutável e suscetível às transformações, além de trazer suas contribuições e leituras para o presente. O que é preciso é ir buscar respostas neste tempo para que compreendamos nosso presente, desta forma é necessário fazer essa articulação entre as dimensões temporais, presente/passado/futuro,

[...] Pois o tempo histórico, caso o conceito tenha mesmo um sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações. Todos eles, homens e instituições, têm formas próprias de ação e consecução que lhes são imanentes e que possuem um ritmo temporal próprio [...] (KOSELLECK, 2006, p. 14).

A partir do exposto, observa-se que tempo histórico é fruto das relações sociais e culturais, e que “possuem um ritmo temporal próprio”, pois homens e sociedades se relacionam em conformidade com as determinações de cada época e na dinamicidade de suas inter-relações, constituindo o tempo histórico. Koselleck (2006, p. 308) explica que as experiências e expectativas são esferas oportunas para nos envolvermos com o tempo histórico, uma vez que nelas se inter cruzam passado e futuro, sendo ainda adequadas “para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político”.

Esta concepção/ideia demonstra muito bem o nosso ensejo, de compreender um determinado tempo histórico, em específico na obra de Coelho. É na diferenciação do vínculo entre passado e futuro que se estabelece o tempo histórico. Com base em pressupostos antropológicos, Koselleck explica que o tempo histórico é estruturado a partir das experiências e expectativas de um tempo, como supra exposto. Em suma, isto quer dizer que são nas maneiras como cada geração organizou seu passado, criou as suas experiências elaborou as suas hipóteses futuras que aparecem a relação de tempo histórico. O futuro, também chamado pelo autor de modernidade, é um tempo distanciado das expectativas e experiências do passado; que origina e caracteriza um tempo histórico, historicizado, que não é o mesmo, pois foi alterado. Destarte, à medida que os homens experimentam o tempo como sendo sempre inédito, um “novo tempo”, moderno, o futuro lhe parece cada vez mais desafiador.

Scaldeferri (2008), recorrendo a Siman, para refletir sobre a construção do pensamento histórico, considera que:

[...] pensar historicamente supõe a capacidade de explicar permanências e rupturas entre o presente/passado e futuro, a capacidade de relacionar os acontecimentos e seus estruturantes de longa e média duração em seus ritmos diferenciados de mudança; capacidade de identificar simultaneidade de acontecimentos no tempo cronológico; capacidade de relacionar diferentes dimensões da vida social em contextos sociais diferentes. Supõe identificar, no próprio cotidiano, nas relações sociais, nas ações políticas da atualidade, a continuidade de elementos do passado, reforçando o diálogo passado/presente [...] (SIMAN apud SCALDAFERRI, 2008, p. 55-56).

A partir do excerto, pode-se dizer, então, que pensar historicamente está relacionado à dinâmica entre o presente e passado, que se entrelaçam entre permanências e mudanças, com a capacidade de explicar essa dinâmica entre as dimensões temporais de longa e média duração, mantendo, reforçando ou rompendo com estruturas e acontecimentos. É nesse

diálogo que se faz entre presente/passado que se constrói o pensamento histórico. O agora, ou melhor, o presente, só terá sentido se fizer relação com o que foi experienciado.

Portanto, o tempo que nos interessa captar na obra de Coelho tanto é aquele mensurável e cronológico, ou as marcações desse, quanto aquele psicológico dos indivíduos, como ainda o social que abarca as relações sociais, culturais, políticas e econômicas, representadas de forma entrelaçada com as experiências narradas em *Um homem e sua família*. No capítulo subsequente, mensurarmos que Coelho não segue uma ordem cronológica dos fatos, trabalhando com os acontecimentos relevantes conforme permitem a lógica interna de sua narrativa, utilizando-se constantemente de retrospectivas que remetem a situações do passado e que retomam o presente, no sentido de buscar respostas para compreensão deste presente.

Sendo assim, é a partir do olhar focado no presente e voltado para o passado que podemos entender o presente e orientar para o futuro. Partir da compreensão dessa dimensão temporal nos permite perceber o mundo enquanto produto da ação humana e como estando em constante transformação a qual vincula a dimensão temporal individual e social.

Vinculando as experiências humanas ao tempo e à memória, Maria Helena Augusto (2011) recorre a Marilena Chauí para explicar sobre o tema;

[...] é importante acentuar que a memória é a primeira e mais fundamental experiência que a pessoa sofre em relação ao tempo; ela diz respeito à conexão humana com a perspectiva temporal. Ela é inseparável da vivência, do conhecimento – e da percepção – do tempo como algo que passa. Os indivíduos usam a memória para reconstruir o que viveram a partir de interesses do presente. Desse modo, atualizam ou ‘presentificam’ o passado. Também a projeção do futuro é possibilitada por meio dela. Assim, é ela “que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)” (CHAUÍ apud AUGUSTO, 2011, p. 53).

Nesse sentido, observa-se a importância da memória como um meio para reviver fatos e eventos localizados no tempo, no passado, dando sentido e significados a eles e, desta forma, possibilitando a compreensão dos mesmos para, assim, entender o presente.

Ao pensar como se apresenta o tempo no viés historiográfico e literário, verificamos que se trata de tempos, pois o tempo se mostra dinâmico, mutante, num constante vai e vem entre temporalidades, entre presente, passado e futuro. Um tempo que é inconstante, mas percebido pelo autor através da memória e pelas interpretações e releituras que faz do passado: “A experiência do tempo, hoje, é múltipla e descontínua. É difícil reconhecer essa

pluralidade e apreender sua existência multidimensional” (AUGUSTO, 2011, p. 56). Mas se o tempo é fluído, múltiplo, plural, que

[...] vínculo é possível estabelecer entre passado e presente, se o nexó entre presente e futuro parece haver se perdido? O passado só faz sentido para o momento atual se nele for possível encontrar pistas, indicações, elementos que, em alguma medida, permitam a explicação do presente, ou ofereçam justificativas para os modos de ser que o constituem. Dessa forma, a experiência do vivido antes é significativa para o agora (AUGUSTO, 2011, p. 66).

Se verificamos a existência de uma desconexão entre o presente, o passado e o futuro na atualidade, em nossa sociedade contemporânea, com as pessoas vivendo intensamente o presente, qualquer volta ao passado, talvez, possa soar como forma de retrocesso. Porém, estabelecer um vínculo com o passado pode ser importante para dar sentido ao presente vivido.

Nessa medida, se o passado é visto como sem importância ou sem utilidade para a identificação e a significação do presente, se perdeu as possibilidades de determiná-lo, não há por que ser lembrado. Entretanto, é a marca desse passado, individual e coletivo, que faz de uma pessoa aquilo que ela é, ainda que seja modificado de acordo com as questões suscitadas pelo presente. São as experiências vividas, os valores compartilhados, as significações introjetadas, as habilidades aprendidas, as relações estabelecidas que, aos poucos, vão configurando alguém da forma que é, distinto (a) de outros(as), constituindo uma identidade reconhecível (AUGUSTO, 2011 p. 67).

Coelho (1997), em seu texto literário, como será tratado posteriormente, articula e vincula as diversas dimensões temporais, passado, presente e futuro. Retoma momentos que julga importantes do passado, foca, sobretudo, o presente exposto pelo olhar de um homem que bate pés pelas ruas da cidade, observando e falando de seu movimento, do clima de festa, de euforia, mas também de expectativa de um futuro promissor, de “um mundo de coisas novas” ofertadas pelas “cidades do sul”, de vida nova (COELHO, 1997, p. 13-4, 16, 21, 64).

Como bem coloca Cardoso (2009), a história e a literatura não são elementos distintos no contexto da atividade intelectual, isto porque, o escritor literário e o autor de narrativas historiográficas trilham o mesmo caminho, ou seja, utilizam dos mesmos meios de reconfiguração do mundo associados entre si. Suas obras são carregadas e estruturadas por elementos que caracterizam uma visão de mundo, as ideias que alimentam a inteligência e as formas de evolução. “Ambos os textos, literário e historiográfico, descrevem situações e pessoas, representadas na magnitude de seus defeitos e de suas qualidades; a forma do enredo em ambos produz deleite e assim contribuem, indistintamente, para o conhecimento do mundo” (CARDOSO, 2009, p. 23). Desse modo, o texto histórico é também material

subjetivo, tanto o romance histórico, quanto a história romantizada se aproximam por conta destes aspectos.

A partir do exposto, percebe-se que Coelho em sua obra abarca diversos, determinados e específicos tempos históricos, desde aqueles de momentos do passado, do mais distante até o atual, no qual transcorre propriamente a narrativa. Por isso, refere-se aos tempos e períodos de origem, de formação e de crescimento da cidade de Catalão, embora o faça de forma sumária, mas focando, em especial, naquele contemporâneo, no tempo presente da ação narrada. Devido a esse movimento, tornou-se necessário abordarmos neste capítulo as concepções de tempo nas perspectivas histórica e literária, ambas mediadas pela ação e presença humana. Portanto, tecemos um amplo campo de reflexão acerca dessa dimensão ao recorrermos a diversos autores, como: Hans Meyerhoff (1976), Reinhart Koselleck (2006) Fernand Braudel (1990), José Carlos Reis (2011), Marcelo Jasmin (2006), Antônio Medina Rodrigues, João Alexandre Barbosa, Bóris Schnaiderman (1989), Paul Ricoeur (1997) e Marc Bloch (2001).

No entanto, esse alargado campo teórico aqui edificado e que nos serve de base, nem sempre é, posteriormente, no capítulo seguinte, retomado diretamente e explicitamente, ainda que o seja de maneira implícita e difusa, pois nos oferece balizas importantes para tratarmos de aspectos inerentes à narrativa coelheana. Dessa forma, cabe aqui mencionar, que dentre tantos autores e pensamentos, alguns nos informaram, de modo especial, sobretudo, as reflexões e conceitos de Koselleck, que enfatiza a inter-relação entre os tempos e que considera que esta se dá a partir do presente que remete à outros tempos com o intuito de explicá-lo e compreendê-lo, bem como à Bloch, que acrescenta que a incompreensão do presente nasce da ignorância do passado e que preconiza o necessário exercício de ir e vir entre presente e passado e vice versa. Cabe ressaltar, ainda, as contribuições de Rodrigues, Barbosa e Schnaiderman, que postulam que o tempo é pendular, oscilando entre presente e passado, movimento este que podemos observar constantemente no texto de Coelho.

## **2.2 Reflexões sobre espaço, lugares de experiência e paisagem**

Na concepção de Tuan (1983, p. 137), “espaço e tempo sempre estiveram estruturados de acordo com os sentimentos e necessidades humanas individuais”; na medida em que “adquire definição e significado o espaço se transforma em lugar” (TUAN, 1983, p. 151), isso acontece quando este é dotado de valor e sentimentos, que são construídos com o passar do tempo: o “[...] espaço e tempo coexistem, se entremesclam e cada um deles é definido de

acordo com a experiência pessoal. Toda atividade gera uma estrutura espaço-temporal especial [...]” (TUAN, 1983, p. 146).

Conforme Halbwachs (2006, p. 42, 50, 59, 61-62), nossas percepções se apoiam em uma espécie de lógica espacial ou material e resultam de uma demorada operação de treinamento e de disciplina, que não se interrompem, sendo objetos refratos pelo social. Para ele, nossas impressões, percepções e intuições guardam uma relação com a realidade que experimentamos na medida em que estamos sob a influência combinada dos ambientes, dos tempos e dos espaços, sendo tais dimensões resultadas de uma ordem introduzida em nós pela sociedade e possuindo, então, caráter histórico e cultural.

Em relação ao espaço na obra literária, Jéssica Marquês (2017) considera que o espaço da narrativa não se restringir apenas a ambientação da história onde é narrada, isto é, o espaço físico, existindo três espaços numa narração: 1) o **físico**, que apresenta o local, o ambiente onde a história acontece, o lugar em que a trama se desenrola, podendo ser interno - dentro de um espaço físico - e externo - qualquer ambiente fora de uma delimitação; 2) o espaço **psicológico**, onde o ambiente e/ou a construção evidencia o interior dos seres que compõem a narrativa, sendo constituído de sentimentos, angústias e pensamentos dos personagens, resultando de uma construção introspectiva, que referencia as situações reflexivas e internas relativas ao sujeito; 3) o **espaço ou ambiente social**, no qual evidencia aspectos ou situações sociais por meio dos personagens secundários ou figurantes, que são usados para compor o contexto ou ambiente social e para expor ou denunciar algum tipo de problema ou situação que denigre a vida em sociedade.

Essas diversas espacialidades figuram no texto de Coelho e serão salientados no capítulo seguinte, no qual abordaremos os espaços centrais e periféricos da cidade, de sua dimensão física, como das residências dos ricos (COELHO, 1997, p. 28, 50, 52-53, 84) e dos pobres (COELHO, 1997, p. 11, 13, 31, 35, 42, 75-6, 79, 84), mas também daquela psicológica de seus personagens principais, o homem e sua esposa (COELHO, 1997, p. 16, 18, 20-23, 31, 70-72, 74-75, 80, 87-90), em contato e presente no ambiente material. O autor remete, ainda, ao espaço social, ao tratar das relações estabelecidas na vida privada e domiciliar das casas ricas e pobres, nos palacetes, casarões e casebres (COELHO, 1997, p. 13, 15, 37, 39, 44, 52, 77-85); bem como na vida pública com as atividades industriais, educativas, serviços e religiosidades (COELHO, 1997, p. 31, 38, 40, 43, 47-48, 51, 54, 57, 59, 64, 69-72, 97).

Milton Hatoum (2016) explica que o espaço representado na narrativa é considerado como um dos fundamentos do romance moderno, seja um espaço menor, mais íntimo (quarto) configurado como privado, seja um espaço maior, mais amplo (casa, cidade), que constituem

como espaços urbanos. De modo geral, esses espaços tem relação subjetiva com os personagens e suas descrições se fazem a partir do que o narrador sente ou está vivenciando. Assim, o espaço está concretizado em detalhes e sempre tem a ver com a alma e com os sentimentos dos personagens. O escritor ao escrever um romance, leva em conta à representação do espaço físico, assim como do espaço simbólico, que sempre se espelha em um sentimento, na alma dos personagens. Desta forma, os espaços criados pelo autor tem relação intrínseca e subjetiva com os personagens que por eles circulam.

Na perspectiva de Tuan (1983, p. 40), o “espaço é um constructo do ser humano”, e, a partir das ações humanas, os espaços vão criando formas, sentidos e atribuindo significados, adquirindo formas “objetivas e subjetivas”. Isto é, um espaço vai criando *status* de lugar na medida em que o conhecemos melhor e o munimos de valor. O lugar, para o autor, é basicamente um conceito hirto, isto é, um ambiente de significados organizados. Se compreendêssemos e considerássemos o mundo como um local de constantes mudanças, não teríamos a habilidade de criar nenhum sentido de lugar. É por este motivo que “as imagens de espaço e tempo se misturam” (TUAN, 1983, p. 198). O autor, resumindo, considera que o espaço é produzido, pensado e apreendido, através das formas de organização e dos discursos sobre ele. Existe, ainda, uma relação entre sujeito/objeto na elaboração espacial e no discurso da elaboração espacial. Assim sendo, o contexto ideológico, cultural e político atribuem valores, mentalidades, ensejos, interesses e sonhos nessa relação e elaboração, que criam os padrões espaciais. Por isso, é impossível separar espaço de sociedade, sujeito (homem que produz o espaço) de objeto (espaço produzido). Ambos, espaço e sujeito, estabelecem relações mútuas; o espaço é produzido pelo sujeito que, ao mesmo tempo, é influenciado por ele.

Marisa Martins Gama-Khalil (2010) destaca, a partir da perspectiva foucaultiana, que o espaço ficcional, na análise literária, se encontra em lugar marginal, sendo possível perceber uma lacuna e uma carência de estudos mais aprofundados voltados para a espacialidade. Observa-se que não se dá a devida importância para esse elemento tão importante, pois é por meio dele que se permite conhecer os sujeitos e suas linguagens. Em suas reflexões sobre a crítica literária, Foucault destaca que durante muito tempo a relação do tempo com a literatura foi exaltada, uma vez que era considerado elemento essencial para explicá-la, todavia, a seu ver,

[...] ainda que admitamos que a função da linguagem seja o tempo, o seu ser - o “ser” da linguagem - é espacial. [...] a linguagem é espaço porque “de

modo geral, só há signos significantes, com seu significado, por leis de substituição, de combinação de elementos, por conseguinte, em um espaço” [...]. Por isso, a existência do signo é de ordem muito mais espacial do que temporal. (FOUCAULT apud GAMA-KHALIL, 2010, p. 2016).

Foucault destaca a importância do espaço na construção do sujeito; ele não é algo externo, age e é determinante na construção de identidades e subjetividades. O espaço na literatura se articula ao sentido de progredir, de crescer, uma vez que a linguagem é compreendida através de problematização sobre o espaço, o que possibilita alinhar as relações entre os sujeitos e suas “ideologias”, sendo a categoria espaço importante na estruturação do enredo, dando-o características diversas, por meio de simbologias e objetos comparativos que valorizam e agregam sentidos em suas narrativas.

Por este motivo que o espaço ocupa na literatura lugar de elemento importante na narrativa de um texto, uma vez que é essencial e prioritário no desenvolvimento da conduta na história. Em um romance, o espaço, a geografia avante a localização de lugares fictícios ou reais em que se constroem a ação e a conduta dos personagens apresentam um significado novo que cresce a partir do espaço se apoiando na manipulação da palavra, isto é, do discurso que elaborado com base nas perspectivas do autor e leitor, em conformidade com suas vivências e experiências, historicamente determinadas e arquivadas na memória. Por meio de Coelho (1997), buscou-se vislumbrar, em capítulo posterior, essa relação dinâmica entre sujeito, espaço e lugar de experiência.

Como a proposta de análise demandou a compreensão de elementos inseridos no contexto histórico da cidade de Catalão, que abarcam o viés da história, literatura e geografia, fez-se pertinente tratar, também, mesmo que sumariamente, sobre paisagem. Para articular ideias que permitam refletir sobre a paisagem enquanto fenômeno vivido, podemos recorrer a ciência geográfica que a possui em suas categorias de análises. Nesse sentido, a paisagem é versada em uma abordagem preocupada com a subjetividade presente nas interfaces humanas com o meio ambiente. Enquanto categoria que subsidia a abordagem geográfica, a paisagem tem recebido variada importância em certos períodos, mas têm sido vista como um conceito capaz de fornecer unidade e identidade.

Paisagem, sempre intimamente associada à ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra, apresenta-se como conceito abrangente e impreciso, que desperta opinião para outros horizontes disciplinares, a fim de ampliarmos e aprofundarmos a compreensão de sua natureza e significado. Trataremos aqui paisagem no viés da geografia humanista, que tem suas bases teóricas voltadas à valorização das experiências concebidas entre as pessoas e o

meio ambiente que habitam. Nesse sentido, o pesquisador se envolve com o objeto, fazendo uma análise objetiva e ao mesmo tempo subjetiva do mesmo, ou seja, vai buscar olhar a paisagem em sua constituição e como os agentes e sujeitos contribuíram para sua formação, passando a ser parte da existência humana.

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1983, p. 3).

Portanto, nesse prisma de estudo da Geografia Humanista, que busca evidenciar a relação de interação das pessoas com o meio ambiente, a forma como a qual valoriza e organiza seu espaço, ressaltando o vínculo que se estabelece entre homem e natureza, é que procuramos entender e valorizar tais aspectos. Considera-se que o espaço é formado por paisagens edificadas e constituídas a partir de intenções, de princípios morais e éticos e de lembranças. Pode-se dizer que a paisagem é fruto das percepções e visões de mundo que cada indivíduo constrói a partir de sua vivência e da leitura que faz de seu mundo, cada pessoa tem suas impressões e são influenciadas pelos agentes externos do meio em que estão inseridas, bem como pelos seus sentimentos mais intrínsecos. Deste modo, cada visão de mundo é única, pois cada indivíduo é um ser único que se posicionará de maneiras diversas, dependendo de seu habitat e das influências que sofrem a partir dele, cada percepção é individual.

Na perspectiva do geógrafo Milton Santos (2017), a paisagem é resultante da interpretação e percepção oriundas dos sentidos, que agregaram aspectos como volumes, cores, sons etc. Além do mais, a paisagem também é caracterizada com base nas representações dos processos culturais, isto é, das alterações ocorridas entre homem e natureza. Desse modo, de maneira sumária, adotamos a definição de paisagem que agrega tudo aquilo que é alcançado pela visão, de maneira que possamos entender como se constitui, enquanto fenômeno construído a partir das relações humanas com o ambiente, bem como fenômeno vivido, experienciado.

Assim, a paisagem é uma parte do espaço capturada pelo olhar; e este não é isento de malícias, não é espontâneo e inocente, mas formado e treinado socialmente. O olhar produz sentido, significação, daí dizer que a paisagem também é construída a partir das leituras que se faz dela; de uma mesma paisagem haverá percepções e leituras diferentes, pois cada indivíduo se posiciona de acordo com sua visão, percepção de mundo e capital simbólico que

possui. A leitura que Coelho faz da paisagem da cidade de Catalão, a partir de sua visão, será diferente de um leitor que apreciará sua obra. No capítulo subsequente, por meio de Coelho, buscou-se retratar mais detalhadamente a paisagem catalana, bem como as transformações averiguadas na mesma, ao se buscar abordar a constituição dos espaços centrais, residenciais, comerciais e de serviços, bem como os periféricos de moradia popular, das atividades industriais, dos serviços informais e da natureza (pastos e riacho). Portanto, pode-se dizer que a leitura que se faz das paisagens estão carregadas de conceitos, ideias, preconceitos e que dão sentido aquilo que vemos.

Segundo Santos (1997), a paisagem é fragmentada, é parte de um todo, porém não é a representação de um todo, é limitada por horizontes diferentes e sua interpretação vai depender de qual posição o observador se coloca, posiciona-se para apreendê-la.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (SANTOS, 1997, p. 37).

Portanto, a paisagem é uma construção, produção humana que traz características, elementos e objetos diversos interligados. Os objetos, que constituem a paisagem, não possuem valor em si, pois ele é atribuído pelo ser humano inserido e que age em dado espaço, isto é, advém da junção entre o sistema de objetos valorado pelos homens e pelo sistema de ações. A paisagem agrega o momento passado, ela não é ação, é o local onde esta se deu, em que ocorreu a ação; ela nos apresenta o presente passado. Não sendo estática, a paisagem é constituída a partir de ação, de movimento, ela é dinâmica e esta embebida de crenças, concepções e afeições.

Perspectiva esta que é pertinente à nossa abordagem aqui empreendida, referenciada na teoria sustentada por Tuan (1983), através do estudo das relações das pessoas com a natureza, dos sentimentos e ideias delas sobre os espaços, as paisagens e os lugares. Em suma, o fator cultural, a ação humana e sua potência valorativa é agente modificador dos cenários, por isso a paisagem evidencia os processos de transformação social e cultural. Podemos, assim, dizer que ela representa a relação homem/natureza, os laços objetivos e afetivos que se estabelece entre ambos; do mesmo modo, pode-se dizer que o ser humano atua não só como observador desta paisagem, mas como parte integrante da mesma. Em suma, “[...] A paisagem [...] documenta as realizações de um povo [...] A paisagem está pontilhada de recordações [...]” (TUAN, 1983. p. 147). Por conseguinte, a paisagem configura como

*locus* que testemunha as transformações que ocorrem no tempo e espaço, sejam eles antropizados ou não, isto é, sejam espaços abertos, paisagens e ambientes convertidos pela ação humana ou não. Por meio do testemunho que é a obra de Coelho (1997), buscou-se por evidenciar tais transformações no capítulo seguinte.

Portanto, com base em tais reflexões, que apontam para a vinculação do tempo e do espaço com a ação humana em sociedade é que buscamos, no próximo capítulo, perceber como Coelho, figura em seu texto, as dimensões temporais e espaciais, considerando suas facetas psicológicas, sociais e históricas que constituem a paisagem social.

No entanto, antes de adentrarmos a novela de Coelho com maior afinco e com olhar mais aprofundado, na busca de reconstruir a cidade, as relações sociais e o campo cultural que foram aí figurados, retomamos, de forma breve, alguns marcos temporais e espaciais, em geral, mencionados por diversos autores acerca de sua história, como memorialistas, textos acadêmicos e literários.

### **2.3 Reconstruindo um contexto temporal e espacial da cidade de Catalão: breves considerações**

Como mencionado no início deste capítulo, diversas categorias de identificação de espacialidade e de temporalidade são antigas e tradicionais no campo de produção dos historiadores, sendo consideradas clássicas, pois familiares e corriqueiras, que contribuem para a organização das modalidades internas do conhecimento produzido (BARROS, 2011). Nesse sentido, busca-se a seguir pontuar algumas dessas marcações acerca da história da cidade presentes em diversos autores que debruçaram sobre esse universo.

A cidade de Catalão se localiza no sudeste goiano, estando próxima à fronteira com o Estado de Minas Gerais e tem seu espaço urbano dividido, no Centro, pelo Córrego Pirapitinga. Possui duas famosas elevações em seu relevo; de um lado, o “Outeiro” da Saudade, Colina da Saudade ou Morro de São João, no qual assenta a igreja de São João Batista, e, no outro, o Cemitério dos Anjos, que, posteriormente, passou a denominar-se Morro das Três Cruzes, onde situava o antigo Terminal Rodoviário da cidade, e hoje se encontra o Centro Cultural Labibe Faiad. Das denominações de tais elevações, emergem significados a eles atribuídos e delas se podem observar bonitas paisagens da cidade.

Indicar com certeza quem foi o fundador de Catalão é uma tarefa difícil. Mas pesquisas tem assegurado que foi um caudatário da “Bandeira” de Bueno Filho, um espanhol ou descendente de espanhol, de origem catalã, e por tal apelidado “Catalão”, o qual, após

atravessar o rio Paranaíba, deixou a expedição para formar um pouso na região, “O Pouso do Catalão”, com o propósito de hospedar e ser ponto de apoio e referência para os inúmeros exploradores que dirigiam, em busca de terras auríferas, para a capitania de Goiás.

De maneira sucinta, as datas mais recorrentes no processo de instalação e transformação jurídica do povoado são quatro, no que concerne a alguns pesquisadores. Fim de julho de 1722 aparece como sendo o momento de sua fundação; 12 de fevereiro de 1834 figura como a data em que teria alçado à condição de Vila; 12 de maio de 1837, aquela da passagem à condição de Cabeça de Distrito; e 20 de agosto de 1859, de ascensão ao *status* de cidade (RAMOS, 1984).

O município de Catalão, no começo do século XX, conforme o texto literário de Sant’anna (2012), somava 25 mil pessoas e novas levas de imigrantes continuavam a chegar, como os sírios libaneses. A linha da estrada de ferro, que alcançara a cidade mineira Araguari, trazia bens de vários centros ao Sudeste de Goiás e facilitava a exportação da produção goiana, que deixava, aos poucos, para trás as tropas de burro e os carros de boi, até que finalmente chegou a Goiás, quando os trilhos foram fixados na ponte recém-construída no Paranaíba, e alcançando a cidade em fevereiro de 1913 (SANT’ANNA, 2012, p. 88-90).

No entanto, cabe aqui ressaltar que, conforme dados do *Anuário Estatístico do Brasil*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1950, a população total do município era de 30.652 pessoas, sendo 7.452 no espaço urbano e 23.200 no rural, ao passo que, em 1960, figurava um total de 26.098 habitantes, dos quais 11.435 estavam na sede e 14.464 no campo. Em 1970, de um total de 27.390, 15.384 estavam na cidade e 12.006 na zona rural. (ANUÁRIO, 2001).

A sociedade e cultura local eram permeadas por atos de violências cometidos contra as pessoas que se colocavam contrárias às idealizações de grupos familiares que detinham o poder, ou seja, contra seus interesses políticos. Se alguma pessoa representasse algum tipo de ameaça, no sentido de abalar o prestígio ou destituir do poder aqueles que lá estavam há tempos ou que interferiam e abalavam a configuração da política da cidade, fossem elas culpadas ou não, as perseguições eram intensas e violentas. Um desses fatos violentos, um ato de barbárie cometido contra a vida humana, foi citado na obra de Coelho, o assassinato do farmacêutico Anthero da Costa Carvalho,

Anthero mantinha um bom relacionamento com todas as pessoas da cidade, fosse pobre ou rico ele tratava da mesma forma. Assim, era amigo de pessoas influentes na cidade, de coronéis da época e também de ricos fazendeiros, bem como de pessoas simples e com menor condição

financeira. Por isso, em pouco tempo, Anthero passou a ser visto como ameaça para muitos políticos da época (RIGHETTO, 2012, p. 70-101).

Assim, Catalão tinha má fama, resultante de acontecimentos que marcaram seu processo de formação, um passado violento, com fogos e assassinatos, como do poeta e prático de farmácia mencionado, ocorrido em 1936. Até o final da década de 1940, os cidadãos tinham pouca segurança e as pessoas com um grau maior de instrução, quase sempre, mudavam-se para outras regiões à procura de um futuro melhor.

A cidade, de difícil acesso, por sua localização geográfica, isolada dos grandes centros mais adiantados, ao menos até a chegada da estrada de ferro, tinha uma rotina em clima de semiobscurantismo, não raramente, abalado por algum tipo de luta violenta.

É comum ouvir dos moradores mais antigos da cidade de Catalão-GO que ela carrega em sua história uma saga de sangue. Corriqueiro também é o fato de que tais moradores não pronunciem nomes e sobrenomes de algumas famílias da cidade ou, quando muito, as proferem sussurrando, em um tom quase que incompreensível. Pesquisar sobre a história de Catalão é mergulhar em meio a um universo de histórias, de narrativas polifônicas e de grandes personagens das elites da cidade (SILVA, 2014, p. 17).

Em questão de crescimento, a cidade começou a ter algum tipo de desenvolvimento após a eleição e posse de Juscelino Kubitschek de Oliveira à Presidência da República, no dia 31 de janeiro de 1956, que empreendeu importantes atos para o progresso econômico do país e de determinadas regiões. Com a transferência da capital da república para Brasília, no dia 21 de abril de 1960, foi construída e inaugurada a BR-50, que objetivava ligar Brasília e São Paulo e, que, passando por Catalão, fez com a cidade tivesse comunicação rápida e fácil com as cidades mineiras de Araguari, Uberlândia e Uberaba, dentre outras. Este foi um ponta pé para muitos outros desenvolvimentos da cidade, seja no âmbito comercial, industrial e/ou cultural.

Pode-se, assim, dizer que Catalão ao final da década de 1950 se apresentava com traços de uma cidade que havia sofrido influências da modernização, que outrora fora mais significativa e no momento se encontrava em uma fase inerte. Pode-se dizer também que a emancipação de alguns municípios agravou ainda mais a situação, comprometendo, de certa forma, seu contínuo crescimento. Outra grande influência para o crescimento da região foi, a já mencionada, construção da Estrada de Ferro, que a deixou, ainda mais, em posição privilegiada, tornando-se uma das principais cidades do Estado de Goiás.

Nos princípios do segundo Império, ergue-se as primeiras concepções no sentido de dotar o Brasil de um sistema ferroviário, que garantisse meio de transporte e de comunicação entre os habitantes do litoral e os distantes rincões do interior. O Visconde de Mauá introduziu os primeiros caminhos de ferros, inaugurando, em 1854, a Rio-Petrópolis e, posteriormente, a Santos-Jundiaí (RAMOS, 1984).

Este meio de transporte chegou a território goiano em 1909, com o prolongamento da estrada de ferro que tinha já ponto em Araguari, e possuía como destino final Cuiabá (MT). Sendo assim, atravessaria o sul do estado de Goiás e o município de Goiás, à época capital do estado. Seguindo o plano, em 20 de dezembro de 1909, as construções se iniciaram, e, em 23 de maio de 1911, havia sido concluída a margem direita do rio Paranaíba. Em 24 de fevereiro de 1913 foi inaugurada a Estação de Catalão e, em 10 de novembro, a Estação de Ipameri. Em 5 de fevereiro de 1916 ocorreu um conflito entre os ferroviários e o Chefe Político de Catalão, o Coronel Isaac da Cunha, responsável e conhecido pelo episódio da “Matança dos ferroviários”, que acarretou a paralisação da obra em 1920 (RAMOS, 1984).

As obras foram retomadas, em 1920, com a construção da estrada de ferro de Catalão para Ouvidor, que almejava encontrar a outra ponta dos trilhos, que deveria vir de Patrocínio e de Roncador rumo ao interior goiano. Assim, em 30 de dezembro de 1922 foram inauguradas as Estações de Ouvidor, Pires do Rio e Tapiocanga (RAMOS, 1984).

São em meio a estes acontecimentos e datas que a cidade de Catalão foi sendo erguida, que sua sociedade foi se formando. Os ocorridos e as disputas, que mais se destacaram no cenário histórico catalano, foram relacionados à família Paranhos e seus embates contra os membros do Partido Republicado Federal, especialmente, José Maria da Silva Ayres e Carlos Antônio de Andrade. De acordo com as compilações históricas elencadas por Silva (2014), as disputas que ocorreram em Catalão foram resultantes do cruzamento de três tipos de aspectos inerentes à conjuntura política coronelística, como a disputa local pelo poder, a disputa pelo poder do Estado e a disputa pelo poder federal.

Durante a década de 1920, as oligarquias rurais comandavam o estado brasileiro. A tomada do poder por meio do Golpe de Estado de 1930 fez com que o Brasil, e consequentemente Goiás, reestruturasse seu campo político forjando novos arranjos das forças sociais, o que acarretou uma reviravolta na configuração da estrutura da oligarquia-familiar. Esse período passou a ser considerado e caracterizado como uma nova era, moderna de Catalão.

Nesta passagem difícil, Goiás sofreu os embates de dois tipos de distúrbios: os oriundos do âmbito federal no ajustamento do novo regime, que repercutiam imediatamente sobre o governo central do Estado, e os provenientes das disputas locais reavivadas pelo forte vento da nova liberdade política.

Os distúrbios de Catalão tiveram sua origem precisamente no encontro, em dado momento, destes três tipos de conflitos da conjuntura política: a disputa local pelo poder, a disputa pelo poder do Estado e a disputa pelo poder federal (GOMES, CHAUL, BARBOSA, 1994, p. 66).

Os vestígios de que a modernização chegava à cidade foram percebidos e associados ao observar o arranjo arquitetônico das casas residenciais e dos comércios, no traçado das ruas, largas, iluminadas e sinalizadas, bem como dos espaços públicos de lazer. Isso no Centro da cidade que se apresentava com características impostas por uma política modernizadora, que almejava, a todo custo, deixar para trás os caracteres e as raízes rurais para se tornar moderna e, até, industrial. Modernização que se tornava aspiração da elite catalana, juntamente com os articulistas de jornais e rádio, meios de divulgação, de propagação e idealização da tão sonhada urbe.

Porém, era possível constatar este cenário modernizado somente no Centro da cidade, onde os principais interessados pela modernização se localizavam, com suas residências apresentando marcas e traços de uma arquitetura mais moderna, bem como de seus estabelecimentos comerciais. A periferia da cidade contrastava com esta paisagem descrita do Centro (COELHO, 1997, p. 11, 14, 28, 50, 53, 84, 99); configurava com casas simples, em sua grande maioria casebres, feitos com madeiras e adobes, os quais substituíam os tijolos, como a descrita por Coelho (1997, p. 37-44, 77-85) em sua novela.

Às margens do centro urbano, ruas sem calçadas, pavimentação e traçado planejado; a água sendo retirada de cisternas e a inexistência de serviço de coleta sanitária. Tudo isso deixava claro que não gozavam de nenhuma infraestrutura, pois ali se localizava aqueles que não exerciam influência no desenvolvimento da cidade, na maioria advindos do campo e atuando como fornecedores e vendedores de sua mão de obra. Essas pessoas eram marginalizadas e foram, aos poucos, sendo empurradas para os lugares mais distantes da área central e sem nenhuma preocupação com sua instalação e acomodações.

Percebe-se, nesse movimento, a contradição oriunda do dito desenvolvimento e progresso, que se consolidava em bases miseráveis, massacrando aqueles excluídos de suas benesses. Desenvolvimento e progresso, que nada trazia em prol do bem estar da maioria, apenas acenando aos interesses de uma pequena minoria, que eram aqueles que detinham o poder ou gravitavam a seu redor. Por isso, podemos dizer que o progresso e a miséria são

dois lados de uma mesma moeda. Coelho, como veremos, revela em sua obra a disparidade e a contradição existentes entre esses dois mundos, dos mais opulentos e dos menos favorecidos.

A população que mais sentiu as consequências do desenvolvimento, do progresso foi a menos abastada, pois teve que se adequar ao que foi ansiado e imposto pelos representantes do poder público, juntamente com a classe elitizada; tudo em nome do “progresso”, da modernidade. Foram banidos do Centro e forçados a deixar de lado muitos hábitos antigos ou modificá-los para ajustar ao novo modo de vida que estava sendo edificado e implementado, que era o oposto da vida costumeira, tipicamente rural. Aqueles que tinham condições financeiras melhores aderiam à modernidade e acabavam sendo influenciados por seus encantos, colocando em suas residências aspectos, traços e detalhes da arquitetura moderna, evidenciando, desta forma, sua aceitação pela mudança e pelo progresso.

A partir das experiências que foram vivenciadas pelos personagens de Coelho, pelo homem e por sua família, os transtornos que são descritos na obra, podemos afirmar que é uma realidade vista de “baixo”, pois, neste mesmo período, a imagem que é vendida da cidade de Catalão na mídia - mais especificamente no jornal *Gazeta do Triângulo* - é totalmente oposta, conforme Paula (2005; 2004). Propagava-se um ideário de progresso e de crescimento, que não era experimentado e sentido pelos moradores menos abastados, isto é, aqueles que residiam nos casebres às margens da cidade e da sociedade catalana.

Havia exaltação da modernidade e de uma Catalão que só existia na imaginação e nos papéis, nos registros dos articulistas da mídia regional que foram tecendo uma imagem idealizada de Catalão, oposta à que estava sendo vivida pela maioria e observada pelo olhar crítico do romancista. A mídia passava a imagem de algo que não era, mais do que se desejava que fosse. Os veículos de comunicação da época, o jornal e o rádio, foram potencializadores da venda desta imagem embelezada, que o romancista via como contraditória. Conforme matéria da *Gazeta do Triângulo*, de 1959 (apud PAULA, 2005, p. 93–94),

A terra que hoje completa seu primeiro século de existência, na categoria de cidade, marcha, de maneira agradável, no caminho do progresso; realmente, quem analisa os últimos anos de sua existência, verifica profundamente modificações em todos os setores, que a vão tornando moderna e a elevando aos olhos de outras comunas de Goiás e do Brasil.[...].

A escrita de Coelho, que nos traz cenas de variadas temporalidades da história de Catalão, foca o momento, no qual figura a narrativa, dessa matéria do jornal acima referida, a década de 1950, de modo geral, ou mais precisamente por volta de 1959. Por meio de sua

narrativa, podemos acessar diversas referências temporais e espaciais na busca de atingir nosso intuito de por em evidência um pouco do cenário e contexto em que configurou a formação da cidade, permeada de mortes, conflitos, mandos e desmandos dos coronéis que se alternavam no poder. A lei quem fazia eram aqueles que estavam no poder, sendo Catalão uma cidade que possui história permeada por atitudes bárbaras e violentas.

Portanto, é a partir dessas reflexões aqui apresentadas que se buscou ler a obra de Coelho no capítulo subsequente. Através do diálogo entre estas discussões teóricas e a obra literária de Coelho, almejou-se constituir uma leitura e análise que possibilitou a compreensão do processo histórico de origem, formação, desenvolvimento e, por fim, de figuração da cidade de Catalão por volta da década de 1950, atentando às suas dimensões - temporal e espacial - nela figuradas. Assim, após essa reflexão teórica, buscamos articular tais discussões, acerca do tempo e espaço, com as figurações presentes na obra literária de Coelho.

### III TEMPOS, ESPAÇOS, PAISAGENS E LUGARES DE EXPERIÊNCIAS NA NARRATIVA

Neste capítulo, buscou-se realizar, partir das reflexões teóricas apresentadas no capítulo antecedente sobre tempo, espaço, paisagem e lugar de experiências, um diálogo entre estas discussões e a obra literária de Coelho, *Um homem e sua família*, publicada em 1997. Assim, almejou-se abordar o tempo no processo histórico de Catalão e suas temporalidades como o tempo de origem, de formação e de desenvolvimento do lugar, bem como sua configuração no período da década de 1950, atentando para essas diversas temporalidades e para as menções aos espaços, às paisagens e às experiências e práticas humanas a eles associados.

Como já dito, o capítulo corrente tem como objetivo a leitura e um estudo mais detalhado da obra literária de Coelho, que oportunizou lançar-se no mundo da imaginação, criação, espontaneidade, através da arte da palavra, da interação social que possibilita entre os participantes sociais, pois a literatura oportuniza esse diálogo, esse fluir entre ambos; motivo que nos faz a considerar como uma releitura de fatos e eventos decorridos em uma sociedade. E, ao final da dissertação, propomos um projeto de aula-oficina a partir da obra literária, onde será possível vislumbrar essa interação entre sujeitos e o ambiente.

O escritor produziu *Um homem e sua família*, ao reescrever o referido conto, que tem temática relacionada à cidade de Catalão e, ao mesmo tempo, inclinada para a compreensão de um espaço mais amplo, isto é, da realidade goiana e, até mesmo, brasileira ao se refletir acerca dos contratempos em que o êxodo rural se converteu e nas questões sociais que com ele vieram a aparecer. Ademais, abarca a dimensão da vida cultural, mental e psicológica do homem em meio à “moderna vida na cidade”, mesmo que Coelho, bem como seus personagens, esteja longe geograficamente dos grandes centros urbanos e acadêmicos do país.

A novela *Um homem e sua família* é formada a partir do olhar específico do literato, que não exime da realidade exterior e interior, o que justifica dizer que pode revelar ideologias e simbologias da realidade que se diz histórica. A linguagem usada por Coelho na narrativa, utilizada como mecanismo de comunicação, para a constituição de seus personagens, difere da linguagem utilizada em outros suportes linguísticos, como as de artigos publicados em jornal, por exemplo.

Por meio da obra podemos perceber a visão daquela família que deixou o Porto Nacional deslumbrada com as histórias de riquezas do Sul e que, por ventura ou desventura,

acabou residindo em Catalão, vivenciando e conhecendo os problemas que não foram ditos nas histórias iniciais que ouvira em sua terra natal.

Duas visões muito destoantes são possíveis de se observar sobre a reputação da cidade: uma, a apresentada pela imprensa, em específico o jornal *Gazeta do Triângulo*, de 1959, como indica as reflexões de Paula (2005, p. 93-94) e mesmo a narrativa de Coelho ao referir à região central da cidade, limpa, bonita e cheia de encantos; e, a outra, a versão periférica, pobre, miserável e desconjuntada, como mostra de modo reiterado o literato, que deixa muito nítido a divisão das classes e sua presença e localização nos espaços citadinos, especialmente quando se analisava a pavimentação das ruas e a arquitetura das casas.

### **3.1 Os tempos históricos passados observados na narrativa**

Intenciona-se aqui em evidenciar os diferentes tempos que permeiam a história de Catalão, referidos na obra de Coelho. Ao fazer análise da mesma, podemos constatar que Coelho trata de vários tempos, são eles: de origem, de formação, dos atritos e confrontos violentos e, por fim, do tempo da narrativa. Evidencia-se também que Coelho não segue uma ordem cronológica e linear dos fatos, assim como dito no capítulo precedente.

Como bem explicado por meio de Halbwachs (2006) e Nora (1993), no capítulo anterior, a memória é sempre viva, mágica e afetiva, demonstrada em espaços, imagens, objetos e gestos, descrevendo do passado apenas o que se faz presente ou capaz de viver na consciência de quem a mantém, que é repassada no momento para construir a sua identidade, por isso não é linear, uma vez que é resultante de tempos múltiplos, onde o individual enraíza no social.

O ir e vir da narrativa alterna entre os tempos, passado, presente e almejos futuros, que servem para demonstrar os ensejos e as histórias dos personagens, de modo que os configurem, expliquem e permitem visualizarmos as suas identidades. Estas memórias são um fator primordial para as alterações comportamentais e de identidade do sujeito, o que torna possível o entendimento de fatores que influenciam na vida presente dos personagens.

#### ***3.1.1 Tempo de origem***

Pode-se dizer que a cidade de Catalão surge a partir e no contexto da expansão territorial da coroa portuguesa, uma vez que sua existência se deve à condição de Pouso, sendo um ponto de marca das Bandeiras, de expedições diversas que foram abrindo caminho em busca

de riquezas minerais em solo brasileiro, até se chegar ao interior de Goiás. Ratificando o que foi dito na seção anterior (RAMOS, 1984; GOMEZ; CHAUL; BARBOSA, 1994), de logo após a bandeira de Anhanguera ter adentrado as glebas catalanas, com destino as terras sedes de mineração Goiás, deixou na região alguns componentes do grupo para que pudessem estabelecer um “Pouso”, isto é, um local em que se hospedasse, munisse e orientasse os demais mineradores e viajantes que vinham para a região, como bem coloca: “Quando o bandeirante Anhanguera passara por estas bandas, rumo às minas de ouro lendárias, deixara alguns dos membros de sua comitiva no local” (COELHO, 1997, p. 48).

[...] À margem do Pirapitinga acamparam e construíram seus ranchos, nas imediações do Bairro da Rua-da-Grota, que recebeu, mais tarde, esse nome devido às três grandes grotas que descem do Morro-das-Três-Cruzes, cortando aquele recanto da cidade até alcançar o ribeirão. A finalidade era fazer roças, plantações que pudessem fornecer mantimentos à bandeira quando de sua volta. Muitos e muitos lugares foram escolhidos na rota da bandeira, sempre um pequeno grupo permanecendo no trabalho de plantação, mas poucos criando raízes se tornando pousos obrigatórios neste mundo perdido da província distante (COELHO, 1997. p. 48-49).

Passando pela região Anhanguera e sua comitiva entendeu que a região era um bom local para instalar um ponto de apoio, devido sua localização, próximo ao limite do atual estado de Minas Gerais, entre duas elevações, água em abundância e com muito peixe. Ficou sendo local para fazer suas plantações e abastecer à bandeira ao retornar e àqueles que vinham abrindo caminhos em busca de ouro sertão afora. Esse tempo de origem é aquele longo, do qual Braudel cita, “é o tempo da estrutura, das relações do homem com o meio que o rodeia, composto transformações lentas, reiteraões e ciclos”.

Conforme Coelho, por essa época, da passagem de Anhanguera, o espaço natural era composto por uma paisagem primitiva e por uma diversificada vegetação, imperando uma natureza bela, exuberante e inóspita, na qual figura também traços do relevo e da hidrografia do lugar.

Isto tudo era uma mataria fechada, sertão inóspito, óleos de muitas eras retorcendo os troncos nodosos e deitando copas engalharadas, sucupiras resinosas, gameleiras de muitas braças em abraços sufocantes a coqueiros, ipês coloridos nas suas florzinhas amarelas e roxas, jequitibá, angico, amoreira, caraíbas e barrigudas explodindo em cachos de flores esvoaçantes à menor batida do vento – uma sorte diversa de árvores de madeira de lei jogando para o alto muitos metros de troncos, se abrindo em galhos recurvos, mas também extensões consideráveis de lobeira, pequi, pau terra, uma raia miúda de vegetação capoeirada formando manchas de cerrado. Apenas uma pequena elevação, em cocuruto careca, não coberta pela

mataria: uma vegetação rala, moitas de capim e um emaranhado de que seria arvoredos raquíticos, mais trepadeiras que arvoredos, medrando a custo no terreno pedregoso do morrote.

O ribeirão sinuoso era de águas limpas que corriam ligeiras soltando murmúrios queixumentos nas pequenas cachoeiras. Havia muito peixe, na maioria pirapitinga, e por esse nome passou a ser conhecido (COELHO, 1997, p. 48).

Mas este espaço e tempo foram sendo, aos poucos, antropizados; o que era mata, capoeira e cerrado virgens foram sendo modificados lentamente pela ação humana, retirado e dando lugar às plantações, roças e moradas de alguns da comitiva que ficaram para traz com o objetivo de dar apoio àqueles que vinham de longas distâncias e que necessitavam de suporte para seguirem viagem adentrando o interior do Brasil.

Pois que aqui derrubaram matas, aos poucos; abriram roças de tocos, construíram casas – primeiro de pau-a-pique e sapê, depois trançado de taquara e reboco de areia fina e bosta de vaca, cal é que não havia, os casebres com a mesma cor terrosa e cobertura de entrançado de palmeiras, outras de adobes com esteio, isto já bastante tempo depois. Por fim algumas poucas de pedras ou de tijolos e telhas comuns (COELHO, 1997, p. 49).

Ainda de acordo com Coelho, com o passar do tempo, de um tempo lento e vagaroso, que anda gotejando, “sem pressa”, a ação humana e suas atividades, trouxeram outras alterações a esse espaço e configuraram outra paisagem.

Com o tempo, criaram-se também animais, currais foram construídos, chiqueiros e mangueiros proliferando sem que ninguém percebesse, o tempo andando como conta-gota marcando segundos dentro de hospitais – fazendas foram se formando, pequenos sítios que iam, a cada ano, se alargando em novos roçados, devagar, sem pressa, mas em ritmo sistemático capaz de tudo vencer. Mas no começo de tudo, apenas um pouso, nos caminhos desolados do sertão (COELHO, 1997, p. 49).

Espaço que se transformou em lugar devido a ação humana que lhe atribuiu valores, sentimentos e significados, conforme necessidades objetivas entrelaçadas com aspectos afetivos que se estabeleceram entre ambos, assim como o citado por Tuan no capítulo anterior: “na medida em que adquire definição e significado o espaço se transforma em lugar” (TUAN, 1983, p. 151); lugar este que representa as necessidades individuais e coletivas e que, aos poucos, se torna em objeto de identidade de um povo. A partir de então, a paisagem nos serve como testemunha desta ação do homem sobre a natureza, o que fica evidenciado na obra de Coelho que, após descrever o espaço e a paisagem naturais dos tempos primevos, remete ao lugar que foi propriamente a origem da cidade, a Rua-da-Grota:

[...] Mas o princípio, o começo de tudo, foi ali, na Rua-da-Grota. Por isso, quando construíram a igreja botaram a frente dela voltada para aquele bairro pobre, que na época era a cidade inteira (COELHO, 1997. p. 49).

A narrativa de Coelho, ao justificar o motivo da construção da igreja de costas para a cidade, ficando de frente para o bairro da Rua-da-Grota, corrobora que ali foi o início da cidade de Catalão, espaço onde se instalou seus primeiros habitantes. Segundo o escritor, este foi o motivo que levou os seus idealizadores a construírem a sua frente para o bairro pobre, “que na época era cidade inteira”. Assim, por mais que pudesse parecer estranho para “os mais jovens”, para as gerações que vieram tempos depois, que “A igreja tinha as costas voltadas para cidade e a frente para o bairro da Rua da Grota”, a explicação dada era esta, “bastante simples”, ali, aquele bairro, era, por aquele tempo da origem, toda a cidade (COELHO, 1997. p. 48-49).

Já o nome “Bairro da Rua-da-Grota”, via pública que ficava localizada entre o Morro-das-Três-Cruzes e o ribeirão Pirapitinga, região onde foram erguidas as primeiras moradias daqueles que desgarraram da comitiva de Anhanguera, recebeu esta nomeação, “mais tarde”, em razão das “três grandes grotas que descem do Morro-das-Três-Cruzes, cortando aquele recanto da cidade até alcançar o ribeirão” (COELHO, 1997, p. 48-49). O propósito deste “Pouso” era constituir um acampamento, construindo ranchos e plantando roças que pudessem abastecer com alimentos as bandeiras na volta ou retorno, bem como para os que adentravam a região, como mencionado anteriormente. Essa prática era comum às bandeiras como expõe Coelho (1997, p. 49), ao dizer que: “Muitos e muitos lugares foram escolhidos na rota da bandeira, sempre um pequeno grupo permanecendo no trabalho de plantação, mas poucos criando raízes se tornando pousos obrigatórios neste mundo perdido da província distante”.

Assim como os vários registros históricos contam, a obra literária também não tem informações de quem eram os tais membros que se instalaram na região e que foram responsáveis pelas primeiras residências, mas são consoantes ao mencionar “um espanhol da Catalunha” como chefe da expedição que ali ficou, o que imputou a dar nome a cidade de “Catalão”.

Até hoje não se sabe ao certo de que pessoas se compunha a comitiva desgarrada – apenas o chefe, um espanhol da Catalunha, por isso mesmo conhecido por Catalão, seu nome verdadeiro história nenhuma foi capaz de guardar [...] (COELHO, 1997, p. 48).

Assim como ocorreu em quase todo o território brasileiro, Catalão foi ocupado em razão do senso mercantil, explorador e capitalista dos portugueses, que vieram à Goiás em busca de ouro, “o ouro de Vila Boa [que] fizera com que muitas levas paulistas percorressem aqueles trilhos incertos”, atraídos pela ambição, e que fizeram da região o “ponto de parada obrigatória, para descanso e reabastecimento”, ficando sendo chamada de “fazenda do Catalão” (COELHO, 1997, p. 49).

A narrativa conta que não foram todos os que passaram por aqui que continuaram a trajetória até Vila Boa, pois, por opção ou falta de recurso, fixaram na região e, por conseguinte, contribuíram para aumentar o número de pessoas no lugar e, desta forma, para a formação de um povoado, arraial, vila e cidade, onde inicialmente se formou uma fazenda, seguidamente povoado/paróquia e, posteriormente, a cidade.

O ouro de Vila Boa fizera com que muitas levas paulistas percorressem aqueles trilheiros incertos. Ponto de parada obrigatória, para descanso e reabastecimento, ficou sendo a fazenda do Catalão. Muita gente nem mesmo chegou à Vila Boa, por aqui assentou destino, engrossando o povolú que labutava na terra. Assim foi crescendo a fazenda, novas casas sendo construídas, novas famílias, novos ofícios, novas derrubadas, novas roças. A terra a bem dizer não tinha dono, poderia ser de El-Rei, mas este ficava longe. E foi que virou povoado de sesmaria, depois terra de paróquia, patrimônio da igreja, em nome de *Nuestra Señora Madre de Dios*, e não muito depois ficando cidade (COELHO, 1997, p. 49).

Conforme os autores mencionados, deve ter sido por volta de 1722 que se chegou à região de Goiás, durante o período aurífero. Contudo, como qualquer fonte de riqueza natural, um dia ela se esgota e, com isso, a decadência da mineração, o que fez necessário com que as fontes econômicas também se alterassem e, então, o processo se inverteu. As cidades onde havia mineração decaíram, praticamente estagnaram ou até mesmo desapareceram, como aconteceu com São Felix, Cachoeira etc., e as cidades onde havia o cultivo da agropecuária começam a ter destaque, como Catalão.

Considerada uma cidade periférica na província de Goiás, Catalão começou a se destacar por conta deste aspecto da produção agropecuária e cresceu. Em 1810, as terras foram doadas à capela; em 1820, formou-se um núcleo embrionário constituído de igreja-venda-moradores, o que permitiu que o lugar fosse nomeado como arraial. Imigrantes chegavam a região investindo em novas produções, estendendo a ocupação territorial e fazendo com que em 1832 a capela fosse elevada à condição de capela curada – isto é, capela com sacerdote permanente – para depois, em 1834, elevada à condição de vila, independentizando-se de Santa Cruz e, no próximo ano, elevando-se a paróquia. Seguindo o

mesmo ritmo de crescimento, em 1859, Catalão elevou-se a condição de cidade (GOMES, CHAUL, BARBOSA, 1994).

### ***3.1.2 Tempo de formação***

Neste contexto, Catalão passou de fazenda de assistência à bandeira, à povoado, depois vilarejo e, posteriormente, chegando à cidade. O tempo de formação e de crescimento pode ser marcado e vislumbrado com a chegada dos imigrantes sírio-libaneses na região, ocorrida com a construção da estrada de ferro, que possibilitou acesso ao interior de Goiás. Ambos contribuíram, sobremaneira, para o processo de formação e crescimento da cidade de Catalão.

Conforme vimos no capítulo anterior, quando Sant'anna (2012, p. 88-90) nos chama a atenção para a chegada da linha da estrada de ferro em Catalão, no começo do século XX, em 1913, que atraiu bonanças, bem como a chegada de estrangeiros, como os sírio-libaneses que foram atraídos pelas atividades econômicas e riquezas naturais da região.

Só o trem de ferro poderia ter trazido para Goiás o mascate, quando deveria ter dito os sírio-libaneses. A primeira base de operação (digamos assim) desses descendentes árabes para invadir Goiás foi Uberaba. De lá, pela antiga Santa Rita (Itumbiara) alcançaram o sudoeste goiano, e de Caiapônia foi natural Alfredo Nasser. Com a ferrovia já em Araguari, Minas Gerais, passaram para essa cidade, daí chegando a Catalão [...] (SIQUEIRA, 1993, p. 20).

Assim, averigua que a chegada mais significativa dos sírio-libaneses em nossa região está vinculada à construção da estrada de ferro, o que facilitou o acesso ao interior de Goiás, rumando Goiás adentro. Portanto, a estrada de ferro foi responsável por colocar Catalão em destaque, pois trazia bens de vários centros e também escoava a produção da cidade com maior agilidade, pois substituiu as tropas de burro e os carros de boi.

Fez-se pertinente trazer algumas considerações sobre a imigração árabe no Brasil, explicar, embora de forma sumária, sobre o contexto histórico em que esta se insere. A partir de um compilado de leituras feitas para entendimento da natureza da imigração sírio-libanesa, foi possível constatar que dentre os vários motivos, destacam-se as questões econômicas, políticas e religiosas. Não adentraremos no assunto, pois escapa de nosso propósito. Presume-se que foi a partir de 1880 que se registrou a maior leva destes imigrantes para o Brasil, os quais se direcionaram para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Minas Gerais e

Goiás (POUBEL, 2006-2018). Em geral, vinham em busca de uma vida melhor, correndo das perseguições políticas e religiosas.

Dentre algumas características peculiares destes imigrantes, destaca-se suas atividades econômicas que se baseavam na comercialização ambulante de objetos diversos e produtos manufaturados. Na época, denominavam-se de mascate aquelas pessoas que comercializavam seus produtos de porta em porta e quando prosperavam, logo, abriam seu próprio estabelecimento. Através de leituras diversas, o que se percebe também é que esses imigrantes gostam de vender barato para vender muito, talvez o motivo de serem bem sucedidos nos negócios, como é o caso da família citada por Coelho.

O povo dizia que quando eles chegaram da Síria mais pobres não poderiam ser. O velho – chamavam-no Jidu que é avô lá na língua deles – pai de todo o clã, botara a família inteira para fabricar, num barracão armado no fundo do quintal, doces e mais doces com feições de animais, porquinhos, vaquinhas, carneirinhos, cavalinhos, cãezinhos – um horror deles; depois embrulhavam-nos em papel de seda e percorriam as ruas, feiras, vendas e empórios da cidade com tabuleiros cheios. Foi daí que pegaram o apelido de os *Bichinhos* - estrangeiros que fabricavam bichinhos de doces para vendê-los nas ruas (COELHO, 1977, p. 50, grifo do autor).

Ratifica desta forma, através das leituras feitas sobre os sírio-libaneses, que a grande maioria deles que chegavam ao Brasil, especificamente em Goiás, eram oriundos de classes média à baixa, chegando aqui com pouco ou quase sem nenhum provento, acabando no percurso da viagem, tendo que vender seus pertences para prosseguirem.

Pelo excerto de Coelho citado acima, percebe-se o quanto as famílias estrangeiras, especialmente as dos libaneses, foram criativas para produzirem e organizadas no que diz respeito ao micro empreendedorismo, pois o chefe da família consegue organizar e levar todos seus componentes a participarem ativamente na produção e distribuição dos bens produzidos, tendo criatividade e persistência. Descrições como estas, permite-nos conjecturar que a economia e a formação social de Catalão ocorreu também devido essas famílias, o que, provavelmente, contribuiu para o aumento de funcionários e novas empresas, como se observa na passagem abaixo.

Com os lucros da fabriqueta de doces e de muitos outros negócios que o velho não descuidava de fazer, montaram empresa de laticínios, produzindo manteiga de leite que abastecia não só a cidade, mas as redondezas vizinhas, até mesmo o triângulo mineiro (COELHO, 1977, p. 50).

Assim, essa família de sírio-libaneses prosperou em seus negócios, como bem destaca

Coelho, pela vontade e disposição de vencer, característica intrínseca deste povo. Como bem coloca Jacy Siqueira (1993, p. 20), no texto “Turcos do Brasil Central: imigrações, cultura, tradições”, “as armas que lhe eram disponíveis: seus braços, sua disposição para o trabalho. O que melhor sabia fazer? Mercadejar.” Portanto, aqueles que chegaram da Síria em Catalão na extrema pobreza se ergueram e contribuíram para o crescimento da cidade e a constituição da paisagem urbana ao construírem um “palacete” à beira do largo da igreja matriz, sendo “os donos do sobrado”, “um casarão enorme, sobrado com sacadas nas janelas da frente, um alpendre de fora à fora, em cujas colunas de sustentação subiam enrolando trepadeiras de ramagem verde e florzinhas amarelas” (COELHO, 1977, p. 50).

Segundo Siqueira (1993), os sírio-libaneses deixaram sua terra natal e se aventuraram no território brasileiro, acompanhando as trilhas abertas pelos bandeirantes paulistas, adentrando o país, mascateando e fugindo da concorrência dos grandes centros urbanos.

A partir desse processo, Catalão cresceu e se expandiu para além dos arredores da igreja Matriz.

Catalão cresceu, encompridou-se, botou ruas para depois da igreja, foi se espalhando pelo vale acompanhando as voltas do Pirapitinga. E com o passar dos tempos a igreja ficou com as costas voltadas para a maior parte da cidade – parecia até ofensa, por mal feito muito grande (COELHO, 1997, p. 49-50).

Catalão, portanto, cresceu e se desenvolveu, e isto se deu devido a chegada da ferrovia, bem como dos imigrantes sírio-libaneses, que muito contribuíram para a formação e o crescimento populacional e econômico da cidade. Eles também influenciaram, de forma significativa, na cultura regional, além de contribuírem para construção das cidades mais antigas do Estado de Goiás, embora Catalão não seja uma destas, mas mesmo assim corroboraram para sua construção. Percebe-se, hoje, na sociedade catalana uma influência muito grande destes imigrantes e que eles estão totalmente integrados na sociedade que os acolheu, bem como já o indica a narrativa de Coelho que, além de descrever traços externos do aclamado palacete erguido pela família de imigrantes à beira do largo da igreja, também remete a seu interior e atitude de seus moradores: “Por dentro, tapetes no chão, piso de taco brilhando feito espelho. A patroa tinha semblante descansado e sereno [...]” (COELHO, 1997, p. 49-50).

Assim, corroborando com o exposto, Siqueira considera que os sírios, dentre os bens materiais adquiridos, primeiramente, optavam em comprar joias e gostavam de viver com conforto.

[...] A outros bens materiais, preferiam adquirir jóias, peças de ouro e pedras preciosas, para si, suas mulheres e filhos. Isto, porém, não significava descuido com a casa de residência, o lar. Ao contrário, gostavam de casas boas e confortáveis, evidenciando isto o sobrado dos Fayad em Catalão, já indicado para tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás, [...] (SIQUEIRA, 1993, p. 21).

Os sírio-libaneses também são demonstrações de que para os imigrantes, quase que totalmente, restavam-lhes o emprego e as atividades informais. O exemplo dessa família figurada por Coelho deixa isso bem claro, mostrando que o grupo recorreu à criatividade e atividades diversas para conseguir aumentar os bens e os lucros da família.

A sociedade dessa cidade interiorana se modifica com o decorrer do tempo, fruto da inserção e mistura de gerações e povos diferentes, que contribuíram para um mesmo propósito, o de transformar a cidade em um centro que pudesse garantir a subsistência e vida melhor, dar-lhes empregos e meios de seguir em frente e progredir, de poder viabilizar seus empreendimentos na cidade que ia crescendo, encompridando e se espalhando. Mas, infelizmente, não eram todos que se beneficiavam com essas condições e oportunidades, especialmente aqueles que não tinham capital nenhum – como a família principal ou protagonista da trama do livro – para principiar algo.

Lamentavelmente, percebe-se, também, que o poder público não estava devidamente preparado para lidar com os excluídos e necessitados, com a forma como os imigrantes estavam sendo recebidos na cidade de Catalão. Percebe-se isso, por exemplo, pelo excerto seguinte: “Lá na prefeitura tem um pessoal que o trabalho deles é ajudar quem se encontra na precisão de sem recurso que nem a gente. Falei do caçula, deram este remédio que é pra por em água fervida e dar pra ele coisa assim de meia em meia hora” (COELHO, 1997, p. 76).

Poderia até não haver desinteresse total por parte do poder público com os seus residentes, mas o município também, ao que parece, não tinha recursos, talvez humanos e financeiros, suficientes para assistir, aparar e munir devidamente todos os migrantes pobres e outros necessitados que chegavam à região. A partir destas descrições, que nos permitem fazer uma reflexão sobre a arrecadação da cidade ou acerca do emprego ofertado à mesma, que era insuficiente ou destinada a outras necessidades, para atender com qualidade aqueles que dependiam dos serviços de assistência social, embora houvesse, mas de maneira ainda bem precária. Desse modo se reforça o contraste existente entre as classes sociais, perceptíveis no espaço e nos sujeitos em si, que se fazem presente na obra de Coelho.

### ***3.1.3 Tempo dos atritos e confrontos violentos***

Ao longo do tempo, marcado por indicativos de crescimento, a cidade de Catalão se destacava na Província e, depois, no estado da federação, com o advento da República. Uma fama do célere progresso, mas também de violência, caminhavam juntas, como acerca das disputas e embates acirrados travados entre os partidários da família Ayres e dos Paranhos nas décadas finais do século XIX e início do seguinte (SANT'ANNA, 2012, p. 56-61), no qual ocorreu, ainda, o sangrento episódio envolvendo os turmeiros da estrada de ferro em expansão (SANT'ANNA, 2012, p. 87, 93-103), além de outras mortes, como de Salomão Paiva, em 1924, devido disputas para assumir a chefia política do município (SANT'ANNA, 2012, p. 121-129) e mesmo aquela de Antero da Costa Carvalho, em 1936 (SANT'ANNA, 2012, p. 161-172). Esses e outros inúmeros assassinatos e atos violentos que aconteceram em Catalão foram ocasionados por vários motivos, mas a natureza principal era relativa as disputas de terras, roubos e questões políticas.

Nesse sentido, Maria do Rosário de Mello, historiadora da cidade, em consonância com Righetto (2012), já citado em capítulo anterior, relata que os anos trinta foram marcados por violências desmedidas, que foram alimentadas pela impunidade da época. Foi neste contexto, de violências, que se efetivou a barbárie contra a vida de Antero, em um crime rodeado de mistérios no que refere a elucidação de seus mandantes, ficando impune, bem como o motivo de sua morte (MELLO, 1999, p. 36-42).

A famosa história citada por Mello (1999) e outros autores, como Sant'Anna (2012), é mencionada entre as histórias contadas pelos personagens na narrativa de Coelho. Os meninos, da família de migrantes, “contavam casos” uns aos outros, quando o mais velho entrou a dizer “a história de Antero”, que um pedreiro vizinho lhe contara, falando de um homem linchado, a mando dos imponentes coronéis locais. “Aí então, prenderam ele na cadeia. Lá os soldados bateram nele até o coitado mijar pras pernas abaixo que nem cachorro quando apanha de relho” (COELHO, 1997, p. 96).

Essa morte passou a ser um marco na história da cidade, sendo uma memória transpassada cotidianamente, decerto, por ser um assassinato com requintes de crueldade. As narrativas que eram propagadas, como as mostradas na história de Coelho, como se vê na citação abaixo, são, na maioria dos casos, acerca de injustiças, de dor e de “inocência”, como a presumida de Antero, que tornou motivo de crença para os residentes de Catalão.

Segundo Mello, e em conformidade com o já mencionado em capítulo anterior, Antero, devido a sua popularidade era considerado uma ameaça àqueles que estavam no poder

e, por isso, se tornou alvo fácil. Presume-se, então, que este crime bárbaro teve o propósito de eliminar qualquer possibilidade dele chegar ao poder, pois cogitava-se a ideia de que seria candidato a prefeito. Porém a justificativa que deram para seu linchamento foi que ele seria o mentor da morte de Albino Fellipe, um rico fazendeiro muito querido pela sociedade catalana, o que causou indignação e revolta na população (MELLO, 1999, p. 21).

Coelho descreve em sua obra, com riqueza de detalhes, partes de como foi o linchamento, que tornou uma história arraigada nas memórias dos catalanos e que perpassa gerações.

Foi ali onde está a cruz, perto da grotta, ali na entrada da cidade, em frente a serraria, que ele morreu. Vinha muita gente, ele amarrado que nem boi na chinha, puxado por peão. Os outros davam nele de pinhola, rabo-de-tatu, fueiro e tinha gente mais malvada que pinicava ponta de faca no corpo do coitadinho. Ele não falava essa boca é minha nem bolacha. Tava mas era calado, nem gemia que nem Jesus Cristo carregando a cruz pra morrer. Nele sangue corria pras quinze bandas (COELHO, 1997, p. 96-97).

A história de Antero é uma narrativa que se manteve presente no acervo e repertório memorial de qualquer pessoa comum, sendo contada e recontada nos “quintais” e nas ruas de Catalão, presente e propagada na memória coletiva, que não permitiu que se perdesse entre as histórias “oficiais”, isto é, que trata dos grandes homens e acontecimentos considerados notáveis para a sociedade. Coelho faz avançar a narrativa realizando ainda outra descrição acerca dessa história do “homem que viveu e morreu matado ali perto deles”.

Aí, então, parece que um mais malvado meteu a faca no sangrador dele que sangue espirrou longe. Garrou daí ele morreu. Depois dele morto, passaram cavalo na carreira por cima do corpo dele. Depois pegaram o corpo dele e jogaram pra riba da cerca de arame no outro lado de lá. Diz que até pouco tempo tinha um pedaço da camisa toda cheia de sangue que ficou presa nos arames. Depois é que descobriram que ele não tinha matado ninguém. Garrou daí puseram aquela cruz onde ele morreu e as mulheres vão rezar e levar velas bentas, fazem promessas. Diz que ele agora virou santo. (COELHO, 1997, p. 97).

A história de Antero se tornou narrativa presente até os dias hoje nas rodas de conversas e de contação de casos. Trata-se, sumariamente, de um homem que viveu em um período que os moradores das cidades tinham a liberdade para fazer “justiça” com as próprias mãos. Sabe-se que vários outros crimes violentos foram realizados na cidade, como mencionado anteriormente, mas o de Antero é um dos muitos ressaltados em razão da crueldade que foi cometido, com aspectos de espetáculo, com local, data e hora marcada.

Esses critérios, muito provavelmente, foram utilizados para que essa morte servisse de exemplo, para coagir os moradores à obediência, além de reforçar a abrangência da coerção dos grupos dominantes.

Em conformidade com o que foi dito, Halbwachs (2006) e Nora (1993, p. 8-9), atentam para a questão de que “a memória é sempre viva”, e na passagem a seguir Coelho deixa evidente que a memória acerca da morte de Antero está viva no imaginário dos catalanos:

[...] Todo mundo fala nele. Ele é santo. É Santo Antero. Santo daqui mesmo. Quer ver? Pergunta pro pai. Ele deve de saber. Diz que lá no cemitério o povo põe muita vela queimar pra alma dele. Muita gente reza pra ele, faz até milagre, mãe. Na época de seca forte, o pessoal daqui joga água na cruz pra fazer chover, e diz que faz. É que ele é santo mesmo, mãe (COELHO, 1997, p. 97).

Percebe-se que a imagem e a história de morte de Antero da Costa Carvalho ficou no imaginário dos catalanos e estes a perpetuam, contando-a para aqueles que a desconhecem. Para muitos, Antero foi um personagem vítima de um período truculento e injusto, marca de “tempos sombrios” (SANT’ANNA, 2012, 142), do qual suas cicatrizes ainda não fecharam, sendo uma vergonha perpetuada na memória da comunidade catalana. Tanto é que até os dias de hoje ainda não é possível saber com toda a certeza quais foram os reais motivos para tal atrocidade, além dos responsáveis de sua morte não terem sido responsabilizados. “A história de Antero como sujeito histórico e santo no imaginário religioso ganha espaço e valor na memória, no tempo e na história de Catalão a partir da sua morte” (SILVA, 2014, p. 180). Enfim, podemos dizer que o tempo de formação e crescimento da cidade de Catalão foi marcado por atritos e confrontos violentos, de forma desmedida.

### **3.2 Tempo da narrativa (anos de 1950)**

A história contada por Coelho (1997, p. 11-16) tem como primeiro capítulo o tempo presente, ou seja, aquele em que se desenrola a trama ao redor da família de um homem migrante, que saiu de “sua terra, muito distante dali, nordeste de Goiás, beira do Tocantins”, onde era lavrador, rumo ao dito “sul maravilha”, pois imaginado como lugar de oportunidades, de possibilidade de vida melhor e próspera. O capítulo apresenta o pai da família em sua “peregrinação pela cidade” de Catalão à busca de encontrar trabalhos e à medida que o faz podemos perceber uma configuração da paisagem urbana e de suas divisões espaciais e sociais.

Mas o tempo na narrativa não é linear, vai e volta, isto é, ao mesmo tempo em que descreve o momento atual, também remete à tempos e acontecimentos passados, bem como vislumbra cenas de um possível futuro, de modo construir a narrativa. No tempo presente, temos menções à ruas pavimentadas, paralelepípedo, calçadas, largos, casas, jardins, alpendres, postes de cimento, fios, luzes, caminhões, trabalhos diversos, estação ferroviária, vagões, comércios, máquinas, bicicletas, charqueadas, usina de cana de açúcar, beneficiadoras de arroz. À medida em que o homem percorre o espaço urbano, desenha-se no texto uma dada paisagem da cidade que no fim do capítulo é sintetizada na ideia de que “A cidade era como se estivesse em festa de tanta luz derramada, gente passando em afazeres” (COELHO, 1997, p. 16).

Nesse momento presente, expressando a modernidade, além dos aspectos acima mencionados, apareceram inúmeros problemas, concernentes à vivência do homem no meio urbano, o que nos permite afirmar que a cidade figura como *locus* da modernidade. Mas é importante ter em mente que nem todos os problemas, como os mencionados na narrativa de Coelho, são os mesmos em todas as realidades, pois estas questões são oriundas das diferentes características sociais e culturais de cada lugar.

O autor não nos oferece datas e marcos precisos que nos permite afirmar que estamos em tal ou qual momento com certeza. Mas ele, ao longo da narrativa, nos dá algumas pistas, dicas que a trama se desenrola na década de 1950, em especial, em sua segunda metade e próximo ao seu fim.

A década de 1950 se configura na trama como o tempo de renovação, de comemoração e da “peregrinação pela cidade” (COELHO, 1997, p. 14) do personagem central à busca de emprego. A menção à construção da nova matriz torna símbolo de novo tempo.

A mulher foi até o largo da velha matriz, buscar a trouxa de roupa suja pra lavar. A nova matriz estava em construção, ainda não existia. Argamassa e andaimes, paredes levantadas ao meio, arcos de concreto, uma escadaria de muitos degraus subindo em pirâmide de três lados até chegar à porta larga e alta, arredondada em cima, coisa nunca vista ali na cidade – enorme a construção, assim de ir botando assombro e espanto nos mais antigos. Mesmo ainda não pronta, o povo dizia nova matriz para a construção, e quando alguém queria referir-se à igreja onde havia missas, terços e bênçãos do santíssimo, todos os dias, dizia velha matriz. De certa forma, era uma maneira carinhosa ou – quem sabe? uma maneira disfarçada e não muito consciente de ir se descartando da antiga igreja que vinha desde muito servindo à cidade nos seus casamentos, batizados, enterros, missas, bênçãos e novenas, testemunha da miséria, esperança, alegria, tristeza e safadeza daquele povo (COELHO, 1997, p. 47).

Essa passagem, de referência à construção da Nova Matriz, é um marco importante que nos possibilita também balizar o tempo presente no qual transcorre a narrativa de Coelho, a segunda metade da década de 1950, pois, conforme histórico disponibilizado por esta instituição religiosa, Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, a obra teve início em 1956 e somente em 1962 ocorreu aí a celebração de sua primeira missa (PARÓQUIA, 2018). Logo, fica claro que a narrativa transcorre em momento e contexto próximo à comemoração do centenário de Catalão, que aconteceu em 20 de agosto de 1959, momento em que Nova Matriz estava ainda sendo edificada.

No decorrer da narrativa, o autor vai mostrando o cotidiano dos residentes em Catalão, atrelado à suas práticas religiosas e de sociabilidade, intrinsecamente ligadas entre si e ao espaço da antiga matriz e seu entorno.

Nas missas aos domingos, as famílias se encontravam, cumprimentando, dando e pedindo notícias, os homens falando dos atos do governo, do preço dos produtos agrícolas e do gado, até um que outro negócio aparecendo, as mulheres trocando receitas e novidades. Nas bênçãos do santíssimo e nos terços das novenas, à noite, os rapazes e as moças se avistando, trocando olhares, recadinhos e bilhetes, começando e terminando namoros, e lá fora, nos vãos das paredes da igreja, os mais afoitos trocando algumas bolinações (COELHO, 1997, p. 47).

A comemoração dos cem anos da cidade estava na pauta das conversas e foi uma atividade planejada antecipadamente, tanto é que Ramos (1984) conta que essa ideia surgiu em uma palestra proferida por um rotariano (membro do Rotary Clube de Catalão), Altair Seba (Tuim), a qual foi nomeada de “Catalão 100 anos”. Na fala de Tuim, foi feita uma advertência acerca da precisão ou necessidade de se organizarem para a execução de atividades comemorativas almejando aumentar a fama da cidade, mesmo que a Prefeitura estivesse em situação econômica ruim. Esta palestra foi publicada no boletim do Clube, o que fez com que o assunto fosse levado para toda a cidade e a mobilizasse.

A cidade era velha. Diziam que para o ano completaria cem anos. O povo comentava que já se preparava uma festa de comemoração do centenário tão grande que atravessaria semanas. Oche! – que cem anos é coisa muito. Porto Nacional, de onde viera, também era uma cidade velha, mas não lembrava de que tivesse completado cem anos. Gente não atura tanto assim (COELHO, 1977, p. 55).

Essa menção esclarece então que a trama se desenvolve em momento próximo à comemoração do centenário da cidade, que ocorreu no dia 20 de agosto de 1959. Nesse ano, Catalão celebrou o seu primeiro centenário. “A cidade era como se estivesse em festa [...] gente passando em seus afazeres” (COELHO, 1997, p. 16), ruas alargavam-se “em dimensão de euforia” (COELHO, 1997, p. 21) e esse “estado de euforia” embriagante advinha de “um mundo de coisas novas e vivas [...] que esparramava pela cidade, dominando-a” (COELHO, 1997, 21).

O centenário, quando pensamos pelo viés dos personagens do livro, era símbolo celebrativo do longo caminho percorrido até ali, era ainda um tipo esperança que revelava os desejos, as expectativas presentes num imaginário permeado pelo anseio de mudança positivas do povo. Em meio a uma sociedade heterogênea, desigual e marcada por lembranças de um passado truculento, com cenas de sangue e rastros de violência, dor, angústias e muitas vidas executadas, comemorava-se, sobretudo, o presente com seus índices de progresso e modernidade, que possibilitava à cidade e à seus habitantes novas experiências, descritas como sendo permeadas de euforia.

Por meio da obra, percebe-se que a cidade de Catalão se erguia ou se elevava conforme o viés dos olhares ansiosos, esperançosos e ambiciosos de uma família de migrantes, que vinha em busca de empregos e de mudanças no estilo de vida. Para melhor ou para pior, os novos habitantes buscavam se inserir e acostumar com a rotina da cidade. As informações que os personagens recebiam sobre as cidades do sul do país, eram, em grande parte, advindas de casos ouvidos, oriundas de relatos de outras pessoas mais viajadas, que viveram ou conheceram outras regiões mais ao sul. Foi desta maneira, que a família do personagem principal se retirou do nordeste do estado alimentando a ideia de viajar rumo ao sul de maravilhas e acabou parando em Catalão.

Na mente do marido uma ideia ia se formando todas as vezes que encontrava um ou outro conhecido mais viajado – para o sul, a terra não era tão quente, as cidades se espichavam em ruas e calçadas, casas e palacetes de perder de vistas, serviço era o que não faltava, dinheiro correndo para todo mundo (COELHO, 1997, p. 64).

Estas expectativas fizeram a família se deslocar para encontrar nas “cidades do sul”, entre elas Catalão, benfeitorias urbanas, emprego, riqueza, fartura e dinheiro. Todavia, a família, assim que chegou e desembarcou na estação ferroviária da cidade, começou a visualizar e sentir na pele os problemas que os jornais e as narrativas não mencionavam ao pintar a nova realidade como um paraíso, percebendo um real adverso.

E foi que houve descida, nada mais restando a ser feito. Sem condições de ganhar a vida, era tudo largar e descer para terras de melhores condições. Lutar contra tudo. Começar a fazer o deles – essa era a ideia. E desceram, foram descendo, até a família já estropiada de toda chegar a Catalão, lugar que nem sabiam que existia, e fazer ali um finca-pé. Tempos novos, paisagens novas, mas tudo vai e vem – roda que gira, caminha, leva para lugares estranhos, os rastros apenas recordação. Tudo novo, paisagem nova, caras novas, vida nova, mas a miséria era a mesma de muito antiga – e mais forte ainda (COELHO, 1997, p. 64).

Percebe-se, ao analisar as passagens da obra, que temos duas versões diferentes de narrativas históricas de Catalão, quando se compara a narrativa da obra em estudo e a narrativa dos noticiários e dos jornais, uma que mostra uma realidade dual e diferenciada, conforme a inserção do indivíduo na sociedade, de acordo com o lugar que ocupa na mesma, e a outra, que trata de uma realidade facetada e espetacular, que escamoteia seus problemas, respectivamente. Duas visões, a do jornal que idealiza uma cidade em detrimento de outras e mascara suas dimensões negativas, confeccionando, então, uma imagem para si própria, e a imagem da literatura, edificada a partir da visão do estranho ou estrangeiro em relação ao lugar, de um migrante que não conseguiu ratificar as visões descritas nos jornais e nas narrativas orais idealizadas.

Todas estas características apresentadas no decorrer da obra caracterizam as lutas de representações que circundam a valorização dos traços identitários da população de Catalão. Nos jornais, conforme Paula (2005), a cidade é idealizada, privilegiando determinadas questões, especialmente as que se referem à burguesia branca. Na obra de Coelho são descritas as demais características, sobretudo as que dizem respeito aos mais pobres, como a presença de pessoas vivendo na miséria e em submoradias na periferia da urbe.

Em *Um homem e sua família* existe uma perspectiva introspectiva da cidade, um tipo de textualização, como afirma Lucas (2001), acerca da relação entre aquela família e o espaço urbano da cidade de Catalão. Os personagens se submetem às regras de exclusão da cidade; mas, simultaneamente, procuram entendê-las e até almejam subvertê-las, já que sentem suas consequências.

O conflito entre a cidade idealizada e a cidade experienciada, em especial pelos despossuídos, cria sentidos diferentes para o espaço urbano. Nestas imagens, que nos permite pensar a cidade como realização humana, injunge as contradições e querelas dos homens, que são, por via de regra, formas de representar a cidade. A descrição dos modelos das ruas, os costumes, os prédios, os “atos heroicos”, as lutas e os sonhos expressos no livro e em outros

meios, como os jornais analisados por Paula (2005), são documentos responsáveis por formar um grupo de imagens e opiniões sobre a cidade.

Este conjunto exerce a atividade de suporte de uma memória para a cidade e a literatura, assim como o jornal, desvela a possibilidade, um tanto desprezada, de compreender essa sensibilidade para com o urbano, trabalhando com diversos tipos de linguagem (PAULA, 2005, p. 142).

A Literatura, por meio da sensibilidade, consegue transmitir sua mensagem não como um conhecimento objetivo e conceitual, mas através da representação das experiências humanas que aconteceram ou poderiam ter acontecido. Coelho, ao contar sobre as esperanças e os desenganos de uma família de migrantes em busca de um local mais próspero, mostra a triste realidade de um lugar social marcado pelo contraste entre ricos e pobres, contrariando a imagem tecida por muitos que consideravam as regiões sul do Estado de Goiás e do Brasil como lugares ideais para se construir uma vida melhor.

### **3.3 Espaços e paisagens urbanos no tempo presente da narrativa**

Como dito no capítulo anterior, espaço e tempo constituem categorias imprescindíveis na existência e na leitura de uma sociedade, e emergem indissociáveis no sentido de compreender uma narrativa literária e histórica. Como a categoria tempo foi, de certa forma, neste capítulo, copiosamente discutida, atemo-nos agora à categoria espaço, sendo este uma construção social ou não, quando este é um espaço natural que não sofreu a interferência humana.

Como esclarece Francisco Carlos Teixeira da Silva (1997, p. 205), na busca de reter a percepção de uma paisagem é importante a noção de conjunto, uma visão de conjunto que enlaça múltiplas variáveis advindas das relações homem/natureza traduzidas na luta pela existência, na organização da produção da vida e na apropriação da natureza. Dessa forma, as paisagens são “amplos sistemas apenas provisoriamente estáveis”, pois são suscetíveis a alterações, transformações, turbulências ou intervenções que podem incorrer de maneiras inesperadas, imprevisíveis ou não. Assim, a paisagem que nos interessa como historiadores constitui um *continuum* entre o social e o cultural, o espaço da natureza e o habitado, logo metamorfoseado ou espaço natural, que não sofre alteração, ou seja, as paisagens de nosso interesse são resultados de ações do homem sobre o meio ou não, sendo compostas, portanto, de elementos naturais e sociais, que se relacionam de forma contínua, como Silva afirma:

[...] No caso da análise histórica das paisagens, consideradas como um determinado bioma, dever-se-ia considerar que são sistemas abertos, submetidos permanentemente a fatores aleatórios — entre os quais os variados tipos de ação humana — cujos resultados não são previsíveis [...] (SILVA, 1997, p. 208).

Percebe-se que o espaço e a paisagem catalana descritas na obra de Coelho estão sempre sofrendo transformações, as quais são perceptíveis tanto no centro da cidade, como na sua periferia. Pois bem, a paisagem urbana refere a um espaço que é produto de um conjunto de fatores, sendo construído a partir de normas e exigências estabelecidas pelos grupos humanos e seus interesses, de grupos dominantes que definem as regras e os critérios, sociais e econômicos, de divisão e apropriação daquilo que resulta de sua utilização.

Em capítulo precedente, Tuan (1983) expressa que o espaço e o tempo “sempre estiveram estruturados de acordo com sentimentos e necessidades humanas” e que à medida em que o primeiro “adquire definição e significado se transforma em lugar” (TUAN, 1983, p. 137, 146 - 151). Assim, o espaço do qual tratamos é aquele experienciado e dotado de sentido pelo homem e por sua família, bem como por outras pessoas que o vivenciaram ou o vivenciava, os quais, pela familiaridade ou excepcionalidade, lhes conferiam significados. Aqueles estabelecidos pela família de migrantes, remontam a vida do momento anterior, no nordeste de Goiás, bem como aquela que buscavam erigir na nova terra, do sul, que desejavam habitar, devido aos percalços vividos na região de origem, com as secas perenes, remetendo a uma paisagem árida e hostil.

Em sua terra, muito distante dali, nordeste de Goiás, beira do Tocantins, ele era lavrador: preparava a terra com o fogo e a distoca, às vezes em roça de toco: plantava, limpava em duas ou três limpas, puxando a enxada até as mãos se endurecerem e não conseguir mais esticar os dedos de todo; esperava pelo tempo bom que sempre não vinha na medida de suas esperanças, e, no depois de muita trabalhadeira, colhia à meia o que Deus deixava e um solão obtuso permitia – o cutelo na mão direita, o feixe de arroz na esquerda, corpo emborcado para frente, suor pingando na ponta do nariz, solão brabo botando fogo nas costas (COELHO, 1997, p. 15).

Pelo excerto, percebe-se que o espaço e a paisagem da terra natal dos quais o homem e sua família advinham, caracterizam-se pela labuta na ânsia de vencer as intempéries da região, enfrentando temperaturas intensas ao trabalhar na “roça”, na esperança de colher alguma produção que fosse capaz de garantir o sustento da família. Porém essa luta, em tal paisagem rural ardente, constituída por tocos, práticas e instrumentos de trabalho, atividades diversas, plantações e suores, era em vão. O que conseguiam produzir mal dava para o sustento e, ainda, viviam como nômades, de fazenda em fazenda, morando de favor. Desse modo, viram-

se obrigados a buscar outros espaços, a procurar novas paisagens, onde pudessem viver com dignidade. Lugar desconhecido, até então, porém, na imaginação, carregado de sentidos, esperanças, sonhos e desejos, motes pelos quais se aventuravam rumo ao incógnito, ao desconhecido, que o sul do estado e do país representava.

Corroborando com o exposto, Milton Santos (1997) ao fazer uma reflexão sobre paisagem, considera que “a paisagem é fragmentada, é parte de um todo, porém não é a representação de um todo”. Ela é uma construção do ser humano inserido em um dado espaço que age sobre ele, produzindo e reproduzindo assim várias paisagens. Portanto, a paisagem se torna uma parte do espaço do qual o ser humano habita e modifica com suas ações a partir de suas necessidades e convicções, que estão atreladas a seu modo de ver, sentir e perceber seu espaço, e que são estabelecidas pela sociedade na qual está inserido. O homem em sua luta diária para garantir o sustento de sua família, transforma o espaço e sua paisagem. O espaço é, pois, fruto das relações sociais, políticas, econômicas e culturais e é neste viés que buscamos abordá-lo juntamente com a paisagem que dele emerge na obra de Coelho.

O homem e sua família viviam de favores no nordeste de Goiás, onde o ambiente era de miséria e opressão, experimentando, constantemente, no limite, suas emoções e percebendo, em meios as inúmeras situações, que as expectativas de melhorar de vida, naquele lugar, não mais existiam. Não restando alternativa, o jeito foi se lançar em busca de outros espaços e de um lugar em que pudessem viver com mais dignidade.

Quatro meses batendo pernas sem encontrar nada em que pudesse trabalhar. Vivendo de favor num rancho de ponta de rua. Viviam atarantados, nervosos, as coisas pouco dentro de casa se acabando. Era tentar a sorte em qualquer outra parte. O mundo é grande. E vinham-lhe na mente as falas das pessoas que conheciam Minas, São Paulo, lugares diferentes, com muitas oportunidades para quem não tinha medo de serviço (COELHO, 1997, p. 66).

Dessa forma, o que restava, portanto, era se aventurarem e se lançarem ao desconhecido e foi assim que o ânimo de todos foi revigorado ao embarcarem para o sul do Brasil, o dito e falado sul maravilha.

No começo tudo fora novidade, não só para os meninos mas também para eles, adultos. O marido muito esperançoso falava da viagem e das oportunidades que se tem numa cidade grande, não cansando de repisar o mesmo assunto – até parecia que procurava convencer-se a si mesmo daquilo tudo. Ela também estava cheia de esperanças, contagiada pela fala do marido que sempre fora de seu natural muito reservado e meio caladão. Mesmo assim, participando do entusiasmo de todos, sentia que pairava alguma coisa

como que fora de lugar e que não saberia como definir, mais pressentimento do que compreensão. Mas sem maiores explicações e não dando vazão aos temores, jogava o seu receio na conta do medo natural de quem nunca viajara, nunca saíra de sua terra. Assim mesmo, aquele princípio de desconfiança minava um pouco o seu entusiasmo, deixando-a num estado de euforia medrosa (COELHO, 1997, p. 74).

Ao se aventurarem nesta nova jornada, mesmo com receio e desconfiança do que encontrariam pela frente, pois não tinham noção do que esperava por eles, a esperança não os deixava pensar em um lugar tão repleto de adversidades, pobreza e opressão quanto aquele agora encontrado por eles. Após uma viagem turbulenta, desde a cidade de Anápolis, enfrentando situações adversas, passando fome e tendo que pegar vários tipos de transportes, a viagem foi interrompida, pois o filho mais novo se encontrava doente e os recursos financeiros estavam escassos ou mesmo eram inexistentes. Não tendo como prosseguir para São Paulo, a família se viu obrigada a desembarcar na estação ferroviária de Catalão, ainda em Goiás.

As condições econômicas da família e a saúde do caçula embargou a viagem. O homem, sentindo desconforto e insatisfação com a situação que vinha ocorrendo no percurso migratório, viu como recurso buscar abrigo para sua família ali mesmo naquela cidade - Catalão. Não tendo alternativa, tiveram que passar a primeira noite na estação ferroviária, sem nenhum conforto.

Aquela família de migrantes que saiu de Porto Nacional movida pelas histórias de riquezas do Sul e que acabaram por ficar em Catalão, rapidamente conheceria os problemas daquele que outros pintaram como paraíso. Saber logo como se desmancha feito pó ao vento os sonhos de uma vida inteira. Ali, na procura por algo que haveria de ser tão abundante - o emprego... (PAULA, 2004, p. 117).

A situação do homem e de sua família era desoladora, estavam entregues ao acaso, sem força física e psicológica para continuar. A princípio, a cidade não pareceu nem um pouco acolhedora e a família de migrantes constituía uma paisagem urbana inóspita, miserável, de necessidades e desalento, marcada por frieza, desencanto, doença, abandono e restos do que sobrou daquela saga.

A estação era fria e pousaram ali mesmo no cimento da plataforma, embrulhados em panos e cobertores ralos e rotos. Não tinham mais como seguir viagem. A intenção do marido de chegar a São Paulo já não existia. O único desejo era de quietar com aquela peleja, arranjar um canto onde pudessem morar, conseguir trabalho e cuidar da vida. Desceram em busca de melhora e se encontravam na maior das misérias, a cacalharía amontoada na plataforma da estação. Eram a personificação quase doentia do desânimo e da descrença: a mulher com o filho mais novo prostrado em suas pernas,

sentada no cimento frio e encostada na parede da estação, olhava como se não visse o marido, em pé, mais adiante, conversando com um homem que pelos modos deveria ser alguma autoridade ali (COELHO, 1997, p. 73-74).

O excerto descreve e mostra perfeitamente o que Silva (1997) explica sobre a definição de paisagem, isto é, algo resultado da ação e produção do homem, de prolongada atividade humana, de um processo de interação do homem com a natureza. Vê-se que a paisagem se altera em conformidade com o lugar que o homem ocupa nela, no caso da obra de Coelho, a de um migrante desanimado frente aos problemas sociais que enfrenta. Pelo excerto e sua interpretação, percebe-se que devemos observar essa paisagem numa perspectiva de visão de conjunto, do enlace de múltiplas variáveis, numa visão holística, de conjunto e síntese. Nesse exercício do olhar, verifica-se, ainda, que existe um *continuum* entre a vila/cidade e seus arredores compostos por campos, pastos e bosques ao fundo, que vêm acompanhando os forasteiros desde sua cidade natal até a chegada e estadia em Catalão.

Como considera Silva (1997), a paisagem constitui como “o reflexo exterior do meio geográfico, o qual nos informa sobre muitos aspectos desse meio geográfico”, sendo ela resultado do agir humano e transformada por sua ação por meio de um conjunto de recursos técnicos e normas estabelecidas pelos grupos humanos (SILVA, 1997, p. 208-9). Ela é fruto do olhar, da observação e de outros sentidos, como a audição e a memória. Nesse sentido, a descrição dos imigrantes revela uma imagem de como era a região e a cidade de Catalão.

O objetivo, contudo, nesta secção, é tratar dos espaços e da paisagem urbanos de Catalão no tempo presente da narrativa, ou seja, ao redor do ano de 1959 e associando as descrições desses aspectos às experiências, práticas e sensibilidade humanas neles vivenciadas conforme as representações produzidas por Coelho e em diálogo com outros autores e textos acadêmicos sobre os temas e as questões em discussão.

É possível visualizar duas imagens de cidade totalmente diferentes. Uma se apresenta cheia de belezas, limpa e bela. Outra, porém, na periferia, vista a partir da ponta da rua, é a imagem que buscavam suplantar - uma cidade pobre e desmantelada onde a divisão de classes se torna visível pela arquitetura e pelos ornamentos das casas, bem como pela pavimentação das ruas (PAULA, 2004, p. 118).

Buscou-se, a seguir, desvelar tais espaços e as paisagens e imagens constituídas pelo literato a elas associadas.

### ***3.3.1 Espaço e paisagem centrais no tempo presente da narrativa***

Intencionou-se aqui buscar na obra as descrições do espaço e da paisagem centrais da cidade, associando-os às experiências, práticas e sensibilidade humanas neles vivenciadas e significadas, logo as tornando em um lugar. Tuan considera que espaço é demarcação e defesa contra os invasores, mas que é transformado em lugar, isto é, em centros marcados pelo conhecimento humano e dotados de valor, com significados atribuídos e compartilhados com os outros, por meio das experiências (TUAN, 1983, p. 4, 6). É neste viés que tentaremos compreender os espaços e as paisagens descritos na obra de Coelho, trazendo indicações que tratam dessas descrições, dos lugares, dos cantos e recantos da cidade retratada.

[...] a paisagem urbana aparece como um espaço construído a partir de normas. Ainda uma vez, são as tensões e os enfrentamentos sociais e políticos, e não os critérios de funcionalidade, que definem projetos e sua implementação (SILVA, 1997, p. 311-312).

A paisagem, segundo Silva, (1997), “é resultante de variados fatores, todos fundamentais na organização do espaço”, sendo a atividade econômica que dita o grau de intensidade de transformação da natureza e, conseqüentemente, transformações das paisagens. Na busca pelo tão sonhado emprego, o homem mapeia toda a cidade ao percorrê-la com seus pés, observá-la e percebê-la. Assim, constata com seus olhos os diversos espaços e as distintas paisagens descritas e sente na pele suas emanções. Observa a desigualdade social, pois tamanha é a disparidade entre sua vida e a vida daqueles que moravam no centro da cidade, entre seu humilde casebre e as casas centrais, localizadas próximas ao Largo da Igreja.

[...] Mais adiante, bem adiante, aproximando-se do Largo-da-Igreja, casas com grades, jardins bem cuidados, alpendres onde vasos de plantas caseiras e xaxins de samambaias esverdeiam o ambiente limpo e sadio; ruas com meio-fios, calçadas largas, postes de cimento e uma que outra pavimentada por paralelepípedo (COELHO, 1997, p. 11).

Contrastando com o exposto no excerto acima, outra cidade nos é revelada, aquela que localizada entre a estrada e a linha férrea, na periferia, com suas “casas de fachadas sujas, calçadas irregulares, ruas sem nenhuma pavimentação, lixo acumulado” (COELHO, 1997, p. 11). Percebe-se quão destoante são as duas paisagens descritas, embora façam parte de um mesmo espaço. As desigualdades sociais e espaciais são flagrantes e gritantes. O espaço central é urbanizado, possui infraestrutura, com construções como de um “palacete erguido à beira do largo [da velha matriz], um casarão enorme, sobrado com sacadas nas janelas da

frente, um alpendre de fora á fora, em cujas colunas de sustentação subiam enrolando trepadeiras de ramagem verde e florzinhas amarelas.” (COELHO, 1997, p. 50) Ali residiam as “pessoas de melhores posses” (COELHO, 1997, p. 28, 52). É lugar onde a prefeitura municipal dava uma atenção especial realizando melhoramentos como cascalhar ruas (COELHO, 1997, p. 53). Corroborando ainda mais com o contraste entre o centro e a periferia, observa-se que nas “Casas das freguesas” em que a esposa do homem lavava roupas, as “casas dos patrões”, era

[...] mais conforto, comida melhor, tanques com água encanada e geralmente melhor paga também. Não havia o incomodo de levar trouxa de roupa na cabeça até o barraco, depois até ao córrego, novamente ao barraco e, por fim, roupa lavada, trouxa feita, bater pernas na rua em direção a casa da patroa. (COELHO, 1997, p. 84).

Este espaço salientado diverge do espaço apresentado na periferia da cidade. O espaço central nos contempla com uma paisagem totalmente diferente, um lugar garboso, limpo, bem cuidado, onde as pessoas vivem em condições infinitamente melhores do que aquelas que ocupam de forma ilegal áreas que, às vezes, são consideradas de risco. O centro também era caracterizado pelo movimento das pessoas, mulheres, crianças indo para escolas e, principalmente, de automotores, como carros e camionetas, sendo um espaço tanto residencial quanto comercial e de serviços, embora discreto e pacato, por ser uma cidade interiorana, mas com paisagem de um espaço urbanizado que expressava um “estado de euforia” e de progresso, um mundo de novidades e de vidas vazadas de luminosidade.

A rua alargava-se em dimensão de euforia. O corpo se projetando e se estendendo em todas as direções como se tentasse apanhar e reter a vida que vibrava ao seu redor: carros de passeio e camionetas de fazendeiros, a carroceria de madeira trabalhada e pintada com desenhos os mais diversos; gentes nas calçadas, mulheres com sacolas ou embrulhos, carroças de altas rodas de madeira com aro de ferro esmagando o cascalho seco das ruas, e uma, coisa nunca vista lá de onde viera, com pequena roda de pneu feito fosse automóvel, chiando na areia mais fina; crianças da escolas em seus uniformes de blusa branca e calças ou saias – quando meninas mulheres – de um azul escuro chegando a marinho. Um mundo todo cheio de coisas novas e vivas e tudo mergulhado numa atmosfera ardente de luz que se esparramava pela cidade, dominando-a (COELHO, 1997, p. 21).

Outros espaços centrais são apresentados na obra, como o mencionado Largo da Velha Matriz; lugar este que servia à cidade e seu povo nas práticas religiosas e nos encontros. Esse espaço servia de lugar de lazer para crianças e adultos. “A Nova Matriz estava em construção,

ainda não existia” e sua edificação marcava a paisagem citadina, como antes mencionado, pela grandeza do edifício, que causava grande admiração em muitos moradores com “argamassa e andaimes, paredes levantadas ao meio, arcos de concreto, uma escadaria de muitos degraus subindo em pirâmide de três lados até chegar à porta larga e alta, arredondada em cima, coisa nunca vista ali na cidade – enorme a construção, assim de ir botando assombro e espanto nos mais antigos” (COELHO, 1997, p. 47).

O excerto acima mencionado corrobora o pensamento de Silva (1997) que afirma que a paisagem não é um constructo isolado das relações humanas, indo de encontro também com Tuan (1983), para quem existe uma relação de interdependência entre indivíduo e natureza, a qual influencia o tipo de paisagem com que nos defrontamos cotidianamente. Dessa forma, ao se buscar tratar dessa interdependência, pode-se superar uma visão tradicional nas ciências humanas de considerar a natureza como um fator externo ao processo histórico, sendo necessário integrar a aparente dicotomia homem/natureza num quadro de referência histórico mais vasto, num processo de percepção da natureza marcado por transformações sofridas pelas paisagens, que surgem como reflexo, forma aparente e resultado da interação do homem com a natureza (SILVA, 1997, p. 204).

É evidente que as transformações que ocorrem no espaço citadino são resultados do processo de interação entre homem, sociedade e natureza, da forma como os indivíduos se apropriam dele e o alteram de acordo com suas intencionalidades e necessidades ao longo do tempo, sendo a paisagem fruto dessas transformações. Como explicitado em capítulo anterior e corroborando com o exposto, o geógrafo Milton Santos (1997, p. 37) enfatiza que “a paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança” acontece o mesmo com “o espaço e a paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade”. Destarte, a paisagem não é estática, é uma construção sociocultural e histórica e está relacionada diretamente com a interferência humana e sua vida em sociedade. Este espaço humanizado e de interações é descrito nitidamente na obra de Coelho quando o homem e a mulher percorrem as ruas dos centros e da periferia da cidade em busca do sustento para a família.

Em suas andanças a procura do tão sonhado trabalho, o homem “observava as pessoas passando em seus afazeres e ele também em seu afazer de procurar emprego” (COELHO, p. 16). Os lugares nos quais ele tinha mais certeza de conseguir alguns trocados eram aqueles do comércio e do serviço localizados, sobretudo no centro, como na estação ferroviária, onde encontrava, em sua grande maioria trabalhos braçais, como a carga e descarga de mercadorias.

Todos os dias antes da peregrinação pela cidade, corria à estação do trem de ferro a ver se chegara vagão de carga. Às vezes tinha sorte – vagões de cimento, fardos de mercadoria para o comércio, engradados, móveis, máquinas, bicicletas, fardos de peças de pano – um rol de coisas. Quando havia vagões de cimento ou embarque de charque que as duas charqueadas exportavam ou ainda sacos de açúcar da usina, o dia era mais rendoso. Trabalhava-se o tempo todo, às vezes até sobrando serviço para o dia seguinte (COELHO, 1997, p. 14).

Quando não encontrava esses serviços temporários citados, na falta do que fazer, encarava qualquer coisa, a situação da qual se encontrava não podia escolher trabalho. Foi nesse sentido e contexto que encerrou a casa de uma senhora, “serviço que nunca fizera e nunca pensara que viesse, um dia, fazê-lo” (COELHO, 1997, p. 13-4). Essas situações foram impostas pela condição socioeconômica que se encontravam, quase em estado de miséria. Nas andanças dos meninos para cata de esterco encontraram anúncios de produtos nas porteiras das estradas ao redor da cidade. Tudo isso demonstra que tanto tinha oferta de produtos quanto de mão-de-obra, mas a situação que se encontravam muitas pessoas não era confortável, segura e tranquila.

Percebe-se que o espaço e a paisagem centrais, que são destacadas na narrativa, reforçam a todo tempo as disparidades existentes entre o centro e a periferia, em virtude de um sistema econômico capitalista que determinava o modo de organizar a cidade e a existência das pessoas nela.

Aquelas ruas contendo as histórias dos homens, carregando rastros dos tempos, mostrando os desgastes dos anos e as vontades e idéias dos homens pobres não é a cidade publicada pelo jornal. Há na novela o revelar de um outro urbano. Tem-se uma imagem das ruas em seus pormenores. Ruas que testemunham um tempo e uma história; marcas de um povo, de uma política. Os bairros e ruas contam a história da constituição da cidade. São rastros de tempos passados, de encontros e desencontros, namoros, conversações e informações (PAULA, 2004, p. 118).

Se jornais e políticos exploravam a imagem unificadora e homogênea da cidade e sociedade catalanas, Coelho parte para a diferenciação, atendo a algo que dificilmente o poder público quer que seja mostrado e lembrado. O literato “recorre à miséria, à pobreza do ser humano numa época em que as promessas do progresso favorecem uma visão alienante. [...] É na cidade que as contradições saltam aos olhos”. A percepção do escritor, transposta para a ficção, faz com que “a própria paisagem diga sobre as desigualdades sociais. A medida que saía do centro a paisagem modificava” (PAULA, 2004, p. 118).

Dessa forma, esse espaço central da cidade é figurado na narrativa como lugar da euforia e das novidades que assombravam os mais antigos. É movimentado, animado, reluzente, possuidor de belezas, encantos, com paisagem composta de elementos de um mundo moderno, como infraestrutura urbana e serviços, como escolas, casa bancária, transporte coletivo intermunicipal, eletricidade e iluminação elétrica, veículos automotores como automóveis de passeios, caminhonetas, tratores e outras máquinas, além de indústrias ao seu redor, na periferia, em especial voltadas ao setor alimentício, como beneficiadoras de arroz, usina de açúcar, charqueadas e frigorífico, sendo que a última atividade foi figurada como possuidora de trabalhadores alienados e alegres.

### ***3.3.2 Espaço e paisagem periféricos no tempo presente da narrativa***

Buscou-se nesta secção evidenciar as descrições do espaço e da paisagem da periferia urbana, associando-as às experiências, práticas e sensibilidade humanas neles vivenciadas. O espaço ou espaços que representam a periferia são carregados de angústias, dissabores, tristezas e lutas diárias para vencer os desafios que são impostos por uma sociedade que segrega e discrimina. É nessa espacialidade, de miséria e pobreza, que o homem e sua família constroem seu casebre, aonde vão viver dias aturdidos pela situação em que se encontravam. Destacamos também os recantos da cidade e dos pastos ao redor, pois, como dito antes, há um *continuun* entre a cidade e seu entorno constituído por campos, pastos e bosque, bem como das indústrias instaladas, em geral, para além desses.

Dessa forma, o espaço periférico e os momentos de nele estar é figurado como lugar e instante associados ao escuro, à noite, à sombra e as névoas, sendo sua paisagem associada a elementos que indicam atraso material, pobreza e miséria e às angústias que esse estado social provocava, bem como a modos antigos de produzir a vida. E à noite, ao voltar ao casebre, coberto de folhas de palmeiras e “de apenas dois compartimentos: o primeiro [...] sala e cozinha, o outro, o quarto de dormir”, localizado na ponta da rua e saída da cidade, que deparamos com a referência à “língua da lamparina”, ao “chão batido”, à “paredes de adobes” e à “latas de marmelada com serventia de prato” (COELHO, 1997, p. 13, 25, 28).

Aí chegava o homem quando “o sol já declinava”, “hora da tristeza da Terra” em que “o crepúsculo derrama melancolia e oprime os homens”. Quando havia poucas estrelas no céu e “na noite escura” ficava a procura de ver, por hábito, o Cruzeiro do Sul (COELHO, 1997, p.26, 94). Sua paisagem era composta, ainda, no terreiro por cisterna, mas não por privada e fossa, “pois não viam necessidade, habituados a fazerem as precisões ao campo livre, no

fundo dos quintais, nas touças de bananeiras” ou ao lado da linha do trem (COELHO, 1997, p. 30, 85).

A comida era feita em “fogão tosco”, “na boca da fornalha”, onde também se aquecia do frio. Tinha-se como utensílios domésticos o caldeirão de alumínio grosso e outro de ferro, panelas, além de bacias para lavar peças pequenas (alguns garfos, colheres, uma faca de ponta, rabinha para coar café, litros, pratos esmaltados e copos de lata de marmelada) (COELHO, 1997, p. 37, 39-41). No jirau, à beira da cisterna, se dava “a lavagem das vasilhas e labutas da cozinha”, além de “quarar a roupas deles”, lavadas pela mãe no batedor (COELHO, 1997, p. 43-44).

Tudo isso compunha a cultura material do barraco e o modo de produção da vida naquele espaço, que representava outras casas de adobe, de pau-a-pique e casebres de caixotes e folhas de zinco ali existentes, distando, assim, daquela dos palacetes e casarões enormes do centro da cidade, ornados com tapetes no chão e piso de taco. (COELHO, 1997, p. 50, 54).

Na periferia, ao raiar do sol, a paisagem se mostrava, as vezes, brumosa, como ocorria no espaço dos arredores do casebre, da baixada próximo do córrego e nas cercanias das grotas que descem do Morro-das-três Cruzes. As temperaturas são mais baixas nessas localidades sacrificando a população mais carente, que nada ou quase nada tinha para se agasalhar, assim padecendo até o sol ganhar força e eliminar toda a neblina ali presente, que se formava e fora acumulando durante a noite e, de forma mais intensa, pela madrugada.

[...] Embora o sol já tivesse saído, ainda havia muitas brumas que vinham do córrego abaixo, do pomar da chácara acima e das grotas que desciam o Morro-das-Três-Cruzes. O sol se esforçava, alcançando altura, aos poucos, mas as brumas esgarçadas com fiapos de nuvens rentes ao chão seguravam a frialdade da noite. Só mais tarde é que conseguiria se impor, esquentando e iluminando todos os recantos da cidade e dos pastos ao redor. [...] Era o momento em que o frio se tornava mais intenso: o sol, procurando expulsar a friagem da manhã, restos atrasados de uma madrugada lenta e limpa, ia, aos poucos, dissolvendo as brumas, mas o frio teimoso e resistente se agarrava em tudo, numa violência de quem se sabe perdido para sempre (COELHO, 1997, p. 37).

Contrastando com o espaço e com as moradias do centro da cidade, as moradias da periferia se apresentam com fisionomia e aspectos totalmente opostos, configurando uma paisagem que estampa, de forma mais cruel, as desigualdades sociais que são há todo momento reveladas na obra.

[...] Pela frente as mesmas ruas, as mesmas esquinas: buracos e irregularidades nas calçadas antigas prejudicando passos, uma poeira fina que o sol tentava dourar sem muito sucesso, postes de madeira lavrada numa fila mal feita beirando as casas de fachadas sujas e espichando velhos fios emendados, pedaços de muros de taipas quebrados e datas abertas entulhadas por uma macega seca emaranhada ao lixo acumulado (COELHO, 1997, p. 11).

Diante do descrito, percebe-se que a paisagem periférica destoa daquela do espaço central da cidade no que refere a ruas irregulares e esquinas mal ajambradas, casas humildes e mal conservadas, muros calcados de barro, marcas da desigualdade social e da contradição oriunda do dito desenvolvimento e progresso, que se consolidava em bases antagônicas produzindo riquezas e misérias, massacrando aqueles marginalizados e excluídos de suas regalias, como tratado no capítulo anterior. Configurando-se e se substanciando o lado desprezível do progresso, os moradores mais abastados faziam questão de salientar, tratando-os com hostilidade. Tais antagonismos são perceptíveis por meio da paisagem e sua constituição, que apontam a oposição entre riqueza e pobreza/beleza e feiura.

A representação espacial presente na obra é a metáfora da vida daquela família que sentia as dificuldades e as contradições sociais através do calçamento das ruas, nos trabalhadores e no lugar que lhes restou para que fixassem moradia. Neste aspecto, a cidade enquanto produção espacial é a expressão das contradições da sociedade (PAULA, 2004, p. 119).

Nesse sentido, a linha férrea era mais que simplesmente o trilho por onde deslocava a locomotiva, figurada como um dos símbolos da modernidade e do progresso. Era a divisória de dois mundos opostos, como se pode perceber na descrição de certo homem com que a família de famigerados se deparava e com a qual se relacionava.

[...] Criava dois enormes cães cabeçudos – um malhado e outro amarelo quatro olhos –, para protegerem sua chácara, principalmente dos moradores dos casebres do outro lado da linha de ferro, gente, no dizer dele, desqualificada, os homens eram ladrões e as mulheres rameiras baratas – um povinho em quem não se podia confiar. Mas os cães, pela proximidade e convívio constante, se habituaram à presença dos invasores e até mesmo os recebiam fazendo festas (COELHO, 1997, p. 42).

Nessa passagem, o espaço denotado evidencia a divisão espacial e social da cidade, distribuindo as pessoas que ali viviam e as marcando, tendo como referência a divisória que representava a linha férrea. Aqueles que residiam além da linha férrea não eram de confiança, por isso eram taxados de marginais e desqualificados. Mesmo que se tivessem uma

proximidade com essas pessoas e conhecendo seu caráter, ainda assim se nutria aversão a elas. Aqueles moradores à margem da cidade, distantes do centro, que moravam nas imediações da “Rua da Grota” e adjacências, constituíam o espaço periférico. Era gente de “ponta de rua, saída da cidade, princípio da estrada de rumo à Goiandira” (COELHO, 1997, p. 13 e 35), sendo espaço marginalizado e desprezado pela elite catalana.

A rotina diária desse espaço, marcado com condições miseráveis, começava antes do raiar do sol, quando as fumaças do fogão a lenha indicavam que quase toda a periferia já estava alerta. O homem, que observava “pelo telhado dos outros casebres”, percebia que “começava a sair uma fumaça borrada de madeira ruim se alastrando à custo dentro da madrugada sem vento” (COELHO, 1997, p. 31). Era o começo de um novo dia e se buscava novo ânimo para renovar a esperança de que este seria promissor, alguns já com a certeza de um trabalho e outros em sua busca incessante. Enfim, são várias as situações, porém a convicção uma só, buscar sustento para os seus e proporcionar uma vida mais descente a eles.

O que se percebe é que o homem e sua família não estavam sós. Nesse espaço habitado por eles existiam mais famílias que compartilhavam da mesma miséria e do descaso do poder público, sofrendo todo tipo de necessidades e preconceitos, devido as suas condições sociais precárias. Nenhum recurso municipal é destinado a esses locais. O que existia era uma ajuda de uma secretaria do município que disponibilizava alguns tipos de medicamentos quando solicitado pela população carente. Exceto isso, viviam em total abandono, acossados e limitados pelas suas condições financeiras, jogados a própria sorte, tentando superar a todos esses percalços.

- Lá na prefeitura tem um pessoal que o trabalho deles é ajudar quem se encontra na precisão de sem recurso que nem a gente. Falei do caçula, deram este remédio que é pra pôr em água fervida e dar pra ele coisa assim de meia e meia hora (COELHO, 1997, p. 76).

Em momentos de aflição e angústia, a família foi muitas vezes amparada pelos moradores e vizinhos mais próximos que se mostravam solidários. Entre várias situações, destacamos algumas, como quando o menino caçula estava doente com “desarranjo intestinal” (COELHO, 1997, p. 75) e sua mãe recebeu ajuda de uma vizinha. “Ali naquele barracão mora um carroceiro. A mulher dele veio até aqui e me ajudou a cuidar do caçula” (COELHO, 1997, p. 77). Destacamos, ainda, a atitude de um “carroceiro vizinho ajudando-o quase um domingo inteiro” a dar fundo na cisterna (COELHO, 1997, p. 82). A situação do homem e sua família, regada com muitos sofrimentos e dissabores, era amenizada pela solidariedade de pessoas

amigas e afáveis que demonstraram compaixão pela situação pela qual estavam passando e que, às vezes, também eram vítimas das mesmas condições.

É pertinente destacar que o primeiro espaço que o homem e sua família conseguem para se abrigarem em Catalão, depois de passarem a primeira noite na estação ferroviária, foi um pé de cagaita: “o marido parecia que já apanhava princípio de orientação. Pararam no fim da cidade, que mais tarde souberam chamar Rua-da-Grota, começo da estrada para Goiandira” (COELHO, 1997, p. 75-6). Instalaram-se nesse local como um abrigo improvisado, porém, em seguida, aí, “por muito tempo o marido trabalhou na construção da casa [...], na verdade construíram apenas um barracão” em uma “faixa de terra, o corredor entre a rodovia e a ferrovia”, a qual “ninguém viria reclamar propriedade” (COELHO, 1997, p. 79). Desse modo, os migrantes despossuídos que chegavam à cidade eram orientados por moradores a se instalarem ilegalmente nesses locais inapropriados e clandestinos.

Haviam lhes dito que ninguém conhecia o dono daquela faixa de terra, o corredor entre a rodovia e a ferrovia; e o seu velho achou que poderia sem maiores problemas fincar ali a casa. Diziam casa por um costume da terra de onde vieram, na verdade construíram apenas um barracão (COELHO, 1997, p. 79).

Construíram o barraco “sem nenhuma repartição; mas era um abrigo e ninguém neste mundo consegue viver sem que tenha um lugar onde possa dormir” (COELHO, 1997, p. 82). Mesmo sem conforto, foi considerado como “uma melhoria. A família punha pé firme na nova terra, já tinham um lugar de referência”.

Aos poucos, o marido fora colocando a moradia como desejava, aumentando o conforto da família. Como não possuíam nem camas nem colchões, dormiam no chão duro, por sobre ramos, palhas, capim e a parca roupa de cama. Num domingo, aproveitando estar o comércio fechado e sabendo que nada encontraria para fazer na cidade, ele construiu os três jiraus. Dois maiores e um menor. O primeiro era do casal, o outros para os dois filhos mais novos e o terceiro – o menor – para o mais velho. Era uma melhoria. A família punha pé firme na nova terra, já tinham um lugar de referência (COELHO, 1997, p. 84).

O Casebre passa a ser o “lugar de referência” do homem e sua família, o lugar de onde saía e podia voltar. Lugar esse da vivência e experimentação da nova existência da família, com suas alegrias, seus desespero e lugar de dividir as angústias, os pesadelos, os sofrimentos, os momentos de medo diante das incertezas sociais e das intempéries da natureza, onde a

busca para se manter e existir começam a cada amanhecer e termina a cada anoitecer, para, em seguida, recomeçar novamente.

Nestas idas e vindas, do homem a procura do emprego que nunca se efetivava, percebe-se que a economia de Catalão na época se baseava em escassas atividades industriais, bem como no comércio, existindo ainda diversos trabalhos informais como dito. Nessa esfera dos empregos, podemos mencionar os grupos de “empregados do frigorífico”, localizado próximo ao Córrego-do-Almoço, que rumo ao trabalho, e possivelmente por terem um emprego, “andavam apressados, conversando em voz alta, tagarelas como bando de crianças crescidas, soltando risadas e brincando uns com os outros na intimidade que a camaradagem provoca” (COELHO, 1997, p. 31).

Na narrativa figuram ainda “duas charqueadas” e uma usina de açúcar (COELHO, 1997, p. 14), além das máquinas de beneficiar arroz, que se localizavam no bairro São João, para onde nosso personagem costumava rumar: “A caminhada era longa, atravessaria a cidade de ponta a ponta para chegar ao bairro São João”, na busca do emprego em uma casa de beneficiamento desse cereal (COELHO, 1997, p. 31, 99-100). Nas proximidades da Cruz do Antero, situava-se também uma serraria (COELHO, 1997, p. 54). Nesses diversos locais, o serviço era braçal, como carregar e descarregar caminhões e vagões de charque, açúcar e cimento, fardos de mercadorias para o comércio, engradados, móveis, máquinas, bicicletas, fardos de panos – “um rol de coisas”, mas recebendo pouco de dinheiro (COELHO, 1997, p. 14).

Em sua constante labuta diária no intento de conseguir o emprego, rodava toda cidade, e, certa vez, voltou a uma das máquinas de beneficiar arroz, “lá na rua de São João, do outro lado da cidade”, pois na primeira vez que por lá passou, o dono do estabelecimento disse-lhe para voltar depois. E assim o fez.

Aquele dia tirara-o para percorrer novamente as máquinas de beneficiar arroz. Quem sabe não encontraria alguma necessitando de empregado? Qualquer tipo de serviço, não era de muito escolher, o que queria mesmo era trabalho. Da última vez que percorrera as máquinas de arroz, o dono de uma lhe dissera que passasse por lá coisa aí de uma semana. Quem sabe? Era seguir na procura – quem sai na chuva não deve ter cuidado de se molhar! Ora se! – como não! (COELHO, 1997, p. 16).

Ao chegar ao estabelecimento, deparou-se com uma situação embaraçosa. Os fiscais do governo recolhiam os impostos daquele estabelecimento. Logo após, falou com o proprietário da máquina sobre o trabalho que lhe prometera outro dia, arrependendo-se em

seguida, pois aquele estava nervoso devido ao bate-boca com os fiscais, lhe perguntando: “\_ E para que você serve?” (COELHO, 1997, p. 18). Foi uma abordagem em tom de ofensa, mas diante da situação buscou deixar claro o tipo de pessoa que era: “\_ Pro que for preciso, não sendo pra coisa errada e malfeita [...]” (COELHO, 1997, p. 19). Após muito pensar, o dono do estabelecimento afirmou: “\_ Você me aparece aqui, amanhã, cedo. Mas é cedo mesmo, tá ouvindo? Antes da sete estou abrindo meu boteco”. E, concluindo, falou: “\_ Você está empregado”, o que soou ao seu ouvido “como uma sentença” (COELHO, 1997, p. 20), lhe deixando perplexo por ouvir aquilo que tanto queria, e agora nem acreditava. O emprego era certo, a esperança avivada, podia sim fazer planos para o futuro.

Representava muito para todos eles o emprego do marido, era alguma coisa de segurança, dinheiro certo e contado que junto ao que ela ganhava na lavagem de roupas e a vendagem de esterco pelo filho mais velho, bem que poderia trazer melhores dias, ao menos iguais aos que viviam no norte, antes da descida. Não havia mais nada a dizer, a notícia do emprego era grande demais tinha a fortaleza e amplitude de fechar o dia deles (COELHO, 1997, p. 28).

Porém, como diz o ditado popular, “tudo que é bom dura pouco”, após a dura lida do dia, chegara a noite e com ela a grande decepção. Para quem saiu logo cedo de casa empregado, retornava frustrado, pois o emprego era somente de um dia. Colocava por terra tudo que haviam planejado com o advento do emprego fixo. Voltava-se à estaca zero.

O homem não me deu o emprego coisa nenhuma. Era só pra ajudar de caminhão hoje num transporte de arroz que estava numa fazenda aí por perto. Acabou o emprego. Não precisa mais de mim. Me pagou, me deu o arroz que eu catei no chão meio sujo, me disse que não tinha mais serviço pra mim, que não preciso mais voltar amanhã. Foi só isso (COELHO, 1997, p. 100).

Uma noite dorme sonhando com o emprego e na noite seguinte frustrado com a falta dele, e isso era uma realidade comum. As atividades informais eram mais avulsas, temporárias e o ganho por elas não eram muito compensadoras, mas tanto o homem quanto a mulher recorriam a elas, porque representavam o pouco que conseguiram para manter, de forma precária, o sustento da família. Foi através dessas atividades informais, como lavar roupas no córrego, no Ribeirão Pirapitinga, que a esposa levantavam algum recurso: “\_ Eu já tou saindo. Vou buscar roupa pra lavar” (COELHO, 1997, p. 33) nas “águas limpas que corriam ligeiras soltando murmúrios queiximentos nas pequenas cachoeiras” (COELHO, 1997, p. 48). A mãe, que “era enérgica”, deixava os meninos em casa cuidando dos afazeres domésticos enquanto

ia para o córrego lavar as roupas que havia buscado nas casas das patroas que ficavam no centro da cidade. Nesse contexto, ela sempre recomendava ao filho mais velho acerca das obrigações: “\_ Hora que seu pai chegar pra comer, você leva comida pra mim”, enquanto seu pai fica tomando conta dos meninos. E com o dedo em riste, ameaçador, ainda dizia: “– E não quero bagunça enquanto estou pra lá, j’ouviu?” (COELHO, 1997, p. 59).

No córrego, a mulher, junto às outras lavadeiras, trabalhava. Correndo a água, o dia, o vento – também o pensamento. Não era de muita conversa. Mantinha-se afastada. Tinham uma mania implicante de debochar de sua pronúncia, de seu modo nortista de dizer as coisas. Por isso ficava mais afastada, não puxando prosa com ninguém. Mas puxando imagens, o pensamento – vozes também (COELHO, 1997, p. 61).

O trabalho de lavadeira não era leve, poia exigia muito esforço. Ficava parte do dia, às vezes o dia todo dentro da água fria, ao passo que sentia o calor do fogo que fervia as roupas e faltando alimentação adequada. Tudo isso contribuiu para o desgaste de sua saúde, que não era a mesma de antes, pois tinha uma vida sofrida como provava sua lida diária.

Ali, lavando roupa no córrego, o estômago sentindo falta de alimento, molhando-se na água fria e sentindo o calor que desprendia do tacho de cobre onde ferviam as roupas mais sujas e encardidas, [...] sentia-se velha, desgastada, os músculos, os nervos, o corpo todo não mais respondendo às exigências do trabalho como antes. Cansava mais depressa, a coluna doía, às vezes tinha que se espichar toda para que pudesse continuar esfregando e torcendo a roupa suja, emborcada para frente.(COELHO, 1997, p. 83).

Assim como a mulher, o homem prestava serviços informais, mas seguia em seu esforço de conseguir um trabalho fixo e estável. Fazia o que aparecia pela frente, não escolhia, fosse o que fosse, como limpar “quintais sujos, transporte de entulhos em carrocinhas de mão, rachar lenha, carregar e descarregar caminhões, limpar e dar fundo em cisterna, desafogar fossa supitando, trabalhos de cavouqueiro”, encerar casa e bater escovão em residência no centro da cidade, localizadas “em ruas de paralelepípedos”, tudo isso por “dinheiro pouco”. Dessa forma, “Por isso procurava mais trabalho de chapa, carregar e descarregar caminhões: podia-se contar com resultado mais certo, no fim do dia algum dinheiro no bolso” (COELHO, 1997, p. 13-4).

Mas que lhe adiantavam tais recursos se não davam nem para comprar alimentos para a família? Necessário era encontrar depressa um emprego, desses de trabalhar todos os dias, ter seu rendimento no fim de cada mês, dinheiro ali no contado, bem certinho e sem falta, a fim de dar um trato

melhor e mais substancioso aos seus – se não, doença minando-lhe o organismo, ainda iria cair na mendigagem. Que vexame um homem não passa para tratar de sua família:! Ora se! – passa, como não! (COELHO, 1997, p. 14).

Estava sendo a vida do homem e sua família, desde que chegaram em Catalão, numa luta constante para tentar vencer os infortúnios que sempre os acompanharam e agora com mais intensidade. Desmantelando, vendo esvaír todas as esperanças em encontrar um lugar melhor para se estabelecerem e edificar uma nova vida.

[...] Tempos novos, paisagens novas, mas tudo vai e vem – roda que gira, caminha, leva para lugares estranhos, os rastos apenas recordação. Tudo novo, paisagens nova, caras novas, vida nova mas a miséria era a mesma de muito antiga – e mais forte ainda (COELHO, 1997, p. 64).

A discrepância dos espaços e das paisagens da cidade é conferida à medida que a mulher caminha no sentido centro para a periferia. Ela observa homens da prefeitura trabalharem, fazendo a limpeza de terrenos até a altura da segunda grota, próximo a Cruz do Antero. Porém, na terceira grota, o espaço observado é de poucas casas, de feitiço pobre e em terrenos irregulares, habitados a partir de sistema de ocupação e situados entre a linha férrea e a rodovia.

[...] lá alcançava a terceira grota. Aqui poucas casas, algumas de adobes, outras de pau-a-pique, e mais adiante casebres erguidos apressadamente com restos de caixote e folhas de zinco. O terreno, um corredor entre a estrada irregular e os trilhos por onde passava o trem de ferro. Terra que parecia não ter dono, por isso quem ia chegando ia levantando o seu barraco, frente voltada para a estrada de chão empoeirado, fundos para os trilhos. Apossavam de um lugar onde pudessem fixar a família (COELHO, 1997, p. 54).

A partir da terceira grota, observa-se outra paisagem, produto da exclusão social e econômica da cidade. Era o espaço tido como lugar e campo econômico de atividades produtivas informais, como as lavadeiras no córrego e da cata de esterco no pasto pelas crianças: “– Mãe, mais tarde a gente pode ir pro corgo [...] – Eu levo a carrocinha e vamos catar estrume no pasto. [...] – Eu levo os meninos, mãe. A gente cata estrume só os da beira do corgo. A gente fica de vista da senhora” (COELHO, 1997, p. 33-4).

[...] Dos pastos vinha um cheiro de estrume fresco de gado – por certo ali deveria ser o lugar onde as reses se habituaram a passar a noite. Pensou nos filhos. Haveria de dizer ao mais velho para levar a carrocinha e apanhar o

esterco que por ali deveria estar acumulado. Assim o trabalho do filho ficaria mais fácil. Era só encher os sacos com estrume de gado, seguir para a cidade e vende-los nas casas com quintais cheios de canteiros de hortaliças (COELHO, 1997, p. 54-5).

Essa lida dos meninos era mais divertida, mas almejava também adquirir algum dinheiro: “O menor corria pelos trilheiros do gado, saltando moitas de capim, fazendo algazarra, rindo e gritando. Catavam estercos, os de cavalos num saco à parte – eram mais procurados, valiam mais” (COELHO, 1997, p. 92). Com esses pequenos serviços, permeados de brincadeiras, eles iam aprendendo trabalhar desde cedo e ajudando no sustento da casa.

É importante mencionar que em algumas passagens do texto, Coelho também destaca paisagem visual e sonora que constituía a cidade. O trem apitava “acordando os moradores dos casebres daquela ponta de rua”, pois passava bem próximo das moradias, no fundo do quintal: “[...] o trem sempre apitava forte, enfumaçando com seu grito a madrugada que tranquila ainda ressonava no sono da cidade” (COELHO, 1997, p. 29). Do casebre se via as “luzes da cidade, lá mais embaixo”, mas “não havia luz elétrica até lá, ponta de rua, ranchos de pobres, construção de corredor, terra de ninguém”. Ouvia-se, ali, no escuro da noite, cachorros que “acuavam pelo costume de acuar dentro da noite. Às vezes uma buzina de carro, barulho de gente rindo e conversando alto...” (COELHO, 1997, p. 98), na beira do riacho, onde mulheres lavavam roupa, “cantigas e vozes enchiam e se dispersavam no espaço aberto do pasto” (COELHO, 1997, p. 65).

Por outro lado, no centro efervescente e eufórico, ouvia-se o “som da roda das carroças nos cascalhos”, “carroças de altas rodas de madeira com aro de ferro esmagando o cascalho seco das ruas” ou a roda de pneu dos automóveis “chiando na areia mais fina” (COELHO, 1997, p. 21). Havia, ainda, por época da festa do Rosário, o “som de caixa de congada batendo”, o qual era escutado até mesmo na periferia todas as noites, “a cantoria e o barulho das caixas” (COELHO, 1997, p. 69, 70). Compunha também essa paisagem sonora da cidade, o som da “jardineira que fazia a corrida Catalão-Goiandira” e que “passava, suja, desbotada, roncando seus males mecânicos, trazendo em seu bojo poucos passageiros cobertos de poeira” (COELHO, 1997, p. 94).

Expressando, ainda, o crescimento e o aparato infraestrutural que compunha a paisagem da cidade, para além de “ruas com meio-fios, calçadas largas, postes de cimento e uma e outra pavimentada por paralelepípedo”, iluminação elétrica... (COELHO, 1997, p. 11, 98), a narrativa também traz menção à existência da Prefeitura, lugar que, às vezes, poderiam recorrer em necessidades extremas, como no caso de doença e de precisão de ajuda.

(COELHO, 1997, p. 76). Acresce a essa paisagem urbana o Banco Brasil (COELHO, 1997, p. 52), a Santa Casa de Misericórdia (COELHO, 1997, p. 82) e as escolas. Esses espaços, de cunho público, demonstram como a urbe estava arrecadando e, conseqüentemente, crescendo, o que atraía a instalação e/ou aumento de departamentos públicos na cidade. Isso se fazia necessário, também, para dar conta do número de pessoas que estava recebendo.

Esse repertório de imagens diversas que a fonte literária nos oferece representa com suas imagens duas sínteses da cidade. A primeira, ligada ao centro, aparece a Catalão ideal, fruto da exaltação de traços da cidade, supervalorizando aspectos agradáveis. A segunda, ao abandonar as imagens positivas e colocar em primeiro plano as relações sociais, diferencia-se daquela figura impregnada pela ideia de progresso e desenvolvimento, pois resultante da vivência cotidiana e real, e construída a partir das incertezas, dores e esperanças de seus moradores. “Coelho representa sob esse prisma a resistência, a crítica e a desconstrução dos pressupostos da modernidade alardeados por aqueles outros” (PAULA, 2004, p. 120).

O que se percebe é que existe uma gradação das benfeitorias infraestruturais no centro da cidade e uma degradação à medida que se caminha para periferia, onde as adversidades e a precariedade permeiam o espaço urbano e a sociedade catalana, o que a caracteriza como opressora. Nesse contexto, o que se tem a oferecer às pessoas da periferia e aos migrantes que chegam à cidade, e ali se acomodam, é a discriminação e o preconceito, sendo sempre tratadas com hostilidade. Assim, configurando sentimento de xenofobia ao migrante, ao de “fora” e ao “estranho”.

#### **IV EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS CULTURAIS NO ESPAÇO E NA PAISAGEM CATALANA: LUGARES, SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES**

O capítulo intenciona abordar a cidade de Catalão a partir das experiências e práticas culturais que figuram nas representações e imagens de Coelho acerca da paisagem e do espaço catalanos, lugar marcado por sociabilidades e sensibilidades. Para tanto, se no capítulo anterior buscamos embasamento em diversos pesquisadores que possibilitaram, de forma significativa, a compreensão do processo de formação e expansão da cidade como espacialidade e materialidade, agora voltamos para pensá-la como lugar de diferentes experiências sociais, de sociabilidades e de sensibilidades expressas em e ao redor das práticas culturais no espaço e na paisagem catalanos, que se construíram e se reconstroem formando um vasto campo de práticas dotadas de sentidos diversos e por nós consideradas como riquezas sociais, pois elementos existentes nessa sociedade e constituintes de uma realidade vivida no cotidiano.

Consoante Pesavento (2004, p. 77), existe uma produção ampla acumulada acerca da cidade como objeto de estudo, em particular, em abordagens econômico-sociais, tanto em uma perspectiva quantitativa e evolutiva, quanto num viés do fenômeno da urbanização e sua dimensão espacial. Mas, ainda, conforme a autora, e concordando com ela, a cidade requer e representa hoje uma discussão interdisciplinar que possibilita a abrangência de saberes e conhecimentos entre historiadores, geógrafos, sociólogos, economistas, urbanistas, antropólogos, como tem sido empreendida na perspectiva da Histórica Cultural, na qual ela, a cidade, “não é mais considerada só como um *locus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas, sobretudo como um problema e um objeto de reflexão” (PESAVENTO, 2004, p. 77, grifo da autora).

Nessa perspectiva, a cidade, para além de uma *materialidade* erigida pelo homem, sendo obra ou artefato no qual é possível reconhecer a distinção entre o urbano e o rural, como vimos no capítulo anterior, é também lugar (TUAN, 1983, p. 4, 6) de *sociabilidades*, de relações sociais, de práticas de interação e de oposição, de ritos e de festas, de comportamentos e de hábitos. Assim a cidade pode ser entendida a partir das representações e de suas práticas sociais, dos significados que se desenvolvem e consolidam em sua dinâmica, das relações sociais desencadeadas e construídas em um processo social e histórico Logo, de acordo com Pesavento (2007),

[...] a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta

atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007, p. 14, grifos da autora).

Com base na citação acima, entende-se que a cidade é uma construção espacial, social e histórica que mescla fatos e acontecimentos constituídos por meio de diversas experiências e figurando como uma teia de significados tecidos pelos homens, nos quais estes se encontram presos em seus valores e normas, sendo sociais, culturais, econômicos e, também, políticos. Construção na qual as diferenças afloram em determinados momentos ou são mascaradas em outros, como por meio da ideia de igualdade. Ou ainda se reforça a escolha política de determinado grupo social, mas, mesmo assim, garantindo a noção ou o sentimento de pertencimento ao lugar. Lugar esse carregado de significados, no qual ocorrem as interações e trocas de experiências, sejam elas formais ou informais, pelas relações sociais prazerosas e também conflituosas. É, ainda, lugar onde ocorre a dinâmica das relações humanas, de suas representações e onde os significados são forjados.

Assim, a cidade é, também, pensada e edificada a partir de valores, emoções e sentimentos de quem a idealizou, de quem a edificou e de quem nela viveu, logo sendo espaço de memórias e rica em subjetividade. Portanto, a cidade é, ainda, “*sensibilidadade*” (PESAVENTO, 2007, p. 14, grifo da autora), lugar de afetos, de pulsões, de instintos, de memórias e de emoções, aspectos “constitutivos dos fundos de saberes e fazeres armazenados na vida social”, enfim, de subjetividades, de dimensões cognitivas e afetivas (SILVA, 2008, p. 59-60).

Conforme Pesavento (2004, p. 56-58), as sensibilidades correspondem a um núcleo primário de percepção e tradução das experiências humanas no mundo, sendo um conhecimento sensível que opera como uma forma de apreensão do mundo que brota dos sentidos, que vêm do íntimo dos indivíduos. Assim, as sensibilidades lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, sendo formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber a si e a realidade, os traduzindo por meio das emoções e dos sentidos, estando no cerne do processo de representação do mundo ao corresponder à própria energia da vida. Elas se exprimem em atos, ritos, palavras e imagens, em objetos da vida material e em materialidades do espaço construído.

Tais reflexões permitem considerar a cidade como uma delimitação territorial, uma porção do espaço geográfico, porém permeada de práticas e experiências culturais, dotada de valores e hábitos sociais que a singulariza, bem como de emoções, sentimentos, memórias, afetos e emoções que constituem a esfera da subjetividade.

Nesse viés, de uma análise interdisciplinar, destacamos a importância do diálogo com as ciências vizinhas em estudos inseridos no campo da História Cultural, os quais, por meio de registros diversos, possibilitam compreender distintos aspectos sociais e culturais de um determinado espaço geográfico, dotado de sentidos e constituindo-se em um lugar, bem como de um tempo ou tempos, que vão sendo remodelados, recriando imagens e sendo fruto das ações humanas, configurando novos aspectos específicos de cada lugar. São apontamentos e contribuições ímpares na intenção de compreender como, ao mesmo tempo em que o espaço urbano da cidade se estruturava no interior de uma teia de aspectos e sentidos, sendo ainda reformulado com o passar do tempo, foi percebido, apreendido e traduzido em consonância com as experiências humanas aí dadas.

Portanto, avançar no estudo acerca da cidade de Catalão, no intuito de compreender seu processo de constituição histórico e social, nos obriga a considerar distintas dimensões e elementos variados que o influenciam, para além da transformação e modelagem do espaço urbano anteriormente tratado. Desse modo, podemos perceber sua constituição atrelada à práticas culturais diversas, que tanto se enfrentam quanto convergem ao longo do tempo, resultando na configuração de seu espaço e na sua definição como lugar dotado de sentidos. A par dessas considerações e concepções, voltamos a observar a obra de Coelho almejando verificar as imagens aí presentes da cidade e sociedade catalanas.

#### **4.1 Experiências, práticas culturais e cultura(s)**

O propósito deste capítulo foi destacar as práticas culturais e experiências que são construídas no espaço, transformado em lugar pelos valores e significados a ele atribuídos pelos seres humanos (TUAN, 1983, p. 4, 6), e no tempo vivido por esses, que são figurados na obra de Coelho. Lugares de sensibilidades, marcados pelas experiências sensitivas, emotivas e afetivas, por memórias, sofrimentos, angústias e pesadelos, que contrastam com anseios e esperanças na busca de um futuro melhor, que são expressos em sonhos e desejos de um horizonte distinto daquele vivenciado até o momento pelo homem e sua família, mas que só se apresenta cada vez mais distante, inatingível.

Espaço que se faz lugar de diversidade, de heranças e de práticas culturais e sociais

presentes e experimentadas na estrutura física da cidade, que são elementos reinventados e transformados pelas pessoas em suas relações sociais. Para Chartier, a Cultura pode ser apreendida e examinada na esfera produzida pela relação interativa entre as práticas e as representações, correspondendo, de certo modo, respectivamente, aos “modos de fazer” e aos “modos de ver” (BARROS, 2011, p. 17). Para ele, “as divisões culturais não se ordenam obrigatoriamente segundo uma grade única do recorte social, que supostamente comanda a desigual presença dos objetos como as diferenças nas condutas” (CHARTIER, 2002, p. 68). No campo social, as representações coletivas são responsáveis por edificar o próprio mundo social e as práticas culturais podem ser pensadas como as instâncias oficiais de produção cultural, as instituições variadas, as técnicas e as realizações, mas também como os usos e costumes que caracterizam a sociedade (BARROS, 2011, p. 17).

Assim, a cultura, entendida como bem simbólico e como sendo apreendida nas práticas humanas e sociais, nos usos e nas apropriações, afasta do conceito elitista de cultura que a pensava apenas como fruto da ação letrada, dos ilustrados e da elite. Isso é visível na obra de Coelho, pois só podemos caracterizar o ambiente marginalizado e precário dos protagonistas em comparação ao ambiente dos demais personagens, isto é, dos endinheirados, nos contrastes do viver e da existência nos bairros pobres e nos ricos.

Desse modo, a concepção de formação cultural e social é relacional, ao mesmo tempo que condensa concepção e prática, pensamento e ação. Esta relação é movida e estruturada no seio das relações de poder, das disputas e forças sociais. Portanto, uma representação coletiva é o fruto de conflitos, ou seja, uma esfera marcada de dominação e de disputas.

Nesse contexto, as experiências humanas são apreendidas nas diferentes maneiras através das quais as pessoas agem, pensam, sentem, conhecem e constroem uma determinada realidade, inclusive por meio dos diversos sentidos, como o olfato, o paladar, o tato, a percepção visual e as formas de simbolização, sendo, portanto, constituída de pensamentos e sentimentos (TUAN, 1983). A “experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” e “experimentar é aprender”, significando “atuar sobre o dado e criar a parti dele”, seja um sentido, um sentimento, um pensamento (TUAN, 1983, p. 10). Deste modo, o “[...] dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p. 10).

Essa produção é cultural, por isso, ao trazer o estudo para o âmbito das práticas culturais, verificamos que estas são expressas pelas manifestações dos indivíduos em sociedade, envolvendo costumes, crenças, valores, hábitos, arte, religião e tudo mais pensado

e produzido pelos seres humanos e por eles dotados de sentido, podendo ser passado de uma geração a outra, ser apropriado e ressignificado, sendo expressas nas relações interpessoais através da socialização e das sociabilidades. Vale lembrar que a cultura é dinâmica, muda com a ação humana no tempo e no espaço, produzindo e acompanhando as transformações que ocorrem na sociedade, ou seja, ela é essencialmente humana, só o ser humano é capaz de proporcionar significado simbólico às suas produções.

Vale aqui ressaltar que não existe uma cultura superior a outra, conforme o criticado viés etnocêntrico, não se podendo classificar uma cultura em detrimento da outra, uma vez que toda cultura tem valor, sentido e significados internos. Consoante Geertz (1987), a cultura é uma teia de significados tecidos pelos homens e na qual estão amarrados. Portanto, “A cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou creditar a fim de agir de uma forma aceita por seus membros”, sendo “pública porque o significado o é”. Ela “consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas”, em redes de sinais e “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis”, descritos de forma inteligível. A cultura “como sistema simbólico” possui no uso na vida real, uma lógica informal, sendo os significados a serem decifrados e interpretados (GEERTZ, 1987, p. 15, 21, 22, 23, 27).

Portanto, o autor afirma que essas teias de significado podem ser responsáveis pelas práticas dos indivíduos em sociedade, sendo a cultura formada por estruturas sociais que se entrelaçam de modo a dar sentido às ações humanas. Nessa concepção, podemos constatar que a cultura é de uma heterogeneidade desmedida. O que está inserido na cultura de uma região não necessariamente está relacionado com outra região do mesmo país, evidenciando, portanto, a complexidade das teias de significados.

Dessa forma, ao pensar a cultura como produto e como as práticas humanas diversas, podendo ser por meio dessas acessada, podemos também falar de uma cultura material, a qual abarca a relação humana com as condições materiais que pesam sobre a vida dos homens e refletem na sociedade. Ou seja, como uma dimensão social que se exprime no concreto, nos e pelos objetos, dizendo respeito à relação dos homens com os objetos, ao conjunto de objetos consagrados à vida cotidiana e que caracterizam uma sociedade, como aqueles ligados ao ensino, às técnicas, à alimentação, sendo tanto os objetos e as ferramentas, como os gestos a eles atrelados (PESEZ, 1993, p. 177-215).

Através da obra de Coelho, pode-se vislumbrar aspectos diversos da cultura da cidade de Catalão, inclusive materiais, na qual há alusões à identidade e à memória dos catalanos, pois símbolos carregados de sentidos e significados associados aos objetos. Portanto a cultura não se resume somente aos aspectos físicos, concretos e materiais de uma sociedade, também

é dimensão simbólica percebida nas tradições, nos costumes, nos usos, nos hábitos, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações de uma sociedade, transmitidos oralmente ou gestualmente, por escrito ou outras formas de expressão humana, sendo apropriados, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. Percebe-se que na obra de Coelho (1997) o mesmo trata tanto da cultura material quanto da imaterial dos habitantes do lugar.

#### **4.2 Cultura material e práticas socioculturais dos pobres, por entre a existência dos ricos**

Pesez (1993, p. 186), em suas análises acerca da cultura material, destaca que “À dimensão histórica, cronológica, da cultura material soma-se pois uma dimensão social e uma dimensão espacial”. Deste modo a cultura material tem sentido polissêmico, sendo uma associação da dimensão social e espacial, que dialogam entre si e são indissociáveis. Considera a relação do homem com o meio, sendo ele também apreendido como um objeto material.

Para Aleksander Gieysztor (apud PESEZ, 1993, p. 188), esse domínio é constituído pelos meios de produção, “pelos meios de trabalho, os objetos manufaturados, as forças produtivas e os produtos materiais utilizados pelos homens”, bem como pela “experiência do homem no processo de produção” e, por último, “a utilização dos produtos materiais (o consumo)”. É possível observar esses elementos da cultura material na obra de Coelho, quando o homem participa de todos esses processos descritos, ao transformar a matéria prima em instrumentos ou ferramentas e daí a fabricação de outros objetos necessários a existência cotidiana da família, o que é realizado a partir de sua experiência anterior acumulada, de seus saberes e de técnicas herdadas ou por ele desenvolvidas com a finalidade de utilizá-los e de consumi-los conforme às necessidades básicas de sua família. Assim, compreende-se que

[...] é nas relações sociais que se deve buscar a significação dos fatos materiais. Fica estabelecido desde o início que o fato socioeconômico explica os traços da cultura material, e não o inverso [...] (PESEZ, 1995, p. 189).

Esses aspectos ou elementos da cultura material marcam a diferença entre os tipos de casas, as técnicas de trabalho, os instrumentos de trabalho, os objetos produzidos e os recursos de produção disponíveis que podem ser observados na obra de Coelho. Existem imagens, descrições nítidas de tais elementos e sua inserção nos espaços da cidade que indicam a substituição desse aparato de um período a outro, de uma classe social a outra, de uma história

por outra da cidade. Os lugares mais pobres, mesmo nas áreas mais centrais da cidade, vão sendo substituídos por construções mais modernas, com materiais e traçados atuais, anunciando as mudanças. Entretanto os lugares que a família de migrantes habitava e circulava de forma mais imediata estavam expressamente longe de ter algum traço de modernidade e de mudanças, sendo predominante a permanência, aquilo que advinha da tradição. Isso tudo, depois de não conseguirem chegar ao destino almejado no início, por conta da falta de recursos.

O espaço descrito na narrativa como habitado pelos pobres é marcado pela presença de buracos e irregularidades nas calçadas antigas, bem como pela existência de poeira fina que emanava das ruas, de postes feitos ainda de madeira, de casas malfeitas com telhados sujos, de muros feitos de taipa, de moradias velhas e de lixo nas ruas. Por outro lado, ao contrário, perto e ao redor do Largo da velha Matriz, havia casas novas e grandes, com jardins bem cuidados, ruas com meio-fios, postes de cimento, além de rua pavimentada com paralelepípedo, mostrando o avanço, a modernidade e o progresso da cidade; os aspectos usufruídos por aqueles que possuíam maiores recursos financeiros. Assim sendo, visualizamos duas imagens contrastantes referentes aos espaços da cidade: uma bonita e bem cuidada – o centro – e outra feia e precária, fruto do descaso do poder público – a periferia.

Ruas que carregam histórias de quem as frequentavam ou moravam, que trazem informações sobre o tempo, que mostram os desgastes e as vontades e almejos dos sujeitos que por elas passam. Na narrativa, socialmente crítica, emerge e podemos destacar o diferencial das representações e imagens que eram veiculadas nos jornais, como a *Gazeta do Triângulo*, conforme estudo de Paula (2005, p. 93-94), o que destoava da realidade vivenciada pelos pobres que moravam nos arredores da cidade. Se havia prosperidade, era para um número específico e restrito de pessoas, um segmento ou classe social bem limitado, isto é, não eram todos os habitantes da cidade progressista e reluzente que conseguiam estar neste patamar. Os bairros e as ruas narram a história da estruturação social e espacial da cidade. São passos trilhados no decorrer de tempos passados, sendo espaços de sociabilidades, de encontros e desencontros, de namoros, de conversações e de informações, de práticas políticas e religiosas. Tudo isso são marcas testemunhais do tempo e da história de um povo fincadas no espaço físico da cidade.

Nas andanças dos membros da família pela cidade, sobretudo dos progenitores, e, principalmente, do pai a procura de emprego, destacam-se as atividades ligadas a trabalhos braçais e rudes, como: “limpa de quintais sujos, transporte de entulhos em carrocinhas de mão, rachar lenha, carregar e descarregar caminhões, limpar e dar fundo em cisternas,

desafogar fossa supitando, trabalhos de cavouqueiro”, e, até encerar casa (COELHO, 1997, p. 13). Desta forma, o homem laborava em trabalhos diversos que fossem encontrados, visando o sustento dos seus, não se limitado a fazer o que era de costume e se prestava a fazer qualquer atividade para poder levar algo para casa no final do dia. Também executava outros afazeres para suprir aquela existência marcada pela falta e pela escassez de bens de subsistência, conforme as experiências anteriores em sua terra de origem, onde havia aprendido outros ofícios como a carapina, o manejo da enxó, do formão e da plaina:

Era carapina de roça, não tinha ilusões, mas nos seus limites fazia de um tudo da madeira: cadeiras, bancos, banquetes, mesas, entalhava tulha, arcas, malas, baús, oratórios, escrínios, canastra, armava cumeeira de casa, erguia curral [...] mas o fabrico de coisas miúdas não tinha medo, embora algumas peças saíssem um pouco toscas, ele fazia tudo procurando alcançar capricho (COELHO, 1997, p. 15).

Ficam evidentes as técnicas de trabalho rudimentares, bem como os instrumentos e as ferramentas empregadas na fabricação de utensílios para uso cotidiano no casebre por ele mesmo erguido, que marcavam a diferença entre tipos de casas, técnicas de trabalho, objetos produzidos e recursos de produção empregados nas moradias e edificações da área central. O homem era cuidadoso no que fazia, tudo era planejado, pois tentava desenvolver tal como havia pensado, como se deu por ocasião em que construiu um estaleiro, “um jirau de madeira roliça”, no quintal para colocar e lavar a tralha suja da cozinha:

O pai era um homem caprichoso. Fazia tudo mais calmo, tomando tento, tirano linhada, buscando a medida das coisas. Tinha hora que franzia a testa, apertava os olhos, coçava o queixo – isso quando o serviço não estava saindo como havia arrumado em sua cabeça (COELHO, 1997, p. 39).

Tratando das benfeitorias em seu barraco, fazia tudo com cuidado, “no capricho”, sendo meticuloso, como, por exemplo, durante a construção da cisterna:

A cisterna tinha uma proteção de tijolos rebocados com reboco grosso, ao redor da boca, numa altura de quatro palmos bem esticados e quase o mesmo de largura. Tudo muito redondinho e com alicerces de pedra. Depois o pai fez um encaixe de madeira com uma tampa para cisterna, que era para nem menino nem animal pequeno cair dentro dela. Também tinha outra serventia a armação de tijolo com reboco grosso – quando a chuarada empapava a terra do quintal, que era escorrido, e formava uma enxurrada lamosa descendo na força da inclinação do terreno e pegando rumo da cisterna, o levantamento de tijolo servia de proteção, não deixando a água da cisterna se misturar com a sujice que a enxurrada carreava. O pai era homem caprichoso e pensava em tudo, nada passando fora de suas vistas. (COELHO, 1997, p.

39).

Considerando o nível socioeconômico da família, viviam com pouquíssimos recursos materiais e utensílios domésticos, os quais eram muito precários, rústicos, improvisados e antigos, sendo muitos feitos a partir da reutilização de materiais, de embalagens que eram reaproveitadas para fabricação dos utensílios, configurando, deste modo, como uma família possuidora de uma cultura material bastante rudimentar e recorrente em casas de pessoas carentes economicamente.

Além das duas panelas de ferro, havia os dois caldeirões, um também de ferro e outro de alumínio grosso – este último com vários amassados no fundo e um mais forte no bojo. Alguns garfos, colheres, uma faca de ponta com cabo de madeira e fio já encurvado, uma rabinha geralmente usada para coar café, o mancebo de madeira feito pelo pai, o coador de pano costurado no aro de arame torcido, um litro, a cafeteira esmaltada com um desenho de boquê de flores já descascadas, também uma chaleira de alumínio com tampa e bico comprido, chata como uma pata choca, dois pratos esmaltados já gastos e velhos. O resto eram copos de latas de conserva e três pratos que o pai fizera de lata de marmelada, um copo de alumínio com asa, presente do padrinho e uma combuquinha feita de coco da Bahia que o pai usava para beber água e café – e mais algumas coisinhas poucas completando o parco vasilhame da cozinha (COELHO, 1997, p. 40).

Os móveis utilizados, dos quais desfrutavam no casebre, naquela ponta de rua, eram todos fabricados pelo homem em seus momentos de folga, nos domingos ou feriados quando não era possível encontrar nenhum afazer no centro da cidade. Aos poucos foi confeccionando os móveis: “O jirau era de madeira roliça e fina. Um jirau comprido que servia inclusive de quaradouro de roupas. O pai era homem que sabia fazer as coisas” (COELHO, 1997, p. 41). “O pai, à custa de muita conversa e desconversa, passando raiva, engolindo seco, conseguiu os tijolos, a madeira para o jirau, três pranchões [...]”. Com esse material, “Com os dois pranchões mais finos e mais compridos, o pai fez o estaleiro para a lavagem das vasilhas e labutas da cozinha” (COELHO, 1997, p. 43). No quintal, ao lado da cisterna, ainda ele “enfincou um toco, resto de dormente que a turma da estrada de ferro deixara jogado fora, e nele apoiou o pranchão curto e grosso, construindo assim o batedor de roupas para a mãe” (COELHO, 1997, p. 44). No interior do casebre, o homem construiu uma fornalha, um “fogão tosco”, que servia para fazer a comida, mas também para aquecer do frio, onde ali usava “lenha ruim” sob um “caldeirão de ferro”, que era remexido com uma colher de pau que ele também havia fabricado (COELHO, 1997, p. 37, 58). Desse modo, o homem aos poucos mobiliava seu casebre de acordo com suas possibilidades, adequando-se às limitações

impostas pela esfera econômica.

Para ajudar no suprimento de alimentos em casa, o homem e a mulher realizavam serviços quando eram solicitados pelos vizinhos, mais especificamente o chacareiro vizinho, e recebiam gêneros alimentícios como pagamento e dificilmente em dinheiro:

Foi o mês de julho inteiro naquele toadão, só parando de notinha para se dormir e levantar no outro dia pela madrugada. Mas atem que rendeu: o homem não gostava de pagar em dinheiro, sovina que era. Por isso a paga rendeu dez quarta de polvilho das quase duzentas que fizeram, e quarta e meia de farinha das muitas que torraram (COELHO, 1997, p. 42-3).

A família vivia com os poucos recursos que conseguiam pelos trabalhos prestados e que eram mal pagos. Não bastava a batalha do serviço diário, era preciso batalhar também para receber pelo serviço que era prestado, configurando uma exploração da mão de obra, símbolo de uma sociedade capitalista. Além de serem reféns de uma vida regrada, cheia de abdições, eram vítimas da exploração da mão de obra.

Isso tudo, como dito em capítulos anteriores e no início da seção, fez-se necessário, pois, por falta de dinheiro, o homem e sua família pararam na estação ferroviária de Catalão, onde passaram ali a primeira noite ao relento, em noite fria e desoladora. No outro dia o homem procurara um lugar para poderem se abrigar e foi embaixo de um pé de cagaiteira que se instalaram com o pouco de pertences que possuíam, até levantar uma cabana, a qual abrigaria sua família para os próximos dias:

A cabana era tosca – um plano inclinado, do chão a uma vara forte pousada horizontalmente em duas forquilhas. Tudo muito bem amarrado, seguro e as pontas fincadas e socadas no chão. Era tosca, rústica, pior mesmo que as casinhas para se esconder de chuva erguidas no centro dos eitos de arroz. Mas servia para abriga-los por alguns dias. Amontôu os pertences a um canto, preparou acomodações no chão limpo – alguns ramos folhando, roupas de cama sujas e rasgadas por cima, eram as camas. Praticamente só havia uma cama, todos dormindo juntos, o corpo de um ajudando a esquentar o de outro (COELHO, 1997, p. 77-78).

A necessidade os fizeram contribuir para a expansão da área da cidade, ao construírem a cabana tosca e depois “um barracão”, no qual o pai empregou por muito tempo seu trabalho. Sub moradias que caracterizam, em geral, os bairros periféricos das cidades. A cabana, abrigo da família, era improvisado, porém “era melhor que o cimento frio da plataforma da estação do trem de ferro” (COELHO, 1997, p. 78). Entretanto, com o refúgio e a família, ainda se encontrava a mercê das intempéries naturais, passando por situações que traziam medo e desalento. A situação em que se deparavam era angustiante, por isso o homem elencou como

prioridade a construção do barraco:

[...] Viviam num abrigo improvisado que não os protegia do frio da noite nem do vento com poeira durante o dia, além da constante ameaça das chuvas – os pertences de cama e cozinha amontoados estragando. A construção do barraco era o que havia de mais urgente. [...] Os meninos buscavam água do barraco do carroceiro, e a carregavam em latas e num balde velho. O marido ia até a grotta mais próxima e de lá trazia água eu ia enchendo um tambor velho conseguido na charqueada. A mulher com a ajuda dos filhos, fazia o barro para os adobes, os meninos pisando descalços a terra mole amassando-a até que ficasse tudo bem sovado (COELHO, 1997, p. 81).

Terminada a construção do barraco, com estrutura melhor, as paredes de adobe, o chão socado, que requeria, para fazer a limpeza, que jogasse água para a poeira não sufocar as pessoas e cobrir os móveis. “A casa levantada e coberta, verdade que não havia colocado portas nem folhas das janelas – usavam sacos de linhagem e panos velhos” (COELHO, 1997, p. 82). A moradia era apenas “um barraco sem nenhuma repartição; mas era um abrigo”, no qual o homem e sua família poderiam se agasalhar durante a noite e dormir. A família toda ajudava na construção do barraco, a mulher entre um e outro intervalo de suas atividades ajudava na medida do possível:

[...] entre preparar a comida e ir cuidando do caçula ainda fraco, fazia barro e com uma forma de caixote preparava adobes e os espalhava no chão para cozinhaem-se ao sol. Os filhos carregavam água, ajudavam a amassa o barro com os pés, e, quando o sol ficava muito forte, cobriam os adobes ainda não cozidos de todo com ramos, folhas e capim impedindo-os de rachar (COELHO, 1997, p. 80).

Conforme visto na obra, a realidade da família de migrantes perante as diferenças e, sobretudo, as desigualdades sociais, figura bem a divergência entre a periferia e o centro da cidade. É também por meio da descrição da configuração desses espaços e da base material ali erigida para garantir a subsistência na vida que vão sendo compostas as dimensões econômicas (financeira) e psicológicas do homem e de toda sua família:

Não demorou “dois meses” e o casebre já estava pronto para ser utilizado. Rústico, mal acabado, mas representando tudo que possuíam. As paredes eram de adobe e não possuíam ainda qualquer reboco. A cobertura de folhas de palmeiras, buritis e guarirobas, cortadas em grande quantidade dos pastos do frigorífico (COELHO, 1997, p. 80).

O trecho acima apresenta a casa e suas características, delineando a simplicidade, a

rusticidade, a precariedade de tudo e a ausência de recursos para uma construção de uma moradia mais digna. É um espaço que remete à pobreza e à falta de conforto, à fragilidade e insegurança da edificação para aguentar quaisquer fenômenos naturais, como aconteceu quando veio a tempestade. Tanto o ambiente precário quanto a tensão psicológica dos personagens em tal circunstância ficam expressas no texto diante do “grande transtorno”:

[...] a chuva molhando a todos, os filhos encolhidos a um canto, cobertas nas cabeças, a enxurrada fria entrando por debaixo da antiga cabana, estragando os poucos pertences, desmanchando os adobes ainda não cozidos. E nas duas vezes que chovera, a chuva caíra à noite, a escuridão aumentando o medo das crianças, criando grande confusão e estragos. O caçula, que ainda se encontrava sem resistência, pegou um resfriado de peito que não largou mais, arruinando-lhe a saúde. Desde aquelas chuvas que basta o tempo mudar um pouquinho de nada e a bronquite aperta a respiração do menino, o peito estufado chiando cavernoso (COELHO, 1997, p. 80).

O tempo indicado, a noite, remete simbolicamente a obscuridade que ali reina, figurando também tristeza e sofrimento da família diante das tempestades da vida que tanto instauravam o terror e o medo. Com estrutura frágil, a chuva ameaça o casebre, sua estrutura física, mas, principalmente, atinge seus moradores, em especial a saúde das crianças. Toda essa instabilidade material e o sentimento de pavor que ela produz intensificam e adensam o quadro de miséria da família. Segundo Borges Filho (2008, p. 5), “de acordo com o imaginário humano esse clima meteorológico está sempre impregnado de negatividade, de augúrios”, deixando marcas no percurso de vida da família.

Vencida a etapa de levantar o barraco, na medida do possível, o homem partiu para furar a cisterna, serviço que demandou muita força por ser pesado para ele e, principalmente, para a mulher:

Primeiro foi um chão mole, terra fofa. Havia chovido e não era difícil de cavar, o enxadão entrando macio no solo molhado. Depois, vieram outras camadas – areia pedregulhenta, dura, para no meio em diante cair numa piçarra forte. Quando o enxadão atingiu a piçarra, o marido teve que redobrar seus esforços, cansando mais depressa, suando muito – não havia ventilação dentro do buraco, o vento passando por cima. Respirava um ar quente que o abafava, obrigando-o a todo instante interromper o serviço. Foi necessário pedir emprestado uma picareta para terminar o trabalho, o enxadão não conseguindo morder a piçarra (COELHO, 1997, p. 81).

A tarefa, tão intensa, exaustiva e pesada, levou a mulher para Santa Casa de Misericórdia. “Ela ficava no sarilho puxando a terra e isso é um serviço pesado, principalmente para mulher”; e “logo no primeiro dia veio-lhe a regra”, tendo ela uma forte

hemorragia. Foi preciso que marido a levasse às pressas para o socorro e tratamento adequados, com acompanhamento médico e ficando internada alguns dias. Nesses dias, o homem ficou desorientado entre os afazeres domésticos, o cuidar dos filhos e ainda acompanhar a mulher no hospital (COELHO, 1997, p. 81-82).

Com o passar do tempo, o homem melhorava as acomodações da família, fabricando móveis e utensílios domésticos, produzindo algum conforto, ainda que precário, à todos:

Como não possuíam nem camas nem colchões, dormiam no chão duro, por sobre ramos, palhas, capim e a parca roupa de cama. [...] ele construiu os três jiraus. Dois maiores e um menor. O primeiro era do casal, o outros para os dois filhos mais novos e o terceiro – o menor - para o mais velho. Era uma melhoria (COELHO, 1997, p. 84).

Tais melhorias, ainda que frágeis e pequenas, traziam um novo sentimento aos membros do grupo de migrantes: “A família punha o pé firme na nova terra, já tinham um lugar de referência” (COELHO, 1997, p. 84). Desterritorializada articula a reterritorialização apropriando do disponível ao redor e produzindo um espaço de viver, que influía em sua subjetivação ao dar a esses sujeitos a sensação de possuir uma casa e poder levar a diante o projeto perseguido e tanta vez ameaçado (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Nos dias santos ou nos domingos, o homem fabricava alguns objetos, instrumentos e utensílios, como a carrocinha, na verdade um caixote de madeira, que conseguiu em uma loja no centro da cidade, que adaptado com rodas, eixo e varais, os filhos usavam como veículo para catar estrumes de animais nos pastos que ficavam na redondeza do casebre (COELHO, 1997, p. 85). Esterco que era usado para adubar a horta que estavam ali formando e o excedente vendido na cidade para casas com jardins ou hortaliças (COELHO, 1997, p. 90).

Percebe-se que a família, meio às dificuldades para garantir a sobrevivência, não descansava. Eram muitas as atividades, construindo o necessário, mesmo que de maneira não desejada, mas o possível em tais circunstâncias. Nesse sentido, “cercaram um bom pedaço de terreno incorporando-o ao terreiro da casa, construindo assim o quintal”. A cerca era na maioria de ramos e em alguns lugares arame e bambus entrelaçados, latas velhas desmanchadas e restos de folhas de zinco catadas nos entulhos. Mas as preocupações eram constantes e o sentimento que, por exemplo, rondava a mulher era de que “era necessário construir tanta coisa ainda” (COELHO, 1997, p. 89).

Mesmo com as melhorias, que aos poucos o homem fazia, as condições de instalação e moradia da família eram muito precárias. Tudo era muito simples, difícil, minguado e incerto. Não usufruíam de infraestrutura básica, por se localizarem em uma ponta de rua. Não

possuíam luz elétrica e usavam lamparina de querosene, nem água encanada e rede de esgoto, fazendo as necessidades fisiológicas ao ar livre. Traziam costumes e práticas peculiares de pessoas do interior que moravam nas zonas rurais. “A única coisa que não construíram foi privada, pois não viam necessidade, habituados a fazerem as precisões ao campo livre, no fundo dos quintais, nas touças de bananeiras” (COELHO, 1997, p. 85, 96).

Na produção da higiene pessoal, não possuíam banheiro e nem chuveiro, e o banho era realizado com bacia: “Tomavam banho no quarto, numa bacia amassada nos fundos. Era um trabalho de asseio muito rápido que não asseava quase nada. Enchiam a bacia de água, metiam-se dentro, ensaboavam com sabão preto e na mesma água suja enxaguavam-se mais ou menos. Depois atiravam pela janela da frente da casa o conteúdo da bacia” (COELHO, 1997, p. 95-96).

Como não havia eletricidade naquela parte final da rua, à noite, acendiam a lamparina de querosene que era a forma de iluminar o ambiente. “Não havia luz elétrica até lá, ponta de rua, ranchos de pobres, construção de corredor, terra de ninguém” (COELHO, 1997, p. 98). O cheiro forte e desagradável do querosene queimado já nem era mais percebido pelos moradores do casebre, pois haviam se acostumados com aquele odor.

O narrador discorre sobre as características do espaço e percebe-se que assemelha com a caracterização do homem e de sua família. O espaço precário e insalubre reflete o estado de espírito dos personagens, os quais possuem sentimentos de desalento, descrença e desesperança, denotando a falta de uma real expectativa de vida melhor. Mesmo com a incansável busca de melhorar a vida empreendida pela família, alguns feitos não fazem avançar o projeto ou aproximam realidade experimentada pelos habitantes do centro da cidade. A casa é construída de modo improvisado e com materiais encontrados sem custo financeiro, não possuindo mobílias adequadas, mas somente alguns poucos utensílios, como panelas velhas e panos usados como lençóis. Toda essa busca relatada transcorre de forma angustiante, em que o sonho de garantir escola para as crianças, um emprego para ajudar no sustento do alimento não vingam do jeito que a família deseja e espera.

Contrastando com toda a exposição acima realizada nesta seção, que evidencia um espaço de miséria e de opressão, destacamos o espaço onde viviam as pessoas mais abastadas da cidade, lugar que possuía infraestrutura urbana com iluminação, ruas pavimentadas e casarões, marcados pelo conforto e pela segurança, como mencionado no capítulo anterior. Espaço privilegiado esse reconhecido como o “centro da cidade”. Nesse espaço, como abordado, mas que vale aqui reiterar para destacar a oposição e diferença, a paisagem tem constituição totalmente contrária a da periferia, sendo lugar da beleza e limpeza. Local onde

as pessoas se sociabilizam participando de eventos sociais públicos e particulares, mundanos e religiosos. No âmbito dessa sociedade abastada as crianças têm oportunidade de irem para escola e os homens possuem ocupação e trabalho fixos, como indica a passagem em que a mulher migrante ia buscar roupa para lavar na casa de uma senhora gorda que tinha “os filhos na escola, o marido na fazenda” (COELHO, 1997, p. 51).

Alguns dos proprietários dessas enormes e confortáveis residências eram imigrantes, descendentes de sírios. Coelho (1997), como já visto, põe em destaque um exemplo específico desses imigrantes que chegaram à região em condições econômicas precárias, mas que com o esforço, empreendedorismo e afinco no trabalho, despendidos por toda a família, transformaram suas vidas e situação financeira. Começaram por fabricar doces e conseguiram mudar a situação sócio-econômica do grupo familiar, construindo um patrimônio invejável, reforçando, assim, a garra e a determinação dos imigrantes de descendência síria.

Ao tratar do universo das pessoas ricas ou bem situadas socialmente devido suas posses materiais, Coelho indica a distinção de tratamento que algumas pessoas desse grupo possuíam em relação aquelas outras vindas das zonas rurais. Por estarem em situação socioeconômica melhor, sentiam-se superiores e com o direito de destratar as outras:

Tem gente que não sabe lidar com pobre. Olha de cima como se pobre fosse bicho ou tivesse aleijume. [...] Não gostava de certas mulheres ricas, crias da cidade mesmo, com seus ares de muita importância e toda soberbia no falar com pobre. Melhor mesmo era tratar com pessoas vindas da roça, mais humildes, não sofisticadas, sabendo distinção entre uma pessoa e um animal [...] por estar em melhores condições [...] olhava de cima para baixo, dirigindo-lhe gracejos e permanecendo apartados (COELHO, 1997, p. 52).

Porém não eram todas as pessoas que tinham esse tipo de conduta, fazendo questão de se mostrarem e sentirem superiores, arrotando distinção e buscando perpetuar a divisão e fragmentação social. Existiam também “pessoas de melhores posses” que eram “gente bondosa”, como aquela uma senhora “acostumada na roça”, mas que vivia em casa aburguesada, para quem a mulher retirante lavava roupas. Essa “dona” “Tratava a lavadeira [...] por senhora, com todo respeito que uma criatura humana deve de ter” (COELHO, 1997, p. 52).

A mulher migrante colocava em evidência a divisão social existente e a distinção no modo de tratar as pessoas vindas daquelas oriundas ou ligadas com a zona rural. As pessoas que residiam na cidade, ou pelo menos parte delas, não a tratava com respeito. Porém havia algumas patroas que mereciam destaque, por isso a retirante gostava de trabalhar para elas.

Além de tratá-la melhor, com respeito a sua pessoa, com distinção e como criatura de Deus, o que a fazia sentir “certo orgulho” e que sempre ofereciam algum agrado para levar para os seus filhos; algumas das vezes eram roupas e calçados de segunda mão, dentre outros “objetos usados” (COELHO, 1997, p. 51-52).

A migrante, que dedicou “a pegar roupas para lavar” na busca de ganhar algum dinheiro e ajudar no sustento da família, às vezes, as “lavava no córrego que passava perto, nos pastos da charqueada, outras vezes nas casas das freguesas”. Portanto, entre o trabalho executado no ribeirão e em condições difíceis, considerava uma felicidade quando o destino possibilitava o conforto de se trabalhar nas casas dessas patroas benevolentes:

Era uma sorte lavar roupa na casa dos patrões, mais conforto, comida melhor, tanques com água encanada e geralmente melhor paga também. Não havia o incomodo de levar trouxa de roupa na cabeça até o barraco, depois ao córrego, novamente ao barraco e, por fim, roupa lavada, trouxa feita, bater pernas na rua em direção a casa da patroa (COELHO, 1997, p. 84).

O que se percebe é que o espaço da cidade expressa as divisões sociais, e, enquanto tal, é opressor, principalmente em relação às pessoas pobres e desvalidas, que vinham da zona rural ou àquelas de outras regiões, migrantes que chegavam em busca de uma qualidade de vida melhor.

### **4.3 Outras expressões da Cultura, do campo simbólico catalano: práticas educativas, religiosas, de lazer e sociabilidades**

Cada grupo social, dentre eles o familiar, tem uma cultura particularizada, conforme uma série de variáveis, ainda que atrelada às convenções e códigos sociais mais amplos, possuindo condutas, comportamentos, atitudes e costumes pautados em princípios, valores, regras e crenças apropriados da formulação geral e do estabelecido publicamente.

Nesse sentido, presa na teia de uma cultura geral, que valoriza e positiva o trabalho, a família o tinha como emblema a ser perseguido. Portanto a rotina diária dos filhos da família de migrantes era determinada e disciplinada pelos pais, sobretudo a mãe que os tinha sob constante e vigilante olhar. Dessa forma, por “questão de costume e preceito, assim que o sol saísse” ela os chamava para levantarem-se: “Quem levanta depois do sol é quem não tem nada que fazer, é gente habituada na preguiça”. Ser preguiçoso para eles “era ofensa, pois desqualificava as pessoas”. Por isso, desde cedo cobravam dos filhos esse ritmo de vida e disciplina, para que criassem o hábito e se acostumassem, de certa forma, a estarem prontos

para o trabalho (COELHO, 1997, p. 31).

Essa postura estava atrelada a uma cultura valorizativa do trabalho que tornou bastante difusa no imaginário social brasileiro. Desde muito se buscava positivar essa atividade por meio de um projeto de disciplinarização do homem brasileiro, sobretudo a partir do Estado Novo, o qual ganhou impulso decisivo por volta dos anos de 1940. O trabalho, especialmente aquele pesado e braçal, que era visto como negativo em decorrência da escravidão, enquanto fora forçado e sem remuneração, deixando na miséria aqueles que o executaram por toda a vida na condição de escravo, tornava objeto de exaltação, ao passo que se condenava a malandragem e a figura do malandro (ALMEIDA, 1996, p. 8-9).

Nesse processo educacional e disciplinarizador dos filhos por meio do trabalho, o ritmo da lida diária imposto pelo pai era diferente daquele cobrado pela mãe, que prevalecia, pois passava maior parte do tempo em casa, e mesmo quando estava lavando roupa no córrego ou na casa das patroas, deixava as orientações com o filho mais velho, para que executasse as obrigações do dia, como cuidar dos mais novos. Se, por um motivo ou outro, a tarefa não fosse cumprida, havia repreensões moralizantes. O modo como ela disciplinava os filhos era por meio “gritos, zangas, e croques no alto da cabeça”. Enfezada, os distribuía “com regularidade para educar o filho”:

- Não presta atenção no que tá fazendo, porqueira.
- Segura isso direito, guspe de gente.
- Anda logo, tira mais um balde d’água.
- Depressa que a gente não tem o dia inteiro só pra isso não, criatura (COELHO, 1997, p. 38).

A educação recebida do pai possuía lá suas diferenças, embora fosse, também, no sentido de aprender por meio do fazer, da prática. “A fala do pai era diferente.” Quando mandava buscar qualquer coisa e o menino se atrasava, ele gritava de onde estivesse sempre a mesma frase: “\_ é para hoje”. Mas, às vezes, existia uma variação, caso demorasse se pedisse, por exemplo, um facão: “tá fazendo o facão primeiro?”. Ele “era um homem caprichoso. Fazia tudo mais calmo, tomando tento...”, ao passo que ela “tinha a língua afiada” e dizia isso e aquilo,

[...] fazendo as coisas numa correria como se o mundo fosse acabar, empurrando os meninos que passassem pela frente, barrando o caminho, ora rindo deles muito alegre por causa da falta de jeito no fazer as coisas, ora cara fechada atirando tapas e puxões de orelha, dizendo que era uma só e não poderia atender todo mundo a mesmo tempo (COELHO, 1997, p. 38-39).

Na falta da mãe no lar, boa parte das tarefas cabia ao filho mais velho para fazer, como cuidar dos irmãos mais novos. Enquanto as crianças brincavam, o irmão realizava a organização da casa e o preparo da comida, como estipulado, até que ela retornasse e tomasse para si, novamente, as orientações práticas da vida, geralmente embasadas e oriundas da cultura popular, de uma sabedoria advinda dos ditados populares.

Os filhos brincavam no terreiro do quintal, fazendo a maior das algazaras. Quando viram a mãe a brincadeira se estacou como por encanto, e foram calados se achegando dela. A casa varrida, o feijão no fogo, tudo bem arrumado – o menino mais velho parecia que tinha caprichado em sua tarefa, percebeu de uma olhada rápida de inspeção. [...] A sabedoria e moral deles se firmavam nestes ditos populares, sentenças de uma cultura anônima e axiomática, por isso mesmo inquestionável e que servia para qualquer situação (COELHO, 1997, p. 57).

A atenção e o olhar atento do irmão mais velho diante da execução das tarefas estabelecidas pela mãe, como a organização da casa e dos afazeres, mostra a importância dada ao cuidado tanto com o local, a casa, e, mais ainda, com os irmãos, para que nada estivesse em desordem quando a mãe chegasse. As ações executadas, conforme a ordenação dada pela genitora, reforçava o elo de confiança da mesma com o filho mais velho. Porém, quando este recebia alguma repreensão ou castigo físico por fazer algo errado, práticas inseridas no campo das medidas educativas, desejava crescer logo, para não precisar ser penalizado por tais responsabilidades.

[...] um dia ele pegou a panela menor, a de alça, que tem três pezinhos na barriga iguais maminhas de marroa nova. A mãe gritando apressada, ele pegando de mau jeito, a barrela se esfarinhando na mão que não achou firmeza – depois foi só o cantado da panela batendo no canto da pedra perto do fogão, onde a mãe gostava de sentar-se. Como apanhara naquele dia – e de chinela! Ah! e a vontade de crescer era muita (COELHO, 1997, p. 40).

Desse modo, desempenhando as tarefas da casa e do cotidiano da família, o filho, conseqüentemente, aprendeu vários afazeres, bem como com o pai, a exemplo de ascender o fogo, “coisa enjoada e custosa”, pois requeria certo conhecimento, como encher os pulmões, depois num sopro prolongado, estufando as bochechas e engrossando a veia do pescoço, ir soltando o ar para dentro da fornalha até as fagulhas subirem. Logo, “por certo quando crescesse, se transformasse em homem, o faria também sem muito custo e esforço”. Tratando como legítima essa forma de aprendizado, o narrador expressa: “Outros trabalhos aprenderia assim como o pai – e a vontade de crescer era muita” (COELHO, 1997, p. 43).

O trabalho estava presente de forma direta e indireta na vida da família, sendo considerado como uma das maiores virtudes humanas. Era visto como o principal meio para atingir as expectativas de melhorias de vida fugindo das agruras relacionadas à miséria. Consoante o narrador acerca da busca do pai para encontrar um trabalho, “Toda busca tem seu caminho, e todo caminho leva a uma busca, incerta na maioria das vezes, mas uma busca \_\_ e ele buscava ocupação para suas mãos habituadas a muito fazer” (COELHO, 1997, p. 13). Por isso, os pais, recriminavam aqueles que não tinham nenhuma ocupação e condenavam o preguiçoso e aquele que levanta tarde, sempre se preocupando em ensinar aos filhos a importância de se ter um trabalho, de ser trabalhador, pois se os deixassem sem ocupação poderiam habituar à malandragem. O trabalho dignifica homem, conforme afirmado também ao tratar da experiência vivida pelo pai, que saía cedo em busca de emprego e só voltava para casa à noite, a fim de não se tornar um mendigo.

Dali a caminhar as mesmas ruas, bater as mesmas portas mendigando, sentia não estar longe – e temia o momento em que o resto de vergonha que lhe mantinha a dignidade de homem desaparecesse por completo, fazendo dele um mendigo, um destruído. Ainda não mendigava, pedia pelo trabalho honesto que qualquer pessoa possa fazer (COELHO 1997, p. 12-13).

A família possuía uma cultura formada a partir de noções tradicionais, pois a valorização do trabalho para manter-se na vida e subsistir, e a condenação do ócio, figuram em vários textos bíblicos (BÍBLIA, 1999, p. 818, 820, 906, 1288, 1513, 156). Porém, essa cultura do trabalho foi reforçada, de modo geral, com a constituição da sociedade capitalista, em especial do capitalismo industrial, sendo propagada, de forma ampla, ao tratar acerca do uso do tempo e da instauração de uma disciplina do trabalho (THOMPSON, 1982), bem como de modo específico no Brasil pós-abolição da escravidão (ALMEIDA, 1996), como mencionado anteriormente. Nesse contexto, dava sentido e significado para a educação dos filhos daquela família, pois os pais possuíam introjetada essa ideologia.

A mãe era enérgica. Braba até. Por qualquer coisinha de nada se enervava – e eram palmadas, as mãos grossas da trabalhadeira subindo e descendo sem dó nem piedade, chinelos, puxões de orelhas, cascudos no alto da cabeça, tapas onde acertassem (COELHO, 1997, p. 59).

Sempre que via necessidade, a mãe era a mais impetuosa, agia segundo seus impulsos, e os castigava fisicamente, para além da falação moralizante; o pai, por sua vez, também o fazia, mas não era de acordo com a forma mais generalizada que o castigo físico adquiria nas

correções que a mulher aplicava; achava um tanto desnecessário: “- Menino que muito apanha fica estragado, a gente põe ele sem-vergonho”. Acrescentava que “para se educar podia bater, mas que fosse com chinelo ou correia e que fosse na bunda deles” (COELHO, 1997, p. 60).

O pai tinha muita sabedoria em sua cabeça e era mais calmo, mas quando saía do seu sério e tirava o dia para educar os filhos, meninada sentia o peso de sua raiva – correão, vara de marmelo (COELHO, 1997, p. 60).

Quando os meninos praticavam algo que contrariava a mãe, especialmente quando tivesse preocupada com outros problemas, os meninos poderiam esperar que o castigo e as penalizações aconteceriam, pois era uma forma de aliviar a tensão, acalmar os nervos: “ – Eu não falei que não queria demora? – foi gritando. – Estou jurando vocês tem muito tempo. Tou jurando” (COELHO, 1997, p. 95). Era a forma de dizer da mãe que há tempo eles vinham cometendo atos que ela reprovava e a qualquer hora ela poderia dar-lhes um castigo ou, pior, uma surra, pois estavam merecendo.

Outro aspecto importante na educação dos filhos era a preocupação com a higiene, a ponto de a progenitora fazer ameaças de aplicar castigos caso a higienização não fosse feita a contento, sendo atividade que aquela jurava fiscalizar depois:

[...] Já – já, é tomar banho e logo. E quero ver tudo muito limpo, depois vou verificar essa lavação de vocês. Ara senhor! – ques menino, gente!  
Aquilo era uma grande sentença, castigo dos piores. Mas não havia remédio. A mãe estava mesmo danada da vida e o melhor era obedecer antes que apelasse para as chinelas. Um por um cumpriram a ordem (COELHO, 1997, p. 95).

Conforme Noé Freire Sandes (2002, p. 14, 36, 39-40), a partir da década de 1920 no Brasil, a saúde foi alçada à condição de questão fundamental para a Nação, sendo empreendidas campanhas sanitaristas para romper com uma tradição de um corpo indisciplinado e doente. Nesse sentido, a década de 1940 foi momento importante para definição do mercado de trabalho formal e o conceito de cidadão tornou regulado pela inserção das pessoas nesse mercado. Portanto médicos, educadores e assistentes sociais participaram ativamente da construção de uma sociedade higienizada, que minimizasse a indisciplina, a preguiça, o ócio, com o ensinamento e a difusão de princípios higiênicos, interferindo na esfera da vida privada das famílias (SANDES, 2002, p. 43-4). A disposição mental e a capacidade produtiva eram metas a serem estabelecidas desde a infância, com atividades voltadas para formar indivíduos saudáveis, conservando a saúde, louvando a

organização e a limpeza. Assim, se dignificava o trabalho, valorizava o trabalhador, a higiene e a limpeza (SANDES, 2002, p. 47-8, 53, 57).

Observa-se que as práticas de higiene da família eram bem simples, característica das pessoas que residiam nas zonas rurais, onde o banho de corpo inteiro não era um hábito diário. O homem, mesmo depois de um dia de trabalho e de muito suor, tomava o banho de assento, onde se lavava o rosto, tronco e depois os pés. Porém, certamente, atingida pelo discurso higienista mencionado e o tendo introjetado, os pais da família davam importância crucial ao banho e ao manter o corpo limpo, pois era o meio de torná-lo saudável e disposto para o trabalho.

No que se refere aos espaços, práticas e ocasiões de divertimento e de lazer das crianças, assim como tudo para aquela família, era marcado pelas privações ou mesmo pela falta de opções. Os locais de lazer, onde brincavam as crianças, limitavam-se a lugares que frequentavam diariamente como, por exemplo, na linha férrea, nos pastos, na areia da beira do córrego e no poço. Havia sempre muita recomendação da mãe com os cuidados a tomar, pois esta “era uma medorréia”:

Certa vez deixara os meninos brincarem no córrego. Era apenas para brincar na areia e molhar os pés na rasoura. O pequeno ribeirão fazia uma curva e formava um poço não muito fundo, mas que dava para encobrir os ombros do mais velho. Havia o areal das margens, uma touceira de bambus fazendo sombra e o barulho de chuva fina desprendido de suas folhas constantemente agitadas pelo vento que corria solto nos pastos (COELHO, 1997, p. 91).

Corriam na areia e na rasura e acabavam caindo na água e dando algumas braçadas esquecidos das “recomendações e [dos] ralhos da mãe. [...] o mais velho, nadava e mergulhava com facilidade, o do meio conseguia boiar e romper água com dificuldade, medroso que era, o caçula se esbaldava na margem, sem ir no muito fundo” (COELHO, 1997, p. 91).

Aproveitavam também as ocasiões em que realizavam pequenos trabalhos para brincar, como quando saíam para catar esterco, e saíam “correndo pelos trilheiros do gado, saltando moitas de capim, fazendo muita algazarra, rindo e gritando”. Eram momentos em que se sentiam “livres” do olhar e vigilância da mãe (COELHO, 1997, p. 92). Tais brincadeiras destoavam daquelas outras crianças da cidade, que tinham como espaço lúdico e de sociabilidade brincar, o largo da velha matriz, que era “um terreno baldio, coberto de capim”:

[...] As crianças eram os senhores do largo: quando não estavam nas escolas corriam para lá formando bandos, brincando com bolas de meia ou de borracha, impinando papagaios, correndo arcos, jogando bolinhas de gude, rodando piões [...] (COELHO, 1997, p. 48).

O largo era lugar de sociabilidade também dos adultos que o aproveitavam para se divertirem: “Na parte de cima, ficava o campo de malha, e todas as tardes, quando o sol baixava, os homens vinham jogar uma partida” (COELHO, 1997, p. 48). O largo da velha matriz era o espaço de lazer tanto das crianças como dos adultos, e nos dias de celebrações, as mais diversas, era local de encontro e de interação entre as famílias e conhecidos.

Nas missas aos domingos, as famílias se encontravam, cumprimentando, dando e pedindo notícias, os homens falando dos atos do governo, do preço dos produtos agrícolas e do gado, até um que outro negócio aparecendo, as mulheres trocando receitas e novidades [...] (COELHO, 1997, p. 47)

Se dava a dinâmica desse lugar, que prestava diversos serviços religiosos à população citadina, dentre eles se destacam as missas, os batizados, os enterros, as bênçãos e os terços. Era espaço também aproveitado pelos mais jovens, para namorar: “rapazes e moças se avistando, trocando olhares, recadinhos e bilhetes, começando e terminando namoros, e lá fora, nos vãos das paredes da igreja, os mais afoitos trocando algumas bolinações” (COELHO, 1997, p. 47). Nesse período, a igreja era chamada de Velha Matriz, devido à outra se encontrar ainda em construção, como mencionado anteriormente, sendo chamada de Nova Matriz, servindo como marco na história da cidade.

A sociabilidade estabelecida na Igreja e seus arredores insere nas velhas formas de interação dos indivíduos observadas em muitas localidades brasileiras. Tradicionalmente as práticas de convivência e de interação sociais restringiam às datas festivas religiosas e aos momentos diversos de realização dos rituais religiosos, até que novas práticas mundanas fossem sendo implementadas (BORGES, 2001, p. 50).

Ainda nesse sentido, das ocasiões e momentos de manifestação da religiosidade figurar também como privilegiados para ocorrer a sociabilidade, a convivência e o estabelecimento de laços e relações com os outros, podemos mencionar outro fato significativo presente na obra de Coelho, que é quando a mãe, lavando roupa no córrego, estabelece conversação com uma mulata que ali também o fazia, fazendo-nos lembrar que tais espaços de lavagem coletiva de roupas são tradicionais nas sociabilidades das mulheres pobres desde muito.

Nesse espaço e circunstância, retratando a conversa da mãe com a mulata, que dizia

que sairia novamente de “bandeirinha” naquele ano à “frente da congada”, ficamos sabendo da presença dos festejos de Nossa Senhora do Rosário no calendário religioso da cidade e de sua figuração, por meio do narrador:

Ela ia na frente, toda compenetrada no seu vestido branco, fitas de cores branca e azul caindo da cintura fina. Levava a bandeira do terno. Os dançadores batucando caixas de couro cru atrás dela. A seu lado duas meninas segurando a fita que prediam o estandarte da Santa Virgem do Rosário (COELHO, 1997, p. 69).

No diálogo acerca da congada e da festa do Rosário, a mulata questiona a mãe sobre as festas de santos de seu lugar de origem nos esclarecendo sobre esse universo e da diferença com a realidade catalana, indicando, de certa forma, por um lado, a religiosidade dos migrantes, e, por outro, uma identidade da festa local.

- Você já viu congada?  
 - Uma vez só. De onde venho parece que não tem muito disso.  
 - Mas vocês não têm festa de santo, por lá?  
 - Tem. Tem sim - será que este povo acha que a gente é herege, pensou - Mas não é a mesma coisa que se vê por aqui. A gente tem é folia de Divino, de Santos Reis, dança da Sussa, pastorinhas e outras festas e cantorias bem diferentes. Congada e moçambique, por lá, parece que não vigora direito (COELHO, 1997, p. 69-70).

A festa do Rosário, prática religiosa muito presente e de grande significação para a cultura popular catalana, era manifestação respeitada pela população do lugar, em particular a mais carente, sendo a Santa padroeira do povo pobre, negro e seus descendentes. A interlocutora da migrante indica que ali era espaço relevante de inserção social e de estabelecimento de relações (“assim vocês ficam conhecendo gente”), sendo lugar para ir com toda a família e levar, nos ensaios e depois na festa, as crianças, pois era “divertido”. Ao ouvir da mãe que o caçula andava “curioso”, visto que de lá da casa deles se escutava “todas as noites a cantoria e o barulho das caixas”, levando seu marido a dizer que qualquer noite daquelas dariam “um pulinho por lá”, a moça reforçou o convite, esclarecendo o lugar que adultos e crianças ocupavam na festividade:

No nosso terno tem muito menino pequeno. Até de cinco anos. Eles só dançam no dia da festa, e assim mesmo algumas horas só. A maioria deles só acompanham na procissão. Quem puxa os três dias na dança é só o pessoal mais forte, os que [...] estavam acostumados com serviços pesados (COELHO, 1997, p. 70).

Ao saber mais sobre a festa e a padroeira da cidade, a desvalida migrante, meditando sobre a conversa, pensando nas dificuldades do filho caçula “entrar pro terno”, como a idade e fragilidade daquele, bem como nos gastos ou despesas com a caixa e as roupas do uniforme do terno, em momento de devaneio, sonhando com a permanência do marido no emprego e no agradecimento pela conquista. Vislumbrou até fazer uma promessa, expressando também sua religiosidade e a busca de pertencer àquele universo cultural:

Até que poderia fazer uma promessa para a Senhora do Rosário, pensou. Quem sabe? Se a virgem do Rosário fizesse com que o emprego do marido fosse de verdade, durasse por muito tempo, com o ordenado suficiente para as despesas deles, ela prometia – ara senhor! Pois então não prometia? – que o caçula haveria de dançar congada ou moçambique por muitas e muitas festas. Ainda mais, iriam à procissão durante dois anos descalços, ela, o marido e os outros filhos (COELHO, 1997, p. 71).

Sabendo, portanto, dessa importante manifestação cultural local, que reunia devoção e diversão, a mulher, com sua fé fervorosa, asseverou, diante da ânsia que o marido permanecesse no emprego, que deveria realizar uma promessa mais significativa:

O emprego era muito importante, por isso a promessa deveria ser maior. Era necessário mostrar à Santa o quanto eles estavam dispostos a fazer para que a Virgem os ajudasse. Por isso prometia também um ex-voto para ser colocado no altar no dia da festa. O marido tinha habilidade com a madeira, fazia saltar de um pedaço de pau a cara de criaturas de Deus – gente, anjinhos, animais. Ela prometia levar um ex-voto de madeira e colocar no altar da Virgem protetora do povo pobre, negros, mulatos, brancos todos eles irmanados na mesma raça de precisão e necessidades. Rezou com fé, piedosamente, uma Ave-Maria, depois um Glória-em-Deus-Padre. Era o selo do compromisso, estava efetuada a promessa (COELHO, 1997, p. 71-2).

Conforme Katrib (2007, p. 78-79), essa festa, segundo a tradição oral, passou a ser incentivada na cidade a partir dos anos de 1900 e sua realização controlada mais de perto pela Igreja católica local e comandada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Irmandade composta por negros e brancos incentivadores da devoção. Contudo a festa só e efetivou como tradição na cidade em 1936, quando foi erguida igreja definitiva para Nossa Senhora do Rosário em bairro que hoje fica na região central, onde a festa se realiza todos os anos no mês de outubro, tendo espaços rituais sagrados, como missas, terços e procissões, e outros complementares, como o desfile dos ternos de congado, que ficam na responsabilidade da Irmandade.

Aliada a fé religiosa dos catalanos, a devoção popular também era muito forte em relação a Antero, mencionado no capítulo anterior, que foi morto brutalmente em um linchamento. A população catalana, presumindo sua inocência, mesmo não sendo provada, mas comovida com as crueldades cometidas, o tornou motivo de crença, atribuindo a ele santidade. Essa morte é um marco na história de Catalão, ficando gravada na memória da população que é repassada de geração a geração. Consoante Gomes (2008, p. 46), a memória condiciona a leitura da cidade, numa busca de sentido explícito e reconhecível. Conforme referido anteriormente, mas considerando oportuno aqui reiterar o lugar que ele ocupa na religiosidade popular catalana, citamos novamente Coelho (1997, p. 97):

[...] Ele é santo. É Santo Antero. Santo daqui mesmo. [...] Diz que lá no cemitério o povo põe muita vela queimar pra alma dele. Muita gente reza pra ele, faz até milagre, mãe. Na época da seca forte, o pessoal daqui joga água na cruz pra fazer chover, e diz que faz. É que ele é santo mesmo, mãe.

Dessa forma, percebe-se que os moradores da cidade de Catalão têm arraigado em sua cultura a religiosidade, a qual faz parte da constituição de sua identidade. Portanto o que marca a religiosidade desse povo é a fé inquestionável, a qual procuram preservar perpetuando seus marcos em variadas gerações e transmitindo aos de fora que aqui aportam seus sentidos.

Conforme a família vivenciava experiências diversas nos locais públicos da cidade, ainda que residindo na periferia, mais se conhecia sobre as crenças e os costumes que constituíam e representavam a cultura do lugar, que agora servia de nova morada para eles. Diante das relações e interações, sejam espaciais e sociais, do fomento de uma sociabilidade, a família ia descobrindo novos aspectos da cultura catalana, e, conseqüentemente, novas práticas do saber e fazer que se apresentavam à ela e iam sendo incorporadas ao seu universo, expressando anseios de firmarem também como crenças e costumes dessa família.

#### **4.4 Sensibilidades e Imaginário afetivo**

Nesta seção, foram abordadas as sensibilidades atreladas à trajetória da família de migrantes e de seu deslocamento pelo espaço da cidade, primeiramente abordando aquelas associadas à memória sobre o vivido no passado em seu lugar de origem e, em seguida, aquelas que constituem imaginário afetivo emergente das experiências vividas propriamente em Catalão.

Nesse sentido, buscou-se ater à passagens referentes às expressões afetivas, aos sentimentos e às emoções que marcaram as vidas desses personagens que migraram para o sul e aportaram na cidade de Catalão. Passagens que emergem da subjetividade e sensibilidade dos mesmos. Essas passagens constituem um imaginário afetivo composto de emoções ancoradas em seus corpos e que emergem em contado com o espaço citadino catalano no momento em que os personagens buscam se estabelecerem e se fixarem na cidade, servindo como balizas para reconstruir as sensações experimentadas na vida da família que, uma vez desterritorializada, procura se reterritorializar, ter novamente o sentimento de estar em casa.

Nesse percurso, “O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo”. Portanto as sensibilidades lidam com as sensações, com as emoções, com o subjetivo, com os valores e sentimentos que seguem lógicas diversas daquelas da razão, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada (PESAVENTO, 2005).

Conforme Fleck (2006, p. 218),

Chamamos de sensibilidade ao conjunto de nossos sentimentos e sensações e ao modo como os experimentamos. Ela é a base, a via de acesso do nosso corpo ao mundo externo, o modo como se estabelecem nossas relações com as coisas, justamente por ser um modo como experimentamos nosso corpo e os demais corpos. É o modo como olhamos para as coisas, como ouvimos, mas também como as pensamos.

Dessa forma, tratar das sensibilidades nos possibilitar acessar a dimensões importantes do existir humano em sociedade.

#### ***4.4.1. Sensibilidades, História e Memórias***

A história como processo da existência e trajetória dos homens no tempo e no espaço, constrói-se a partir da interação dos seres humanos entre si e de sua relação com o meio ambiente, natural, social e cultural, sendo fruto de suas ações; e que o conhecimento histórico, a História, busca reconstruir, recorrendo, inclusive, à memória individual e coletiva nessa reconstrução dos acontecimentos passados, por meio dos registros e vestígios deixados e que sobrevivem na lembrança e recordação das pessoas e dos grupos sociais.

Considerando que dimensões da sensibilidade do homem e sua família dizem respeito ao passado e estão retidas nas lembranças do tempo de outrora, inserem-se no campo da

memória, recorreremos a Le Goff (1992, p.476, grifo do autor), que afirma que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Neste sentido, é possível compreender que a memória é parte das vivências do sujeito, seja ela construção individual ou coletiva, e “representa um instrumento de poder” (LE GOFF, 1992, p. 476), pois a partir dela se pode conhecer a formação histórica de um determinado lugar e de um grupo social ou de um povo, sendo constituída de experiências e lembranças, que podem contribuir na (re)composição do fato histórico.

Dessa forma, podemos adentrar esse campo das sensibilidades mencionando os desafios encontrados pela família de migrantes perante sua jornada, os quais levam seus membros a remeter a seu passado. Hora ou outra, tanto o homem como a mulher, buscavam na memória passagens do que ocorrera e que marcara, de certa forma, partes ou períodos de suas vidas no nordeste de Goiás, à beira do Tocantins, apresentando-nos lembranças de sua terra natal, muitas delas associadas às falas dos mais velhos, como o padrinho. São memórias de como se trabalhava a terra como lavrador por lá, os ofícios que aprendeu e sabia desempenhar, as lidas de carapina e com o gado. Figuram, assim, uma série de “sabenças [que] não contavam” mais nas terras do sul do Estado, lugar em que vieram parar (COELHO, 1997, p. 15). Logo, o homem e a mulher sempre recorrem à memória e somente assim mantém vivo um passado que marcou, de certo modo, suas vidas.

Em sua busca diária pelo tão sonhado emprego, o homem percorre as máquinas de beneficiar arroz. Ao chegar em uma dessas indústrias de beneficiamento, sua presença é questionada pelo proprietário do estabelecimento, que acochado por fiscais de renda do Estado, e querendo um certo desforro pelo desgosto daqueles ali, lhe pergunta com agressão: “- E pra que você serve?” Nesse contexto opressivo, “A resposta veio fraca, saída muito baixo, quase sussurro, e para disfarce, tossiu, levou a mão à boca, o que complicou ainda mais o seu embaraço”. Diante do abrandamento no tratamento por parte do proprietário da máquina, veio-lhe à memória as palavras e o jeito brincalhão de seu padrinho, lá do nordeste do estado: “Por que não desembuchava logo? Mania besta esta de dizer tudo pelas metades. Ora! se pode – pode; se não pode – se sacode. E cada um segue o seu pagode. Orá!” (COELHO, 1997, p. 19-20). Depois de muita conversa, o dono da máquina de arroz, ordenou que comparecesse no outro dia para trabalhar. O homem, extremamente necessitado do trabalho, ouviu “a frase soando como uma sentença”, e não acreditando, “ficou meio abobalhado”, tamanha era sua alegria.

Ao chegar ao casebre, com o sol declinando e sentindo “muita fome, uma fome de um

dia inteiro sem nada comer”, sentia que “trazia dentro do peito uma esperança renovada, uma novidade muito grande”, e diante de um ensopado de pouca sustança para comer de janta, entrou a pensar em dias melhores.

Sua lembrança preguiçosa puxou recordações de dias melhores, comidas mais dignas de um chefe de família. A vida é uma roda de carro: os homens, os cravos que firmam o aro de ferro no madeirame – fora o pensamento, se lembrando do padrinho que, às vezes, deixava o tom de brincadeira e falava todo sentencioso (COELHO, 1997, p. 25-6).

A esposa, por sua vez, na lida árdua e difícil de lavadeira no córrego para ganhar algum dinheiro e ajudar no sustento da família, via as águas que corriam, “levando sujice e sabão das roupas”, mas que também traziam “pensamentos, vozes e visões de outras eras”, como a voz do velho padrinho a perguntar se iam “embora mesmo?” e se estavam “na descida?” (COELHO, 1997, p. 65).

Recorrendo a Gomes, que considera que “Se o passado se congela, se torna um ramo seco, sem possibilidade de germinação, está destinado ao esquecimento [...]” (GOMES, 2008, p. 47), podemos dizer que as memórias do homem e da mulher estão vivas, dando sentido e significado ao seu presente e servindo de referência para o futuro. Nesse contexto, “o pensamento do homem em suas próprias canseiras e derrotas”, depois de “muitas semanas correndo a cidade sem encontrar um servicinho de nada para fazer, sem levar tostão que seja para casa”, após considerar que agora tinha um emprego, “coisa certa para todos os dias” (COELHO, 1997, p. 30)

[...] Lembrou-se dos tempos de capina nos eitos de roça de arroz, quando batia chuva pequena: molhou o rego, acabou o nego. Sorria enxugando a cabeça malemale com um pano encardido [...] (COELHO, 1997, p. 30).

Gomes (2008, p. 48) afirma que “Reviver o passado é semelhante a reencontrar o futuro”, pois “os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos. Cristalizam-se numa forma fixa”. E o futuro almejado pelo homem e sua família era bem distinto daquele passado que estava vivo em suas lembranças.

[...] novamente pensou no dizer dos mais antigos – era homem que não estava fazendo nem pro fumo; e num canto mais escondido da lembrança, surgia a risadinha maliciosa do padrinho despizando-o (COELHO, 1997, p. 30).

O homem e a mulher tinham sempre em mente as falas e orientações do padrinho, que

era uma espécie de sábio, e por isso sempre ouviam seus conselhos, “era como um profeta. A mulher e o marido ouviam” (COELHO, 1997, p. 66). Porém, a necessidade e a vontade de buscar outros lugares, objetivando saírem da condição de miséria que se encontravam, foram mais fortes que a fala do padrinho, que não foi suficiente para impedi-los de buscar outro destino para suas vidas.

Eles ouviram a voz do velho, guardaram-na na lembrança. Dias depois partiam. Uma peregrinação medonha, sofrimento que não acabava mais. As terras boas, dinheiro correndo feito água de ribeirão somente nas mãos dos ricos – os pobres como eles mesmos em suas terras, gente mais miseráveis até (COELHO, 1997, p. 68).

Destarte, o imaginário afetivo, constituído e movido pelas sensibilidades do homem e sua família, remete às emoções revividas e rememoradas, que dão sentido e significado ao que foi experienciado, servindo de baliza para se buscar um futuro melhor, distinto ao que padeceram.

#### ***4.4.2 Sonhos, projetos, desejos e expectativas***

Nesta seção que segue, buscou-se enfocar as aspirações de nossa família de migrantes, seus sonhos, projetos, desejos e suas expectativas. Para tanto, remetemos, novamente, à noção de imaginário social, que, como já mencionado, refere-se tanto à imaginação como ao conjunto de imagens por ela criado, constituindo o capital simbólico pensado pelos homens e mulheres (DURAND, 2001, p. 18). Imagens essas elaboradas no âmbito de um sistema simbólico e que são construídas a partir de suas experiências, expectativas, esperanças e sonhos (BACZKO, 1984, p. 309).

Podemos afirmar que o que movia a família, o que a alimentava, dando-os força para seguir em frente e perseguir os projetos que teciam na imaginação e em pensamento, eram os sonhos e as expectativas de uma vida melhor. Dentre outros anseios dos progenitores, estava a vontade de colocar os filhos para estudar, no grupo escolar, por exemplo. Porém, o estudo era privilégio de poucos, pois somente os filhos dos ricos tinham acesso à educação. Todavia o pai não deixava de sonhar, de ver um dia seus filhos estudando no grupo escolar, e dizia que o estudo era necessário: “Às vezes, conversavam nestas coisas e ele dizia para o ano, os dois filhos mais velhos iriam para o grupo escolar, que a leitura era necessária na vida de hoje” (COELHO, 1997, p. 90). Oportunidade que repercutiria em um futuro diferente daquela realidade que eles, os pais, vivenciaram; e que seus filhos, até então, eram privados de

experimental devido às condições socioeconômicas que se encontravam. Talvez o pai possuísse essa visão porque pegava sua vida como exemplo, uma vez que não possuía estudo, e as oportunidades de emprego eram escassas e parcas ou mesmo não existiam. Quando aparecia algo, era somente serviço e trabalho braçal pesado, o que, certamente, não era o que os progenitores queriam para seus filhos.

A mulher era mais resignada, tinha seus sonhos, mas sempre ponderava, possuindo os pés mais no chão.

Faltava muita coisa para se transformarem numa família remediada, igual a do carroceiro e do pedreiro vizinhos. Não que desejasse chegar ao ponto da mulher do chacareiro, não isso não. Era simples até nos seus sonhos. Apenas ter vida mais regular, acomodada, um certo conforto relativo, saber o que se vai comer durante a semana, não ficar nesta apreensão constante (COELHO, 1997, p. 90).

No entender da mulher, só o fato de ter uma certeza de saber o que a família terá de comer durante a semana já trazia tranquilidade, era um sonho realizado, estava satisfeita. Considerava os sonhos do marido mais proeminentes que os seus, ouvia e calava-se para não contrariá-lo, “casa de tijolo, cobertura de telhas, piso acimentado, luz elétrica e até um rádio para alegrar o ambiente” (COELHO, 1997, p. 90). O que se percebe é que o sonho da família era o mínimo que se pode ter para se viver com dignidade. Mesmo o sonho do marido, que era considerado pela mulher como sonhar alto, era ínfimo, representando o anseio de se viver dignamente.

O homem tentava se firmar, diante das agruras e dos entraves diários, e esquecer o que vinha passando com sua família; se sentia derrotado, mas não destruído. Focava em pensar no agora em diante quando se pegava abatido. “Procurava afugentar as lembranças que pudessem estar antes do ponto, fixar apenas no que deveria fazer dali por diante. Era uma forma de obstacular o desânimo” (COELHO, 1997, p. 12). Era um maneira que encontrava de buscar forças para seguir em frente, lutando contra os obstáculos e se erguendo a cada tombo ou tentativa frustrada, pois sempre se deparava com uma negativa.

[...] Mas, por mais forças que empregava na concentração de seus pensamentos, a realidade mordida-lhe numa dor que não era nó de muscularidade, infiltrando-lhe pelo cérebro adentro, dominando-lhe a vontade – e tinha, nítidas em sua memória, atormentando-o, as imagens dos últimos acontecimentos. [...] depois de uma parada [...] sentiu doloroso como se o simples fato de andar novamente implicasse em puxar uma existência inteira: seguiu seguindo como ultimamente acontecia (COELHO, 1997, p. 12).

O homem tinha que manter viva a esperança de um futuro mais próspero para a família, mesmo diante dos entraves que os acometera ininterruptamente desde a saída de sua terra natal. “Mas tudo isso ficara no passado, misturado à lembrança da viagem penosa, da noite na plataforma fria da estação, do filho quase morrendo de desintéria” (COELHO, 1997, p. 80). O que tinha de agora para frente era enfrentar os desafios que surgiam diariamente, e um deles era colocar alimento na mesa. O homem e a mulher, às vezes, não se alimentavam para deixar o pouco que conseguia para os filhos, correndo risco de ficarem fracos por falta de nutrição. E, embora sentisse fome, trazia “dentro do peito uma esperança renovada, uma novidade muito grande, embora um pouco amortecida no cansaço do dia – mesmo assim uma alegria a repartir com a mulher” (COELHO, 1997, p. 25).

Chegando ao casebre não sentia o mesmo ânimo de quando recebera a notícia do emprego. A alegria, aos poucos, foi sendo consumida pelo cansaço e pela fome que sentira depois de um dia inteiro cortando a cidade em busca de trabalho e agora que poderia dizer que tinha um trabalho, mal conseguia se expressar, era consumido pelo cansaço e pela fome. Assim, não teve o mesmo ânimo de quando recebera a proposta, ao contar a boa novidade para mulher, que também não conseguira expressar sua alegria, tamanho era o desgaste físico e emocional de ambos:

Representava muito para todos eles o emprego do marido, era alguma coisa de segurança, dinheiro certo e contado que junto ao que ela ganhava na lavagem de roupas e a vendagem de esterco pelo filho mais velho, bem que poderia trazer melhores dias, ao menos iguais aos que viviam no norte, antes da descida. Não havia mais nada a dizer, a notícia do emprego era grande demais e tinha a fortaleza e amplitude de fechar o dia deles. Por isso foram se deitar no jirau maior (COELHO, 1997, p. 28).

Desse modo, o emprego representava a possibilidade de concretização dos sonhos, das expectativas da família, resumia tudo que eles almejavam a algum tempo, dias melhores ou pelo menos iguais aos que viviam antes de sair de sua terra natal e chegar à cidade de Catalão. Percebe-se, assim, que eles encontraram uma realidade mais dura e cruel na tão proclamada cidade do progresso em questão. A esperança de tudo isso acabar se encontrava na perspectiva da caminhada do dia seguinte, cheia de confiança. Caminharia para seu emprego, que tanto desejara, e os planos eram muitos:

[...] a caminhada era longa, atravessaria a cidade de ponta a ponta para chegar ao bairro São João. Ia satisfeito, pisando firme – e só bem mais a

frente é que percebeu que assobiava baixinho uma moda dos tempos de sua mocidade. A confiança faz coisas! – ora! – como não! (COELHO, 1997, p. 31).

No casebre o filho mais velho ia cumprindo as tarefas que lhes foram dadas pela mãe antes de sair, pensando que daquele dia em diante a rotina da casa e suas vidas iriam mudar, pois o pai estava empregado. “De há muito que vinha ressentindo a mudança, primeiro apenas expectativa, agora certeza”. Lembrava-se da fala da mãe, que seu pai estava empregado (COELHO, 1997, p. 44-5).

A mulher, por sua vez, percorrendo o trecho que há muito fazia nas andanças para levar malas de roupas para lavar no córrego, imaginava: “Que bom que o marido agora também tinha se fichado. Sentia-se como pertencendo a uma outra categoria de pessoas – a dos que tinham emprego fixo, que poderiam regular as despesas da casa com o ganho certo do fim do mês” (COELHO, 1997, p. 54). Tudo que a família viera buscar se resumia em encontrar um emprego e o sonho havia se concretizado, poderiam, então, idealizar uma vida mais digna e fazer novos planos.

#### ***4.4.3 Pesadelos, angústias, dores e sofrimentos***

Contraopondo, a secção anterior, traremos aqui as emoções advindas dos percalços que o homem e sua família foram experimentando naquele estado em que estavam, por estarem perseguindo um destino mais digno, sendo impedidos e tornando vítimas de inúmeros constrangimentos. Ao se embrenharem numa empreitada rumo ao desconhecido, em busca de algo incerto e fantasmagórico, quimérico, porém na certeza de encontrar “tempos novos” e dias melhores do que eles até o momento de suas vidas havia experienciado. O maior desafio que encontraram na cidade de Catalão, depois de conseguir erguer o casebre, era conseguir um emprego, entretanto era, também, o que mais causava sofrimento ao homem, de ficar sem ter o que fazer, tendo as mãos que muito traquejo detinha no desempenho de tantos ofícios:

Não sabia ficar à toa, sem um fazer qualquer que absorvesse os seus dias. Lá, bem escondida em sua consciência, um pouco mais abaixo talvez, uma sensação de mal-estar, como se roubasse o tempo que deveria ser gasto em trabalho proveitoso. Sentia-se culpado, como se entregue a malandragem (COELHO, 1997, p. 12).

Isso o envergonhava, era contra seus princípios morais, homem barbado sem ter nada o que fazer, perambulando o dia todo como se fosse um desocupado e a família desprovida,

sem garantir suas necessidades básicas. As angústias vividas cotidianamente não cessavam, a busca pelo emprego a cada dia era mais frustrante; sentia-se fraco perante toda situação, a cada recusa era um sofrimento, era talvez um sentimento de culpa de tê-los colocado naquela situação e a preocupação com o dizer dos outros, com a percepção que poderiam ter acerca do que apenas em aparência viam.

Que diriam as outras pessoas vendo um homem daquele tamanho, barba na cara, pai de família, sem nada para fazer, zanzando o dia inteiro por aí? Não era só necessidade de colocar o ganho dentro de casa, era também pela vergonha de ser um desocupado - nunca imaginara que um dia pudesse chegar àquela situação de miséria e falta de perspectiva a que chegara. Ora se! – isso nunca” (COELHO, 1997, p. 12).

O padecimento observado pode-se dizer que são tanto de origem física quanto psicológica (da alma); física devido à carga diária da busca incessante pelo emprego e também quando realizava algum trabalho pesado, que aliava o sentimento de culpa oriundo sua dimensão psicológica e que se transformava em uma dor psíquica, por estarem vivendo naquelas condições. A angústia de não conseguir recursos suficientes pra comprar alimentos para o sustento da família o massacrava. Muitos dos patrões “improvisados” contentavam em dar-lhe um prato de comida como pagamento ao serviço prestado. “Que vexame um homem não passa para tratar de sua família:! Ora se! – passa, como não!” (COELHO, 1997, p. 14).

Em suas andanças diárias, o homem saía cedo de seu casebre e percorria as ruas da aclamada cidade reluzente em busca do emprego ou qualquer outro afazer, às vezes sem nada colocar no estômago e somente a tarde, quando voltava para casa, alimentava-se. Em um desses dias, o corpo não suportou e deu um aviso; ele começou a perder os sentidos, sendo socorrido na rua. “Assim que o café quente e forte bateu-lhe no estômago vazio sentiu-se reanimar, embora a bebida avivasse a dor ruinosa que lhe roía concentrada mais abaixo do peito, na altura do pilório, lhe espalhasse um azedume espumoso goela acima” (COELHO, 1997, p. 23). Assim, “levantou devagar, puxando as forças gastas, e se pôs a caminho” de casa, com passos lentos, apoiando-se nos muros e nas fachadas das casas até que pegou fôlego mais forte, mas a cabeça era um remoinho de aflições e temores.

O caminho era longo até a casa – e se lhe desse outra tonteira dessa? – pensou meio aflito. O remédio era caminhar, ganhando terreno o quanto pudesse, sem pensar muito nessas coisas todas. Só temia amanhecer doente e não poder ir ao trabalho no outro dia. Deus tenha dó e a Virgem que não permita; logo agora que tinha um emprego! (COELHO, 1997, p. 23).

Somente em pensar na possibilidade de não estar bem no outro dia, já o deixava apavorado, pois seria seu primeiro dia no trabalho. A luta fora tamanha para conquistá-lo e agora correr o risco de não comparecer; isso o atordoava, pois o norte de suas vidas era conseguir o emprego “a todo custo para se fixarem, criando melhores condições de vida”. Portanto, sobressalto, tristeza, penúria, aperto, aflição etc. eram parte das sensações que o tomavam:

[...] Mas quem vive sem emprego, leva vida sobressaltada, sem saber o que conseguirá no outro dia – e era triste, monótona e dura a vida que levavam, refazendo todos os dias com dificuldades e parcamente as condições necessárias para continuarem vivendo. Às vezes, o marido ficava semana inteira sem encontrar nada que fazer. Eram dias sombrios, a comida minguando, às vezes o puro arroz, outras, nem isso. Quando nesses dias de maior penúria e aperto, ela via seu homem aflito irrequieto, as aletas abrindo e fechando como um cavalo cansado, mas também via por detrás de tudo isso o ar resignado como se estivesse expurgando algum pecado ancestral (COELHO, 1997, p. 85).

Diante da situação precária e miserável de vida que a família levava, a mulher, em um de seus pensamentos, lembrou-se de um dizer da *Bíblia* acerca da longevidade humana em tempos antigos e repeliu tal existência ao pensar nos sofrimentos e penares que experimentavam sendo espichados:

A Bíblia diz que antigamente os homens aturavam muito, até duzentos anos, quinhentos anos, diz a Bíblia, mais até. Hum-hum! – é coisa muita. Ara senhor! – viver assim queria não. É muito sofrimento. Ara senhor! – um penar espichado (COELHO, 1997, p. 55).

Mais que depressa, repeliu este tipo de pensamento; não queria viver muito para não prolongar seu sofrimento e de sua família. Para ela a vida era sinônimo de padecer, atribuindo a ela insatisfações, desgostos e martírios. “Mas o médico tinha razão, ela sentia o peso não da idade, pois que era nova, nem alcançara os trinta, mas o peso de uma vida sem descanso e que exigia sempre muito mais que a sua resistência permitia” (COELHO, 1997, p. 83). Ao bater roupas no córrego, pensando na família, “Sentia fome, os braços cansados e doloridos de ensaboar, bater e torcer roupas; [...] Nas costas, o sol quente feito fogo; na frente, a roupa toda molhada e fria – isto é que constipa, que traz gripe, destemperando o calor do corpo. Pensava” (COELHO, 1997, p. 87).

A família que carregara na mala expectativas, na cabeça sonhos e no peito a esperança de uma vida melhor em outras terras do sul Brasil, obtivera apenas uma realidade fria, dura,

cheia de dores, penúrias e sofrimentos, que culminavam em verdadeiro pesadelo. O patrão o dispensara do tão sonhado emprego ainda no primeiro dia e ao chegar em casa, diante da mulher, “As palavras saíram a custo, parecia que o homem lutava por dizê-las. Algo dentro dele, entre a carne e a alma, não sabia bem onde, doía com a frustração do emprego. – O homem não me deu emprego coisa nenhuma” (COELHO, 1997, p. 99).

E não falaram mais naquela noite. Mas um custo dormir. Cada um ruminando a vida, pensamentos desanimadores – a tristeza ganhando corpo no sentimento deles. O marido com raiva concentrada, doendo dentro do peito, sufocando uma respiração dificultosa e pesada; a mulher pensamento na promessa à Virgem do Rosário – e não é que a Santa os tinha deixado de mão!

Depois sentiu que seu marido fungava forte. E pareceu-lhe ouvir o velho padrinho falando do fundo da noite e do tempo:

– Eu vi, conto pr’ocês. Eu vi – o velho chorava.

– Ara Senhor! – será? (COELHO, 1997, p. 100).

O que ontem era certeza cedeu lugar a um amanhã incerto. Continuaram à mercê do acaso, do descaso, das expectativas, dos sonhos e das idealizações, mas que pareciam esvaírem com o vento, virando fumaça, amargando decepções, experimentando o desalento, que era tamanho e que não precisava de palavras para o manifestar, sendo percebido através das expressões de seus corpos miseráveis e marginalizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta feita inicialmente na pesquisa passou por lapidações e ajustes necessários para atender aos critérios exigidos de uma pesquisa científica, o que viabilizou este produto final (dissertação), que possivelmente será consultado por futuros pesquisadores que versarão sobre a temática tratada aqui, isto é, uma proposta de investigação, através do diálogo entre a literatura, história e geografia, articulando, assim, as diversas áreas do conhecimento humano e social, procurando compreender o processo de construção da cidade de Catalão e seu contexto histórico e os distintos elementos que compõem o imaginário da mesma.

A pesquisa se pautou em etapas distintas de trabalho, que podem ser identificadas no decorrer deste texto, que elegeu como enfoque de análise a obra literária de Braz José Coelho, *Um homem e sua família* (1997), em um viés de abordagem interdisciplinar, no sentido de compreender o cenário que compõem um imaginário social e histórico construído da cidade de Catalão. Alicerçamo-nos em leituras críticas e interpretações, para ressaltarmos e discutirmos os aspectos referentes à temporalidade e/ou temporalidades, à espacialidade, aos lugares de experiência, às memórias, às paisagem permeados pelos aspectos culturais e as sensibilidades vinculadas ao urbano.

Por se pautar numa abordagem interdisciplinar, permitiu o diálogo com as disciplinas mencionadas acima em uma conjuntura que visa recorrer à história cultural e seus meandros, às interfaces que nela se estabelecem, na confluência de algumas correntes, como o campo da história urbana ou das cidades, da paisagem, do imaginário, da memória e das relações entre história e literatura. Procurou-se relacioná-las na busca de reconstruir a complexidade da estrutura social e cidadina, destacando as relações sociais e culturais travadas entre os vários segmentos sociais no espaço urbano, explorando as dimensões da vida cotidiana urbana da família, representada na fonte documental e na sua existência marcada pelas experiências de desenraizamento e desterritorialização.

Dado o exposto, por meio do texto descrito, coloca-se em destaque a figura do literato Braz José Coelho, expoente e referência da literatura local e regional, com sua produção intelectual rica e extensa, que conta e revela várias histórias do existir no sudeste goiano em suas obras literárias, que colocam em evidência traços miúdos da vivência humana e dão vazão a estudos de micro história. Assim, objetivou-se vislumbrar a riqueza contida em sua obra literária e, de certa forma, ressaltar a importância desse tipo de fonte para pesquisa histórica, que viabiliza o acesso a distintos processos históricos de uma dada sociedade.

A Literatura, portanto, por meio de análise e sensibilidade, consegue transmitir sua mensagem não como um conhecimento objetivo e conceitual, mas através da representação das experiências humanas que aconteceram ou poderiam ter acontecido. Ela é produzida a partir de um contexto social, que traz marcas, vestígios da história do período em que foi escrita, sendo uma maneira de não dar por esquecido os acontecimentos, relevantes ou não para uma dada sociedade. Possibilita ao leitor se deixar introjetar, envolver-se como se estivesse vivenciado o momento, prendendo, desse modo, sua atenção e despertando emoções e sentimentos. Pode-se dizer que sua função social, além de contribuir com a formação cultural e social de um povo, serve também como fonte histórica, pois registra fatos e marcos de uma determinada sociedade para que os mesmos não caiam no esquecimento, ou para revelar outro lado que fica escamoteado por uma e outra razão. Por isso, pode ser usada como forma de denúncia e como manifestação crítica de determinados acontecimentos que ferem a integridade humana nas suas mais diversas facetas.

Sendo a literatura marcada pelo tempo, possibilita gerações e gerações terem conhecimentos dos fatos ocorridos, que por motivo ou outro não foram registrados pela dita ciência Histórica, ou que foram, mas assumindo um outro posicionamento, tendo uma leitura discrepante da realidade dos fatos. O escritor, através de seu olhar crítico, faz uso de suas produções como meio de flagrar e denunciar as discrepâncias existentes em uma dada sociedade, sendo forma de representar os marginalizados sociais e aqueles que não tem oportunidade de se manifestarem. A literatura é, portanto, vozes e está baseada na verossimilhança, pois representa os fatos e eventos sem o rigor que é cobrado da ciência Histórica.

Ao estudar a obra de Coelho, que conta sobre as esperanças e os desenganos, as utopias e distopias de uma família de migrantes em busca de um local mais próspero, mostra a triste realidade de um lugar social marcado pelo contraste entre ricos e pobres, contrariando a imagem tecida por muitos que consideravam as regiões sul do Estado de Goiás e do Brasil como lugares ideais para se construir uma vida melhor.

Os meios de comunicação da época, juntamente com pessoas influentes da cidade, tinham um discurso de que aquela cidade economicamente estagnada até o momento e estruturada em atos de violência havia ficado para trás, com o objetivo de tentar camuflar ou apagar das memórias um passado conturbado e violento. Todavia os contrastes sociais e econômicos, figurados na obra analisada, não endossam o que a mídia e os representantes da sociedade pregavam, mas nos mostra os conflitos e as misérias que fizeram parte e marcaram sua forma-

ção e crescimento e que ainda estão presentes na memória dos catalanos, marcos copiosamente salientados na obra de Coelho.

Uma outra imagem da cidade de Catalão é revelada com a obra do escritor Braz José Coelho, através do conto “Um homem, sua mulher, seus filhos – a vida”, que está publicado no livro *Peonagem e Cabroeira*. Embora tenha sido produzido no final da década de 1950 e início da década de 1960, foi somente em 1971 publicado. Posteriormente, o conto foi reformulado ganhando forma de novela, que veio a luz em 1997, intitulado *Um homem e sua família*, fonte eximia de nossa pesquisa.

O que se percebe através da obra de Coelho é que a imagem da cidade que os meios de comunicação da época e seus moradores influentes entoavam e publicavam destoava, e muito, da cidade revelada na obra, mesmo sabendo que os modos de ver e dizer a cidade podem diferirem de escritor para escritor. Porém, a leitura que Coelho faz da cidade está mais próxima da realidade existente à época, possibilitando, assim, que um panorama de aspectos sociais negativos sejam revelados de maneira mais clara, que tais manifestações apareçam em seu espaço urbano. Desse modo, evidencia-se um lado mais sombrio, de contrastes sociais, de misérias, de moradores com pouca ou nenhuma possibilidade de emprego, tudo por se tratar de uma cidade do interior, economicamente estruturada ao redor do mundo rural. O objetivo era se beneficiar da imagem que era divulgada, onde colocava que a cidade estava em desenvolvimento e de que os momentos difíceis e sombrios tinham ficado para traz.

A obra de Coelho vem, dessa forma, desmistificar essa imagem propagada pela imprensa e por grupos sociais dominantes da sociedade catalana, que é revelada a partir e por meio da perambulação do homem pela cidade à procura do emprego e da mulher, buscando e levando trouxas de roupas das residências ricas, mas ambos sonhando com um emprego fixo, com uma casa para morar, que fosse realmente sua, e com escola para os filhos.

Dessa forma, Coelho costura a história imaginada com a história da cidade de Catalão, expondo sua existência de antes e do momento, fazendo a relação entre passado e futuro, de forma a evidenciar as mudanças e permanências no decorrer do tempo, revelando as faces do espaço urbano que contempla as experiências humanas, sociais e culturais que o compõem e constituem o imaginário social, tanto do escritor quanto da coletividade. De tal maneira, Coelho põe em evidência uma realidade que é escamoteada por muitos na cidade, por meio uma linguagem simples e regionalista, que expressa, de forma contundente, a cidade da maioria dos catalanos que vivem à margem e que são reprimidos, assim como seus anseios.

É imprescindível aqui ressaltar que Coelho, através de sua obra, faz uma leitura crítica da cidade de Catalão, que diverge daquela que é vinculada nos meios de comunicação, de-

mostrando ser conhecedor da realidade e da história da cidade, reforçando seu engajamento e olhar crítico. Nesse sentido é que destacamos a importância das obras literárias como fontes de saber e fazer história, pois por mais que seja uma obra ficcional, servem-nos como aporte que figura uma realidade e contribui para buscar respostas em um passado que, às vezes, se encontra entorpecido, desvelando incógnitas e nuances obscuras. É por meio da análise dos vestígios do existir nesse passado, que são representados pelo literato, que podemos acessar o espaço urbano e mostrar dimensões que podem ter sido vivenciadas em dado tempo. Sendo assim, a literatura pode ser considerada como caminho para a edificação do conhecimento relacionado a diversos âmbitos da sociedade.

No deslanchar da pesquisa, perseguimos o anseio de confeccionar um material didático (aula oficina), com o intuito de contribuir com aporte que enriqueçam o exercício educativo, com material que facilite o processo de ensino e aprendizado de história, tendo como referencial a obra literária de Coelho. O que se pretende com essa intervenção é contribuir para a formação de cidadãos conscientes e aptos a construir com a própria história, emitindo sua opinião e expressando-a com senso crítico perante a sociedade na qual estão inseridos, compreendendo sua trajetória e formação histórica, e aprendendo a valorizar e preservar suas raízes históricas.

É nessa perspectiva, com a intenção de buscar despertar nos discentes, sobretudo do ensino fundamental e médio, o interesse por conhecer o contexto histórico local, que desenvolvemos a investigação, oportunizando uma melhor compreensão das transformações materializadas no espaço urbano da cidade de Catalão, instigando-os a valorizar e participar ativamente da realidade histórica na qual estão inseridos e que são sujeitos, que irão escrever as próximas páginas da história da cidade.

Ademais, buscou-se oportunizar aos discentes a aquisição e construção de conhecimentos para a compreensão e a valorização dos saberes regionais a partir do estudo e da análise de sua cultura, de aspectos imateriais e materiais constituintes dessa cidade e sociedade, os quais possibilitam reconstruir sua história e o reconhecimento dela por parte da comunidade escolar e da sociedade em geral. Desse modo, objetivou pensar o tempo, o espaço, a paisagem, as experiências e práticas humanas e sociais da cidade, tendo como enfoque e finalidade sua aplicação no ensino e na aprendizagem escolar.

Dessa forma, acreditamos que sensibilizá-los e levá-los a compreender que cada indivíduo faz parte do processo histórico-cultural, como sujeito, ser ativo e pertencente a um grupo social, fator de grande importância na construção das identidades, a princípio local, regional e nacional, mas também raciais, geracionais, religiosas, dentre tantas outras. Sendo

assim, estaremos possibilitando, ou reforçando, ao discente que ele é um ser social e histórico, e, por isso, é um sujeito atuante na construção efetiva da História. Dessa maneira, haverá um entendimento diferenciado do mundo social no qual está inserido, que formará a sua própria consciência histórica, permitindo a edificação de identidades e contribuindo para o crescimento da sociedade em geral.

A intenção aqui não é dar por concluído um processo, mas deixá-lo em aberto para várias possibilidades de leitura que o campo da literatura nos permite, instigando-nos e nos levando para o mundo da ficção que, em geral, tem a realidade por referente. Mas sempre lembrando que é um mundo pautado em dados verossímeis, que permite várias possibilidades de interpretação. A literatura nos oportuniza, como objeto, aporte de pesquisa, carregada de inúmeras evidências, acessar características intrínsecas e extrínsecas tanto ao escritor quanto à sua época e sociedade, ao sintetizar expressões de ambos. Assim, buscamos reconhecer seu vasto papel no sentido de nortear a educação humana, reconhecendo-a como objeto de ensino e seu fundamental papel na formação humana.

Acredita-se que a pesquisa contribua com outros estudos que possam surgir no âmbito do tema proposto, no sentido de fortalecer esse campo de investigação ressaltando a literatura como fonte documental de pesquisa histórica e também como aporte metodológico em viés interdisciplinar, abarcando distintos componentes curriculares que se fizerem necessário, considerando sua relevância enquanto portadora de vasta riqueza no que concerne a informações, detalhes, marcos e vestígios de um período social de outrora. Sendo lugar de memórias, que possibilita o retorno ao passado, portadora e emissária de inúmeras possibilidades interpretativas, que nos permite acessar o passado por meio de uma observação histórica indireta, exaltamos aqui sua relevância para a História como fonte. Concomitantemente, evidencia-se a figura de Braz Jose Coelho, expoente intelectual local que nos presenteia com suas produções no campo da literatura e trabalhos na área da linguística.

Os resultados alcançados no âmbito da proposta de pesquisa convergem com nossos objetivos apresentados na introdução, mas é importante ressaltar que a intenção aqui não é dar por finalizada a abordagem, e sim destacar sua importância para futuras pesquisas em obras literárias, valorizando e ressaltando a relevância de acervos e fontes que tratam de fatos históricos e que podem contribuir em análises acerca do existir em sociedade.

## REFERÊNCIAS

### 1 Fonte

COELHO, Braz José. **Um homem e sua família**. Catalão: Kelps, 1997.

### 2 Bibliografia

ALMEIDA, Claudio Aguiar. **Cultura e sociedade no Brasil: 1940-1968**. São Paulo: Atual, 1996.

ANJOS, Humberto Rodrigues dos. Literatura brasileira em Goiás: uma flor que nasceu entre pedras. **Ícone** – Revista de Letras da UEG, Sãos Luís de Montes Belos, v. 4, n. 1, p. 67-81, 2009. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5118/3388>. Acesso em: 08 jun. 2019.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

APOSENTADO sim, inativo jamais. **Jornal do Professor**. Goiânia, mar./abr. 2013, p.11. Disponível em: <https://issuu.com/adufg/docs/marco-abril-2013/11>. Acesso em: 07 jun. 2019.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Tempo, memória e identidade: algumas considerações. **Política & trabalho**: Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, n. 34, p. 41-72, abr. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12183/7048>. Acesso em: 20 abr. 2018

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaud** v. 5, Antropos/Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. p. 296- 332.

BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. I. 2. ed. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2001. p. 33-51.

BARROS, José D'Assunção. Espacialidades e Temporalidades da História. **Blog escrita da história**. Rio de janeiro, 2011. Disponível em: <http://escritasdahistoria.blogspot.com/2011/01/espacialidades-e-temporalidades-da.html>. Acesso em: 5 jul. 2018.

BARROS, José D'Assunção. Representações e práticas sociais: discutindo o diálogo das duas noções no âmbito da História Cultural Francesa. In: SANTOS, Regma Maria dos; BORGES, Valdeci Rezende (Orgs.). **Imaginário e representações**: entre fios, meadas e alinhavos. Uberlândia: Aspectus, 2011. p. 11-28.

**BÍBLIA** Sagrada. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

BIFFI, Luciana Angelice. As complexas camadas do tempo histórico de Koselleck. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 14, n. 01, p. 1-8, jan./jun. 2017. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF39/resenha\\_2\\_Luciana\\_Biffi\\_fenix\\_jan\\_jun\\_2017](http://www.revistafenix.pro.br/PDF39/resenha_2_Luciana_Biffi_fenix_jan_jun_2017). Acesso em: 20 ago. 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. **Cidade e Cultura escrita: a corte de José de Alencar (1840-1870)**. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2011.

\_\_\_\_\_; Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 49-69, 2001.

\_\_\_\_\_; DIAS, Cleber Jacinto. Imagens de duas cidades nas crônicas de Ricardo Paranhos. **Emblemas** – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais, Catalão, v. 7, n.1, p.63-83, jan. jun. 2010.

BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11, 2008, São Paulo. **AnaisOnline**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS\\_FILHO.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf). Acesso em: 30 mai. 2019.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. 6 ed. Lisboa. Editorial Presença, 1990.

BRAUDEL, Fernand. **El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II**. 2 tomos. 3 ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1995.

BURKE, Peter. Um novo paradigma? In: \_\_\_\_\_. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 68-98.

CAMARGO, José Francisco de. **Êxodo Rural no Brasil Ensaio sobre suas formas, causas e consequências econômicas principais**. São Paulo: Editor USP, 1957.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. S. Paulo: Nacional, 1985.

CARDOSO, João Batista. **Um mapa da história sobre o mapa da ficção**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

CHAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, jan/jun. 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1973>>. Acesso em: 16 maio 2018

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: \_\_\_\_\_. **Á beira da falésia: a história entre**

certezas e inquietude. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2002. p. 61-79.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO, Braz José. *In*: TELES, José Mendonça. **Dicionário do escritor goiano**. Goiânia: Kelps, 2000. p. 56.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**. Catalão, 16 e 23 de março de 2009.

\_\_\_\_\_. Prefácio. *In*: \_\_\_\_\_. **Rastros e trilhas**. Catalão: Kaio Gráfica e editora Ltda, 2009a. p. 11-12.

\_\_\_\_\_. **Sombras do Tempo**. Catalão: Kaio Gráfica editora, 2015.

\_\_\_\_\_. **Literatura**: indagações e comentários. Kaio Gráfica editora, 2014

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2004.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 61-92.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). *In*: ERTZOGUE, Marina H.; PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 217-247.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. 13ª ed. Campinas: SP: Editora Papyrus, 2013.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos Estudos Literários. **Revista da Anpoll** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, Brasília: v. 1, n, 28, p. 213 – 235, jun. 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, 1987.

GOYANO, Augusto; CATELAN, Álvaro. **Súmula da Literatura Goiana**. Goiânia: Editora Livraria Brasil Central, 1970.

GOMES, Luis Palacin; CHAUL, Nasr Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História Política de Catalão**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micro política**: cartografia do desejo. Petrópolis: vozes, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HATOUM, Milton. Escola da Cidade. Espaço e literatura. **Escoladacidade.org**, São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://escoladacidade.org/bau/milton-hatoum-espaco-e-literatura/> >. Acesso em: 16 mai. 2018.

HONÓRIO FILHO, Wolney. III - Braz José Coelho: Rastros e Trilhas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: UFES, 2011. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/conteudo/file/917.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/917.pdf). Acesso em: 30 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil. **Actualidades Pedagógicas**, Colombia, Universidad de La Salle, n. 54, p. 29-41, jul./dic. 2009.

JASMIN, Marcelo. Apresentação. *In*: KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 9-12.

JERONIMO, Gabriela Guimarães; GEMENTI, Mariana Moretto. Entre o rural e o urbano: a inventividade lexical de Braz José Coelho. **Acta Semiotica et Linguística**, v. 20, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/27867> Acesso em: 01 jun. 2019.

JORGE, Miguel. Peonagem e cabroeira – da emoção à forma. *In*: COELHO, Braz José. **Peonagem e cabroeira**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1971. p. 5-7.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Ed.Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Espaços desvelados: a dinamicidade dos festejos do Rosário em Catalão-GO. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 21, p. 78-86, jan. 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora Puc-RJ, 2006.

LANGER, Susanne. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LEVI, Geovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

LUCAS, Clarinda Rodrigues. As representações da cidade no discurso literário: a rua de Clarice Lispector. *In*: ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001. p. inicial e final do capítulo.

MACHADO DE ASSIS, J. Maria. Literatura brasileira: instinto de nacionalidade. **Crítica Literária**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson inc., 1955. p. 129-149.

MARQUÊS, Jéssica. Espaço na narrativa. Companhia Literária. **youtube.com**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q5hGElbfXKI&t=86s>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MELLO, Maria do Rosário de. **Santo Antero: O assassinato de Antero da Costa Carvalho no imaginário popular de Catalão**. 1999. 73 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão, 1999.

MEYERHOFF, Hans. Aspectos do tempo na literatura. *In*: \_\_\_\_\_. **O tempo na literatura**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976. p. 11-73. Disponível em: <[https://prioste2015.files.wordpress.com/2015/04/tl2\\_meyerhoff.pdf](https://prioste2015.files.wordpress.com/2015/04/tl2_meyerhoff.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2018.

NEIVA, Bianca Affonso. **A produção do espaço urbano de Catalão (go) e suas transformações panorâmicas à partir da década de 70**. 2013. 98 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura e bacharelado em Geografia) Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2013. Disponível em: < ver net > Acesso em: 5 mai. 2017.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História, São Paulo**: n.10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. Bernardo Élis: o “silêncio ruidoso” de um grande escritor. **Revista da Academia Goiana de Letras**: Bernardo Élis – imortalidade de nome e obras (tributo). Goiânia, n. 21, p. 35-41, 1998.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS. [Mensagem enviada pelo Fale Conosco - Histórico do início da Igreja Nova Matriz]. Destinatário: Valdeci Rezende Borges. Catalão, 6 nov. 2018. 1 E-mail.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. *In*: LE GOFF, J.(org). **A Nova história**. Martins Fontes, 1993. p. 292-318.

PAULA, Jason Hugo. Imagens do urbano: a cidade de Catalão no seu primeiro centenário. **Opsis**, Revista do Niesc. Catalão, v. 4, p. 110-125, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9273/6369#.WSBCg-vyvIU>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. **Inventando o progresso: a construção de imagens e a modernização em Catalão (1959-1970)**. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. 2005. Disponível em: <[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/PAULA\\_\\_Jason\\_Hugo\\_de.\\_2005.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/PAULA__Jason_Hugo_de._2005.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 28, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. História & literatura: uma velha-nova história. **Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Débats, Dossiê História Cultural, Paris, jan. 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso em: 16 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colloques, 2005. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 27 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan. jun. 2007.

PESEZ, Jean-Marie. História de cultura material. In: LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 180-215.

POUBEL, Mayra. Imigração Libanesa no Brasil. **InfoEscola : navegando e aprendendo**, Florianópolis, 2006-2018. Disponível em: <[www.infoescola.com/historia/imigracao-libanesa-no-brasil/](http://www.infoescola.com/historia/imigracao-libanesa-no-brasil/)>. Acesso em: 19 out. 2017.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Campus 1997. p. 271-296.

RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.

REIS, José Carlos. O tempo histórico como representação intelectual. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 1-21, maio/jun./jul./ago. 2011. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF26/Dossie\\_04\\_Jose\\_Carlos\\_Reis.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF26/Dossie_04_Jose_Carlos_Reis.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RIBEIRO, José Eustáquio. Da sincronia à diacronia: os “três tempos” da “história total” de Braudel a partir de um diálogo com Levi-strauss. **OP SIS**, Catalão, v. 9, n. 12, p. 97-115, jan/jun. 2009.

RIBEIRO, Laurinda José. **Expansões urbanas e derivações ambientais sobre o ribeirão Pirapitinga em Catalão (GO)**. 2011. 203f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás- campus catalão, Catalão, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/391/1/Dissertacao%20Laurinda%20J%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas. SP: Papiurus, 1997.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2007.

RIGHETTO, Luiz. **O Mártir do Catalão**. Memorial Anthero da Costa Carvalho. Araguari/MG: Minas Editora, 2012.

RODRIGUES, Antônio Medina; BARBOSA, João Alexandre; SCHNAIDERMAN, Bóris. **Estudos sobre o Tempo: O Tempo na Literatura**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1989. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-o-tempo-na-literatura>>. Acesso em: 10 maio 2018

RÜSEN, Jorn. Aprendizado histórico. *In*: SCHMIDT, BARCA, MARTINS (Orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

\_\_\_\_\_. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. *In*: SCHMIDT, BARCA, MARTINS (Orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História** Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SANDES, Noé Freire. **Nação, políticas de saúde e identidade (1920-1960)**. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

SANT'ANNA, Ivan. **Herança de sangue: um faroeste brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Regma Maria. História e linguagens: modelos e abordagens dos estudos culturais. *In*: \_\_\_\_\_ (org.) **História e Linguagens: literatura, música, oralidade, cinema**. Uberlândia: Aspectus, 2003. p. 11-20.

\_\_\_\_\_. Tempo, memória e paisagens cerradinho nos escritos soltos de Braz José Coelho. *In*: SANTOS, Regma Maria; BORGES, Valdeci Rezende Borges; COSTA, Ismar da Silva. **Saberes e práticas culturais do e no cerrado brasileiro**. Uberlândia: Assis, 2017.

SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard. Concepções de Tempo e Ensino de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 14, p. 53-70, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11522>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

SILVA, Erlane Gonçalves da. O percurso espacial em *Um homem e sua família*. *In*: SIMPOSIO DE LETRAS E LINGUISTICA – SILEL, 2013, Uberlândia. **Anais [...]**, v. 3, n. 1, EDUFU, 2013. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_1000.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1000.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2017.

SILVA, Erlane Gonçalves da. **Estigma e pobreza: um olhar panorâmico nos espaços de *Um homem e sua família***. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2015

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História das paisagens. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campos, 1997. p. 203-216.

SILVA, Ismene Fernandes da. Além dos mapas: a cidade como palimpsesto, memórias e vivências em Catalão (GO) a partir do escritor Braz José Coelho. *In*: SANTOS, Márcia Pereira dos; PERES, Selma Martines; DE PAULA, Maria Helena (orgs). **História, cidades, redes políticas e sociais**. São Paulo: Blucher, 2017. p.31- 44.

SILVA, Jaciely Soares da. **Violência e religiosidade popular em Catalão-GO**: a construção da santidade de Antero 1932-2012. 2014. 197f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16478>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

SILVA, Veruska Anacirema S. da. Memória e afetividade: a importância das emoções nas trajetórias sociais. **Opsis**, Catalão, v. 8, n. 11, p. 59-76, jul-dez. 2008.

SIQUEIRA, Jacy. Turcos do Brasil Central: Imigrações, Cultura, Tradições. **Diário da Câmara Legislativa**, DF Letras: suplemento cultural. Brasília: Câmara Legislativa do Distrito Federal, v. 1, n. 3, p. 19-21, jan. 1993.

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. São Paulo: Difel, 2001.

TELES, José Mendonça. **Dicionário do escritor goiano**. Goiânia: Kelps, 2000.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. *In*: GRACIO, S.; MIRANDA, S.; STRAERS, S. **Sociologia da Educação I**. antologia. Funções da escola e reprodução social. Lisboa: Livros horizonte, 1982. p. 107-158.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina Eduel, 2012.

VERMOHLEN, José Claudenor. O meeiro. **terrasemmas.com.br** – jornalismo independente. 17 ago. 2017. Disponível em: <https://www.terrasemmas.com.br/artigo-o-meeiro/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

VICENTINI, Albertina. **O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. Goiânia: Ed. UFG, 1997.

WESTIN, Ricardo. Combate a Lampião quase entrou na Constituição de 34. **Senadonotícias**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/nnoticias/especiais/arquivo-s/combate-a-lampiao-quase-entrou-na-constituicao-de-34>. Acesso em: 10 jun. 2019.

## APÊNDICE



LÉLIA DE FÁTIMA TOMÉ

**PROJETO EDUCACIONAL INTERDISCIPLINAR – CATALÃO A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*, DE BRAZ JOSE COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E CULTURA URBANOS**



LÉLIA DE FÁTIMA TOMÉ

**PROJETO EDUCACIONAL INTERDISCIPLINAR – CATALÃO A PARTIR DA  
OBRA LITERÁRIA *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*, DE BRAZ JOSÉ COELHO:  
TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E CULTURA  
URBANOS**

Projeto de aula-oficina que vem complementar, reforçar e ajudar a responder aos objetivos levantado na dissertação, que é compreender a cidade de Catalão em *Um homem e sua família*, de Braz José Coelho: no sentido de apreender, tempo e espaço, lugares de experiências e de memórias, paisagem e cultura urbanos.

CATALÃO (GO)  
2019

**BRAZ JOSÉ COELHO**

**SUMÁRIO**

|          |                                    |            |
|----------|------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>JUSTIFICATIVA.....</b>          | <b>178</b> |
| <b>2</b> | <b>METODOLOGIA .....</b>           | <b>179</b> |
| <b>3</b> | <b>RECURSOS DIDÁTICOS.....</b>     | <b>179</b> |
| <b>4</b> | <b>OBJETIVO GERAL .....</b>        | <b>179</b> |
| <b>5</b> | <b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b> | <b>181</b> |
| <b>6</b> | <b>DESENVOLVIMENTO.....</b>        | <b>181</b> |
| <b>7</b> | <b>AVALIAÇÃO .....</b>             | <b>184</b> |
| <b>8</b> | <b>ANEXOS .....</b>                | <b>186</b> |
| <b>9</b> | <b>REFERÊNCIAS.....</b>            | <b>201</b> |

**PROJETO EDUCACIONAL INTERDISCIPLINAR – CATALÃO A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*, DE BRAZ JOSE COELHO: TEMPO E ESPAÇO, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS, PAISAGEM E CULTURA URBANOS**

**PÚBLICO ALVO:** Ensino Fundamental II e Ensino Médio

**JUSTIFICATIVA:**

Este projeto, para ser implementando em formato de aula-oficina, vem complementar, reforçar e ajudar a responder ao objetivo levantado na dissertação, “A cidade de Catalão em *Um homem e sua família*, de Braz José Coelho: tempo e espaço, lugares de experiências e de memórias, paisagem e cultura urbanos”, que foi recorrer a fonte literária enquanto aporte documental que traz marcas de um tempo e sociedade e nos oferecem registros de um existir de outrora, que podem figurar, em sua estrutura, uma percepção, não somente do seu autor, mas também de toda uma coletividade acerca de um momento, lugar e práticas humanas neles empreendidas. Parte, ainda, do interesse de ressaltar a importância e potencialidade desse tipo de fonte para o conhecimento social e contribuir para com as práticas educativas, com a produção de materiais de cunho pedagógico e científico que valorizem a importância do trabalho interdisciplinar. Ademais, poderá ser produto para futuras pesquisas acadêmicas que também almejem cooperar com as ideias e as práticas docentes que valorizem o uso de diferentes linguagens no ensino de História, Literatura e Geografia.

Compartilhamos da concepção do quão significativo se é trabalhar com aula-oficina (BARCA, 2004), pois esse expediente propicia a edificação de uma aula, a princípio, organizada por um tema e um acervo de fonte em conformidade com os objetivos a serem alcançados com o debate no espaço escolar, em sala.

A intensão principal, a partir da materialização da pesquisa, é a de concorrer para a realização do processo de ensino e aprendizado de História no ensino fundamental e médio com a difusão do conhecimento produzido na academia, considerando aqui a interação entre as diferentes ciências e os saberes implementados de forma multidisciplinar, demonstrando e despertando nos discentes o desejo de compreender a cultura como prática social e produção humana, bem como sua importância para desvelar e conhecer uma sociedade.

A relação dinâmica entre professor e aluno é primordial para que as metas da aula-oficina sejam alcançadas de forma significativa, possibilitando que seja propiciado um debate mais aberto e profícuo entre os sujeitos envolvidos na educação escolarizada/formal,

auxiliando discentes e docentes na construção do conhecimento, sendo sujeitos ativos do processo, que atuam como protagonistas das aulas, interpretando fontes, buscando compreender o contexto histórico na qual estão inseridas, desvelando as intenções de seu produtor, no caso, um escritor, e da coletividade. Enfim, as aulas-oficina podem auxiliar no transpor das barreiras enrijecidas pautadas em uma educação tradicional que não possibilita métodos dinâmicos e a acareação de recortes diferentes de um mesmo tema capazes de propiciar uma visão crítica da sociedade, bem como instrumentalizando para atuar na mesma.

Neste viés, a análise oportuniza que os/as discentes aprendam de forma reflexiva através do diálogo com as fontes e documentos, e, por este viés, que construam um dado conhecimento histórico e percebam que a História, em especial, não é uma verdade única e acabada, mas uma construção que está em constante reelaboração. Ademais, atividades como estas, ainda se justificam por possibilitarem a construção dos saberes que irão se articular às aulas, tornando-as mais interessantes e prazerosas, como Rüsen (2010) bem explica ao dizer que:

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos [...] é que ela poderá ser apropriada produtivamente pelo aprendiz e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana (RÜSEN, 2010, p. 44).

Sendo assim, se um determinado fato histórico não for confrontado com outras visões e leituras, que possibilitem outras versões do mesmo, não haverá uma construção do conhecimento com a força e potencialidade que pode ter, ou seja, a História como construção e reconstrução, que não deve ser somente absorvida como nos é apresentada, podendo e cabendo ser olhada por outros vieses.

Partindo desta perspectiva é que se propõe desenvolver a aula-oficina, de forma multidisciplinar, na intenção de compreender como o processo de formação e desenvolvimento histórico e social da cidade de Catalão foi pensada na obra de Braz José Coelho, *Um homem e sua família*.

## **METODOLOGIA:**

Os encaminhamentos metodológicos seguirão uma sequência de atividades previamente planejadas e que contribuam para um enriquecimento do saber produzido na aula-oficina, proporcionando uma maior participação dos/as discentes, privilegiando a comunicação e a interação na sala de aula e, com isso, a construção do conhecimento. Estas práticas pedagógicas podem colaborar para o crescimento cognitivo pessoal dos aprendizes,

fazendo-os refletirem sobre a própria vida social, incitando-os a se tornarem mais participativos e atuarem como cidadãos. Além do mais, desperta-os para outras possibilidades e interpretações das mais variadas realidades vivenciadas em uma porção territorial mais abrangente, levando-os a agirem de modo mais consciente e participativo na sociedade.

Compartilhamos das ideias de Selva Guimarães Fonseca (1995), que destaca a importância do professor enquanto mediador e facilitador no processo de ensino aprendizagem por meio de aulas mais dinâmicas, com o objetivo de torná-las mais atrativas e ricas, e, com isso, alcançando uma maior participação dos/as discentes, culminando, assim, num melhor desempenho educacional e, conseqüentemente, para uma boa formação dos mesmos.

Inovando as práticas de ensino, a construção do saber se torna mais eficaz, palpável e significativa, pois se dará mediante debates a partir de vários pontos de vista e às diferentes experiências históricas no tempo e espaço. Deste modo, o professor irá identificar o nível de familiaridade que os/as discentes têm com o tema proposto, sendo a aula-oficina um processo de diálogo, análise e escolha de fontes e metodologias que melhores contribuam no processo de construção do conhecimento e do saber.

Esta proposta constitui, essencialmente, de seis momentos, que são planejadas a partir da investigação e da reflexão do que é proposto na obra de Coelho, acerca do período que é retratado na mesma, o que deverá levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, que se fazem essenciais numa prática de aula-oficina. Estas práticas e reflexões perpassam por questionamentos instigantes no sentido de provocar o/as discentes à buscarem a compreensão social e histórica a partir de suas experiências, de maneira que alcancem o saber entrelaçado às suas próprias observações e conclusões.

### **RECURSOS DIDÁTICOS:**

Obra literária, quadro, pincel, câmera fotográfica, fotografias, caderno e caneta.

### **OBJETIVO GERAL:**

Pautando-se na importância de trabalhar com obras literárias, tendo-as como ferramentas pedagógicas para estudos e pesquisas que viabilizam o acesso a diferentes informações de fatos históricos, pretende-se fazer um estudo da cidade de Catalão (GO) e seus diferentes aspectos socioculturais inseridos no tempo e no espaço urbano, a partir da obra literária de Coelho, *Um homem e sua família*.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Incentivar e valorizar a utilização de obras literárias como ferramenta pedagógica que fornecem ricas e importantes informações que permitem identificar temas, assuntos e problemas no contexto histórico de uma dada sociedade, em dado período e espaço territorial;
- Analisar a obra *Um homem e sua família*, de Braz José Coelho, pensada como um lugar de memórias, selecionando excertos que atentem para imagens ali figuradas, que apresentam práticas sociais, históricas e culturais, instigando os/as discentes a conhecer e valorizar tais práticas;
- Promover um momento de produção do conhecimento e de ensino e aprendizagem interativo, no qual se possa compartilhar as observações da obra em interação com as diferentes experiências de vida dos/das discentes;
- Instigar os/as discentes para a conscientização e a valorização da formação histórica e a integração deste conhecimento em seu meio social (família, escola e comunidade);
- Identificar os costumes e práticas cotidianos que configuram a obra, possibilitando, em uma visão multidisciplinar, entender o processo histórico e cultural constituído por diferentes elementos individualizados do lugar;
- Entender que a paisagem e a sociedade confluem no processo de formação de identidades e do sentimento de pertencimento a um dado lugar e certos grupos sociais;
- Proporcionar aos discentes momentos de trabalho de campo e instigá-los a fazer uma análise acerca das alterações de pontos evidenciados na obra em questão tendo como referência o presente.

**DESENVOLVIMENTO:**

Como citado anteriormente, o projeto foi dividido em momentos (sendo 6 de aproximadamente 50 minutos cada), para os quais estipula-se um número aproximado de aulas-oficinas que se julgar necessário para explorar o tema proposto em cada aula;

**1º Momento** (uma aula) - será uma exposição verbal, explanando sobre a pertinência do projeto e como será desenvolvido. Abaixo algumas questões norteadoras;

- Levantar aspectos e questões, numa prática dialógica de forma simples e direta, a partir do conhecimento prévio dos/as discentes, referências à figura de Braz José Coelho enquanto escritor, seu lugar e sua influência na sociedade local e regional;
- Apresentar aos/as discentes uma síntese sobre a trajetória e atuação do professor e escritor Braz José Coelho, bem como suas produções e algumas contribuições advindas de pesquisas realizadas a partir delas para estudos sobre a cidade de Catalão;
- Expor a obra literária citada a qual será o suporte para compreender o período e as construções socioculturais da cidade;
- Propor aos/as discentes a leitura da obra e seleção de excertos da narrativa por um período de 15 dias, de maneira a perceber seu contexto histórico, o período a que se refere, as práticas humanas aí figuradas e como se deu a construção desse espaço social a partir da visão do autor.

**2º Momento** (duas aulas) – Momentos de socialização a partir das diversas leituras da obra;

- Dividir a turma em diferentes grupos (de 4 a 5 integrantes) e propor a discussão e análise da obra, considerando os apontamentos de cada grupo. Em diálogo orientado, enfatizar os aspectos históricos, culturais, sociais e a construção do espaço urbano dos períodos nela figurados;
- Roda de conversa – momento de interação entre leitores e obra, onde os/as discentes irão expor suas impressões e interpretações, para apresentar o que observaram do representado e absorveram sobre a leitura que o autor trás do período descrito, buscando estabelecer relações entre o presente vivenciado e experimentado por eles e o que Coelho vivenciou, experimentou e figurou em seu texto;
- Após a discussão e exposição, propõe-se uma dinâmica - caixa de perguntas – como ferramenta pedagógica para enriquecer este momento;  
Sugestão: uma caixa contendo perguntas e fragmentos da novela, que contemplem passagens acerca da cultura, dos costumes, do patrimônio material e imaterial da

cidade, pontos de encontro, descrições das paisagens e parte do processo da construção da cidade, para que os/as discentes, ao pegá-las, façam suas colocações e compartilhem suas observações e impressões da obra.

**3º Momento** (duas aulas) – Depoimentos de pessoas da comunidade;

- Biblioteca Viva – cada grupo irá convidar um parente ou conhecido mais velho, da década de 1940 ou 1950 se possível, para ir até a escola para participar de uma roda de conversa, seguindo um roteiro de perguntas que contemplem os mesmos direcionamentos das questões propostas para pensar a construção da cidade;
- Discentes farão as anotações que considerarem pertinentes durante a roda de conversa, para contemplar na construção de relatório final.

**4º Momento** (duas aulas) – Contrapondo imagens;

- Serão distribuídas para os grupos algumas imagens da cidade de Catalão do período da década de 1950, bem como também imagens mais atuais do ano 2017 a 2019, possibilitando os/as discentes fazerem análises das mesmas, considerando os aspectos urbanos, geográficos e socioculturais da cidade, registrando como estes locais foram retratados na obra e pontuando as alterações por meio do confronto com os registros fotográficos (fotos/imagens em anexo);
- Feito a análise/leitura das imagens, será realizada uma exposição junto a relatos das observações realizadas.

**5º Momento** (três aulas) – Trabalho de campo;

- Em momento oportuno, realizar-se-á um diálogo informal com objetivo de prepará-los para o trabalho de campo, bem como os materiais necessários para uso, como: caderneta de anotação, máquina fotográfica, vestimenta apropriada para caminhada, água, exposição ao sol/chuva, entre outros, que deverão ser destacados pelos professores responsáveis pelo trabalho.
- Trabalho de campo, fazendo percurso que contemple alguns locais descritos na obra de Coelho, associando-os à trajetória dos personagens, para que façam observações das

paisagens evidenciadas, descritas na obra, bem como apontando as alterações e sua configuração atual;

- Fazer registros fotográficos dos pontos visitados para comparações e estudos posteriores.

Sugestão de possíveis pontos de visitação: Iniciar pela Estação Ferroviária (atual Museu Municipal Cornélio Ramos), seguir para a Velha Matriz, o Morro das Três Cruzes, a Rua da Grota, a Capelinha do Antero, o Córrego do Almoço, a Charqueada, e no retorno, rumar para a Nova Matriz, a Santa Casa de Misericórdia e finalizar o *tour* na Igreja do Rosário.

### **6  Momento** (duas aulas) – Culmin ncia

- O trabalho com as imagens dos locais visitados estará pautado em caráter investigativo, sendo assim deverão interpretar as imagens uma a uma, buscando apontar o máximo de elementos distintos que   possível encontrar em tais registros, sempre tendo a obra de Coelho como referência. Deverão associar as imagens ao seu período bem como suas transformações, aspectos da obra e da época que se relacionam, buscando um raciocínio histórico acerca do mesmo.
- Socializar o trabalho e as reflexões realizadas através de debates, conversas e cartazes referenciais com outras turmas em momento coletivo dentro da escola.

### **AVALIAÇÃO:**

O projeto foi elaborado com intuito de estimular o estudo interdisciplinar e, sobretudo, salientar a importância de se trabalhar com obras literárias como documento histórico, material rico em subjetividades e, por isso, mesmo capaz de retratar sensibilidades que têm são históricas, como as angústias e alegrias, os anseios e costumes de uma coletividade. O trabalho será desenvolvido por meio de aulas-oficina, oportunizando aos discentes um melhor aproveitamento escolar de maneira a melhorar seu desempenho e contribuir para a própria formação enquanto sujeitos históricos, críticos e participativos.

A avaliação terá caráter diagnóstico, formativo e somativo, onde a base será a participação e o envolvimento dos/as discentes em todas as etapas do projeto, considerando empenho na busca e seleção de informações, participação nos debates e desvelo nas atividades propostas, bem como na elaboração do trabalho final.

A partir das aulas-oficina propostas na tentativa de romper com os padrões tradicionais e modelos passivos de ensino, busca-se viabilizar uma dinâmica de ensino de História que se dá através de várias fontes. No caso específico, uma delas será a fonte literária, isto é, a obra de Coelho, *Um homem e sua família*, publicada em 1997.

## ANEXOS

### 1. Imagens da cidade

Conforme Coelho, lá no nordeste do Estado de Goiás, em Porto Nacional, em contexto hostil, um pensamento tomava conta do homem, nosso personagem.

[...] o marido na labuta de roça, trabalhando de fazenda em fazenda, cada vez mais as necessidades da vida criando dificuldades e apertos. O tempo mudando, a seca e a chuva destemperadas, trabalhos desaparecendo, a vida virou um risco imprevisível. Na mente do marido uma ideia ia se formando todas as vezes que encontrava um que outro conhecido mais viajado – para o sul, a terra não era quente, as cidades se espichavam em ruas calçadas, casas e palacetes de perder de vista, serviço era o que não faltava, dinheiro correndo para todo mundo (COELHO, 1997, p. 64).

“Dias depois partiram. Uma peregrinação medonha, sofrimento que não acabava mais” (COELHO, 1997, p. 68).

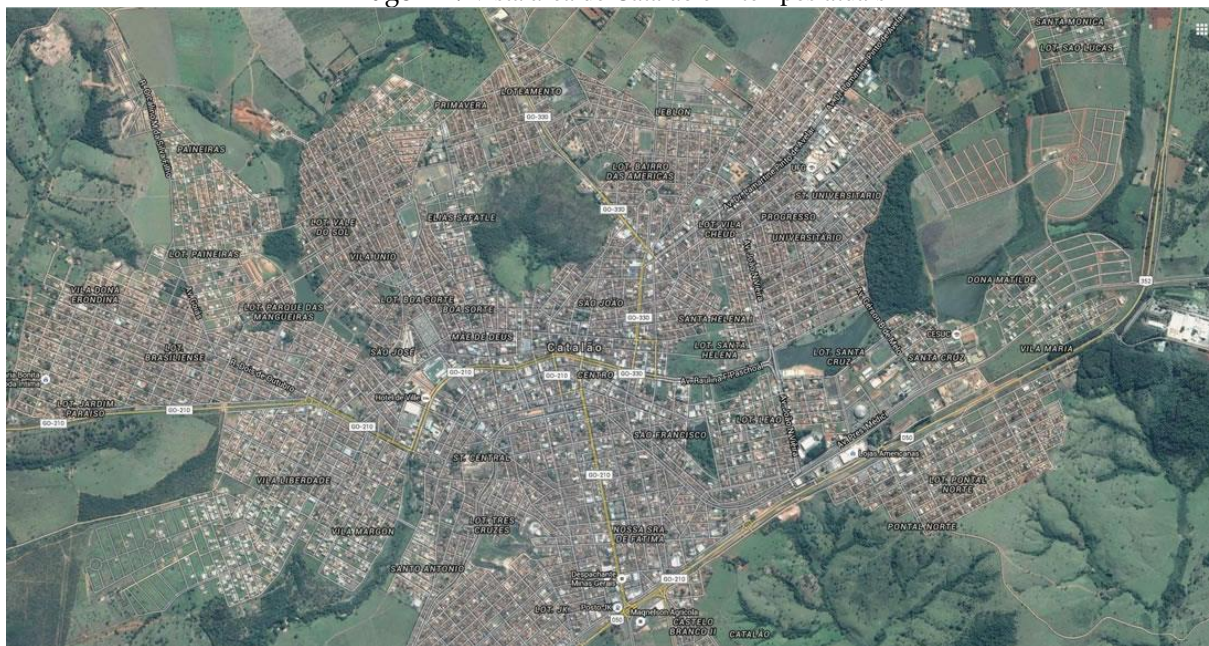
“E desceram, foram descendo, até a família já estropiada de toda chegar a Catalão, lugar que nem sabiam que existia, e fazer ali um finca-pé” (COELHO, 1997, p. 64).

Imagem 1: Vista aérea de Catalão, início da década de 1970



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com/2015/>

Imagem 2: Vista área de Catalão em tempos atuais



**Fonte:** <https://www.google.com/maps/place/Catal%C3%A3o,+GO/@-18.1431769,-47.9245675,2950m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94a6666de91c2deb:0xe4ac11d6f01e3f68!8m2!3d-18.1660958!4d-47.9444845>

Fazendo uma análise entre as imagens aéreas da cidade de Catalão é notório que sua malha urbana cresceu em proporções gigantescas em relação a Catalão dos anos de 1960 e 1970, que até a época mencionada ainda se apresentava com um crescimento moderado, como afirma Edir de Paiva Bueno (2007, p.2):

O espaço urbano de Catalão no início da década de 1970 se caracterizava pela existência de bairros com um índice relativamente baixo de ocupação/adensamento. Demonstrava, assim, uma certa estabilidade do espaço urbano no que diz respeito a expansão e a ocupação da malha urbana.

Pode-se dizer que esse crescimento se deu a partir da construção das rodovias e a instalação das mineradoras no município, sendo esse momento marcante para o processo de desenvolvimento da cidade, aliado a inúmeras transformações sócio espaciais, que trouxeram consigo consequências irreparáveis, como nos alerta Bianca Afonso Neiva (2013, p. 6),

[...] Catalão teve um crescimento desorganizado e demanda por infraestrutura insuficiente que acompanhasse tal expansão, contribuindo para gerar problemas urbanos tais como a segregação espacial, a ocupação desordenada do solo urbano, a especulação imobiliária, a desvalorização das comunidades rurais, além de diversos problemas ambientais.

Assim, associado ao desenvolvimento da cidade que aconteceu de forma rápida e inconstante, uma outra Catalão é forjada através do desarranjo e da falta de gestão pública, comprometendo seu arranjo espacial, bem como a qualidade de vida de seus moradores, desencadeando graves problemas urbanos. Estudo que deverá ser explorado pelos docentes, buscando levantamento histórico e geográfico.

## **2. Estação Ferroviária de Catalão, posteriormente Museu Municipal Cornélio Ramos**

De acordo com Coelho, ao chegarem na cidade de Catalão, impossibilitados de seguirem em frente rumo ao sonho do “sul maravilha”, foi na Estação Ferroviária que passaram a noite:

A estação era fria e pousaram ali mesmo no cimento da plataforma, embrulhados em panos e cobertores ralos e rotos. Não tinham mais como seguir viagem. A intenção do marido de chegar a São Paulo já não existia. O único desejo era de quietar com aquela peleja, arranjar um canto onde pudessem morar, conseguir trabalho e cuidar da vida. Desceram em busca de melhora e se encontravam na maior das misérias, a cacalheria amontoada na plataforma da estação. Eram a personificação quase doentia do desânimo e da descrença: a mulher com o filho mais novo prostrado em suas pernas, sentada no cimento frio e encostada na parede da estação, olhava como se não visse o marido, em pé, mais adiante, conversando com um homem que pelos modos deveria ser alguma autoridade ali (COELHO, 1997, p. 73-74).

Imagem 10: Estação Ferroviária de Catalão de 1913



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com/>

Imagem 11: Estação Ferroviária de Catalão década de 70



**Fonte:** Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.

Imagem 12: Antiga Estação Ferroviária hoje Museu Cornélio Ramos



**Fonte:** TOMÉ, L. F. realizada em 23/07/2019

Imagem 13: Antiga Estação Ferroviária hoje Museu Cornélio Ramos



**Fonte:** TOMÉ, L. F. realizada em 23/07/2019

Esse grupo de imagens, representando a Estação Ferroviária de Catalão em períodos distintos, remete-nos a tempos outrora, marcado por limitações e controvérsias. A primeira foto da Estação Ferroviária data de 1913, e a segunda já é da década de 1970, com feições adquiridas após sua reforma em 1940. Hoje, na Estação revitalizada, funciona, desde 2003, o Museu Municipal Cornélio Ramos.

### 3. Vista panorâmica da Cidade

Segundo Coelho (1997, p. 64), ao chegar à cidade e passar a noite na ferroviária, a família entrou a procurar um lugar para se estabelecer e o fizeram ao rumarem para as imediações da Rua da Grotta. “Tudo novo, paisagem nova, caras novas, vida nova, mas a miséria era a mesma de muito antiga – e mais forte ainda.”

[...] o princípio, o começo de tudo, foi ali, na Rua-da-Grotta. Por isso, quando construíram a igreja botaram a frente dela voltada para aquele bairro pobre, que na época era a cidade inteira. Catalão cresceu, encompridou-se, botou ruas depois da igreja, foi se espalhando pelo vale acompanhando as voltas do Pirapitinga. E com o passar dos tempos a igreja ficou de costas voltadas para a maior parte da cidade – parecia até ofensa, por mal feito muito grande. (COELHO, 1997, p. 49-50).

Imagem 3: Vista panorâmica de Catalão na década de 1960. Estação Ferroviária, Nova Matriz e Casa Paroquial. Ao fundo, a Santa Casa de Misericórdia e o Morrinho do São João



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com/2011/08/>

Imagem 4: Vista de uma paisagem que é um dos cartões postais da cidade de Catalão, o “Morro da Saudade” é possível ver também a Santa Casa de Misericórdia



**Fonte:** <http://nossocatalao.blogspot.com.br/>.

Imagem 5: Vista de um dos cartões postais da cidade de Catalão - “Morro da Saudade”, 2017



**Fonte:** [http://nossocatalao.blogspot.com.br](http://nossocatalao.blogspot.com.br/).

Nas três imagens que figuram acima, têm-se vistas parciais da cidade de Catalão em períodos distintos. Na primeira, observa-se construções mais espaçadas, sendo possível perceber as edificações mais antigas, como a Estação Ferroviária, a Nova Matriz, a Casa Paroquial, a Santa Casa de Misericórdia e, ao fundo, o Morro de São João ou Morro da Saudade. Pode-se ainda observar a finalização da construção da Santa Casa de Misericórdia, indicando que, muito provavelmente, refere-se ao final da década de 1960 e início da década de 1970.

Nas duas outras fotos, observa-se grande utilização do espaço territorial citadino, com construções modernas que contrastam com um período anterior no qual o destaque era apenas dado pelo edifício/monumento da Santa Casa de Misericórdia situada ao centro da imagem.

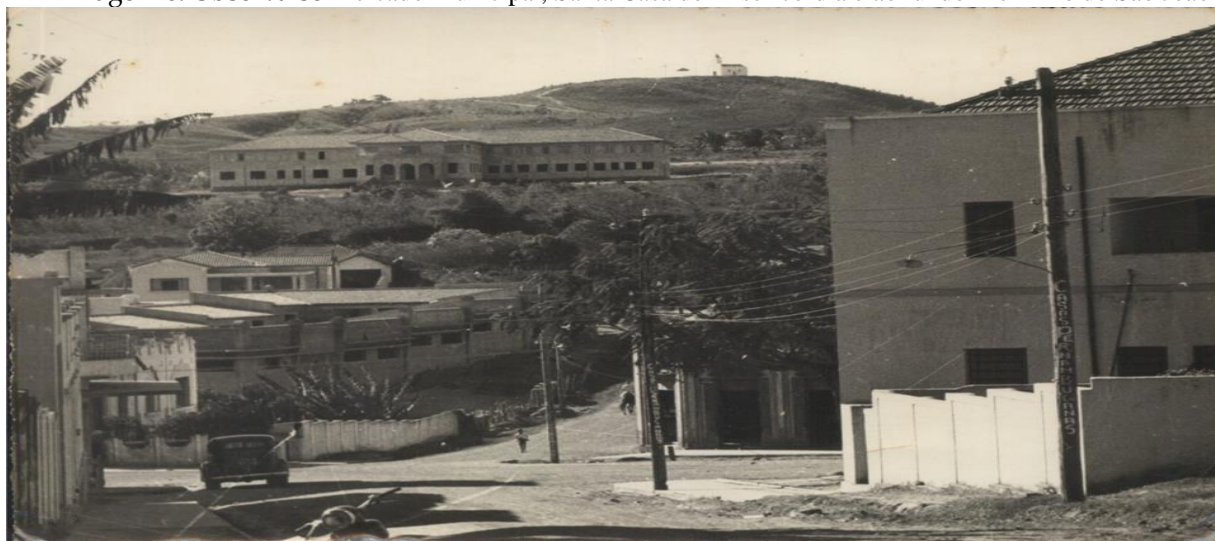
Sua visualização é difícil em imagens posteriores, como a terceira acima. Prédios, acúmulos de casas e a ocupação do espaço, apontam e indicam o crescimento da cidade e as mudanças em seu espaço físico, que implicam em aumento populacional e expansão urbana. Ao fundo, também, a igrejinha do Morro do São João, um marco simbólico da religiosidade local, que permanece até os dias atuais, e é considerado um dos espaços culturais de visitação e representação da cidade de Catalão.

#### 4. Mercado Municipal, Santa Casa de Misericórdia e Morrinho do São João

De acordo com a narrativa coelheana, a família pegou no pesado para erigir uma morada, em verdade “um casebre”, um “barraco”, onde pudessem abrigar-se, levando a esposa a adoecer em decorrência dessas atividades, tendo que recorrer à Santa Casa de Misericórdia.

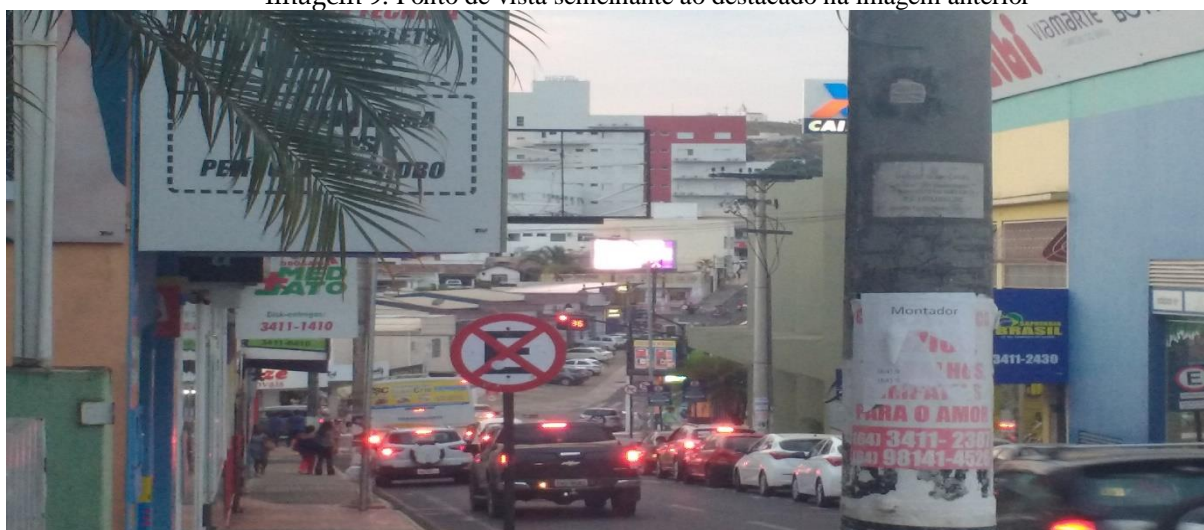
A mulher, com ajuda dos filhos, fazia o barro para os adobes, os meninos pisando descalços a terra mole amassando-a até que ficasse tudo bem sovado. [...] Ela ficava no sarilho puxando a terra e isso é um serviço pesado, principalmente para mulher. Mas o pior é que logo no primeiro dia veio-lhe a regra. Se tivesse dito ao marido que se achava naquela situação, ele a teria afastado do serviço e seguido sozinho, com a ajuda apenas dos dois filhos maiores ou teria esperado que ela voltasse ao normal. No entanto, nada lhe dissera e sobreveio-lhe forte hemorragia, que a deixou de cama. Pior mesmo: foi necessário que o marido saísse às pressas com ela para Santa casa de Misericórdia. Os remédios eram procurados na Prefeitura novamente. E durante dias o marido ficara todo atarantado entre cuidar dos filhos e permanecer no hospital ao seu lado (COELHO, 1997, p. 82).

Imagem 8: Observa-se Mercado Municipal, Santa Casa de Misericórdia e ao fundo Morrinho do São João



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com.br/>.

Imagem 9: Ponto de vista semelhante ao destacado na imagem anterior



Fonte: TOMÉ, L. F. realizada em 17/08/2017

A simplicidade e sossego da primeira imagem nos mostra ruas de terra, sem pavimentação e rede de esgoto, tendo ao fundo a imponente construção da Santa Casa de Misericórdia de Catalão e o Morrinho do São João – marcos/monumentos culturais da cidade. Podemos observar o “Mercadão” ou Mercado Velho, antigo Mercado Municipal de Catalão, mantido em sua construção, passando por reformas e recebendo novas cores, como indicam a segunda foto. Observa-se na primeira imagem características do espaço rural, como casas com plantações de bananeiras e grandes árvores frutíferas, o que contrasta com a imagem seguinte, mais atual, que tem como representação dos espaços urbanos árvores ornamentais e não frutíferas, como o coqueiro.

A mansuetude da primeira imagem, rua pacata, apresentando um local sem muita movimentação, tanto de pessoas quanto de automóveis, postes de energia elétrica de madeira e árvores em vários espaços da cena contrastam com a segunda imagem, demonstrando intensa alteração do espaço urbano, com grande fluxo de automóveis (final de tarde), grande movimentação, uma beleza ofuscada pelos *outdoors*, comércios, num emaranhado de elementos que produzem certa poluição visual e indicam intensa ocupação e uso do espaço, com construções de prédios e casas. Nesta imagem, embora de difícil visualização, ainda é possível perceber as instalações do antigo (Mercado Velho), que hoje é usado para instalação de lojas de diversos ramos comerciais. A Santa Casa de Misericórdia foi encoberta por outros prédios mais modernos impossibilitando sua visualização. Ao fundo, atrás dos prédios, ainda é possível ver a Igrejinha no Morrinho do São João, apesar de estar quase encoberta pelas construções.

## 5. A Velha Matriz

Consoante Coelho, a Igreja da Velha Matriz era um marco importante no espaço físico da cidade e nas relações dos moradores do lugar, sendo espaço de ampla sociabilidade:

A igreja tinha as costas voltadas para a cidade e a frente para o baixo da Rua-da-Grota. (COELHO, 1997, p. 48).

O largo era um terreno baldio, coberto de capim comum, que àquela quadra do ano, estava cinzento e queimado pelo sol forte. As crianças eram os senhores do largo: quando não estavam nas escolas corriam para lá formando bandos, brincando com bolas de meia ou de borracha, impinando papagaios, correndo arcos, jogando bolinhas de gude, rodando piões. Na parte de cima, ficava o campo de malha, e todas as tardes, quando o sol baixava, os homens vinham jogar uma partida. (COELHO, 1997, p. 48).

Imagem 6: Vista lateral da igreja Velha Matriz, possivelmente década de 50



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com.br/>

Imagem 7: Vista lateral da igreja Velha Matriz em dias atuais



Fonte: TOMÉ, L. F. realizada em 17/08/2017

As duas imagens acima representam a faixa lateral da igreja Velha Matriz, outro

símbolo da religiosidade da cidade de Catalão. A primeira data da década de 1950 e a segunda é dos dias atuais.

Podemos perceber a presença da Velha Matriz em um espaço alto, amplo, central e plano, característica das construções da colonização europeia, do bandeirantismo, da evangelização jesuítica e da religiosidade, a qual as sociedades da época se firmavam e que são perpetuadas pelas famílias do local. Questionamentos são levantados acerca de sua construção, que acabou por ficar de costas para a cidade, que não cresceu para frente de sua entrada, mas para trás, rompendo com a tradição e representatividade que o monumento – a Igreja - tinha à época de sua construção.

Os velhos casebres são substituídos por construções mais modernas, perdendo o ar de espaço rural, fechando em um aglomerado de construções emendadas umas às outras para aproveitar o espaço. A pavimentação das ruas, na primeira foto, ainda era de terra. Na primeira imagem figura uma lambreta estacionada à direita – veículo pertinente ao período apresentado. Vê-se, ainda, rua deserta, sem movimentação e em construção ou em obra. Na outra imagem se pode observar carros, motos, movimentação, faixas horizontais na via pavimentada com asfalto, além de casarões, antes residenciais, transformados em espaços de comércio e escolas.

## **6. Praça Getúlio Vargas, Ginásio Presidente Roosevelt (Escola Paroquial São Bernardino de Siena) e Edifício Nars Faiad.**

Consoante à narrativa de Coelho, no imaginário dos novos habitantes, a cidade espichava, tomada de luz e de euforia que projetavam uma imagem progressista e moderna.

Na mente do marido [...], as cidades se espichavam em ruas calçadas, casas e palacetes de perder de vista, serviço era o que não faltava, dinheiro correndo para todo mundo. E desceram, foram descendo, até a família já estropiada de toda chegar a Catalão, lugar que nem sabiam que existia, e fazer ali um finca-pé. [...] Tudo novo, paisagem nova, caras novas, vida nova, mas a miséria era a mesma de muito antiga – e mais forte ainda. (COELHO, 1997, p. 64).

A cidade era velha. Diziam que para o ano completaria cem anos. O povo comentava que já se preparava uma festa de comemoração do centenário tão grande que atravessaria semanas. Oche! – que cem anos é coisa muito. (COELHO, 1997, p. 55).

Lavando as ruas, o sol: parecia um dia prometedor. A cidade era como se estivesse em festa de tanta luz derramada, gente passando em seus afazeres. Ele também passando em seu afazer de procurar emprego. (COELHO, 1997, p. 14).

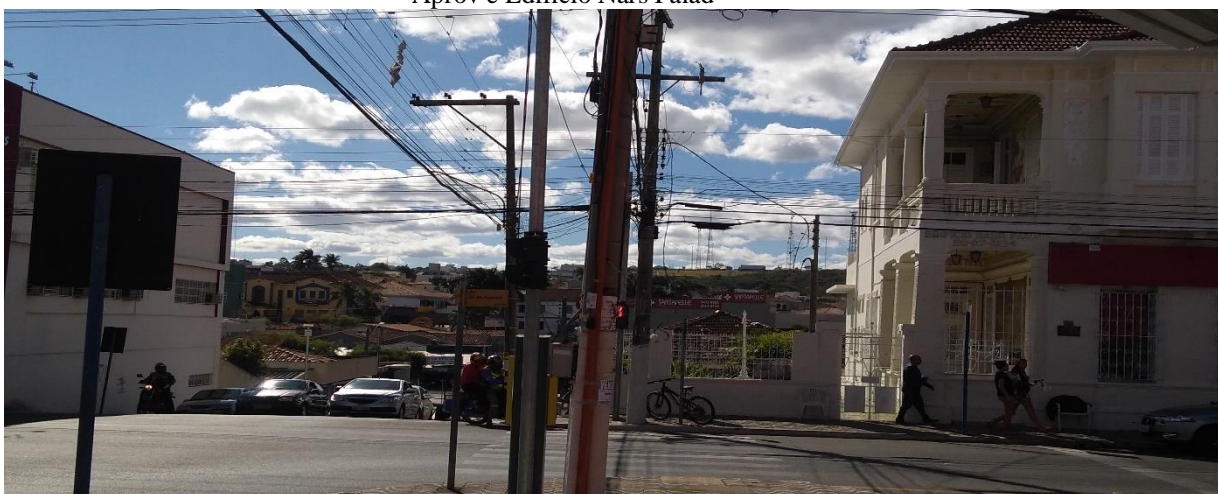
A rua alargava-se em dimensão de euforia. O corpo se projetando e se estendendo em todas as direções como se tentasse apanhar e reter a vida que vibrava ao seu redor: carros de passeio e camionetas de fazendeiros, a carroceria de madeira trabalhada e pintada com desenhos os mais diversos; gentes nas calçadas, mulheres com sacolas ou embrulhos, carroças de altas rodas de madeira com aro de ferro esmagando os cascalho seco das ruas, e uma coisa nunca vista lá de onde viera, com pequena roda de pneu feito de automóvel, chiando na areia fina [...] Um mundo todo de coisas novas e vivas e tudo mergulhado numa atmosfera ardente de luz que se esparramava pela cidade, dominando-a. (COELHO, 1997, p. 21).

Imagem 14: Praça Getúlio Vargas, início década de 1950, Ginásio Presidente Roosevelt (Escola Paroquial São Bernardino de Siena), Edifício Nars Faiad.



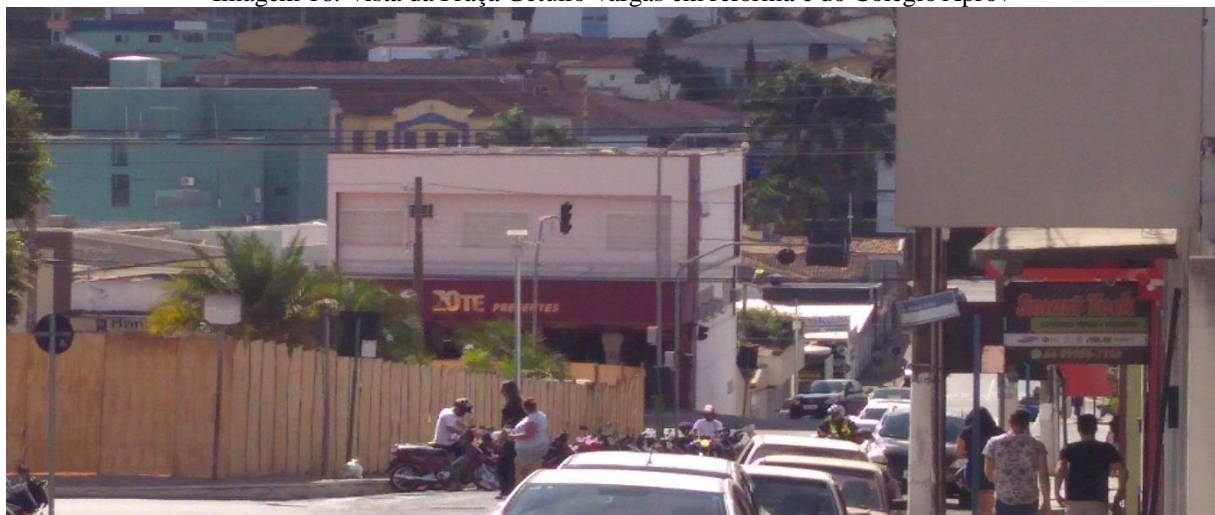
Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com/>

Imagem 15: Ginásio Presidente Roosevelt, escola Paroquial São Bernardino de Siena, hoje Colégio Aprov e Edifício Nars Faiad



Fonte: TOMÉ, L. F. realizada em 23/07/2019

Imagem 16: Vista da Praça Getúlio Vargas em reforma e do Colégio Aprov



Fonte: TOMÉ, L. F. realizada em 23/07/2019

Nessas imagens não é possível visualizar os pontos que estão indicados na primeira imagem, a partir de um único ponto de observação, devido às novas construções que impedem ou dificultam a visualização de ambos, tendo que buscar outros ângulos para registrar e visualizá-los. Os pontos em destaque são do início da década de 1950, Praça Getúlio Vargas, Ginásio Presidente Roosevelt (Escola Paroquial São Bernardino de Siena) e Edifício Nars Faiad. Assim como em outras imagens registradas da cidade, não é possível a visualização total e sim parcial dos mesmos.

## 7. Nova Matriz: símbolo da nova cidade

De acordo com o texto de Coelho, a cidade era velha, estava a completar cem anos e uma nova matriz era construída como símbolo de um novo tempo:

A nova matriz estava em construção, ainda não existia. Argamassa e andaimes, paredes levantadas ao meio, arcos de concreto, uma escadaria de muitos degraus subindo em pirâmide de três lados até chegar à porta larga e alta, arredondada em cima, coisa nunca vista ali na cidade – enorme a construção, assim de ir botando assombro e espanto nos mais antigos. Mesmo ainda não pronta, o povo dizia nova matriz para a construção, e quando alguém queria referir-se à igreja onde havia missas, terços e bênçãos do santíssimo, todos os dias, dizia velha matriz. De certa forma, era uma maneira carinhosa ou – quem sabe? uma maneira disfarçada e não muito consciente de ir se descartando da antiga igreja que vinha desde muito servindo à cidade nos seus casamentos, batizados, enterros, missas, bênçãos e novenas, testemunha da miséria, esperança, alegria, tristeza e safadeza daquele povo. (COELHO, 1997, p. 47).

Imagem 17: Igreja Nova Matriz e a Casa Paroquial em construção.



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com/2011/08>

Imagem 18: Igreja Nova Matriz e a Casa Paroquial em dias atuais



Fonte: TOMÉ, L. F. realizada em 23/07/2019

Nas imagens da Igreja Nova Matriz e da Casa Paroquial, o ângulo vai diferir também devido a construções e arborização que impedem a visualização total das duas edificações. A primeira imagem remete ao período de 1960, sendo que o início da construção da Igreja se deu em 1956 e foi concluída na década seguinte. As outras imagens referem-se à atualidade.

## 8. Igreja e Festa de Nossa Senhora do Rosário

Mas se a velha matriz era espaço privilegiado das elites, o povo tinha seu lugar de religiosidade e sociabilidades na Igreja e festa de Nossa Senhora do Rosário. Sobre a festa do

Rosário, Coelho escreve:

- Como é? Este ano ainda vai sair de bandeirinha?

Era uma mulata nova, corpo estuante de vida, e estendia roupas molhadas nos ramos para o sol secar.

- E quem haverá de me passar para trás? Que tem gente correndo, isso tem \_ é muita inveja correndo. Mas nem me importo. Este ano vou outra vez na frente da congada. – E maliciosa, sorriso pilantra – Quero ver negro sacudido batendo caixa atrás de mim. (COELHO, 1997, p. 69-70).

O riso fácil, dentes brancos como as espumas descendo córrego abaixo. Morava na Rua-do-Pio, e de lá saía todo ano um terno de congos para a festa do Rosário. Ela ia na frente, toda compenetrada no seu vestido branco, fitas de cores branca e azul caindo da cintura fina. Levava a bandeira do terno. Os dançadores batucando caixas de couro cru atrás dela. A seu lado duas meninas segurando a fita que prendia o estandarte da Santa Virgem do Rosário.

- Você já viu congada?

- Uma vez só. De onde venho parece que não tem muito disso. [...]

- [...] Congada e Moçambique, por lá, parece que não vigora direito. (COELHO, 1997, p. 69-70).

Imagem 19: Igreja e festa de N. S. Rosário, provavelmente de fins da década de 1940 e início de 1950.



Fonte: <http://nossocatalao.blogspot.com/Imagem 20: Igreja e festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, outubro de 2017.>



**Fonte:** <http://www.catalao.go.gov.br/site/festa-do-rosario-2017--a-mais-organizada-de-todos-os-tempos,NTV,MzMy.html>

Possuindo representatividade marcante da cultura local e figurando como parte da identidade dos catalanos, a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, iniciada com os descendentes de escravos para manterem vivas suas tradições. Conforme Carmem Lúcia Costa (2010, p. 11, grifos da autora) explica que “Os dançadores que eram em sua maioria pobres que lutavam todos os anos, não apenas para sobreviver, mas também para ‘fazer a festa’”. Com o passar do tempo a festa foi sofrendo transformações, envolvendo e conquistando outros participantes que não fossem negros, havendo a miscigenação, tornando-se o que hoje é uma prática onde brancos e negros participam em harmonia, cada qual com sua fé, sua crença e prática religiosa, que são traços muito fortes e ricos da cultura popular catalana.

A festa era ocasião para conhecer a cidade, participar dela era sinal de inclusão na comunidade local e sua cultura, inclusive fazendo promessa para a padroeira, “a virgem protetora do povo pobre”, como pedi-la para arrumar um emprego ao marido, conforme pensava a esposa, que ainda prometia levar a ela um ex-voto. Mas a promessa de emprego não vingou.

E não falaram mais naquela noite. Mas um custo dormir. Cada um ruminando a vida, pensamentos desanimadores – a tristeza ganhando corpo no sentimento deles. O marido com raiva concentrada, doendo dentro do peito, sufocando uma respiração dificultosa e pesada; a mulher pensamento na promessa à Virgem do Rosário – e não é que a Santa os tinha deixado de mão! (COELHO,1997, p.100).

## REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma educação de qualidade**: atas da quarta jornada de educação histórica. Minho: Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p. 131 – 144. Disponível em: <[http://sefarditas.net.br/ava/aula\\_oficina/isabel\\_barca1.pdf](http://sefarditas.net.br/ava/aula_oficina/isabel_barca1.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BUENO, Edir de Paiva. Cidade de Catalão (GO): um espaço urbano em expansão e em mutação. In: EREGEO SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO CERRADO: PAISAGENS E DIVERSIDADES, 10., 2007. **Anais...** Catalão, Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, 2007.

COELHO, Braz José. **Um homem e sua família**. Catalão: Kelps, 1997.

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, Religiosidade e Comércio na Cidade**: a Festa em louvor à Nossa Senhor do Rosário em Catalão-Goiás. 230 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06122010-151424/pt-br.php>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

FONSECA, Selva G. O uso de diferentes linguagens no ensino de História e Geografia. **Ensino em Re-vista**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 53-57, jan./dez. 1995. Disponível em <[www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/7810/5166](http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/7810/5166)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

NEIVA, Bianca Afonso. **A produção do espaço urbano de Catalão (GO) e suas transformações panorâmicas à partir da década de 70**. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso de geografia, Bacharel e Licenciada. Universidade de Brasília – UnB, 2013. Disponível em: file:///D:/Backup%2016445/Users/Lelia/Downloads/2013\_BiancaAffonsoNeiva%20(1).pdf

PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS. [Mensagem enviada pelo Fale Conosco - Histórico do início da Igreja Nova Matriz]. Destinatário: Lélia de Fátima Tomé. Catalão, 6 nov. 2018. E-mail.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 41-49.